

O Jogo Cósmico

9-5

Agradecimentos

Este livro é uma tentativa de resumir os insights filosóficos e espirituais dos quarenta anos de minha jornada profissional e pessoal, que envolveu a exploração de fronteiras desconhecidas da psique humana. Tal jornada tem sido uma peregrinação desafiante, complexa e difícil que não poderia percorrer sozinho. Através dos anos, tenho recebido ajuda, inspiração e encorajamento inestimáveis de muitas pessoas. Algumas delas têm sido amigas íntimas, outras professores importantes, e a maioria tem desempenhado um papel importante nos dois aspectos citados de minha vida. Eu não posso agradecer a todas individualmente, mas algumas delas merecem uma citação especial.

Angeles Arrien, uma antropóloga e filha de um "criador de visões" – um professor espiritual de tradição mística basca – tem sido por muitos anos uma amiga verdadeira e uma professora importante. Como fruto de seus quarenta anos de treinamento espiritual, ela tem sido um exemplo vivo de como integrar as partes feminina e masculina de nossa psique e de como "percorrer a trilha espiritual com os pés no chão."

Gregory Bateson, um pensador original e criativo, com quem eu tive o privilégio de gastar centenas de horas em discussões pessoais e profissionais durante os dois anos e meio em que éramos "residentes-eruditos" no Instituto Esalen, em Big Sur, California, foi para mim um amigo especial e um importante professor. Em nossas conversas, ele nunca mostrou-se integralmente interessado no reino místico. Entretanto, a incansável lógica de sua mente inquisitiva produziu uma crítica incisiva do pensamento mecanicista da ciência, fato que forneceu uma ampla abertura para a minha visão transpessoal.

O trabalho de David Bohm representou uma das mais importantes contribuições aos meus esforços para o estabelecimento das ligações entre, de um lado, minhas próprias descobertas referentes às dimensões e natureza da consciência humana, e de outro, a cosmovisão científica. Considero seu modelo holotrópico do universo de inestimável valor para as minhas próprias formulações teóricas. O fato de que o modelo de Karl Pribram do cérebro humano ser também baseado em princípios holotrópicos tem sido particularmente importante para este meu trabalho de "atamento de pontas soltas."

Joseph Campbell, pensador brilhante, contador de histórias e eminente professor, e por muitos anos meu querido amigo, levou-me à compreensão do que é a mitologia e de seu papel de ligação com o reino do sagrado. Ele teve uma forte influência em meu próprio modo de pensar e suas contribuições para minha vida pessoal foram igualmente profundas. Atualmente eu concordo com o pensamento de C. G. Jung e do próprio Campbell a respeito da mitologia, que afirmam ser ela de importância capital não só para a psicologia, como também para a espiritualidade e religião.

O livro fundamental de Fritjof Capra, *O Tao da Física*, influenciou extremamente em minha própria busca. Mostrando a convergência entre a física quântica relativista e as filosofias espirituais do oriente, o livro deu-me esperanças de que a espiritualidade e a psicologia transpessoal serão algum dia uma parte integral de um paradigma da visão científica do futuro. Ele ajudou-me enormemente na tarefa de libertar-me da camisa de força de meu próprio academismo. Nossa amizade ao longo dos anos tem sido uma fonte de inspiração.

O Irmão David Steindl-Rast, um filósofo e monge beneditino, tem ajudado-me no entendimento da diferença entre espiritualidade e religião. Especificamente, ele ensinou-me a apreciar o cerne místico do Cristianismo e a natureza da mensagem original de Cristo a qual, em minha juventude, foi obscurecida pela história complexa e confusa da Igreja Cristã.

Michael Harner, que tem conseguido integrar num só caminho seu treinamento como antropólogo e sua iniciação xamânica na Amazônia, é dos meus amigos mais chegados, bem como um professor importante. Aprendi com ele, tanto teórica quanto experimentalmente, apreciar profundamente o xamanismo, a religião e arte de curar mais antiga sobre a Terra. Isso tem sido um complemento importante em minhas experiências diretas com os xamãs norte-americanos, mexicanos, sul-americanos e africanos.

Albert Hofmann tem sido uma profunda influência indireta em minha vida privada e profissional, mais que qualquer outra pessoa, individualmente falando. Suas "descobertas de principiante" a respeito dos poderosos efeitos psicodélicos do LSD levaram-me a experimentar pela primeira vez tal substância, em 1956, quando iniciava minha carreira de psiquiatra. Tal experimento mudou minha vida pessoal e profissional e gerou meu profundo interesse em estados não-ordinários de consciência.

Jack Kornfield é um querido amigo, colega, professor espiritual, e um verdadeiro mestre de grandes habilidades em se tratando de meditação como também na vivência do dia-a-dia. Ele tem conseguido reunir e integrar de modo notável anos de treinamento como um monge budista com o treinamento ocidental acadêmico em psicologia. Todos que o conhecemos, amigos e também os discípulos, admiramos sua compaixão, sabedoria e humor extraordinário. Nas duas décadas em que conhecemos um ao outro, dirigimos vários workshops e retiros. Eu provavelmente aprendi mais com ele a respeito do budismo e espiritualidade que em todos os livros que tenho lido sobre tais assuntos.

Ervin Laszlo, o representante mais famoso em todo o mundo dos sistemas filosóficos e da teoria geral da evolução, tem representado uma influência importante em minha vida profissional. Seus livros – nos quais ele conseguiu formular as linhas mestras de uma ciência unificada a respeito da matéria, da vida e da mente, bem como as minhas discussões especiais com ele forneceram-me uma estrutura conceitual satisfatória para o entendimento de minhas próprias observações e experiências. Eles tornaram possível a integração de minhas descobertas numa visão compreensiva unindo espiritualidade e ciência.

Ralph Metzner, um psicólogo e psicoterapeuta, que representa uma combinação rara de rigorosa erudição, preocupação pela natureza e pelo futuro da humanidade e espírito de aventura tem sido desde o nosso primeiro encontro há trinta anos atrás, um amigo importante e buscador com eu mesmo.

Ram Dass, outro membro chegado do grupo de amigos especiais, tem sido um professor espiritual dos mais importantes. Representando uma combinação única de jñana, bhakti, karma e raja yoga, ele tem desempenhado em nossa cultura o papel de um buscador espiritual arquetípico, relatando com brutal honestidade todos os sucessos e fracassos de sua busca espiritual. Eu não me lembro de nenhuma vez em nosso longo relacionamento em que ele não tenha enriquecido-me com algum novo insight ou alguma idéia nova.

Rubert Sheldrake tem despertado minha atenção, incisiva e claramente, a respeito das deficiências científicas. Ele ajudou-me a ser mais aberto às novas observações e a confiar em meu próprio julgamento, mesmo no caso em que minhas descobertas fossem de encontro aos pressupostos metafísicos básicos das estruturas conceituais com os quais fui criado. Descobri que sua ênfase na necessidade de encontrar explicações adequadas para a forma, padrão, ordem e significado foi particularmente importante para meu trabalho.

Rick Tarnas, filósofo, psicólogo e astrólogo tem sido um dos meus amigos mais chegados e uma fonte constante de inspiração e de novas idéias. Durante os anos em que vivemos no Instituto Esalen, em Big Sur, Califórnia e mais recentemente, nas aulas que conjuntamente temos ministrado no CIIS – California Institute of Integral Studies – temos explorado as extraordinárias correlações entre os estados holotrópicos da consciência, psicologia arquetípica e *transit astrology*. Através de sua pesquisa meticulosa, Rick tem ajudado-me a apreciar profundamente o magnífico projeto subjacente da criação.

Charles Tart tem sido para mim um exemplo de um acadêmico brilhante e realizado, que tem a coragem, a honestidade e a integridade de permanecer descompromissadamente atrás do que acredita ser verdade e de perseguir avenidas não ortodoxas de pesquisa, mesmo quando as mesmas são polêmicas e mal interpretadas como psicologia e espiritualidade. Eu tenho muita admiração por ele e aprendi muito com ele.

Frances Vaughan e Roger Walsh são pioneiros e líderes importantes no campo da psicologia transpessoal. Eles são sócios na vida e no trabalho e eu os agradeço como uma dupla. Eles têm sido para mim fonte de inspiração contínua, apoio e encorajamento. Em suas palestras, seminários e em seus escritos, como também em sua vida pessoal, eles têm modelado a possibilidade de integração da ciência, espiritualidade e o correto modo de se viver. Tem sido maravilhoso tê-los como amigos e colegas.

Ken Wilber tem contribuído como ninguém em termos de lançamento de sólidas fundações filosóficas para a futura reconciliação da ciência com a espiritualidade. A série de seus fundamentais livros representa um *tour de force*, oferecendo uma extraordinária síntese de dados extraídos de uma vasta variedade de áreas, orientais e ocidentais. Embora ocasionalmente tenhamos discordado sobre certos detalhes, seu

trabalho tem sido para mim uma rica fonte de informações, estímulos, e desafios conceituais. Também apreciei muito suas críticas sobre este meu livro.

Sou também grato a John Buchanan – pela inspiração e humor que ele trouxe para nossas vidas, e pelo generoso suporte que tem oferecido ao meu trabalho ao longo dos anos. Por último e nem por isso menos importante, gostaria de manifestar minha mais alta consideração para com Robert McDermott, presidente do CIIS, pela extraordinária generosidade e por sua mente aberta com as quais ele ampara e encoraja a livre troca de idéias a respeito da controvertida área da psicologia transpessoal. Agradeço também seus comentários abrangentes e valiosos que me ofereceu depois de ler o manuscrito deste livro.

Meus agradecimentos especiais vão para os membros mais próximos de minha família, que compartilharam comigo a excitação e as vicissitudes da jornada tormentosa de minha vida pessoal e profissional e que têm sido uma fonte perene de amparo e encorajamento – minha mulher, Christina, meu irmão Paulo e meus pais já falecidos. Christina e eu desenvolvemos juntos os trabalhos holotrópicos de respiração que foram uma fonte importante de dados para este livro, os quais têm sido usados em nossos workshops e treinamento ao redor do mundo. Sinto profunda gratidão por toda a sua contribuição para a nossa viagem espiritual conjunta. Gostaria de manifestar meu apreço a Cary e Tav Sparks, que desempenharam um papel importante em minha vida sendo meus amigos íntimos, bem como companheiros de trabalho altamente competentes, confiáveis e dedicados.

Muitas pessoas cujas contribuições para este livro foram absolutamente críticas e essenciais terão que permanecer anônimas. Refiro-me aos milhares de indivíduos com quem eu trabalhei ao longo dos anos e que discutiram comigo suas experiências e insights em estados alterados de consciência. Sinto grande respeito por sua coragem na exploração de dimensões ocultas da realidade e gratidão pela abertura e honestidade com que elas repartiram comigo suas notáveis aventuras. Sem elas este livro não poderia ser escrito.

1

Introdução

A mais bela experiência que podemos ter é com o misterioso... Aquele para quem tal emoção seja desconhecida, que não mais pode parar para maravilhar-se e permanecer extático de espanto, é tão bom como alguém que esteja morto.

– Albert Einstein

Use a luz que habita em seu interior para readquirir sua natural clareza de ver as coisas.

_ Lao-tzu

Este livro trata de algumas das questões mais fundamentais da existência, as quais os seres humanos têm formulado desde que o mundo é mundo. Como surgiu o nosso universo? O mundo em que vivemos será simplesmente o resultado de processos mecânicos envolvendo a matéria inanimada, inerte, reativa? Devemos supor que existe uma inteligência cósmica superior, responsável pela criação e evolução do cosmo? Pode a realidade material ser explicada somente em termos de leis naturais ou ela envolve forças e princípios que escapam a tais descrições?

Como poderemos explicar dilemas como o tempo e o espaço finitos versus a eternidade e o infinito? Qual é a fonte da ordem, da forma e do significado do universo? Qual é a relação da matéria com a vida, e da mente com a consciência? Muitos dos assuntos que iremos explorar neste livro possuem grande relevância para a vida do dia-a-dia. Como poderemos entender o aparente conflito entre o bem e o mal, o mistério do carma e da reencarnação, e o problema do significado da vida humana?

Essas questões não são usualmente formuladas no contexto da prática psiquiátrica ou da pesquisa psicológica. E ainda assim, em meu trabalho como psiquiatra, tais assuntos aparecem muito espontaneamente e com uma extraordinária insistência na mente de muitas das pessoas com quem tenho lidado. Essa área incomum de estudo tem sido o foco de meu interesse durante os quarenta anos de minha vida profissional – a pesquisa de estados não ordinários da consciência.

Tal interesse teve seu início inesperadamente e de uma maneira bastante dramática em 1956, apenas alguns meses após minha graduação na escola de medicina, quando apresentei-me como voluntário numa experiência com o uso do LSD, no Departamento Psiquiátrico da Escola de Medicina de Praga, Checoslováquia. Essa experiência influenciou profundamente minha vida profissional e particular e forneceu a inspiração para o compromisso de toda a minha vida, qual seja pesquisar tudo a respeito da consciência.

Embora eu esteja interessado em todo o leque dos estados não ordinários da consciência, a minha experiência pessoal tem sido focalizada na parte da pesquisa psicodélica, com trabalho terapêutico envolvendo pessoas que sofrem de crises psico/espirituais espontâneas (emergências espirituais), e na parte do método holotrópico de respiração, criado por mim em parceria com a minha mulher Christina. Na terapia psicodélica os estados não ordinários de consciência são induzidos através de meios químicos; nas emergências espirituais eles ocorrem espontaneamente na vida do dia-a-dia, sendo desconhecidas suas causas. Com o método holotrópico de respiração a ocorrência é facilitada pela combinação da respiração rápida, música evocativa e uma forma específica de trabalho focalizado no corpo. Neste livro, tratarei dessas três áreas, desde que os insights de todas elas são bastante semelhantes, se não idênticos.

Pesquisa da Consciência e Filosofia Eterna

Em minhas publicações anteriores, descrevi as importantes implicações do estudo sistemático dos estados não ordinários da consciência para o entendimento das desordens emocionais e psicossomáticas e da psicoterapia (Grof, 1985, 1992). O presente livro tem um foco mais amplo e geral: ele explora a metafísica e os insights filosóficos extraordinários e espirituais que surgiram no decorrer de sua elaboração. As experiências e observações dessa pesquisa têm revelado aspectos e dimensões importantes da realidade que usualmente estão ocultos e não fazem parte da consciência do dia-a-dia.

Através dos séculos, essas experiências e os novos mundos que elas descortinam têm sido objeto de descrições no contexto das filosofias espirituais e tradições místicas, tais como o Vedanta, Hinayãna e Mahayãna Budistas, Taoismo, Sufismo, Gnoticismo, misticismo cristão, Cabala, e muitos outros sistemas espirituais sofisticados. As descobertas de minhas pesquisas e as pesquisas gerais relativas à consciência confirmam, em sua essência, como também amparam a posição de tais ensinamento antigos. Eles estão em completo conflito com os fundamentos mais fundamentais da ciência materialista no que concerne à consciência, natureza humana e a natureza da realidade. Eles claramente indicam que a consciência não é o produto do cérebro, e sim um princípio primário da existência, desempenhando um papel fundamental na criação do mundo fenomenal.

Aquelas pesquisas mudaram radicalmente nossa concepção da psique humana. Elas mostram que, em última análise, a psique de cada um de nós é, guardadas as devidas proporções, essencialmente o reflexo da existência como um todo e, no final das contas, é dotada do mesmo princípio criativo do próprio universo. Tal conclusão, embora seriamente desafiadora da cosmovisão das modernas sociedades tecnológicas, está amplamente de acordo com a imagem da realidade encontrada nas grandes tradições espirituais e místicas do mundo, as quais foram chamadas pelo escritor e filósofo anglo-americano Aldous Huxley de "perennial-philosophy" – filosofia eterna (Huxley 1945).

A pesquisa moderna da consciência tem gerado importantes dados que amparam os princípios básicos da filosofia eterna. Ela tem revelado a existência de um projeto intencional amplo subjacente a toda a criação e tem mostrado que tudo na existência está permeado por uma inteligência superior. À luz dessas novas descobertas, a espiritualidade é definida como um esforço legítimo e importante da vida humana, já que ela reflete a dimensão crucial da psique humana e do esquema universal das coisas. As tradições místicas e as filosofias espirituais do passado têm sido freqüentemente descartadas e mesmo ridicularizadas como sendo "irracionais" e "não-científicas." Esse é um julgamento desinformado ao mesmo tempo que injustificado e sem nenhuma garantia. Muitos dos grandes sistemas espirituais são produtos de séculos de investigação profunda da psique humana e da consciência que, sob vários aspectos, é semelhante à pesquisa científica.

Esses sistemas oferecem instruções detalhadas com respeito aos métodos de indução de experiências espirituais nas quais são baseadas suas especulações filosóficas. Eles têm coletado sistematicamente dados retirados dessas experiências, os quais são validados pelo consenso coletivo, usualmente através de períodos que duram séculos. Esses são os estágios necessários para a confirmação e confiabilidade de conhecimento em qualquer área do esforço científico (Smith 1976; Wilber 1997). É algo muito excitante o fato de que várias escolas da filosofia eterna possam agora ser amparadas pelos dados obtidos da moderna pesquisa da consciência.

As abordagens do "noce te ipsum" que tornam possível essa moderna confirmação, como descritas nesse livro, não exigem o mesmo grau de comprometimento e sacrifício pessoal que as práticas espirituais antigas. Elas são mais acessíveis e pragmáticas para o homem ocidental, vítima da armadilha da complexa vida moderna. O uso de alucinógenos tem sido comprometido pela experimentação em todo o mundo sem a presença de supervisão, e na atualidade está barrado por uma série de restrições legais e administrativas. Entretanto, o método holotrópico de respiração está disponível para aqueles que estão dispostos a explorar a validade dos insights descritos neste livro. As experiências dos nossos workshops realizados em todo o mundo e o "feedback" de várias centenas de pessoas que completaram o nosso treinamento e facilitaram elas mesmas as sessões de trabalhos de respiração holotrópicas convenceram-me de que as observações que descrevo neste livro são inteiramente reproduzíveis.

Estados Holotrópicos de Consciência

Antes de começarmos a explorar os insights filosóficos e espirituais de meu trabalho, gostaria de esclarecer o sentido da expressão *estados não ordinários de consciência*, usada neste livro. Meu principal interesse é focalizar experiências que representem uma fonte útil de dados referentes à psique humana e à natureza da realidade, particularmente aquelas que revelem os vários aspectos da dimensão espiritual da existência. Gostaria também de examinar o potencial evolucionário, de cura e de transformação de tais experimentos. Para tal propósito, a expressão *estados não ordinários de consciência* é bastante geral, desde que ela inclui uma ampla gama de condições que não são do interesse e nem são relevantes do ponto de vista em questão.

A consciência pode sofrer profundas mudanças por uma enorme variedade de processos patológicos – traumas do cérebro, intoxicação por veneno, infecções e processos cerebrais degenerativos e circulatórios. Tais condições podem certamente resultar em mudanças mentais profundas que poderiam ser classificadas como estados não ordinários de consciência. Entretanto, eles causam "delírios triviais" ou "psicoses orgânicas," estados que são muito importantes clinicamente, mas que não são relevantes em nossa discussão. Pessoas que sofrem de estados delirantes são tipicamente pessoas desorientadas. Elas podem estar num grau de confusão tão elevado que não sabem quem são ou onde estão, e nem saberem que dia, mês e ano em que se encontram. Elas mostram tipicamente um distúrbio das funções cerebrais e têm a amnésia subsequente das experiências que tiveram. Eu irei, desse modo,

restringir nossa discussão a um subgrupo, ainda que amplo, dos estados não ordinários de consciência, para os quais a psiquiatria moderna não possui um termo específico. Considerando estar convencido de eles merecem ser distinguidos de todo o resto e colocados numa categoria especial, cunhei para eles o nome *holotrópico* (Grof 1992). Essa palavra composta significa, ao pé da letra, "orientado no sentido do todo" ou "movendo-se em direção do todo" (do grego *holos* = todo, e *trepein* = movendo-se na direção de algo.) O significado global desse termo e a justificativa para a sua adoção ficarão patentes mais à frente, neste livro. Ele sugere que em nossa consciência do dia-a-dia nós não somos realmente o todo; nós somos fragmentados e nos identificamos com apenas uma pequena fração do que realmente somos.

Os estados holotrópicos são caracterizados por uma transformação específica da consciência, associada com mudanças de percepção em todas as áreas dos sentidos, por emoções intensas e usualmente incomuns, bem como por profundas alterações do processo do pensar. Eles usualmente também são acompanhados por intensa variedade de manifestações psicossomáticas e por formas de comportamento não convencionais. A consciência muda qualitativamente de um modo muito profundo e fundamental, mas diferentemente das condições delirantes, ela não fica prejudicada num grau elevado. Nos estados holotrópicos, nós nos insinuamos em outras dimensões da existência as quais podem ser muito intensas e às vezes arrasadoras. Entretanto, ao mesmo tempo, nós permanecemos tipicamente orientados e não perdemos totalmente a percepção do mundo do dia-a-dia. Nós experimentamos duas diferentes realidades simultaneamente.

Mudanças extraordinárias da percepção sensorial representam um aspecto importante e característico dos estados holotrópicos. Com os olhos abertos, experimentamos mudanças típicas características nas cores e formas do meio ambiente. Quando fechamos os olhos, podemos ser inundados com imagens retiradas de nossa história pessoal bem como do inconsciente coletivo. Podemos também experimentar visões retratando vários aspectos da natureza, do cosmo, ou dos reinos mitológicos. Isso pode ser acompanhado por uma enorme gama de experiências engajando outros sentidos – sons variados, sensações físicas, cheiros e tatos.

As emoções ligadas aos estados holotrópicos cobrem um espectro muito amplo e se estendem muito além dos limites de nossa experiência do dia-a-dia. Elas variam de sentimentos de bem-aventurança extática, beatitude celestial, e uma "paz que ultrapassa qualquer entendimento" até episódios de terror abismal, fúria inconsolável, desespero absoluto, culpa consumidora, e outras formas de extremo sofrimento emocional. A intensidade dessas experiências agonizantes podem equivaler às descrições de torturas no inferno em algumas das grandes religiões do nosso mundo. As sensações físicas que acompanham tais estados são do mesmo modo polarizadas. Dependendo do conteúdo da experiência, ela pode ser um sentimento de extraordinária saúde e bem estar, funcionamento fisiológico excelente, sensações de orgasmos sexuais de enorme intensidade, mas também de extremo desconforto, tais como dores excruciantes, pressões, náuseas, ou sentimento de estar sendo sufocado.

Um aspecto particularmente interessante dos estados holotrópicos é seu efeito na mente das pessoas. A inteligência é não prejudicada, mas passa a operar de modo que é significativamente diferente daquele do dia-a-dia. Conquanto não tenhamos

condições de confiar nesses estados em nosso julgamento ordinário dos assuntos práticos, poderemos ficar literalmente inundados com notáveis informações novas a respeito de um grande número de assuntos. Poderemos atingir profundos insights psicológicos a respeito de nossa história pessoal, da dinâmica do inconsciente, dificuldades emocionais e problemas interpessoais. Poderemos também experimentar revelações extraordinárias a respeito de vários aspectos da natureza e do cosmo que transcendem nossa formação educacional e cultural. Sem dúvida, os mais interessantes insights que se tornam disponíveis nos estados holotrópicos gravitam ao redor de assuntos filosóficos, metafísicos e espirituais. A exploração de tais insights é o objetivo principal deste livro.

Insights Espirituais e Filosóficos dos Estados Holotrópicos

O conteúdo dos estados holotrópicos da consciência são freqüentemente místicos e filosóficos. Nesses episódios, nós podemos experimentar seqüências de mortes psico-espirituais e renascimentos ou sentimentos de ser um com outras pessoas, com a natureza, com o universo ou com Deus. Poderemos retirar o véu do que parece ser memórias de outras encarnações, encontros com seres arquetípicos poderosos, comunicar com entidades desencarnadas e visitar numerosos domínios mitológicos. O rico espectro desses estados também inclui experiências fora do corpo durante as quais a consciência desencarnada mantém a capacidade de percepção ótica e pode observar acuradamente a partir de ângulos e distâncias não usuais os eventos no ambiente próximo do corpo bem como em vários locais remotos.

As experiências holotrópicas podem ser induzidas por uma grande variedade de técnicas aborígenes antigas, as chamadas "tecnologias do sagrado". Os procedimentos combinam de vários modos os toques em tambores, chocalhos, sons de gongos e sinos, cantos, danças rítmicas, alterações da respiração, e o desenvolvimento de formas especiais de percepção. Elas podem incluir demorados isolamentos sociais e dos sentidos, jejum, privação do sono, desidratação e mesmo intervenções físicas drásticas, tais como sangria, uso de poderosos laxantes e purgantes, e o infligir de dores severas. Uma tecnologia do sagrado particularmente efetiva tem sido o uso de substâncias e plantas psicodélicas.

Essas técnicas de alteração da mente têm desempenhado um papel crucial nos ritos e na história espiritual da humanidade. A indução de estados holotrópicos tem sido absolutamente essencial para o xamanismo, ritos fúnebres, e outras cerimônias da cultura nativa. Ela representa também o elemento chave dos mistérios antigos de morte e renascimento que eram realizados em diferentes partes do mundo e que floresceu particularmente na área do Mediterrâneo. As experiências holotrópicas têm sido igualmente importantes para vários ramos místicos das grandes religiões do mundo. Essas tradições esotéricas desenvolveram um sem número de técnicas do sagrado – métodos específicos para a indução de tais experiências. A eles pertencem as várias modalidades da yoga, meditação e técnicas de concentração, cânticos em

coro, o rodopiar dos dervixes, práticas ascéticas, o *hesychasm* dos cristãos, também chamado de "*Jesus prayer*", e muitos outros.

Nos tempos atuais, o espectro das técnicas de alteração da mente tem sido consideravelmente enriquecido. As abordagens clínicas incluem o uso de alcalóides puros, extraídos de plantas psicodélicas ou de substâncias psicodélicas sintéticas, como também o uso de poderosas formas de psicoterapias experimentais, tais como hipnose, terapia primordial, renascimentos, e respiração holotrópica. O método de laboratório mais popular na indução dos estados holotrópicos tem sido a privação dos sentidos, uma abordagem baseada nos vários graus de redução dos estímulos dos sentidos. Outro método muito conhecido é o *biofeedback*, o qual torna possível o uso de informações das mudanças das ondas cerebrais como a guia mestra de estados específicos de consciência. Vários instrumentos eletrônicos especiais usam o princípio de "atrelamento" ou "direcionamento" das ondas cerebrais por estímulos sonoros ou óticos.

É importante enfatizar que estados holotrópicos de duração e profundidades variáveis podem também ocorrer espontaneamente, sem qualquer causa identificável, e comumente sem a vontade da pessoa que os experimenta. Desde que a moderna psiquiatria não diferencia estados místicos e espirituais dos episódios psicóticos, as pessoas que experimentam tais estados são comumente diagnosticadas como mentalmente doentes, são hospitalizadas, e sujeitas ao tratamento farmacológico supressivo rotineiro. Minha mulher Christina e eu sugerimos que muitos desses estados são realmente crises psico-espirituais ou emergências espirituais. Caso eles sejam adequadamente compreendidos e as pessoas que os experimentam sejam cuidadas por pessoal especializado, os episódios dessa espécie podem resultar em cura psicossomática, abertura espiritual, transformação positiva da personalidade, e evolução consciente (Grof e Grof 1990).

Sabedoria Antiga e Ciência Moderna

Como vimos nas descrições anteriores, as experiências holotrópicas são o denominador comum em vários procedimentos que têm, ao longo dos séculos, dado forma à vida ritual, espiritual e cultural de muitos grupos humanos. Elas têm sido a principal fonte de cosmologias, mitologias, filosofias e sistemas religiosos que descrevem a natureza espiritual do cosmo e da existência. Elas são a chave para o entendimento da vida espiritual da humanidade, desde o xamanismo e as cerimônias sagradas dos nativos até as grandes religiões do mundo. Mas, o mais importante, elas fornecem inestimáveis linhas práticas mestras para uma estratégia de vida rica e satisfatória, que torna possível a realização de todo o nosso potencial criativo. Por todas essas razões, é importante que os cientistas ocidentais libertem-se de seus preconceitos materialistas e pesquisem sistemática e imparcialmente os estados holotrópicos de consciência.

Eu tenho estado profundamente interessado em todas as categorias dos estados holotrópicos de consciência acima mencionados e tive importantes experiências pessoais em muitos deles. Entretanto, como já mencionei antes, a maior parte de meu trabalho profissional tem sido na área de terapias psicodélicas, respiração holotrópica e "emergências espirituais." Embora as experiências observadas nessas três situações diferirem em termos dos estímulos que as provocam, elas parecem ser notavelmente similares no que diz respeito ao seu conteúdo e aos insights espirituais e filosóficos que produzem.

Durante minha carreira profissional, eu conduzi pessoalmente mais de quatro mil sessões psicodélicas, usando substâncias tais como LSD, psilosibina, mescalina, dipropil triptamina (DPT), e metileno-dióxido-anfetamina (MDA), e tive acesso a mais de duas mil sessões conduzidas por colegas meus. Uma parte significativa de tais sessões envolveram pacientes vítimas de várias formas de desordens emocionais e psicossomáticas, tais como depressões, psiconeuroses, desordens psicossomáticas, alcoolismo, vício de drogas narcóticas.

Outro grande grupo consiste de pacientes de várias formas de câncer, a maioria em estado terminal. Em tais estudos, o objetivo era não apenas de aliviar a pressão emocional e dores físicas associados às doenças, mas também oferecer aos pacientes uma oportunidade de atingir estados místicos para aliviá-los de seu medo da morte, mudança de atitude com relação a ela, e transformação de suas experiências com a morte. Os demais pacientes eram "voluntários normais", tais como psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, clérigos, artistas, e cientistas de várias disciplinas, que se apresentaram como voluntários para as sessões psicodélicas porque buscavam a compreensão e insights.

As sessões de respiração foram conduzidas no contexto de uma programação de longa duração de profissionais e de workshops experimentais com uma ampla espécie de "acareação" dos pacientes em geral. Ao longo dos anos, eu e minha mulher Christina supervisionamos mais de 30.000 sessões holotrópicas, a maioria delas realizadas com grupos de pessoas, e individuais apenas ocasionalmente. Além das experiências com psicodélicos e com a respiração holotrópica, também trabalhei com várias pessoas que sofriam de crises psico-espirituais espontâneas. Essas ocorriam ocasionalmente como parte de minhas atividades profissionais e pessoais e não foram realizadas sistematicamente como um projeto específico.

Ao escrever este livro, eu usei anotações que reuni durante mais de 40 anos de trabalho no campo do estudo da consciência. Focalizei especialmente aquelas partes das anotações que descreviam experiências e observações relativas aos aspectos ontológicos e cosmológicos. Para minha surpresa, o que surgiu de tais relatos dos estados holotrópicos foi uma alternativa, clara e logicamente consistente para o entendimento da natureza humana e da existência como um todo, diferente daquela que tem sido formulada pela ciência materialista e que representa a ideologia oficial da civilização industrial do ocidente.

As pessoas que experimentaram estados holotrópicos e que os integraram efetivamente não desenvolveram uma visão enganosa e idiossincrática do mundo, representando distorções desligadas da "realidade objetiva." Elas descobriram vários aspectos parciais de uma grande visão do universo que é criado e permeado por uma

inteligência cósmica superior. Em última análise, esse cosmo tem uma alma e é dotado de sua própria psique e consciência. Tais insights mostram uma notável semelhança entre si para a compreensão da realidade, e têm aparecido repetidas vezes, e quase sempre independentemente uns dos outros, ao longo da história em muitos lugares do mundo. Em muitos casos, essa visão da realidade tem sido compartilhada por todas as pessoas que tiveram a oportunidade de complementar sua experiência com o mundo material do dia-a-dia com os insights dos estados holotrópicos de consciência.

Essas descobertas representam boas novas para os milhões de ocidentais e para as pessoas das sociedades tecnológicas que tiveram várias formas de experiências holotrópicas e não conseguiram integrá-las ao principal sistema de crença de sua cultura. Por causa de tal discrepância, muitas delas questionaram sua própria saúde mental ou tiveram-na questionada por outras pessoas, inclusive pelos profissionais especializados no assunto, aos quais recorreram ou foram encaminhados contra sua vontade. Os estudos dos estados holotrópicos resgataram tais pessoas e revelaram as falhas da psiquiatria contemporânea. Eles revelaram a necessidade urgente de uma revisão radical de nosso entendimento da natureza humana e da natureza da realidade.

Como os avanços revolucionários de várias disciplinas da ciência moderna continuam a desfazer o encantamento antiquado da cosmovisão materialística, nós começamos a perceber os contornos de uma nova compreensão de nós mesmos, da natureza e do universo. Está cada vez mais claro que essa abordagem alternativa emergente da existência irá integrar a ciência e a espiritualidade e introduzir importantes elementos da sabedoria antiga em nosso mundo tecnológico. Mesmo nos dias de hoje, temos muito mais que um mosaico de teorias desconexas e uma visão vaga dos contornos de tal cosmovisão. Ervin Laszlo já forneceu uma síntese brilhante daquelas importantes rupturas de teorias de vários campos da ciência moderna (Laszlo 1993). Ken Wilbert formulou uma estrutura teórica interdisciplinar extraordinária que fornece os fundamentos filosóficos básicos para tal compreensão integral da realidade (Wilbert 1995, 1996, 1997).

Claramente, quando essa nova visão do cosmo for completada, não ocorrerá um simples retorno ao entendimento pré-científico da realidade, mas uma síntese criativa que ligará como uma ponte o que de melhor existiu no passado com o que existe de melhor no presente. Uma visão do mundo que, preservando todas as conquistas modernas da ciência e que, ao mesmo tempo, re-introduza na civilização ocidental os valores espirituais por ela perdidos, poderá exercer profunda influência em nossa vida não só individual mas coletiva. Eu acredito firmemente que as experiências e observações dos estados holotrópicos explorados neste livro constituirá uma parte integral dessa nova e excitante imagem da realidade e da natureza humana que no momento está nascendo penosamente.

Cosmo, Consciência e Espírito

Enquanto progredimos e despertamos para a existência da alma em nós e nas coisas, iremos perceber que existe consciência também nas plantas, nos metais, nos átomos, na eletricidade, em cada coisa que pertença à natureza física.

_Sri Aurobindo, A Síntese da Yoga

A diferença entre mim e muitas pessoas é que para mim "as paredes divisórias" são transparentes.

_C. G. Jung, Memórias, Sonhos, Reflexões.

A Visão do Mundo da Ciência Materialística

De acordo com a ciência ocidental, o universo é um conjunto imenso de partículas materiais que essencialmente criou a si mesmo. A vida, a consciência e a inteligência são insignificantes e são, a grosso modo, retardatários acidentais no cenário cósmico. Esses três aspectos da existência, alega, apareceram em porções negligenciáveis num cosmo imensamente grande depois de bilhões de anos da evolução da matéria. A vida deve seu aparecimento a processos químicos randômicos no oceano primitivo onde foram reunidos átomos e moléculas inorgânicas para a formação de compostos orgânicos. O material orgânico então adquiriu durante a evolução posterior a capacidade de auto preservação, reprodução, e organização celular. Os organismos unicelulares agruparam-se em formas de vida cada vez mais multicelulares e finalmente desenvolveram-se numa gama rica de espécies que habitam essa nossa Terra, nela incluída o *Homo sapiens*.

Disseram-nos que a consciência emergiu em estágios posteriores dessa evolução a partir de complexos processos psicológicos do sistema nervoso central. Ela é um produto do cérebro e, como tal, está confinada no interior de nosso crânio. A partir de tal perspectiva, a consciência e a inteligência seriam funções que estão limitadas aos homens e aos animais superiores. Elas certamente não podem existir independentemente dos sistemas biológicos. De acordo com tal modo de entender a realidade, o conteúdo de nossa psique é mais ou menos limitado às informações que recebemos do mundo exterior, através dos órgãos dos sentidos a partir do momento em que nascemos.

Aqui os cientistas ocidentais basicamente concordam com o velho ditado da escola empírica britânica de filosofia: "Não existe nada no intelecto que não tenha existido antes em algum órgão dos sentidos." Tal posição, inicialmente articulada por John Locke no século dezoito, naturalmente exclui a possibilidade da percepção extra-sensorial (ESP) – acesso a informações de qualquer espécie que não seja intermediada pelos sentidos, tais como telepatia, vidência, experiências fora do corpo com percepção acurada de locais remotos.

Em adição, a natureza e a extensão de nossos *inputs* sensoriais são determinados pelas características físicas do meio ambiente e pelas propriedades psicológicas e restrições de nossos sentidos. Por exemplo, não podemos ver objetos se estivermos separados deles por uma parede sólida. Perdemos de vista um navio que ultrapasse a linha do horizonte, e não temos como observar o outro lado da lua. Similarmente, nós não podemos ouvir o som se as ondas acústicas criadas por um evento externo não atingirem nossos ouvidos com intensidade suficiente. Quando estivermos em SF, não poderemos ver nem ouvir o que nossos amigos estão fazendo em NY, a menos que, é claro, que tal percepção seja intermediada por alguma das invenções tecnológicas modernas, tais como a TV ou o telefone.

Desafios Conceituais da Moderna Pesquisa da Consciência

As nossas experiências nos estados não ordinários de consciência desafiam extraordinariamente tal entendimento estreito do potencial da psique humana e dos limites de nossa percepção. O que nós podemos experimentar em tais estados não é limitado às memórias de nossa vida a partir do nascimento nem ao inconsciente individual de que falava Freud, como os cientistas materialistas nos ensinaram a acreditar. As experiências holotrópicas deslocam-se muito além das fronteiras que o escritor e filósofo anglo-americano Alan Watts zombeteiramente chamava de "ego encapsulado pela pele." Elas podem nos levar através de vastos territórios da psique ainda não mapeados pelos psiquiatras e psicólogos do ocidente. Num esforço para descrever e classificar todos os fenômenos que se tornam disponíveis nos estados holotrópicos, eu esbocei um novo mapa da experiência humana que ampliou o entendimento convencional da psique. Nesse contexto, irei delinear em breves palavras as características básicas desse nova cartografia. Uma descrição mais detalhada pode ser encontrada em meus livros anteriores (Grof 1975, 1988).

Para explicar todas as experiências que podem ocorrer nos estados holotrópicos, eu tive que ampliar radicalmente o entendimento ocidental corrente da psique, acrescentando dois vastos domínios. O primeiro deles é um repositório de intensas emoções e sensações físicas ligadas ao nascimento, tais como dores físicas extremas em várias partes do corpo, sensações de sufocamento, experiências de ansiedade vital, desespero, e raiva intensa. Mais ainda, esse domínio também contém um rico espectro de imagens simbólicas referentes ao sexo, violência e ao que aconteceu nas proximidades do nascimento e da morte. Eu chamo esse nível da psique de *perinatal* por causa de sua associação com o nascimento biológico (do grego *peri*=próximo ou ao redor e do latim *natalis*=nascimento infantil). Voltarei a esse assunto mais tarde explorando as dimensões espirituais do nascimento, sexo e morte.

O segundo domínio adicional da psique incluído em minha cartografia pode ser chamado de *transpessoal*, já que sua característica básica é a experiência de transposição das limitações pessoais usuais do corpo e do ego. As experiências transpessoais expandem vastamente o sentimento de identidade pessoal pela inclusão de elementos do mundo externo e de outras dimensões da realidade. Uma categoria importante das experiências transpessoais envolve, por exemplo, a experiência de

identificação autêntica com outras pessoas, com animais, plantas, e vários outros aspectos da natureza e do cosmo.

Outro amplo grupo de fenômenos transpessoais pode ser descrito em termos daquilo que o psiquiatra suíço C. G. Jung (1959) chamou de inconsciente coletivo. Esse vasto repositório de memórias ancestrais, raciais e coletivas contém a herança histórica e cultural completa de toda a humanidade. Ele também acolhe os princípios primordiais de organização que Jung chamou de arquétipos. De acordo com ele, os arquétipos governam os processos em nossa psique, bem como os eventos do mundo exterior. Eles são também a força criativa atrás do mundo infinitamente rico da imaginação da psique com seus panteões de seres e de reinos mitológicos. Nos estados holotrópicos, o conteúdo do inconsciente coletivo torna-se disponível para os experimentos da consciência.

O estudo cuidadoso das experiências perinatais e transpessoais mostra que as fronteiras entre a psique humana individual e o resto do cosmo são em última análise arbitrárias e podem ser transcendidas. Este trabalho irá mostrar fortes evidências sugerindo que, no final das contas, cada um de nós é comensurável com a existência como um todo, isto é, pode ser medido com a mesma unidade de medida do cosmo, ou seja, ambos são da mesma natureza. Na prática isso quer dizer que o que cada um de nós pode perceber em nosso estado de consciência do dia-a-dia como um objeto, pode também ser encontrado como uma experiência subjetiva correspondente quando estivermos no estado holotrópico. Além de todos os elementos do mundo material ao longo de toda a gama inteira do espaço-tempo, também podemos experimentar vários aspectos de outras dimensões da realidade, tais como seres arquétípicos e domínios mitológicos do inconsciente coletivo.

Nos estados holotrópicos, podemos experimentar, com detalhes notáveis, todos os estágios de nosso nascimento biológico, memórias da existência perinatal, e até mesmo o registro celular de nossa concepção. As experiências transpessoais podem gerar lembranças de episódios referentes à vida de nossos ancestrais próximos ou remotos, ou nos levar para dentro do reino do inconsciente racial e coletivo. Elas podem fornecer acesso a episódios que parecem ser memórias de encarnações anteriores, ou mesmo vestígios da vida de nossos antecessores animais. Poderemos experimentar identificações inteiramente conscientes com outras pessoas, com grupos de pessoas, animais, plantas, e até mesmo com objetos e processo inorgânicos. Durante tais experiências, poderemos adquirir novas e acuradas informações sobre vários aspectos do universo, inclusive dados que claramente não poderemos ter adquirido em nossa vida corrente através dos canais ordinários.

Depois de termos experimentado em profundidade suficiente essas dimensões ocultas à nossa percepção do dia-a-dia, sofreremos mudanças típicas profundas do nosso entendimento da existência e da natureza da realidade. O insight metafísico mais fundamental que obteremos é a percepção de que o universo não é um sistema autônomo que evoluiu a partir da interação mecânica de partículas materiais. Descobriremos ser impossível levar a sério o pressuposto básico da ciência materialista, que afirma que a história do universo é simplesmente a história da matéria em evolução. Teremos experimentado diretamente as dimensões divinas, sagradas, numinosas da existência de modo muito profundo e convincente.

O Universo que Possui uma Alma

Vivenciando experiências transpessoais poderosas, nossa visão do mundo amplia-se de modo típico para incluir alguns elementos referentes a várias cosmologias de entidades nativas e culturas antigas. Esse desenvolvimento é completamente independente de nossa inteligência, antecedentes culturais, ou profissão. Experiências autênticas e convincentes de identificação consciente com animais, plantas, e até mesmo com materiais e processos inorgânicos tornam fácil o entendimento das crenças de culturas animistas que consideram o universo inteiro como possuindo uma alma. De seu ponto de vista, não apenas todos os animais, mas também as árvores, os rios, as montanhas, o sol, e as estrelas são, ao que parece, seres sencientes.

A experiência a seguir descrita mostra ser possível nos estados holotrópicos de consciência perceber objetos inorgânicos como entidades divinas. Ela ocorreu com John, um americano educado e inteligente, que passou por uma forte experiência de perda de sua identidade do dia-a-dia, substituída que foi por uma consciente identificação com uma montanha de granito, durante seu acampamento com alguns amigos num ponto elevado em Serra Nevada.

Eu estava deitado num ampla parte plana da rocha de granito com os meus pés imersos num regato cristalino que descia pela montanha. Estava esquentando-me ao sol, absorvendo seus raios em todo o meu ser. Enquanto ficava mais e mais relaxado, senti uma paz profunda, a mais profunda paz que jamais sentira. O tempo parecia estar diminuindo até que então parou. Senti o toque da eternidade.

Gradualmente perdi o senso de limite e fundi-me com a montanha de granito. Toda a minha agitação e meu diálogo internos aquietaram-se e foram substituídos por uma imobilidade completa. Senti como se houvera chegado. Estava em um estado da mais completa quietude e todos os meus desejos e necessidades estavam satisfeitos e todas as minhas perguntas respondidas. Repentinamente percebi que aquela paz, profunda e insondável, tinha algo a ver com a natureza do granito. Tão incrível quanto possa parecer, senti que transformei-me na consciência do granito.

Entendi de repente porque os egípcios faziam estátuas de granito de seus deuses e porque os hindus viam o Himalaia como a figura reclinada de Shiva. Aquele era um estado imperturbável de consciência que eles adoravam. A ação das intempéries durou dez milhões de anos para desbastar a superfície do granito. Durante todo esse tempo o volúvel mundo orgânico sofreu incontáveis mudanças: as espécies orgânicas surgiram, existiram, e extinguíram-se; dinastias foram fundadas, reinaram, e foram substituídas por outras; e milhares de gerações encenaram seus dramas tolos. As montanhas de granito permanecem ali como testemunhas majestosas, como deusas, imóveis e intocadas pelos acontecimentos.

O Mundo de Deidades e Demônios

Os estados holotrópicos de consciência podem também prover insights profundos da cosmovisão de culturas que acreditam que o cosmo é habitado por seres mitológicos e que é governado por várias deidades, umas bem-aventuradas e outras hediondas. Nesses estados, nós podemos ter acesso direto aos reinos de deuses, demônios, heróis legendários, entidades supra-humanas e espíritos-guia. Podemos visitar os domínios de realidades mitológicas, de vistas fantásticas, e domicílios do Além. O conjunto de imagens de tais experiências podem ser tiradas do inconsciente coletivo e podem caracterizar figuras mitológicas e temas pertencentes a qualquer cultura da totalidade da história da humanidade. As experiências pessoais profundas desse reino nos ajudam a perceber que as imagens encontradas nas sociedades pré-industriais não são baseadas em superstições ou "pensamento mágico" primitivo, mas na experiência direta de realidades alternativas.

Uma prova particularmente convincente da autenticidade de tais experiências é o fato de que, como outros fenômenos transpessoais, elas podem nos fornecer novas e acuradas informações a respeito de vários seres e domínios arquetípicos. A natureza, o escopo, e qualidade de tais informações frequentemente ultrapassam nosso conhecimento intelectual prévio a respeito da mitologia respectiva. Observações desse tipo levaram C. G. Jung a conjecturar que, além do inconsciente individual descrito por Sigmund Freud, nós também possuímos um inconsciente coletivo que nos conecta com a herança cultural inteira de toda a humanidade.

Irei descrever aqui como ilustração uma das mais interessantes experiências desse tipo que observei durante os anos de meus trabalhos com estados holotrópicos de consciência. Ela envolve o senhor Otto, um dos meus clientes de Praga, que sofria de depressão e medo patológico da morte – tanatofobia. Numa de suas sessões com o uso de psicodélicos, ele experimentou uma poderosa seqüência de morte e renascimento psico-espirituais. Nas proximidades do fim da sessão, ele teve a visão sinistra de uma entrada dos mundos inferiores que era guardada por uma terrível deusa que tinha a forma de uma porca. Nesse momento ele sentiu uma necessidade irresistível de desenhar um esquema geométrico específico.

Embora eu geralmente peça aos meus clientes para ficarem durante as sessões numa posição reclinada com os olhos fechados e que mantenham as experiências internalizadas, nesse ponto Otto abriu os olhos, ficou sentado, e pediu-me para arranjar com urgência papel e material de desenho. Desenhou toda uma série de padrões complexos abstratos e, com grande insatisfação e desespero, ele ficou impulsivamente rasgando e amassando aqueles desenhos intrincados, logo que os terminava. Ele estava muito contrariado com seus desenhos e tornando-se enormemente frustrado porque não conseguia desenhá-los "corretamente." Quando eu lhe perguntei o que estava tentando fazer, ele não sabia explicar-me. Disse que simplesmente sentia uma compulsão irresistível de desenhar aqueles padrões geométricos e que estava convencido de que desenhá-los corretamente era de algum modo uma condição necessária para completar a sua sessão com sucesso.

O tema tinha claramente uma forte carga emocional para Otto e parecia importante entendê-lo. Naquela ocasião, eu ainda estava sob uma forte influência de meu treinamento freudiano e tentei do melhor modo que me foi possível identificar os motivos inconscientes daquele comportamento estranho pelo método das associações livres. Gastamos muito tempo nessa tarefa, mas sem muito sucesso. A seqüência como um todo simplesmente não fazia nenhum sentido. Finalmente o processo moveu-se para outras áreas e eu deixei de pensar sobre o caso. Todo o episódio permaneceu completamente misterioso para mim até muitos anos depois, quando me mudei para os EEUU.

Durante minha estada em Baltimore, um amigo sugeriu que Joseph Campbell pudesse estar interessado nas implicações de minhas pesquisas sobre mitologia e ofereceu-se para promover um encontro com ele. Depois de alguns encontros iniciais, tornamos-nos bons amigos e ele representou um papel muito importante em minha vida pessoal e profissional. Joseph tem sido considerado por muitos como sendo a maior autoridade em mitologia no século vinte e talvez de todos os tempos. Seu intelecto era notável e seu conhecimento do mundo mitológico era realmente enciclopédico. Tinha um profundo interesse nas pesquisas dos estados não ordinários da consciência, que ele considerava muito relevantes para o estudo da mitologia (Campbell 1972). Tivemos muitas discussões fascinantes ao longo dos anos, durante os quais compartilhei com ele várias observações de obscuras experiências arquetípicas de meu trabalho, as quais não tive como entendê-las. Em muitos casos, Joseph não teve nenhuma dificuldade em identificar as fontes culturais do simbolismo envolvido.

Durante uma dessas discussões, lembrei-me do caso do Otto, relatando para ele todo o episódio. "Que fascinante," disse Joseph sem nenhuma hesitação, "era claramente a Mãe Cósmica Noturna da Morte, a Mãe Devoradora dos Malekulans da Nova Guiné." Ele então continuou a me dizer que os Malekulans acreditavam que eles iriam encontrar tal divindade durante a Viagem da Morte. Ela tinha a forma de uma figura feminina assustadora com as feições distintas de uma porca. De acordo com a tradição Malekulan, ela ficava sentada na entrada dos mundos inferiores, como uma sentinela de um labirinto sagrado cujo projeto era bastante intrincado.

Os Malekulans possuíam um sistema elaborado de rituais que envolvia a criação e o sacrifício de porcos. Essa complexa atividade ritualística era destinada a sobrepujar sua dependência de suas mães humanas e eventualmente da Mãe Devoradora Divina. Os Malekulans gastavam um tempo enorme praticando a arte de desenhar o labirinto, já que a maestria em tal mister era considerada essencial para o sucesso de sua viagem para o Além. Joseph, com seu conhecimento léxico, foi capaz de resolver uma parte importante do quebra-cabeças com que eu havia deparado durante minha pesquisa. A questão remanescente, que até mesmo ele não tinha condições de resolver, era por que meu cliente teve que encontrar essa divindade própria dos Malekulans naquele momento específico de sua terapia. Entretanto, a tarefa de dominar a viagem póstuma certamente fazia bom sentido para aqueles que tinham no medo patológico da morte o sintoma principal de sua doença.

C. G. Jung e os Arquétipos Universais

Nos estados holotrópicos nós descobrimos que nossa psique tem acesso aos panteões inteiros das figuras mitológicas, bem como aos domínios onde habitam. De acordo com C. G. Jung, essas são manifestações dos padrões universais primordiais que representam o conteúdo intrínseco do inconsciente coletivo. As figuras arquetípicas compreendem duas categorias distintas. A primeira inclui seres bem-aventurados e seres diabólicos que desempenham papéis e funções específicas universais. As mais famosas de tais figuras arquetípicas são a Grande Deusa Mãe, a Terrível Deusa Mãe, o Velho Sábio, a Juventude Eterna (Puer Eternus e Puella Eterna), Os Amantes, o Ceifeiro Implacável, e o Embusteiro. Jung também descobriu que os homens alojam em seu interior uma representação generalizada do princípio feminino que ele chamou de Anima. Sua contraparte, a representação generalizada do princípio masculino no inconsciente das mulheres, é o Animus. A representação inconsciente do aspecto escuro e destrutivo do homem é chamada, na psicologia junguiana, de Sombra.

Nos estados holotrópicos, todos esses princípios ganham vida como aparições versáteis complexas condensando em modelos holográficos os incontáveis exemplos específicos daquilo que representam. Vou usar aqui como um exemplo minha própria experiência de um encontro com o mundo dos arquétipos. Na seqüência final de uma sessão, eu tive uma visão de um amplo palco iluminado que existia em algum lugar além do espaço e tempo. Ele tinha um bela cortina ornamental decorada com padrões intrincados que pareciam conter a história inteira do universo. Entendi intuitivamente que estava visitando o Teatro do Drama Cósmico, encenado com as forças que davam formas à história humana. Comecei a testemunhar uma parada magnífica de figuras misteriosas que apareciam no palco, apresentavam a si mesmas e partiam vagarosamente.

Percebi que o que estava vendo eram princípios universais personalizados, arquétipos, que através de uma interação complexa criavam a ilusão de um mundo fenomenológico, o teatro divino que os hindus chamavam de līlā. Elas eram personagens versáteis, condensando muitas identidades, muitas funções e até mesmo muitas cenas. Enquanto eu as olhava, elas iam mudando de formas numa interpenetração holográfica extremamente intrincada, sendo uma e várias ao mesmo tempo. Eu tinha a consciência de que elas tinham muitas diferentes facetas, níveis, e dimensões de significados, mas não tinha condição de focalizar em nenhuma delas em particular. Cada uma de tais figuras parecia representar simultaneamente a essência de sua função, como também todas as manifestações concretas dos princípios que representavam.

Ali estava Māyā, a figura mágica etérea que simboliza o mundo da ilusão, Anima, incorporando a Fêmea eterna, o Guerreiro, uma personificação semelhante a Marte da guerra e da agressão, os Amantes, representando todos os dramas sexuais e romances ao longo de todas as eras, a figura real do Soberano ou Imperador, o misantropo Eremita, o esquivo e gozador Embusteiro, e muitos outros. Enquanto desfilavam pelo palco, eles faziam uma mesura em minha direção, como se esperassem aplausos pela sua performance estelar no teatro divino do universo.

As figuras arquetípicas da segunda categoria representam várias divindades e demônios relatados por culturas específicas, certas áreas geográficas, e períodos históricos. Por exemplo, em lugar da imagem universal geral da Grande Deusa Mãe, podemos ter a experiência de uma de uma figura específica ligada a determinada cultura, tais como a Virgem Maria, as deusas hindus Lakshmi Pārvati, a Ísis do Egito, a Hera da Grécia e muitas outras. Similarmente, exemplos específicos da Terrível Deusa Mãe poderiam ser, além da deusa-porca do Malekulans descrita no relato acima, a Kālī dos indianos, a Coatlicue, deusa com cabeça de serpente do período pré-colombiano, ou Sekhmet, a deus egípcia com cabeça de leoa. É importante enfatizar que essas imagens não devem ficar restritas à nossa própria herança cultural e racial. Elas podem ser retiradas da mitologia de qualquer grupamento humano, mesmo daqueles dos quais nunca ouvimos falar.

Particularmente freqüente em meu trabalho tem sido o encontro ou até mesmo a identificação com várias divindades de diferentes culturas que foram mortas por outras pessoas ou que sacrificaram a si mesmas e posteriormente retornaram à vida. Essas figuras representando a morte e a ressurreição tendem a emergir espontaneamente quando o processo de auto exploração interna atinge o nível perinatal e toma a forma do nascimento psico-espiritual. Nesse ponto, muita gente tem, por exemplo, visões de crucificação ou experimenta uma identificação agonizante com Jesus Cristo na Cruz. A emergência desse motivo em pessoas com ancestrais euro-americano parece fazer sentido, por causa da importância do papel que o cristianismo tem através dos séculos desempenhado na cultura ocidental.

Temos, entretanto, visto muitas experiências poderosas de identificação com Jesus durante nossos seminários sobre os trabalhos de respiração holotrófica no Japão e na Índia. Elas ocorrem em indivíduos cujos ancestrais eram budistas, shintoístas, ou hindus. Contrariamente, muitos anglo-saxões, eslavos e judeus identificaram-se durante suas sessões com alucinógenos ou de respiração holotrófica com Shiva ou Buda, com o deus ressurrecto Osires, com a deusa sumeriana Inanna, ou com as divindades gregas Perséfone, Dionísio, Atis e Adonis. Identificações ocasionais com as divindades astecas de morte e renascimento, Quetzalcoatl ou a Serpente Emplumada, ou com um dos Gêmeos Heróis do Popol Vuh dos maias, foram muito mais surpreendentes, já que tais divindades aparecem em mitologias geralmente desconhecidas do ocidente.

Os encontros com tais figuras arquetípicas foram muito impressionantes e freqüentemente trouxeram informações novas e detalhadas que eram independentes dos antecedentes raciais, culturais e educacionais dos pacientes, os quais também não tinham conhecimento intelectual prévio das respectivas mitologias. Dependendo da natureza das divindades envolvidas, essas experiências eram acompanhadas de emoções extremamente intensas variando desde enlevo extático até terror metafísico paralisante. As pessoas que experimentaram tais encontros geralmente viam as figuras arquetípicas com muito espanto e respeito, como seres pertencentes a uma ordem superior dotados de extraordinários poderes e energias, sendo capazes de determinar a ocorrência de eventos em nosso mundo material. Esses pacientes então compartilharam a atitude de muitas das culturas das eras pré-industriais que acreditavam na existência de divindades e de demônios.

Entretanto, nenhum desses indivíduos percebeu suas experiências com figuras arquetípicas como um encontro com os sublimes princípios do universo, e nem afirmam ter adquirido um entendimento mais amplo da existência. Eles experimentaram tais divindades como sendo criações de um poder superior que os transcendia. Esses insights refletiam a idéia de Joseph Campbell de que as divindades deveriam ser “transparentes ao transcendente”. Deveriam funcionar como uma ponte para a fonte divina, mas não ser confundida com ela. Quando estamos envolvidos numa sistemática auto exploração ou prática espiritual, é importante evitar as armadilhas de transformar uma divindade opaca vendo-a como a mais transcendente força cósmica em lugar de percebê-la como uma janela para o Absoluto.

Confundir uma imagem arquetípica com a fonte última da criação nos conduz à idolatria, um engano perigoso e desagregador corrente na história das religiões e culturas. Ele pode agregar as pessoas que compartilham da mesma crença, mas coloca seu grupo contra outros que tenham escolhido uma representação diferente do divino. Eles podem então tentar converter os outros ou então conquistá-los e eliminá-los. Em contraste, a religião genuína é universal, e engloba tudo e todos. Ela teria que transcender as imagens arquetípicas ligadas às culturas e focalizar na fonte última de todas as formas. A questão mais importante no que diz respeito à religião é então a natureza do princípio supremo do universo. No próximo capítulo, iremos explorar os insights dos estados holotrópicos de consciência a respeito desse assunto.

3

O Princípio Criativo Cósmico

*Oh vazio sem terra, Oh vazio sem céu
Oh espaço nebuloso, sem propósito
Eterno e desprovido de tempo,
Transforme-se no mundo, expanda!*

_ Fábula taítiana da criação

*Aquilo que é sem som, sem forma, que é intocável e imperecível,
Ao mesmo tempo que é constante, sem cheiro e que não se pode provar
Sem começo, sem fim, mais alto que o grande, estável
Discernindo Aquilo, libertamo-nos das garras da Morte.*

_ Katha Upanishad

A Consciência Absoluta

Depois de termos tido experiências diretas das dimensões espirituais da realidade, a idéia de que o universo, a vida, e a consciência podem ter desenvolvido-se sem a participação de uma inteligência superior criativa parece ser para nós absurda, ingênua, e insustentável. Entretanto, como vimos, a experiência de que a natureza tem uma alma e os encontros com figuras arquetípicas não são em si mesmos suficientes para satisfazer nosso anelo pelo divino. Assim, eu tive que pesquisar entre os relatos das pessoas com as quais trabalhei nos estados de consciência que foram percebidos como próximos das fronteiras últimas do espírito humano. O que tentava descobrir era quais das experiências poderiam retratar o sentimento do encontro com o princípio supremo do universo.

As pessoas que tiveram uma experiência do Absoluto que satisfizesse inteiramente sua busca pelo divino simplesmente não perceberam nenhuma imagem figurativa específica. Quando sentiram ter atingido a meta de sua busca mística e filosófica, suas descrições do princípio supremo foram extremamente abstratas e notavelmente semelhantes. Aqueles que reportaram tais revelações definitivas mostraram uma homogeneidade bastante surpreendente na descrição das principais características de tais estados. Afirmaram que a experiência do Supremo envolve a transcendência de todas as limitações da mente analítica, das categorias racionais, e de todas as restrições da lógica ordinária.

Essa experiência nada tinha a ver com as categorias usuais de um espaço tridimensional e de um tempo linear como os conhecemos a partir do nosso dia-a-dia. Ela também continha todas as polaridades concebíveis numa amálgama inseparável e desse modo transcendia as dualidades de qualquer espécie. Uma vez atrás da outra, as pessoas compararam o Absoluto com uma fonte radiante de luz de intensidade inimaginável, embora elas enfatizassem que tal luz de algum modo e sob certos aspectos significantes difere de qualquer uma das luzes que conhecemos no nosso mundo material. Descrever o Absoluto como apenas uma luz é negar algumas de suas características, particularmente o fato de que ele é também um campo imenso e insondável de consciência, dotado de poder e inteligência infinitos.

O princípio cósmico supremo pode ser experimentado de dois modos diferentes. Algumas vezes, todas as fronteiras pessoais dissolvem-se ou são drasticamente obliteradas e nós fundimo-nos completamente com a fonte divina, tornando-se um com ela e indistinguível dela. Outras vezes, nós mantemos o senso de uma identidade separada, assumindo o papel de um observador atônito que esteja testemunhando do lado de fora o *mysterium tremendum* da existência. Ou, como alguns místicos, nós podemos sentir o êxtase de um amante enlevado experimentando o encontro com o Bem-amado. Na literatura do divino de todas as eras são abundantes os exemplos das experiências do Divino dos dois tipos.

“Do mesmo modo que uma mariposa voa na direção da chama e se torna uma com ela,” dizem os sufis, “nós nos fundimos com o Divino.” Śri Ramana Maharshi, o santo e visionário indiano, descreve em um de seus poemas espirituais que “a boneca de açúcar que entra no oceano para nadar é completamente dissolvida.” Em contraste, a mística espanhola Tereza de Ávila e Rūmī, o grande poeta transcendental da Pérsia,

referem-se a Deus como o Bem-amado. Similarmente, os *bhaktas*, representantes indianos da yoga da devoção, preferem manter um sentido de separatividade e enfatizar o seu relacionamento com o Divino. Eles não pretendem transformar-se na boneca de açúcar de Sri Ramana que perdeu completamente sua identidade no oceano cósmico. O grande santo e místico indiano, Sri Ramakrisna afirmou enfaticamente certa vez: "Quero provar o açúcar, não transformar-me em açúcar."

As pessoas que tiveram a experiência do supremo princípio descritas acima sabem que encontraram-se com Deus. Entretanto, a maioria delas sentem que o termo *Deus* não captura adequadamente a profundidade daquilo que experimentaram, desde que tal palavra foi distorcida, banalizada, e desacreditada pelas principais correntes religiosas e culturais. Até mesmo os nomes Consciência Absoluta ou Mente Universal que são comumente usados para descrever aquelas experiências parecem irremediavelmente inadequados para transmitir a imensidade e o impacto devastador de tal encontro. Algumas pessoas consideram o silêncio como sendo a reação mais apropriada diante da experiência com o Absoluto. Para elas, é óbvio que "aqueles que sabem não falam e os que falam, não sabem."

O princípio supremo pode ser experimentado diretamente nos estados holotrópicos de consciência, mas o mesmo furta-se a qualquer tentativa de descrição ou explicação adequadas. A linguagem que usamos para comunicar os assuntos do dia-a-dia simplesmente não é adequada para essa tarefa. Indivíduos que tiveram tais experiências parecem concordar que trata-se de algo inefável. As palavras e a estrutura de nossa linguagem são instrumento dolorosamente inapropriados para descrever sua natureza e suas dimensões, principalmente para aqueles que não tiveram tais experiências.

Com todas essas ressalvas, vou incluir a descrição a seguir feita por Roberto, um psiquiatra de 37 anos de idade, que em sua sessão teve a experiência do que considerou ser a realidade última:

O início da experiência foi muito repentino e dramático. Eu fui atingido por um raio cósmico de imenso poder que instantaneamente esmagou e dissolveu minha realidade do dia-a-dia. Perdi todo o contato com o mundo à minha volta; ele desapareceu como por mágica. A consciência de minha existência cotidiana, minha vida, e meu nome ecoaram fracamente como imagens de sonho na periferia distante de minha consciência. Roberto...Califórnia...EUA...planeta Terra... tentei arduamente lembrar-me da existência de tais realidades, mas elas repentinamente deixaram de fazer qualquer sentido. Igualmente ausente estava qualquer imagem arquetípica de divindades, demônios, e de domínios mitológicos que eram tão predominantes em minhas experiências anteriores.

Naquele momento, minha única realidade era uma massa de energia rodopiante de imensas proporções que parecia conter tudo da Existência numa forma inteiramente abstrata. Tinha o brilho de miríade de sóis, ainda que não fosse o mesmo contínuo com luz que eu conhecesse em minha vida do dia-a-dia. Parecia ser consciência, inteligência e energia criativa puras que transcendiam todas as polaridades. Era infinito e finito, divino e demoníaco, terrificante e extático, criativo e destrutivo... tudo isso e muito mais. Eu não tinha nenhum conceito, nenhuma categoria para descrever o que estava testemunhando. Não podia manter um sentido de uma existência

separada em face de tal força. Minha identidade ordinária foi esmagada e dissolvida; tornei-me um com a Fonte. O tempo deixou de fazer qualquer sentido.

Retrospectivamente, eu acredito ter experimentado o Dharmakaya, a Luz Clara Primitiva, que de acordo com o Livro Tibetano dos Mortos, o Bardo Thödol, aparece no momento da morte.

O encontro de Roberto com o Supremo durou aproximadamente vinte minutos de relógio, embora durante toda a duração de sua experiência o tempo não existia para ele como uma dimensão significativa. Enquanto durou sua experiência, ele não teve nenhum contato com o meio ambiente que o cercava e não tinha a capacidade de comunicação verbal. Começou então a experimentar um retorno gradual à realidade do dia-a-dia, de acordo com sua descrição abaixo:

Depois do que pareceu uma eternidade, imagens concretas como de um sonho e também conceitos começaram a tomar forma no campo de minha experiência. Eu comecei a sentir que algo como a Terra com amplos continentes e países específicos poderiam realmente existir em algum lugar, mas tudo aquilo parecia muito distante e irreal. Gradualmente, as imagens cristalizaram-se mostrando o que seriam os EUA e a Califórnia. Mais tarde, conectei-me com minha identidade do dia-a-dia e comecei a perceber imagens fugidias de minha vida presente. Por algum tempo, pensei que estivesse morrendo e que estivesse experimentando o bardo, estado intermediário entre a vida atual e a próxima reencarnação, como descrito nos textos tibetanos.

Enquanto ia recuperando o contato com a realidade ordinária, atingi um ponto onde tive a certeza de sobreviver àquela experiência. Estava deitado num sofá sentindo-me extático e cheio de espanto pelo que havia sido revelado a mim. Com tal pano de fundo, estava experimentando várias situações dramáticas acontecendo em diferentes partes do mundo através dos séculos. Elas pareciam ser cenas de minhas encarnações anteriores, muitas delas dolorosas e perigosas. Vários grupos de músculos em meu corpo retorciam-se e tremiam enquanto meu corpo era ferido e morria naqueles contextos diferentes. Entretanto, enquanto minha história cármica estava sendo contada a partir de meu corpo, eu estava num estado de profunda bem-aventurança, completamente isolado de tais dramas.

Durante vários dias após, era muito fácil para mim atingir em minhas meditações um estado de muita paz e serenidade. Estou certo de que essa experiência terá uma influência duradoura em minha vida. Parece impossível experimentar algo como aquilo e não ser profundamente tocado e transformado por ele.

O Vazio Grávido

O encontro com a Consciência Absoluta ou a identificação com a mesma não é o único caminho para experimentar-se o princípio supremo do cosmo ou a realidade última. O segundo tipo de experiência que parece satisfazer aqueles que buscam as respostas definitivas é particularmente surpreendente, desde que não possui um

conteúdo específico. Trata-se da identificação com o Vácuo Cósmico ou Nada descrito na literatura mística como o Vazio. É importante enfatizar que nem todas as experiências do vácuo que encontramos nos estados não ordinários de consciência podem ser qualificadas como o Vazio. As pessoas muito freqüentemente usam esse termo para descrever um estado desconfortante de ausência de sentimentos, de iniciativa e de sentido. Para merecer o nome de Vazio, esse estado deve estar de acordo com critérios muito específicos.

Quando encontramos o Vazio, sentimos que ele é o vácuo primordial de proporções e relevâncias cósmicas. Tornamo-nos consciência pura e percebemos esse nada absoluto; entretanto, e ao mesmo tempo, temos um sentimento paradoxal estranho de que ele está cheio até à borda. Esse vácuo cósmico é também algo pleno, desde que nada parece estar faltando nele. Ao mesmo tempo em que ele nada contém em forma concreta manifestada, ele parece englobar toda a existência numa forma potencial. Deste modo paradoxal, nós podemos transcender a dicotomia usual entre vazio e cheio, ou existência e não existência. Entretanto, não há possibilidade de que tal entendimento seja adequadamente traduzido em palavras; temos que experimentar para entender.

O Vazio transcende as categorias usuais de tempo e espaço. Ele é imutável, e existe além de todas as dicotomias e polaridades, tais como luz e trevas, bom e mau, repouso e movimento, microcosmo e macrocosmo, agonia e êxtase, singularidade e pluralidade, forma e informe, e até mesmo existência e não existência. Algumas pessoas chamam-no de Supracosmo ou Metacosmo, indicando que esse vácuo e esse nada primordial parece ser o princípio que subjaz ao mundo dos fenômenos como o conhecemos e, ao mesmo tempo, é de ordem superior a ele. Esse vácuo metafísico, grávido em potencial para tudo o que existe, parece ser o berço de todos os seres, a fonte última da existência. A criação de todos os mundos fenomenológicos é então a realização e concretização de suas potencialidades preexistentes.

Quando temos a experiência do Vazio, temos a sensação de que ao mesmo tempo em que ele é a fonte de toda a existência, ele também contém toda a criação em si mesmo. Outro modo de exprimir isso é dizer que ele é tudo o que existe desde que nada existe fora de seu domínio. Nos termos dos nossos conceitos usuais e normas lógicas, isso parece envolver algumas contradições básicas. Parece certamente um absurdo pensar que um vazio possa conter o mundo dos fenômenos, cuja característica essencial dos mesmos é ter, segundo parece, formas específicas. Similarmente, o senso comum nos diz que o princípio criativo e a sua criação não podem ser a mesma coisa, que os dois devem ser diferentes um do outro. A natureza extraordinária do Vazio transcende a tais paradoxos.

O exemplo a seguir é a descrição de uma experiência do Vazio Cósmico de Christopher Bache, um filósofo da religião, envolvido durante muitos anos numa sistemática busca espiritual:

De repente um enorme Vazio abriu-se de dentro desse mundo. Visualmente, Ele tomou a forma de uma torção de meu campo visual, como se uma concavidade invisível gigante tivesse sido inserida em minha visão e estivesse fletindo todas as linhas das imagens para a sua extremidade. Nada foi rasgado ou rompido, mas tudo estava sendo espichado, parando de revelar a realidade subjacente. Era como se

Deus tivesse parado repentinamente entre uma inspiração e uma expiração, e o universo inteiro ficou repentinamente parado, não dissolvido mas fixo em seu lugar por uma eternidade. Era uma brecha, uma abertura bocejante da existência.

Primeiramente tal sensação paralisou minha respiração, tanto figurativa quanto literalmente, e eu esperei paralisado pelo reinício do movimento. Mas não houve reinício. Eu estava totalmente consciente mas inteiramente paralisado. E essa paralisação continuou, continuou e continuou. Não podia acreditar por quanto tempo ela durou. Ao ficar mergulhado naquela experiência eu percebi que se tratava do Vazio a partir do qual todas as formas brotam. Aquilo era a Quietude viva, a partir da qual tudo se põe em movimento. Essa experiência de falta de qualquer conteúdo mas de consciência concentrada que era a pré-forma e a forma de fora tinha que ser aquilo que os filósofos do oriente chamavam de śūnyatā. Quando vagarosamente os movimentos reiniciaram-se e as formas congelaram-se, no despertar do Vazio surgiu um requintado sentimento de "semelhança." Novo a partir do Vazio, toquei as fímbrias da existência sentindo-a "simplesmente como ela é."

Em diversas ocasiões, as pessoas que tiveram ambas as experiências, a da Consciência Absoluta e a do Vazio tiveram o insight que esses dois estados são essencialmente idênticos e intercambiáveis a despeito do fato de que eles podem ser distintos experimentalmente um do outro e de que podem parecer conceitual e logicamente incompatíveis. Essas pessoas afirmam que testemunharam a emergência da Consciência Cósmica criativa a partir do Vazio ou, inversamente, seu retorno e desaparecimento no Vazio. Outros experimentaram esses dois aspectos do Absoluto simultaneamente, identificando-se com a Consciência Cósmica e, ao mesmo tempo, reconhecendo o vazio de sua essência.

A experiência do Vazio como a fonte da criação pode também ser associada com o reconhecimento do vazio fundamental do mundo material. A percepção de que a realidade do dia-a-dia é vazia é o cerne da mensagem de um dos mais importantes textos espirituais do Budismo Mahāyāna, o Prajñāparamitā Hridaya Sūtra ou Sūtra do Coração da Sabedoria Perfeita. No texto Avalokiteshvara declara o discípulo de Buda, Shāriputra: "A natureza da forma é o vácuo, a natureza do vácuo é a forma. A forma não é diferente do vácuo, o vácuo não é diferente da forma... Sentimentos, percepções, formações mentais, e consciência são também iguais a isso."

É interessante que o conceito do vácuo que é pleno e do "vazio grávido" também existe na física moderna. A afirmação de Paul Dirac, um dos fundadores da física quântica e o "pai" da antimatéria, mostra isso com as palavras que seguem: "Toda a matéria é criada a partir de algum substrato imperceptível e... a criação da matéria deixa atrás de si um "buraco" nesse substrato que aparece como antimatéria. Agora, o próprio substrato não é acuradamente descrito como material, desde que ele preenche todo o espaço e não é detectável por nenhuma observação. Mas ele é uma forma peculiar material do nada, a partir do qual a matéria é criada." O físico americano já falecido, Heinz Pagels é ainda mais explícito: "A ótica da nova física sugere: 'O vácuo é o todo da física.' Tudo o que jamais existiu ou que pode existir já se encontra ali no vazio do espaço... esse nada contém todo o ser" (Pagels 1990).

Em seus experimentos, envolvendo a aceleração de partículas elementares a altas velocidades e sua colisão umas com as outras, os físicos têm observado a criação de

novas partículas subatômicas que emergem do que chamam de "vácuo dinâmico" e que retornam para tal matriz. É claro que tal similitude é apenas parcial e não vai muito longe. O problema da criatividade cósmica não é limitado à origem do edifício fundamental dos blocos da matéria. A criatividade possui aspectos importantes que estão fora do alcance dos físicos, tais como o problema da origem das formas, a sua ordenação, suas leis, e seu significado. O Vazio que podemos experimentar nos estados holotrópicos parece ser o responsável por todos os aspectos da criação, não apenas pela matéria prima do mundo fenomenológico.

Em nossa vida diária, tudo o que acontece envolve uma cadeia complexa de causa e efeito. A hipótese de uma causalidade linear estrita é um pré-requisito necessário para a ciência tradicional do ocidente. Outra característica fundamental da realidade material é que todos os processos em nosso mundo seguem a lei da conservação da energia. A energia não pode ser criada ou destruída, pode apenas ser transformada noutra espécie de energia. Tal modo de pensar parece adequado para a maioria dos eventos do macrocosmo. Entretanto, ele colapsa quando traçamos as cadeias de causa e efeito retroativamente até o início do universo. Quando o aplicamos ao processo da criação cósmica, somos confrontados com problemas formidáveis: Se tudo tem uma determinada causa, qual seria a causa original, a causa das causas, o Agente Primevo? Se a energia tem que ser conservada, em primeiro lugar, de onde ela surgiu? E o que dizer a respeito da origem da matéria, do espaço e do tempo?

A teoria cosmogénica corrente do "Big Bang", sugerindo que a matéria, o tempo, e o espaço foram criados simultaneamente a partir de uma "singularidade" adimensional há cerca de 15 bilhões de anos atrás, dificilmente pode ser aceita como uma explicação racional adequada do profundo mistério da existência. E nós geralmente não podemos imaginar que uma resposta satisfatória possa ser algo fora do racional. A solução de tais problemas fornecida pelas experiências transcendentais são de uma natureza e de uma ordem inteiramente diferentes. Experimentando a Consciência Absoluta, o Vazio, e suas relações mútuas, torna-se possível transcender os paradoxos desconcertantes que atormentam os cientistas ao tentarem teorizar a respeito do universo material governado pela causalidade e por leis mecânicas. Os estados holotrópicos fornecem respostas satisfatórias a tais questões paradoxais; tais respostas, entretanto, não são lógicas e sim de natureza experimental e transracional.

Quando experimentamos a transição entre o Vazio e a Consciência Absoluta ou vice versa, não ficamos com o sentimento de despropósito e disparate que ficaríamos no caso de termos tal experiência no estado normal de consciência, ao considerar a possibilidade de que algo possa ser originado a partir do nada ou, contrariamente, que algo desapareça no nada sem deixar qualquer rastro. Muito ao contrário, há um sentimento de auto evidência, simplicidade, e naturalidade com respeito ao que experimentamos. Os insights produzidos por tal estado a esse respeito são acompanhados de um sentimento de súbito esclarecimento, ou de uma reação em forma de espanto, um "aha". Desde que nesse nível o mundo material é visto como uma expressão da Consciência Absoluta e o último, por sua vez, parece ser intercambiável com o Vazio, as experiências transcendentais dessa espécie fornecem uma solução inesperada para alguns dos problemas mais difíceis e excruciantes que perseguem a mente racional.

Os insights das pessoas que experimentaram estados holotrópicos de consciência no que concerne à fonte da existência como um todo são surpreendentemente similares àqueles encontrados na filosofia perene. Eu já mencionei a descrição do vazio cósmico do Prajñāpāramitā Sūtra. Eis agora uma passagem do antigo *Tao Te Ching* de autoria do sábio chinês Lao-tzu (1998):

Havia algo sem forma e perfeito
antes do nascimento do universo
Era sereno. Vazio.
Solitário. Imutável.
Infinito. Eternamente presente.
Era a mãe do universo.
Por falta de um nome melhor
Vou chamá-lo de Tao.
Ele flui através de todas as coisas,
dentro e fora, e volta
à origem das coisas.

Rūmī, o visionário persa e poeta místico do século treze, descreve a fonte da criação com essas palavras: "A não existência é ansiosamente borbulhante na expectativa de lhe ser dada a existência... Pois a mina e a casa do tesouro das quais Deus tudo faz é nada além da não existência tornando-se manifestada." E aqui, em comparação, vão duas passagens da tradição mística judaica. O cabalista do século treze Azriel de Gerona diz o seguinte: "Alguém pode lhe perguntar: 'Como Deus trouxe o ser do nada? Não existe uma imensa diferença entre o ser e o nada?' Responda assim: 'O ser está no nada sob o modo do nada, e o nada está no ser sob o modo do ser.' Nada é ser e ser é nada." E o cabalista do século catorze David BenAbraham he-Lavan escreve: "Ayin, o nada, é mais real que todos os seres do mundo. Mas já que é simples, e cada coisa simples é complexa se comparada com sua simplicidade, ele é chamado de Ayin." E, de acordo com o místico cristão Meister Eckhart, "O nada de Deus preenche o mundo inteiro; suas coisas estão em nenhum lugar."

Palavras para o Inefável

Os insights que iluminam, fornecidos pelas experiências das realidades últimas, nos estados místicos, não podem ser adequadamente descritos pela linguagem do nosso dia-a-dia. Lao-tzu era bastante consciente disso e o exprimiu muito sucintamente com as palavras: "O tao que pode ser descrito não é o Tao eterno. O nome que pode ser pronunciado não é o Nome eterno". Qualquer descrição ou definição tem que ser feita com o uso da linguagem que foi desenvolvida para denotar objetos e atividades do mundo material como são experimentados no cotidiano. Por essa razão, a linguagem ordinária prova ser inadequada e imprópria quando queremos comunicar a respeito das experiências e insights encontrados nos vários estados holotrópicos de consciência. Isso é particularmente verdadeiro quando nossas experiências são focalizadas nos problemas últimos da existência, tais como o Vazio, a Consciência Absoluta e a criação.

Aqueles que estão familiarizados com a filosofia espiritual do oriente freqüentemente lançam mão das várias linguagens asiáticas quando descrevem suas experiências e insights espirituais. Eles usam termos sânscritos, tibetanos, chineses, ou japoneses, tais como *samādhi* (união com Deus), *śūnyatā* (Vazio), *kundalinī* (Poder da Serpente), *bardo* (estado intermediário depois da morte), *annata* (não eu), *satori* (experiência de iluminação), *nirvāna*, *ch’i*, ou *energia ki* e o *Tao* para estados transcendentais elevados, ou, ao contrário, *samsara* (o mundo do nascimento e morte), *māyā* (ilusão do mundo), *avidyā* (ignorância) e outros para referir-se ao mundo do dia-a-dia. Essas linguagens foram desenvolvidas em culturas de alta sofisticação com respeito aos estados holotrópicos e realidades espirituais. Diferentemente da linguagem do ocidente, elas contêm muitos termos técnicos para descrever especificamente nuances das experiências místicas e assuntos a elas relacionados. Ultimamente mesmo tais palavras podem ser totalmente entendidas apenas por aqueles que tiveram as mesmas experiências.

A poesia, apesar de ser ainda um instrumento muito imperfeito, parece ser um meio mais adequado e apropriado para traduzir a essência das experiências espirituais e para comunicar a respeito das realidades transcendentais. Por essa razão muitos dos grandes visionários e professores religiosos lançam mão da poesia para repartir os seus insights metafísicos. Muitas pessoas com as quais trabalhei recordam e citam passagens de vários poetas transcendentais. Eu tenho ouvido-as dizer freqüentemente que, depois de suas próprias experiências místicas, os poemas de visionários que elas anteriormente não compreenderam ou com os quais não conseguiram se relacionar, ficaram repentinamente claros e iluminados por um novo sentido.

Particularmente populares entre as pessoas envolvidas na busca espiritual parecem ser os poetas transcendentais do Oriente Médio, tais como os místicos Omar Khayyām, Rūmī, e Kahlil Jibrān, e os visionários indianos Kabīr, Princesa Mira Bai, e Śri Aurobino. Escolhi como exemplo um poema de Kabīr, um sábio indiano do século quinze, filho de um tecelão muçulmano de Benares. Em sua longa vida, que durou mais de 120 anos, Kabīr colheu o melhor das tradições sufi e indiana e exprimiu sua sabedoria espiritual em versos extáticos. No poema a seguir ecoam os paralelos entre o ciclo natural da água e o processo criativo, descritos na seção seguinte do livro.

Eu tenho pensado a respeito da diferença
entre a água
e as ondas sobre elas. Elevando-se,
a água permanece água, voltando a cair,
é água, e você poderia dar-me uma pista
de como separar uma da outra?

Porque alguém inventou a palavra
"onda" tenho que distingui-la
da água?

Há um Algo Secreto em nosso interior;
os planetas e todas as galáxias
passam por sua mão como contas.

Isso é como um cordão de contas que devemos olhar

com olhos luminosos.

Também nós temos a nossa rica tradição de poesia visionária, representada por William Blake, D. H. Lawrence, Rainer Maria Rilke, Walt Whitman, William Butler Yeats, e outros. Pessoas que tiveram experiências de estados místicos citam freqüentemente esses poetas e recitam trechos de seus trabalhos. Eis aqui um exemplo de um poema de William Blake citado freqüentemente, no qual ele capturou o mistério do divino imanente:

Ver um Mundo num grão de Areia
E um Céu numa Flor Selvagem,
Reter o Infinito na palma de sua mão
E a Eternidade em uma hora.

O Além Interior

Na prática espiritual sistemática envolvendo estados holotrópicos de consciência, nós podemos repetidamente transcender os limites usuais do corpo/ego e identificar-nos com outras pessoas, animais, plantas, ou aspectos inorgânicos da natureza e também com vários seres arquetípicos. Descobrimos nesse processo que qualquer fronteira do universo material e de outras realidades é em última análise arbitrária e pode ser negociada. Livrando-nos das limitações da mente racional e da camisa de força do senso comum da lógica do dia-a-dia, poderemos romper as barreiras que nos envolvem, expandir nossa consciência em proporções inimagináveis, e finalmente experimentar a união e a identidade com a fonte transcendental de todos os seres.

Quando atingimos a identificação experimental com a Consciência Absoluta, nós percebemos que nosso próprio ser é, em última análise, da mesma natureza que a teia cósmica, que a natureza de toda a existência. O reconhecimento de nossa própria natureza divina, nossa identidade com a fonte cósmica, é a descoberta mais importante que podemos fazer durante o processo de profunda auto exploração. Essa é a essência da famosa afirmação encontrada nas escrituras indianas antigas, os Upanishads: "Tat tvam asi." A tradução literal dessa frase é "Tu és Aquilo," significando "Você é de natureza divina," ou "Você é a Divindade." Ela revela que a nossa identificação cotidiana com o "ego encapsulado na pele," com a consciência individual corporificada, ou "nome e forma" (*nāmarūpa*) é uma ilusão e que a nossa verdadeira natureza é aquela da energia cósmica criativa (Ātman-Brahman).

Essa revelação referente à identificação do indivíduo com o divino é o segredo recôndito que subjaz no cerne das grandes tradições espirituais, embora possa ser expressa de algum modo diferente. Eu já mencionei que, de acordo com o hinduísmo, a consciência individual Ātman e a consciência universal Brahman, são uma. Os seguidores da yoga siddha ouvem em muitas variações o princípio básico de sua escola: "Deus mora dentro de você como você." Nas escrituras budistas, podemos

ler: "Olhe para dentro, você é Buda." A tradição confuciana nos diz que "Céu, terra e os homens são um só corpo."

A mesma mensagem pode ser encontrada nas palavras de Jesus Cristo: "Pai, eu e você somos um." E Santo Gregory Palamas, um dos grandes teólogos da Igreja Ortodoxa Cristã, declarou: "Porque o reino do céu, e mais ainda, o Rei dos Céus...está dentro de nós." Do mesmo modo, o grande sábio e cabalista judeu Avraham ben Shemu'el Abulafia ensinou que "Ele e nós somos um." De acordo com Maomé, "aquele que conhece a si mesmo, conhece o Senhor." Mansūr al-Hallāj, o poeta extático sufi, conhecido como o "mártir do amor místico," descreve a mesma coisa do seguinte modo: "Eu vi meu Senhor com o Olho do Coração. Eu disse: 'Quem é você?' Ele respondeu: 'Você.'" Al-Hallāj foi preso e condenado à morte por causa destas palavras: "Ana'l Haqq – Eu sou Deus, a Verdade Absoluta, a Verdadeira Realidade."

O Divino e sua Criação

Podemos agora resumir os insights dos estados holotrópicos de consciência relativos ao princípio criativo, à natureza da realidade, e à nossa própria natureza. Como vimos, esses insights ecoam a mensagem das grandes tradições espirituais do mundo. Eles sugerem que o mundo da matéria sólida – com suas características de espaço tridimensional, tempo linear, e causalidade irremissível, como nós experimentamos em nossos estados ordinários de consciência – não possui uma realidade independente, própria de si mesmo. Em vez de ser a única realidade verdadeira, como retratado pela ciência materialista, ele é uma criação da Consciência Absoluta.

À luz de tais insights, o mundo material do nosso cotidiano, inclusive nosso próprio corpo, é um tecido intrincado de falsas percepções e falsas interpretações. Ele é um produto jocoso e de algum modo arbitrário do princípio criativo cósmico, uma "realidade virtual" infinitamente sofisticada, um teatro divino criado pela Consciência Absoluta e pelo Vazio Cósmico. Nosso universo, que parece conter miríades de incontáveis entidades e elementos separados, é em sua natureza mais profunda apenas um ser de imensas proporções e complexidade inimaginável.

O mesmo é verdade com respeito a todas as outras dimensões e domínios da existência que podemos descobrir nos estados holotrópicos de consciência. Desde que não existem fronteiras absolutas entre a psique individual ou qualquer parte da criação e o próprio princípio cósmico criativo, cada um de nós é em última análise idêntico à divina fonte da criação. Somos desse modo então, coletiva e individualmente, os autores e atores desse drama cósmico. Desde que em nossa verdadeira natureza somos idênticos ao princípio criativo cósmico, não podemos mitigar nossos anelos buscando coisas concretas, não importando qual seja a sua natureza ou escopo. Nada menor que a unidade mística com a fonte divina irá extinguir nossos anseios profundos.

4

O Processo Criativo

*Do mesmo que as cristas de um fogo vivo
Deslocam-se desenhando milhares do que parecem formas,
Também do Imperecível, meu amigo, seres múltiplos
São produzidos, e para mais além também vão.*
_ Mundaka Upanishad

*Ainda que você dê uma centena de nós
A corrente permanece uma.*
_ Rūmī

O Mistério do Impulso Criativo

A percepção de que todos os mundos fenomenológicos, inclusive nosso plano material, são realidades virtuais criadas pela Consciência Absoluta nos leva a fazer perguntas bastante interessantes. A fusão e união com o princípio criativo cósmico, como descrito no capítulo anterior, é certamente uma experiência extraordinária e muito cobiçada sob o ponto de vista de um ser humano individualizado. Muitas tradições espirituais consideram que atingir tal estado é a meta última da busca espiritual. Aqueles que realmente conseguem a união com a Mente Universal percebem que a situação é muito mais complicada.

Descobrem que aquilo que uma vez consideraram ser a meta da viagem espiritual é também a fonte da criação. Fica então claro para eles que, para criar os mundos fenomenológicos, o Divino tem que abandonar seu estado original de unidade indiferenciada primitiva. Considerando quão fantástica é a experiência de identificação com a Consciência Absoluta a partir da perspectiva humana, parece estranho que o princípio criativo possa procurar uma alternativa, ou pelo menos um complemento, para a simples experiência de si mesmo. Isso naturalmente leva a que se pergunte qual seria a natureza das forças que compeliram a Consciência Absoluta a abrir mão de seu estado primordial e se engajar no processo de criar realidades experimentais como o mundo em que vivemos. Como seria possível existir algo que motivasse o Divino a procurar a separatividade, a dor, a labuta, a parcialidade, a impermanência, ou resumindo, precisamente aqueles estados dos quais estamos sempre tentando escapar quando embarcamos em nossa viagem espiritual?

As pessoas que alcançaram em sua exploração interior a identificação com a Consciência Absoluta comumente experimentam fascinantes insights da dinâmica da criação. Antes de iniciarmos a exploração dessas revelações, é importante lembrarmos que os estados holotrópicos em geral, e aqueles que envolvem níveis

transcendentais de consciência em particular, não deixam as pessoas que os experimentam em condições de apresentar descrições verbais claras. Enquanto estivermos revendo tais relatos, poderemos achá-los interessantes e intelectualmente estimulantes ou nos sentirmos inspirados por eles, mas não devemos esperar explicações lógicas que satisfaçam totalmente nossa mente racional. Tendo em vista as limitações inerentes às nossas faculdades intelectuais, as tentativas humanas de entendimento das "razões" ou "motivos" da criação nunca serão plenamente satisfatórios. A razão é um instrumento inadequado para análise de dimensões transcendentais da existência e dos princípios que atuam num nível mais elevado da metafísica. Basicamente, a verdadeira compreensão do que diz respeito a tais assuntos só pode ocorrer através da experiência pessoal direta.

As pessoas, ao descreverem suas experiências de identificação com o Divino não têm como evitar a perspectiva antropomórfica e sobrepujar as limitações da linguagem. Dessa maneira o impulso criativo da Consciência Absoluta é freqüentemente descrito em termos de certos estados psicológicos que conhecemos no cotidiano, tais como amor, saudade, solidão, etc. Seus autores usualmente usam letras maiúsculas no início de cada palavra para indicar que eles usam analogias transcendentais, ou "oitavas superiores," de tais sentimentos em lugar de indicar estados que são diretamente comparáveis àqueles de nossa vida do dia-a-dia. Essa é uma prática bem conhecida constante dos escritos dos pacientes de psiquiatras que tiveram revelações incomuns a respeito de assuntos transcendentais e lutaram para descrever o que lhes aconteceu.

Os relatos das pessoas que em seus estados holotrópicos de consciências tiveram insights da "motivação" do princípio divino criativo para gerar mundos experimentais contêm algumas contradições interessantes. Uma categoria importante desses insights enfatiza os recursos fantásticos e as capacidades inconcebíveis da Consciência Absoluta. Outro grupo de revelações sugere que, no processo criativo, a Consciência Absoluta procura algo que está faltando e do qual sente falta em seu estado primitivo original. A partir de uma perspectiva comum, essas duas categorias de insights parece contradizer uma à outra. Nos estados holotrópicos, tal conflito desaparece e as duas categorias podem coexistir.

A Cornucópia Divina

O impulso criador é freqüentemente descrito como uma força elemental que reflete uma riqueza e uma abundância internas inimagináveis do Divino. A fonte criativa cósmica é tão imensa e inundada com possibilidades ilimitadas que não pode conter a si mesma e tem que exprimir seu potencial total oculto. A experiência dessa qualidade da Consciência Absoluta é algumas vezes igualada a um *close* de um processo termonuclear do sol, o princípio doador de vida e fonte de energia do nosso planeta. As pessoas que tiveram essa experiência perceberam que o sol é a expressão mais próxima do divino que podemos experimentar no mundo material e então entendem por que algumas culturas adoram o sol como Deus.

Entretanto, elas usualmente enfatizam que tal similitude não deve ser tomada muito ao pé da letra, desde que existem muitas diferenças importantes entre o sol como um corpo celeste e o Sol Cósmico, o princípio criativo responsável pela criação. O sol físico contribui apenas com a energia necessária aos processos da existência, enquanto a fonte divina também provê o Logos para a criação – sua ordem, formas, e sentido. Ainda assim, em nossa vida do dia-a-dia, observar o sol parece ser o que mais se aproxima da experiência da fonte divina da criação que se revela a si mesma nos estados holotrópicos.

Outras descrições enfatizam o desejo imenso da Mente Universal em conhecer a si mesma e em explorar e experimentar todo o seu potencial. Isso só pode ser feito pela exteriorização e manifestação de todas as suas possibilidades latentes na forma de um ato criativo concreto. Requer a polarização em sujeito e objeto, em observador e objeto observado. Esses insights são reminiscências do modo como a criação se processa descrito em certos textos cabalistas, segundo os quais havia um estado anterior de não-existência, no qual "A Face não mirava a Face." Semelhantemente, o grande místico persa Jalāluddīn Rūmī escreveu: "Eu era um Tesouro Oculto, e então eu quis ser conhecido... criei o todo do universo, e a meta em tudo o que existe nele é manifestar a Mim mesmo" (Hines 1996).

As dimensões importantes adicionais do processo criativo que são freqüentemente enfatizadas são a jocosidade, auto-deleite e humor cósmico do Criador. Esses são elementos que melhor foram descritos nos textos antigos indianos que se referem ao universo e a existência como sendo *līlā*, ou Divertimento Divino. De acordo com essa visão, a criação é um jogo cósmico intrincado, infinitamente complexo, que a Divindade, Brahman, cria a partir de si mesmo e dentro de si mesmo. Ele é o dramaturgo que concebeu o jogo, sendo também o produtor, o diretor, como também todos os atores que desempenham os incontáveis miríades de papéis envolvidos. Esse jogo dos jogos cósmicos é encenado em muitas dimensões, em muitos níveis, e em escalas inimagináveis.

A criação pode também ser vista como um experimento colossal que expressa a imensa curiosidade da Consciência Absoluta, uma paixão que é análoga à fascinação de um(a) cientista que dedica a sua vida à exploração e à pesquisa. Entretanto, a experimentação cósmica é naturalmente infinitamente mais complexa que qualquer esforço coletivo de todos os cientistas do mundo possam possivelmente conceber. Todas as fascinantes descobertas da ciência que se estendem profundamente no microcosmo e nos mais remotos lugares do universo mal arranham a superfície do enigma inescrutável da existência. A ciência, como a conhecemos, apenas explora de modos sempre mais refinados a natureza e o conteúdo dos produtos finais da criação, mas nada revela a respeito dos processos misteriosos subjacentes responsáveis pelo seu surgimento.

As questões que emergem repetidamente dos estados não ordinários é o grau de controle que o Divino tem dos processos criativos. Esse era um problema com o qual Albert Einstein sempre lutou. Eis como ele próprio referiu-se a respeito de tal assunto: "O que realmente me interessa é se Deus teve alguma escolha na criação do mundo." As respostas das pessoas que atingiram tal nível de insight não são unânimes. Algumas vezes parece que a Consciência Absoluta controla em sua totalidade os processos da criação em todos os seus mínimos detalhes. Nesse caso, algumas

surpresas no jogo cósmico ocorrem apenas para os protagonistas individuais. Elas são devidas à súbita retirada do véu da ignorância e com isso são revelados aspectos significantes do conhecimento divino que estavam previamente ocultos para eles.

Ocasionalmente, as pessoas que experimentam estados holotrópicos tornam-se conscientes de alguma alternativa significativa em tal cenário. Elas vêem a possibilidade de serem claramente definidos apenas os parâmetros básicos da criação, mas o resultado final em detalhe permanece imprevisível mesmo para o Divino. Tal modelo do jogo cósmico pode ser comparado com um caleidoscópio ou com um jogo de xadrez. O inventor do caleidoscópio obviamente percebeu que girando um tubo contendo espelhos convenientemente dispostos e pedacinhos coloridos de vidro produziria arranjos de lindas imagens dinâmicas. Entretanto, não seria possível para ele ou para ela prever todas as combinações e constelações possíveis que iriam surgir na montagem de tal esquema.

Similarmente, o inventor do xadrez poderia ver o potencial geral do jogo a ser disputado num tabuleiro de 64 quadradinhos pretos e brancos com figuras com papéis e movimentos especificamente definidos. Mesmo assim seria absolutamente impossível antecipar todas as infinitas possibilidades de situações específicas que eventualmente podem resultar do jogar xadrez. Naturalmente, a complexidade da criação é infinitamente maior que aquela do caleidoscópio ou do jogo de xadrez. Embora a inteligência da Consciência Absoluta seja imensa, é concebível que o desenrolar do drama cósmico possa fugir de seu controle e produzir surpresas genuínas.

Isso está intimamente ligado à questão de nosso próprio papel no drama cósmico. Se o texto geral universal está escrito pelo Divino em todos os seus detalhes, isso não nos deixa como atores individuais nenhuma possibilidade de participação ativa na criação. O melhor que podemos fazer é despertarmos para o fato de que no passado nossas vidas foram inautênticas porque estávamos desinformados a respeito dos aspectos críticos da existência e sobre nossa própria natureza. Entretanto, se determinados acontecimentos são imprevisíveis mesmo para a Divindade, várias tendências indesejáveis, tais como a crise corrente global, podem exigir nossa assistência. Nesse caso, nós poderemos realmente nos tornar atores verdadeiramente ativos e parceiros de valor da Consciência Absoluta na peça divina.

Algumas pessoas que tiveram experiências com insights dos “motivos” da criação também enfatizam o lado estético. Em nossa vida do dia-a-dia, nós frequentemente ficamos enlevados pelas belezas inerentes do universo e da natureza, bem como por aqueles aspectos da criação que são intermediados pela atividade humana, tais como esplêndidas obras de arte e de arquitetura. Nos estados holotrópicos a habilidade em apreciar o lado estético de todos os diferentes aspectos da vida e da existência é grandemente realçada. Quando “estão limpas as portas da percepção,” – usando-se uma expressão de William Blake – é difícil deixar de perceber a estonteante beleza da criação. A partir de tal perspectiva, o universo em que vivemos e todas as realidades que experimentamos em outras dimensões também parecem ser as mais belas obras de arte possíveis e o impulso para criá-las pode ser igualado à inspiração e paixão criadora de um artista supremo.

O Anseio Divino

Como mencionei anteriormente, algumas vezes os insights referentes às forças que subjazem a criação revelam “motivos” que possuem uma qualidade diferente e até mesmo parecem estar em conflito com aqueles descritos acima. Eles não refletem uma abundância transbordante, nem riqueza, nem auto suficiência máxima, e domínio do princípio criativo cósmico, mas um certo sentido de deficiência, necessidade ou carência. Por exemplo, é possível descobrir que, a despeito da imensidão e perfeição do estado de ser, a Consciência Absoluta percebe que é só. Essa Solidão encontra sua expressão num anseio abismal pela parceria, comunicação, e pelo repartir – uma espécie de Anseio Divino. A mais poderosa força atrás da criação é então descrita como a necessidade do princípio criativo de dar e receber Amor.

Outra dimensão crítica do processo criativo que ocasionalmente tem sido relatada nessa categoria parece ser o anseio primordial da fonte divina pela experiência do mundo material tangível. De acordo com tais insights, o Espírito tem um profundo desejo de experimentar o que é oposto e contrário à sua própria natureza. Ele quer explorar todas as qualidades que não possuía em sua natureza primeva e se tornar em tudo que ainda não é. Sendo eterno, infinito, ilimitado, e etéreo, sente anelo pelo efêmero, impermanente, limitado pelo tempo e pelo espaço, sólido, e corpóreo. Essa relação dinâmica entre o espírito e a matéria foi retratada na mitologia azteca como a tensão entre duas divindades – Tezcatlipoca (Espelho Fumante) simbolizando a matéria e Quetzalcoatl (Serpente Emplumada) representando o espírito. Uma bela ilustração dessa dança cósmica dessas duas divindades pode ser encontrada na coleção azteca de telas chamada Códice de Borbonicus.

A compreensão do papel ativo da consciência na criação não é necessariamente limitado à religião, filosofia, e mitologia. Segundo os físicos modernos, o ato da observação consciente muda a probabilidade de certos eventos tornarem-se realidade, participando então da criação da realidade material. Em uma de suas palestras em que explorou as implicações filosóficas e espirituais na física quântica relativista, o físico Fred Alan Wolf referiu-se ao papel ativo que a consciência desempenha na criação do mundo material. Ele especulou a respeito do mecanismo subjacente ao processo e sugeriu que a razão última para a criação do mundo material poderia ser a inclinação da consciência e do espírito para a experiência da materialidade. Na vida do dia-a-dia, esse anseio do espírito pela matéria poderia ser a raiz mais profunda de nossas humanas inclinações e vinculações.

Outro “motivo” importante para a criação que é ocasionalmente mencionado é o elemento monotonia. Apesar de tão imensa e gloriosa a experiência do Divino possa parecer sob a perspectiva humana, para o Divino ela seria sempre a mesma e, nesse sentido, monótona. A criação poderia ser então vista como um esforço titânico para exprimir um anseio transcendental para a mudança, ação, movimento, e surpresa. As incontáveis realidades experimentais em várias dimensões diferentes e em muitos níveis diferentes oferecem infinitos números de oportunidades para aventuras da consciência bem como auto entretenimento divinos. A quantidade extrema de descrições que retratam a criação como um ato destinado a sobrepujar a monotonia da Consciência Absoluta não diferenciada referem até mesmo a um Tédio Cósmico.

Isso novamente reflete algumas passagens de textos cabalísticos medievais que descrevem o afastar do tédio como sendo uma das razões pelas quais Deus criou o universo.

A criação de vários mundos fenomenológicos também torna possível para a Consciência Absoluta fugir do intolerável Aqui e Agora Eternos para a confortável e previsível experiência do tempo linear, espaço limitado, e impermanência. Isso seria então o polo oposto e a imagem negativa refletida num espelho do medo humano da morte e da impermanência que subjaz em nosso profundo anelo pela imortalidade e pela transcendência. Para as pessoas que tiveram essa experiência, a ameaça de extinção da consciência pode ser permanentemente substituída pela percepção de que em última análise não existe nenhuma saída fora da consciência.

Todos aqueles que tiveram a sorte de experimentar tais insights profundos do laboratório cósmico da criação parecem estar de acordo de que nada do que possa ser dito a respeito desse nível da realidade pode, de alguma maneira, fazer justiça ao que eles testemunharam. O impulso monumental de proporções inimagináveis que é responsável pela criação dos mundos fenomenológicos parece conter todos os elementos acima referidos, embora contraditórios e paradoxais possam eles parecer para o senso comum e sensibilidade do nosso dia-a-dia, e muito mais ainda. É claro que, a despeito de todos os nossos esforços para compreender e descrever a criação, a natureza do princípio criativo e do processo da criação permanecem envoltos num mistério insondável.

A Dinâmica do Processo Criativo

Além das revelações a respeito das "razões" da criação (o "porquê" da criação), as experiências dos estados holotrópicos freqüentemente trazem insights luminosos da dinâmica e dos mecanismos específicos do processo criativo (o "como" da criação). Esses estão relacionados à "tecnologia da consciência" que geram experiências com características sensoriais diferentes e que, pela sua orquestração segundo caminhos sistemáticos e coerentes, cria realidades virtuais. Embora a descrição de tais insights varia no que diz respeito aos detalhes, linguagem e metáforas usadas para os ilustrar, eles tipicamente distinguem dois processos interrelacionados e mutuamente complementares que estão envolvidos na criação dos mundos fenomenológicos.

O primeiro deles é a atividade que separa a unidade indiferenciada da Consciência Absoluta num número sempre crescente de unidades derivadas de consciência. A mente Universal engaja-se numa peça criativa que envolve complicadas seqüências de divisões, fragmentações e diferenciações. Isso finalmente resulta em mundos experimentais que contêm inumeráveis entidades separadas que são dotadas de formas específicas de consciência que possuem auto percepção seletiva. Parece existir uma concordância geral que essas entidades são geradas pela divisão e subdivisão múltiplas do campo da consciência originalmente integral.

O Divino então nada cria fora de si mesmo, mas cria pela transformação dentro do campo do seu próprio ser.

O segundo elemento importante no processo criativo é a forma única do "fracionamento" ou "tela cósmica" de isolamento, através do qual as entidades filiais de consciência gradual e progressivamente perdem o contato com sua fonte original e cada vez percebem menos qual é a sua natureza primordial. Também desenvolvem um senso de identidade individual e separatividade absoluta uma das outras. Nos estágios finais desse processo, telas intangíveis mas relativamente impermeáveis passam a existir entre tais unidades projetadas para fora e também entre cada uma delas e a fonte indiferenciada ou Consciência Absoluta. É importante enfatizar que esse sentimento de separatividade é puramente subjetivo e ilusório a não mais poder. Em um nível mais profundo, a unidade indiferenciada e integral continua a subsistir em toda a criação.

Os termos "fracionamento" e "tela cósmica" não são muito apropriados nesse contexto, desde que sugerem a separação mecânica de elementos e o fracionamento do todo em suas partes. Tais imagens concretas são muito mais convenientes para as artes de trabalhar os diversos materiais, tais como carpintaria e artes em alvenaria, que para a dinâmica a que estou me referindo. É por isso que muitas pessoas tomam emprestada a terminologia própria da psicologia e comparam esse processo com tais mecanismos, tais como esquecimento, repressão ou dissociação. Falamos aqui sobre o fenômeno que o escritor e filósofo Alan Watts chamou de "tabu contra o conhecimento de si mesmo." De acordo com os insights de vários estados holotrópicos, as unidades projetadas de consciência não são necessariamente apenas humanas e animais, mas também plantas e elementos do mundo inorgânico, entidades desencarnadas, e seres arquetípicos.

O relacionamento entre a Consciência Absoluta e suas partes é único e complexo e não pode ser entendido nos termos do pensamento convencional e da lógica ordinária. Nosso senso comum nos diz que a parte não pode ser simultaneamente igual ao todo e que o todo, sendo uma reunião das partes, tem que ser maior que qualquer um de seus componentes. E uma vez que o todo é uma aglutinação de seus constituintes, nós deveríamos ter condições de entendê-lo pelo estudo de suas partes. Até recentemente, essa era uma das hipóteses fundamentais da ciência ocidental. Mais ainda, as partes deveriam ter uma localização específica no contexto do todo e deveria ocupar uma certa porção de seu tamanho global. Tudo isso que era afirmado a respeito do relacionamento do todo com suas partes parecia ser verdade e evidente em nossa vida do dia-a-dia, mas nenhuma dessas características e limitações aplica-se em sentido absoluto no jogo cósmico.

No tecido universal, as unidades separadas de consciência, a despeito de sua individualidade e diferenças específicas, permanecem, num outro nível, essencialmente idênticas umas das outras e idênticas à sua fonte. Elas têm uma natureza paradoxal, sendo ao mesmo tempo o todo e suas partes. As informações essenciais a respeito de cada uma delas são distribuídas no campo cósmico inteiro e elas, por seu turno, têm acesso potencial às informações a respeito de toda a criação. Isso é mais óbvio no caso dos seres humanos onde temos evidências diretas dessas relações na forma de um espectro inteiro de experiências transpessoais.

Nos estados transpessoais, temos o potencial para experimentar a nós mesmos bem como qualquer outra parte da criação, e também experimentar o próprio princípio criativo. O mesmo é verdade para outras pessoas que podem experimentar a si mesmas bem como qualquer outra pessoa ou qualquer outra coisa, inclusive nós mesmos. Nesse sentido, cada ser humano não é apenas uma pequena parte constitutiva do universo, mas também o campo inteiro da criação. Tal interconexão parece existir nos reinos animal e vegetal e até mesmo no mundo inorgânico. As observações relativas à evolução das espécies e os paradoxos da física quântica certamente apontam nessa direção.

Essa situação faz lembrar as descrições encontradas nos antigos sistemas espirituais indianos, particularmente no janaísmo e no budismo Avatamsaka. De acordo com a cosmologia janaísta, o mundo da criação é um sistema infinitamente complexo de ilusórias unidades de consciência, ou *jīvas*, presas em armadilhas existentes nos diferentes aspectos e estágios do processo cósmico. Sua natureza primeva está contaminada por sua fusão com a realidade material e, particularmente, com os processos biológicos. Os janaístas associam essas *jīvas* não apenas com as formas orgânicas de vida, mas também com objetos e processos inorgânicos. Cada *jīva*, a despeito de sua aparente separatividade, permanece conectada com todas as demais e contém o conhecimento de todas elas.

O Avatamsaka Sūtra usa uma imagem poética para ilustrar essa interconexão de todas as coisas. Trata-se do famoso colar do deus védico Indra: "No céu de Indra, consta existir uma rede de pérolas, de tal modo distribuídas que se você olhar para uma delas, você vê todas as demais nela refletidas. Do mesmo modo, cada objeto do mundo não é meramente apenas ele, mas envolve cada um dos demais objetos e, de fato, é tudo o mais." Conceitos semelhantes podem ser encontrados na escola do pensamento budista, Hwa Yen, a versão chinesa do mesmo ensinamento. O Hwa Yen é uma visão holística do universo que incorpora um dos mais profundos insights da mente humana jamais alcançados. A essência dessa filosofia pode ser expressa sucintamente em poucas palavras: "Um é Um, Um é Muitos, Muitos são Um, Muitos são Muitos." O conceito da interpenetração cósmica mútua característica dessa escola está belamente exemplificada na seguinte estória:

A Imperatriz Wu, que tinha dificuldades em entender a complexidade da filosofia Hwa Yen, pediu a Fa Tsang, um dos fundadores da escola, para lhe dar uma demonstração prática simples da interconexão cósmica. Fa Tsang levou-a até um amplo hall cujo interior – paredes, teto e soalho – estava coberto de espelhos. Inicialmente ele acendeu uma vela no meio desse hall e prendeu-a no teto. No mesmo instante eles ficaram rodeados por miríade de velas acesas de tamanhos diferentes atingindo o infinito. Esse foi o modo como Fa Tsang ilustrou o relacionamento do Um com os muitos.

Ele depois colocou no centro do hall um pequeno cristal com muitas facetas. Tudo ao redor do cristal, incluídas todas as incontáveis imagens da vela, ficou então reunido e refletido no pequeno interior da pedra brilhante. Desse modo, Fa Tsang foi capaz de demonstrar como na Realidade Última o infinitamente pequeno contém o infinitamente grande e o infinitamente grande, o infinitamente pequeno, sem nenhuma obstrução. Tendo feito isso, ele destacou que aquele modelo estático era realmente muito limitado e imperfeito. Ele não tinha como capturar o movimento

perpétuo e multidimensional do universo e a interpenetração mútua desimpedida do Tempo e da Eternidade, bem como o passado, o presente e o futuro.

Metáforas para a Criação

As pessoas que vislumbraram nos estados holotrópicos a dinâmica do processo criativo cósmico e tentaram descrever seus insights freqüentemente ficam sem meios de fazê-lo por falta de adequadas expressões verbais. Elas tendem a lançar mão de várias imagens simbólicas, metáforas, e símiles da vida do dia-a-dia, na esperança de que isso irá ajudar na ilustração de algumas experiências e idéias que tentam comunicar. Eu irei usar a mesma abordagem na descrição a seguir, referente ao processo criativo, usando como ilustração imagens retiradas da circulação da água na natureza. As referências aos fenômenos naturais são particularmente freqüentes nos relatos de sessões contendo visões cosmológicas.

Antes do início da criação, a Consciência Cósmica era um campo indiferenciado sem limites com um potencial criativo imenso. Em seu interior, a criação começa como um ondular, um distúrbio da unidade original, que manifesta-se como um alegre imaginar, imaginar sobre várias formas. No início, as entidades criadas mantêm seu contato com a fonte e existe apenas a tentativa, incompleta e relativa de separação. Usando a metáfora da água, a unidade original indivisa da Consciência Absoluta teria a forma de um profundo e calmo oceano de magnitude inimaginável. A imagem que melhor pode ilustrar o estágio inicial do processo da criação é a formação de ondas na superfície do oceano.

De certo ponto de vista, as ondas podem ser vistas e referidas como entidades individuais e separadas. Por exemplo, é possível falar sobre uma onda grande, rápida e verde, ou de uma onda que é boa ou perigosa para os surfistas. Ao mesmo tempo, é bastante claro que, a despeito de sua individualidade relativa, a onda é também parte integral do oceano. A diferenciação entre onda e oceano é jocosa, ilusória e incompleta. Uma brisa repentina pode formar ondas na superfície do oceano e quando o vento pára de soprar, as ondas reassumem sua inteira identidade original com o oceano.

No estágio até agora descrito, a fonte criativa gera imagens diferentes de si mesma, mas essas retêm a conexão com a fonte e a percepção de sua identidade essencial com a mesma. A criação genuína exige que seus produtos se tornem separados e claramente distinguíveis da matriz criadora. Ela inicia-se em verdadeiro sentido apenas quando a conexão com a fonte é rompida, estabelecendo-se então uma identidade separada. Isso pode primeiramente ocorrer por apenas um instante fugidio. A imagem metafórica correspondente poderia ser aquela da onda desfazendo-se ao vento ou na praia. Se um corpo compacto de água explode em milhares de gotículas, elas assumem por um instante uma identidade separada e uma existência

independente, enquanto voam pelo ar. Essa situação dura apenas um tempo bem curto, até que elas caem de volta e reúnem-se ao oceano.

Na fase seguinte, a separação é muito mais definida e as unidades projetadas da consciência assumem sua identidade individual e independente por um tempo considerável. Isso é o início do fracionamento, do estabelecimento da "tela cósmica" ou da dissociação e esquecimento cósmico. A unidade original com a fonte é temporariamente perdida e a identidade divina esquecida. O símile metafórico de tal situação poderia ser a água da maré que fica retida numa poça ou num rebaixo rochoso quando a água recua na maré baixa. Esse desenvolvimento envolve uma separação duradoura entre a água mãe no oceano e a água na poça. Ainda assim durante a próxima maré alta a união será restabelecida e a massa separada de água retornará à fonte.

A continuidade do processo de individualização resulta numa situação na qual a separação é completa, convincente e aparentemente definitiva. Ocorre uma metamorfose radical e as unidades projetadas de consciência assumem uma nova identidade, bastante diferente da anterior. A unidade inicial é obscurecida e ocultada, mas não é perdida completamente. Esse estágio da criação pode ser ilustrado por uma massa de água que deixa o oceano em forma de vapor e vai formar uma nuvem. Antes de se tornar numa nuvem, a água sofre uma profunda transformação. A nova entidade agora tem uma forma característica e específica bem como vida própria. Ainda assim as gotículas de água que podem formar-se na nuvem revelam a fonte e origem desse novo fenômeno. Elas podem facilmente condensar-se, precipitarem-se e iniciar sua volta para reunir-se com o oceano na forma de chuva.

Na fase final, a separação é completa e a ligação com a fonte parece definitivamente perdida. A transformação é radical, é total, e a identidade original esquecida. A forma dessa nova unidade é distinta, muito complexa e solidificada. Ao mesmo tempo, o processo de divisões múltiplas avançou e a consciência da nova entidade parece representar somente uma parte infinitesimal do todo. Um bom exemplo desse estágio é o floco de neve que cristalizou na nuvem proveniente da água que evaporou do oceano. O floco de neve representa apenas um fragmento infinitesimal da massa de água do oceano e possui uma forma individual e uma estrutura específicas. Os incríveis arranjos de formas que os flocos de neve assumem é uma boa ilustração da riqueza da criação que caracterizam o mundo fenomenológico. O floco de neve mostra muito pouca semelhança com sua fonte e para que ele tenha condição de reunir-se a ela, terá que sofrer mudanças fundamentais em sua estrutura e perder sua identidade.

Poderíamos dar um passo mais além e pensar num bloco de gelo. Nesse caso, a água é tão radicalmente transmutada e tão diferente da forma original que nós não teríamos condições de reconhecer sua identidade com a água se não tivéssemos o conhecimento intelectual do processo de congelamento e seus efeitos. Em agudo contraste com a água, o gelo é denso, sólido, duro e rígido. Como o floco de neve, para retornar à sua condição original aquática, ele tem que sofrer um aniquilamento completo e perder o que parecem ser suas características essenciais.

Imagens similares igualando vários aspectos da criação à água podem ser encontradas na literatura mística de todas as idades. Eis como Rūmī descreve o

Divino e sua ação: "Este é o Oceano do Um, onde não existe nenhum companheiro ou consorte. Suas pérolas e seus peixes nada mais são que ondas...O Espírito é verdadeiramente e para sempre um; mas suas manifestações nos diferentes planos da criação são diferentes. Do mesmo modo que o gelo, a água e o vapor não são três coisas mas apenas três formas da mesma coisa, similarmente o Espírito é um, mas suas formas são muitas. Nos reinos verdadeiramente transcendentais, ele subsiste como uma entidade extremamente tênue e sutil; mas ao descermos em direção a regiões menos sutis, o mesmo Espírito também adquire formas menos sutis."

Na situação extrema, a fonte não apenas é esquecida e perdida, mas sua existência é negada. Seria difícil encontrar uma imagem adequada para esse estágio da criação na circulação da água na natureza. O melhor exemplo desse estágio é o ateísmo. Eis como uma das pessoas com quem trabalhei viu o dilema do ateu num estado holotrópico de consciência:

O ateu representa a mais alta expressão do humor cósmico. Ele é uma unidade projetada de consciência que dedica sua existência temporária a uma batalha tragicômica com uma finalidade claramente inatingível. Ele insiste e está determinado a provar que o universo e ele mesmo representam apenas uma aglutinação accidental da matéria e que não existe um criador. O ateu esqueceu-se completamente que ele ou ela é de origem divina, ele não acredita na existência de Deus, e pode até mesmo atacar violenta e apaixonadamente todos os que acreditam. Sri Aurobino descreveu um ateu como "Deus brincando de pegador consigo mesmo."

Além das imagens usadas acima, o ciclo completo da circulação da água na natureza é freqüentemente utilizado em sua totalidade para ilustrar o caráter do processo cósmico. Dependendo das condições climáticas, o oceano apresenta um belo e intrincado show de imagens que representa todo um mundo em sua própria prerrogativa. A água do oceano evapora e forma as nuvens, as quais, por seu turno, têm sua própria e rica dinâmica, interna e externa. A água das nuvens precipitam-se e retornam à terra em forma de chuva, granizo ou neve. Esse é o início do caminho para o retorno à fonte. A neve ou o granizo derretem-se e as gotas de água se unem em filetes d'água e esses formam os córregos, riachos e grandes rios. Após múltiplas confluências, aquela massa de água atinge o oceano e reúne-se com a fonte original.

O Macrocosmo e o Microcosmo: Como em Cima, Como em Baixo

Outra área da vida do dia-a-dia que fornece imagens adequadas à ilustração do processo criativo é a biologia, particularmente no relacionamento que existe entre as células, tecidos, órgãos e o organismo como um todo, de um lado, e organismos, espécies e ecossistemas do outro. Tal situação pode ser usada para demonstrar como no processo criativo as várias unidades de consciência são indivíduos autônomos em sua própria prerrogativa, como também partes de um todo maior e, em última análise, da fábrica inteira do cosmo.

As células são estruturalmente entidades separadas, mas funcionam como constituintes integrais de tecidos e órgãos. Por seus turnos, os tecidos e órgãos são formas individuais de grau cada vez maiores, mas que também têm papéis significativos como partes do organismo inteiro. O ovo fertilizado num certo sentido contém o organismo inteiro e o desenvolvimento embrionário é um desdobramento de seu potencial interno. Similarmente, o carvalho pode ser visto com uma bolota desdobrada.

Podemos também seguir por esse caminho em sentido contrário, aprofundando-se no microcosmo. As células contêm as organelas, que são feitas de moléculas, as quais, por sua vez, são compostas de átomos. Os átomos subdividem-se em partículas subatômicas e essas, por seu turno, subdividem-se em quarks correntemente considerados os menores constituintes da matéria. Em nenhum dos exemplos supra podem as partes ser consideradas como entidades separadas independentes dos sistemas dos quais são constituintes. Elas fazem sentido apenas no contexto de conjuntos cada vez maiores, até à totalidade da criação.

O corpo humano desenvolve-se a partir de uma simples fonte indiferenciada, o ovo fertilizado, através de uma seqüência complexa de divisões das quais resultam um imenso número de células altamente diversificadas e especializadas. Em sua forma final ele possui um arranjo hierárquico definido, no qual cada parte é um todo integral. Um complexo sistema de normas biológicas e neurais que transcendem as fronteiras anatômicas em todos os níveis, garante o funcionamento unificado das partes constituintes. Além disso, cada célula abriga um conjunto de cromossomas contendo informações genéticas a respeito de todo o organismo. A engenharia genética, uma ciência que está dando seus primeiros passos, já tem condições de criar um clone a partir do núcleo de uma única célula; o clone é uma réplica exata do organismo paterno. A informação sobre todo o organismo é assim contida em cada uma de suas partes de tal modo que torna a comparação com o processo criativo cósmico, antes descrito, muito apropriada.

Na visão do mundo pela ciência tântrica, o relacionamento entre o cosmo e o organismo humano não é visto como simples metáfora ou um auxiliar conceitual. Os antigos textos tântricos sugerem que o corpo humano é literalmente um microcosmo que reflete e contém todo o macrocosmo. Se alguém pudesse explorar minuciosamente todo o seu corpo e sua psique, isso resultaria no conhecimento de todos os mundos fenomenológicos (Mookerjee e Khana 1977). Isso é representado graficamente no Purushakāra Yantra, a imagem da Pessoa Cósmica. Nessa figura, o mundo material no qual vivemos é situado na área da barriga; as partes superiores do corpo e a cabeça contêm os diferentes reinos celestiais, sendo que a barriga e as pernas abrigam os mundos inferiores.

Buda descrevia o relacionamento entre o corpo e o mundo com estas palavras: "Em verdade eu digo para vocês que dentro deste escrutínio profundo do corpo está o mundo e a criação do mundo e o cessar do mundo." Na Cabala, os dez Sefiotes, princípios arquetípicos representativos dos vários estágios da emanção divina, são vistos como o corpo divino do Adam Kadmon com a cabeça, braços, pernas e órgãos sexuais. O corpo humano é uma réplica em miniatura dessa forma primordial. Conceitos similares podem também ser encontrados no gnosticismo, na tradição hermética e em outros sistemas esotéricos.

Essa profunda conexão entre o organismo individual humano e o cosmo sugerida por várias tradições esotéricas tem sido expressa no famosa declaração "Como Acima, assim é Abaixo" ou "Como Fora, assim é Dentro." As observações da moderna pesquisa da consciência têm derramado nova luz sobre esse antigo conceito místico, que parece bastante disparatado do ponto de vista da ciência materialista. A psicologia transpessoal tem descoberto que em estados holotrópicos é possível identificar experimentalmente o passado e o presente, bem como vários outros aspectos de outras dimensões da realidade, quase como se fosse um aspecto qualquer da realidade física. Ela tem confirmado que o cosmo inteiro está, de maneira misteriosa, codificado na psique de cada um de nós e se torna acessível na exploração profunda e sistemática de nós mesmos.

A discussão dos arranjos hierárquicos do universo pode também ser estendida além das fronteiras do organismo individual, desde que cada forma de vida constitui uma parte de um sistema ou grupo maior. Os animais formam colônias, cardumes, rebanhos, e manadas, e pertencem a famílias e espécies. Os humanos são partes de uma família, clã, tribo, cultura, nação, gênero, raça, e assim por diante. Os organismos vivos – plantas, animais, e humanos – pertencem aos vários ecossistemas que se desenvolveram dentro da biosfera de nosso planeta. Na estrutura dinâmica complexa do universo, cada parte constituinte é uma entidade separada, bem como um membro de um todo maior. A individualidade e a participação em um contexto mais amplo são dialeticamente combinadas e integradas.

A Parte e o Todo

O novo relacionamento que a ciência moderna descobriu entre o todo e suas partes foi explorado e sistematicamente descrito pelo escritor e filósofo inglês Arthur Koestler. Em seu livro *Janus*, nome do deus romano de duas faces, Koestler cunhou o termo *holon*, refletindo o fato de que tudo no universo é simultaneamente o todo e uma parte. A raiz dessa palavra, *hol-*, sugere totalidade e integridade (do grego *holos* = o todo) e o sufixo *-on*, usado costumeiramente no nome de partículas elementares, denota parte ou constituinte. Os holons são entidades com a face de Janus nos níveis intermediários de qualquer hierarquia, que podem ser descritos ou como o todo ou como partes, dependendo do modo com que são examinados, se "de baixo" ou "de cima" (Koestler 1978). O conceito dos holons foi recentemente ampliado de um modo altamente criativo e sofisticado por Ken Wilber (1995).

Os holons podem ser unidos em aglomerados mais amplos. As bactérias, por exemplo, podem formar uma cultura e as estrelas podem ser aglutinadas em galáxias. Esses são holons sociais compreendendo elementos da mesma ordem. Os holons podem também criar holons emergentes de uma ordem superior. O átomos de hidrogênio e oxigênio podem combinar formando moléculas de água, as macro moléculas podem formar células, e as células podem ser agrupadas formando organismos multicelulares. Esses são exemplos de holons de ordens cada vez maiores. O que é importante para o ponto de vista de nossa discussão é que nos

estados holotrópicos todos os diferentes holons, seja individual seja coletivamente, têm estados subjetivos correspondentes. Esses estados tornam possível nos identificarmos experimentalmente, de modo muito autêntico e convincente, com qualquer aspecto da existência, os quais, em nosso estado ordinário de consciência do dia-a-dia, percebemos como objetos separados de nós.

Nós temos assim condições de experimentar a identificação consciente com átomos, moléculas, ou com células específicas do corpo, seja como indivíduos seja como aglomerados. Além de nos identificarmos com outro ser humano qualquer, podemos também experimentar uma identificação com grupos humanos inteiros, como por exemplo, o grupo de todas as mães, ou soldados, ou cristãos do mundo. Nós podemos divisar um único lobo ou uma alcatéia e observá-los como objetos. Além disso, poderemos também nos identificar experimentalmente com um único lobo, bem como termos a consciência de sermos toda uma alcatéia ou mesmo toda a espécie existente de lobos.

Algumas das pessoas que experimentaram estados holotrópicos relataram que tiveram a experiência de identificação com um ecossistema, ou com a totalidade da vida como um fenômeno cósmico, ou então com todo o planeta Terra. Nos estados transpessoais, todos os aspectos da existência como manifestados nos diferentes níveis e domínios da realidade, podem sob certas circunstâncias tornar potencialmente disponíveis para experiências da consciência. Essa é uma observação muito importante que proporciona um suporte eficaz para o entendimento do universo e da existência como um divertimento divino da Consciência Absoluta.

O relato seguinte é um extrato de uma sessão de Kathleen, que participou do nosso programa de treinamento psicodélico para profissionais no Centro de Pesquisa Psiquiátrica de Maryland. Ele é um exemplo de experiência transpessoal que engloba toda a vida e reflete sua luta para a sobrevivência. Ele resultou num profundo sentimento de compaixão por todas as coisas vivas e num aumento dramático da consciência ecológica.

Pareceu-me estar conectada de um modo bastante profundo com a vida na Terra. Inicialmente, passei por toda uma série de identificações com cada animal das várias espécies, sendo que mais tarde minha experiência ampliava-se mais e mais. Minha identidade espalhou-se não apenas horizontalmente no espaço para incluir todas as formas de vida, mas também verticalmente no tempo. Tornei-me a árvore Darwiniana da evolução com todas as suas ramificações. Por mais inacreditável que isso possa parecer, eu experimentei-me a mim mesma como a totalidade da vida.

Eu senti a qualidade cósmica das energias e experiências envolvidas no mundo das formas vivas, a infindável curiosidade e experimentação que caracterizam a vida, e o impulso para a auto expressão e auto preservação operando em muitos níveis diferentes. Percebi que o que nós temos feito com a vida e com a Terra desde que desenvolvemos a tecnologia. Desde que a tecnologia é um auto desenvolvimento da vida, a questão crucial com que me deparei referia-se à questão da sobrevivência da vida no planeta.

É a vida um fenômeno construtivo viável ou é algo maligno que desenvolve-se no planeta contendo alguma falha fatal em seu processo de modo a condenar-se à

destruição de si mesma? Será possível que algum erro básico ocorreu quando o projeto de evolução das formas orgânicas foi originalmente estabelecido? Pode a criação de universos cometer enganos como acontece com os homens? Pareceu-me naquele momento ser tal idéia muito plausível mas também muito assustadora, algo que nunca havia passado antes por minha cabeça.

Kathleen lutou durante algum tempo com a questão de ser possível ou não que o princípio criativo pudesse conter algum engano fundamental ao fazer desabrochar a criação e ter perdido o controle total do processo. Ela concluiu que esse é provavelmente o caso e que o Divino possa necessitar da assistência dos humanos para preservar sua criação. Tendo optado por aquilo anteriormente descrito por mim como teoria da criação sob a forma de "caleidoscópio" ou de "jogo de xadrez", Kathleen decidiu tornar-se uma parceira ativa do Divino na batalha da preservação da vida. Eis o resto de seu relato:

Identificando-me com a vida, eu experimentei e explorei um espectro inteiro de forças destrutivas operando na natureza e nos seres humanos e vi suas perigosas projeções e extensões na moderna tecnologia ameaçando tornar a terra inabitável. Nesse contexto, eu tornei-me todas as incontáveis vítimas do poderio militar e modernas armas de guerra, os prisioneiros dos campos de concentração morrendo em câmaras de gás, os peixes envenenados em rios poluídos, as plantas mortas por herbicidas e insetos liquidados com spray de inseticidas.

Isso alternou-se com experiências movimentadas de crianças sorridentes, de encantadoras crianças brincando na areia, de animais recém nascidos e pássaros recém saídos de ovos existentes em ninhos cuidadosamente construídos, sábios golfinhos e baleias cruzando as águas claras como cristal dos oceanos, e belas imagens de campos e florestas. Senti profunda empatia com a vida, percepção ecológica enorme, e uma determinação real de união com as forças de preservação da vida no planeta.

Idéias semelhantes às de Koestler com relação ao holon foram expressas no século dezessete nos trabalhos do matemático e filósofo Gottfried Wilhelm von Leibniz. Em sua Monadologia, Leibniz (1951) descreveu o universo como composto de unidades elementares chamadas mônadas. Essas mônadas têm muitas características das *jīvas* dos jainas. Na visão do mundo dos jainas, como na filosofia de Leibniz, todas as informações acerca do universo inteiro podem ser deduzidas das informações contidas numa única mônada.

É interessante notar que foi de Leibniz que se originou a técnica matemática que foi o instrumento utilizado no desenvolvimento da holografia ótica, um novo campo que forneceu pela primeira vez uma base científica sólida para o conceito de interpenetração mútua. Os hologramas óticos demonstram muito claramente as relações paradoxais que existem entre as partes e o todo, inclusive a possibilidade de encontrar as informações a respeito do todo em cada uma de suas partes. É possível que ao criar os mundo dos fenômenos a Consciência Absoluta esteja usando os mesmos princípios cuja expressão material é a holografia ótica. De qualquer modo, o modelo holográfico é a melhor estrutura conceitual que temos até a presente data para o mundo dos fenômenos transpessais.

A Criação e o Mundo da Arte

Nos estados holotrópicos nós percebemos que a existência, a vida humana, e o mundo à nossa volta constituem uma fantástica aventura da consciência, um drama cósmico complexo e intrincado. Isso estabelece o paralelismo dos conceitos encontrados na literatura indiana antiga. As escrituras hindus referem-se ao divertimento cósmico do universo como *līlā* e sugere que a realidade material como a percebemos na vida do dia-a-dia é o produto de uma ilusão fundamental cósmica chamada *māyā*. Teatro, filme, e televisão são representações ilusórias da realidade, artificialmente criadas. Por essa razão, a mídia e vários outros aspectos relacionados com as atividades artísticas representam outra fonte de imagens metafóricas que as pessoas que tiveram as experiências com estados holotrópicos usam ao descrever os processos da criação.

A situação de um ator muito de perto assemelha-se ao papel que cada um de nós desempenha no drama cósmico. Enquanto no palco é desempenhado um papel, os bons atores podem num alto grau perder o contato com sua identidade real e transformarem-se nos personagens que estão representando. No final da performance, eles quase acreditam que são Otelo, Joana D'Arc, Ofélia, ou Cyrano de Bergerac. Ainda assim, a consciência de sua identidade real permanece disponível e é reassumida depois que as cortinas são abaixadas e o aplauso da platéia se cala. Num grau mais baixo, um processo similar de identificação com o personagem dramático e a perda temporária da própria identidade pode ocorrer em meio aos espectadores de um bom filme ou uma bela e bem interpretada peça teatral. As pessoas que passaram por experiências com estados holotrópicos freqüentemente sugerem que algo semelhante ocorre nos ciclos das reencarnações. No início de um novo período de vida, nós assumimos um personagem novo e um novo papel e quando chega a morte, nós retornamos a uma identidade mais fundamentada antes de assumirmos uma nova encarnação.

Particularmente interessante desse ponto de vista é a situação de um dramaturgo, porque ela pode ser usada para ilustrar a complexidade de nossa natureza e o problema do determinismo versus o livre arbítrio. Desde que qualquer fronteira no universo é totalmente arbitrária, nós não possuímos uma identidade fixa; cada um de nós é ao mesmo tempo criador e criatura. O grau de liberdade que possuímos muda dramaticamente dependendo do aspecto da criação e do nível do processo criativo com o qual nos identificamos. Isso é semelhante à situação do autor de uma peça teatral ou do filme no caso do cinema. Todos os personagens de uma peça têm sua origem na imaginação do autor e são assim inicialmente aspectos diferentes de uma única mente criativa. Com o propósito de uma encenação realista e efetiva do drama os personagens têm que ser representados como indivíduos separados.

Isso oferece ao autor uma oportunidade para uma identidade ambígua com relação à peça e seus personagens. No processo de escrever, ele ou ela tem toda a liberdade do mundo para criar e formar os personagens e determinar o curso dos eventos. Entretanto, o mesmo autor pode também decidir tornar-se um dos personagens em seu drama. William Shakespeare, por exemplo, poderia decidir desempenhar o papel de Hamlet ou Richard Wagner cantar uma parte do Tannhäuser. Em tais casos, eles

estarão num alto grau confinados e limitados ao mesmo texto que, em outro contexto e em outro nível, eles tiveram ampla liberdade de criar. De modo semelhante, cada um de nós aparece na peça divina com um papel duplo de criador e de ator. Um desempenho completo realista de nosso papel no drama cósmico requer a suspensão de nossa verdadeira identidade. Temos que esquecer nossa condição de atores e seguir o texto.

O problema da ambigüidade de nossa identidade e de nosso papel no drama cósmico requer uma palavra de cautela. Nas últimas poucas décadas esse assunto foi freqüentemente confundido e mal interpretado pelo movimento conhecido por Nova Era e pela espiritualidade popular. Nos estados holotrópicos, é possível conectar-se com um nível de consciência onde parece ser muito plausível o fato de que nós mesmos escolhemos os nossos pais e as circunstâncias de nosso nascimento. Nós podemos também experimentar um estado de consciência onde parece óbvio que nós somos em essência seres espirituais e que fizemos a livre escolha de encarnar e nos engajarmos no drama cósmico. Nós também poderemos ter uma experiência muito forte de identificação com o princípio criativo ou Deus. Todas essas experiências podem ser muito real e convincentes.

Entretanto, seria um engano muito grande retirar de tais insights qualquer conclusão referente à nossa identidade ordinária ou ao nosso *self* corporificado. Nessa forma nós certamente não tomamos nenhuma das decisões citadas. Se aplicadas ao *ego*, afirmações como "Você é Deus e criou seu universo" levam à confusão e à desorientação. Lembro-me de um workshop no Instituto Esalen em Big Sur, Califórnia, no qual o líder autoritariamente impôs a declaração acima citada aos participantes. Uma das mulheres do grupo ficou seriamente agitada, desde que ela era mãe de uma criança retardada. A declaração do líder do workshop implicava no fato de que ela havia escolhido aquela difícil situação e deliberadamente criado o problema. Isso significaria que ela, que diariamente convivia com o sofrimento da criança, era inteiramente responsável por ele. Situações desse tipo envolvem uma séria confusão de níveis e uso incorreto da lógica, que tecnicamente é chamado de "bater na tecla errada da lógica" (error in logical typing).

Seres e Reinos Arquetípicos

Podemos agora retornar à dinâmica do processo criativo cósmico tal como é revelado nos estados holotrópicos de consciência. Eu já descrevi e discuti os diferentes insights sugerindo que a Mente Universal cria realidades virtuais através de uma complexa combinação de divisões múltiplas e dissociações e esquecimento cósmico. A Consciência Absoluta projeta a si mesma em incontáveis seres individualizados os quais percebem a si mesmos como separados uns dos outros e também alienados de sua fonte. Em constantes interações dinâmicas de uns com os outros, eles geram mundos experimentais imensamente ricos. O reino material onde habitamos e com o qual estamos intimamente familiarizados parece ser apenas um desses mundos, o mais longínquo posto avançado dessa atividade criativa.

De interesse especial é o domínio que existe entre nossa realidade do dia-a-dia e a Consciência Absoluta indiferenciada. Ele é um reino mitológico que foi extensivamente estudado e descrito por C. G. Jung e seus seguidores. Diferente da realidade material, ele não está disponível à percepção sensorial ordinária; ele pode ser percebido diretamente apenas nos estados holotrópicos. Jung refere-se a ele como reino arquetípico do inconsciente coletivo. Os seres que habitam esse reino parecem ser dotados de extraordinária energia e possuem uma aura de sacralidade ou numinosidade. Por essa razão, eles são usualmente percebidos e descritos como deidades.

Os eventos que ocorrem nesse reino mítico desdobram-se numa espécie de espaço e tempo, mas espaço e tempo que não são idênticos aos que nossa experiência do dia-a-dia nos revela no mundo material. As seqüências arquetípicas não possuem uma integridade geográfica e histórica como é característica dos eventos da realidade material. Ao contrário dos acontecimentos em nosso mundo, que são como que ligados às duas coordenadas específicas de espaço e tempo, a seqüência mítica não pode ser colocada num tecido coerente de espaço ou de tempo. Enquanto é fácil localizar geograficamente a cidade de Londres ou especificar a data histórica da Revolução francesa, é impossível fazer o mesmo com o céu de Shiva ou com a batalha entre os deuses gregos do Olimpo e os Titãs. As estórias inspiradas pelo "reino da fantasia" iniciam-se usualmente com: "Era uma vez, numa terra muito distante," com a finalidade de desencorajar o ouvinte de tentar localizá-la geográfica ou historicamente como no mundo familiar do dia-a-dia.

Entretanto, a ausência de coordenadas fixas de espaço e tempo, não fazem do reino dos arquétipos ontologicamente menos real. O encontro com seres mitológicos e as visitas às paisagens míticas, como vivenciadas nos estados holotrópicos, podem ser em cada aspecto tão real como os eventos do nosso dia-a-dia, ou mesmo mais ainda. O reino dos arquétipos não é uma ficção ou fantasia ou imaginação nossa; ele tem uma existência independente própria e um alto grau de autonomia. Ao mesmo tempo, sua dinâmica parece estar intimamente conectada à realidade material e à vida humana.

Os arquétipos pertencem claramente a um mundo de ordem superior ao nosso mundo material e eles governam, formam e informam o que acontece em nossa realidade do dia-a-dia. Os insights dos estados holotrópicos de consciência referentes às conexões entre essas duas realidades são semelhantes às idéias que foram expressas em vários livros escritos pelos autores que se inspiraram na psicologia de Jung. Esses escritores mostraram que nossas personalidades, comportamentos e destinos podem ser entendidos em termos dos princípios divinos arquetípicos que operam em ou através de nosso inconsciente. (Bolen 1984, 1989) e que em nossos dramas do dia-a-dia nós agimos a partir dos vários temas mitológicos (Campbell 1972).

A experiência de Helen, uma antropóloga de 42 anos de idade, a seguir descrita, ilustra o modo como o mundo dos arquétipos é vivenciado nos estados holotrópicos de consciência e como são fornecidos os insights correspondentes.

A seqüência que relatarei a seguir foi de tal grandeza e magnificência que ainda tenho um profundo sentimento de espanto só de pensar nela. Foi a visão de um mundo que tinha algumas características em comum com a nossa realidade do dia-a-dia, embora

a quantidade de energia com que era dotada e a escala de sua existência estavam muito além de qualquer coisa que jamais poderia ter imaginado. Eu vi figuras antropomórficas esplendorosas, masculinas e femininas, vestidas magnificamente e irradiando um poder imenso. Elas lembravam as antigas descrições gregas do Monte Olimpo onde os deuses festejavam com néctar e ambrosia. Entretanto, minha experiência suplantou de muito qualquer coisa que eu previamente associara com essa imagem.

Esses seres supra humanos eram envolvidos pelo que parecia uma interação social, mas suas conversas pareciam conter uma enorme relevância. Eu senti que o que estava ocorrendo ali era algo intimamente conectado com a realidade do nosso dia-a-dia e que estava determinando os eventos no mundo material. Lembro-me de um detalhe particular bastante impressionante que serve para ilustrar essa conexão e as dimensões envolvidas. Em certo ponto, eu vi um magnífico anel no dedo de um desses seres divinos com uma gema que parecia ser a versão cósmica de um diamante. O reflexo de uma de suas facetas atingiu-me com se fora um foco de luz cegante e eu percebi que ele projetou-se em nosso mundo como uma explosão atômica.

Mais tarde eu lembrei-me de um filme a que assisti algum tempo atrás e que possui algo ligado a essa experiência. Penso que o filme chamava-se O Velocino Dourado e ele apresentava as aventuras de Jason e dos Argonautas. Os eventos desse filme desenrolavam-se em dois níveis. Um deles retratava o reino dos deuses do Olimpo, suas interações, seus afazeres, seus conflitos, seus confrontos e alianças. Cada uma dessas divindades tinha sua esfera de influência no cosmo. Os protagonistas da história eram protegidos de alguns deuses e o alvo do ódio de outros. As emoções dos deuses manifestavam-se no plano da Terra como dinâmica dos elementos naturais, mudanças súbitas de fortunas, ou encontros relevantes entre pessoas.

Em vista dessa experiência e dos insights a ela associados, eu me senti culpada com respeito ao meu orgulho científico que sempre me levou a negar a visão do mundo das culturas chamadas "primitivas", considerando-as supersticiosas e eivadas de pensamentos não racionais, mágicos. Eu percebi que isso refletia a ingenuidade de nossa sociedade com relação aos estados não ordinários de consciência. Ficou muito claro para mim que ao submetermos tais estados a sério estudo, a nossa visão materialística do mundo será drasticamente revisada. Poderemos não utilizar os termos "divindades" e "demônios", como as culturas "primitivas" e poderemos substituí-los por termos mais respeitáveis, como "figuras arquetípicas". Entretanto, uma vez familiarizados com a dimensão arquetípica, não teremos condições de ignorar ou negar sua existência e sua importância no esquema universal das coisas.

Enquanto o relato acima descreve a visão de regiões celestiais arquetípicas, outras pessoas vivenciaram visitas aos domínios habitados pelas várias criaturas das trevas, de nós conhecidas a partir das descrições mitológicas de diversas culturas, retratando infernos ou os mundos inferiores. O trecho seguinte, extraído de uma narrativa de Arnold, um professor de 40 anos de idade, é um exemplo típico de tais experiências.

A próxima seqüência levou-me aos mundo dos túneis subterrâneos e ao que me pareceu sistemas de esgoto de todas as grandes metrópoles mundiais – Nova York, Paris, Londres, Tokyo... Parecia que eu estava me tornando um conhecedor íntimo da

infra-estrutura daquelas cidades, cujas partes e aspectos eram indispensáveis à sua existência. Percebi, para minha surpresa, que existia todo um mundo ali, oculto da maioria das pessoas e geralmente inapreciado. Eu estava mergulhando cada vez mais profundamente num sistema de labirintos escuros até perceber que o domínio em que penetrava não mais pertencia ao mundo de nossa realidade do dia-a-dia.

Embora aquilo certamente parecesse com os profundos intestinos da Terra, era realmente um reino mitológico habitado por estranhas criaturas arquetípicas. Parecia para mim que eu estava vendo a infra-estrutura do cosmo, essencial para sua existência e funcionamento adequado. Como os subterrâneos das cidades, ele estava escondido e inapreciado. Ele era habitado por gigantes seres, monstruosos e infernais de formas fantásticas. Eles eram dotados de energias titânicas que lembravam os movimentos tectônicos, terremotos, e explosões vulcânicas.

Não pude deixar de sentir grande admiração por aquelas criaturas rudes vivendo suas vidas nas trevas e executando pacientemente o desagradável trabalho de fazer funcionar o motor do universo. Eles claramente deram-me boas vindas e respondiam com grande alegria aos meus cumprimentos mudos. Parecia que eles estavam acostumados a serem temidos e rejeitados e mostraram uma ânsia quase infantil por amor e aceitação.

Como essas experiências mostram, existem várias dimensões da realidade que não fazem parte do mundo fenomenológico de nossa vida do dia-a-dia. Elas parecem representar diferentes tipos e níveis de realidades experimentais, "canais cósmicos" diferentes, usando uma analogia com o mundo da TV. Nós usualmente acreditamos que o mundo material com todas as suas maravilhas e complexidades pode ser tomado ao pé da letra pelo que percebemos dele e rejeitamos a possibilidade da existência de outros domínios da realidade. Entretanto, se pensarmos sobre isso, o denso mistério da existência – o fato de que na realidade nada existe afinal e que é possível a percepção de mundos de quaisquer espécies – é tão estupendo e esmagador que torna a questão da sua natureza e daquilo que lhe é específico, algo banal, irrelevante.

De um ponto de vista mais amplo, a experiência de um belo por do sol sobre o Oceano Pacífico, a visão do *Grand Canyon*, ou o panorama do centro de Manhattan não é menos miraculosa que a do céu de Shiva ou do mundo subterrâneo dos egípcios. Se nós aceitamos a existência de um princípio supremo que tem à sua disposição a tecnologia da consciência e tenha condições de gerar experiências, o fato de que ele pode criar realidades com diversas características diferentes não apresenta nenhum problema mais sério. Isso poderia ser comparado com a tarefa de uma equipe de TV ou de cinema que disponha da tecnologia existente e produza filmes ou programas com temas mitológicos em lugar de estórias referentes à vida do cotidiano.

A Brincadeira Misteriosa do Universo

Desde que os filósofos indianos referem-se ao processo cósmico como *līlā*, ou brincadeira divina, parece apropriado ilustrar os insights dos estados holotrópicos a respeito da natureza da realidade usando a analogia com o cinema, que é a moderna versão tecnológica de um show de mágica. A intenção dos produtores de cinema é criar um fac-símile razoável, um “faz-de-conta” da realidade material. Eles usam todos os meios disponíveis necessários para atingir sua meta. É usualmente muito fácil para os espectadores imaginar que as cenas que se desenrolam na tela são eventos reais do mundo material. Em alguns exemplos, o impacto do filme sobre algum espectador pode ser tão forte que eles respondem emocionalmente como se a cena fosse real. Isso acontece a despeito do fato de tal espectador saber intelectualmente que ele está vendo nada mais que um jogo de ondas eletromagnéticas de frequências diferentes dentro de um único campo não dividido de luz.

Nos estados holotrópicos de consciência nós podemos descobrir, para nossa surpresa, que o mesmo se aplica à nossa experiência da realidade do dia-a-dia. O que parece para nós ser um mundo de objetos sólidos é um jogo de vibrações que essencialmente é vazio. Naturalmente, nossa experiência do mundo é mais rica e completa que aquela de um filme, já que ela inclui algumas dimensões que a tecnologia do cinema ainda não tem como transmitir, tais como a do tato, olfato, e sabor. Em sua famosa novela de ficção *The Brave New World*, Aldous Huxley descreve uma forma de entretenimento do futuro, as “*impressões*”, na qual são eliminados tais deficiências, sendo que o espectador não irá apenas ver e ouvir, mas também experimentar as impressões dos demais sentidos. Nas pesquisas contemporâneas no campo da realidade virtual já estão sendo experimentadas luvas especiais que enriquecem a experiência eletronicamente criada de mundos acústicos e visuais com a contribuição da dimensão tátil.

Eu descrevi antes a experiência do “divino imanente”, na qual o mundo material é percebido como uma brincadeira dinâmica da energia cósmica criativa. Essa experiência também revela a unidade indivisa subjacente ao mundo da separatividade. Ela mostra que aquilo que encontramos na vida do dia-a-dia não é constituído de indivíduos distintos e de objetos sólidos, mas aspectos integrais de um campo único de energia. Embora isso pareça um absurdo para um realista ingênuo, tal conclusão concorda inteiramente com as descobertas da física moderna. Elas indicam que aquilo que nós ordinariamente percebemos como matéria sólida é algo essencialmente vazio. A ciência do século vinte forneceu dessa maneira uma comprovação para a intrigante afirmação dos sábios hindus, que declaram ser uma ilusão de nossos sentidos a percepção do mundo como constituído de objetos materiais densos (*māyā*).

Vamos agora desenvolver a analogia entre a produção cinematográfica e a criação da realidade material com mais um passo à frente. Assistir simplesmente ao filme não nos é possível entender a totalidade do processo no qual estamos envolvidos, desde que algumas importantes respostas a respeito do que está acontecendo não constam da tela. O que vemos no filme não possui uma existência e um sentido independentes próprios. O filme é o produto de um processo muito complexo e seus estágios essenciais não estão incluídos em nossa experiência imediata ao assisti-lo. Para entender realmente os eventos que estamos testemunhando, deveremos substituir a

simples experiência de ver o filme por análise sistemática profunda do processo que o criou.

Primeiro, nós deveremos deslocar nossa atenção para fora da tela, darmos meia-volta, e descobrir a aparelhagem responsável pelas imagens ilusórias que estamos percebendo. Nós então iríamos perceber que seu componente essencial é uma poderosa fonte de luz que projeta as imagens na tela. Continuando nossa investigação, iremos descobrir a fita de celulóide em movimento que determina a forma e as cores do que estamos vendo. Essa situação é admiravelmente semelhante ao famoso símile de Platão da caverna, que ele usou em seu diálogo *A República* para descrever a natureza ilusória do mundo material.

Nesse diálogo, Platão (1961b) equipara a condição humana a uma situação na qual um grupo de indivíduos está confinado numa gruta subterrânea. Eles estão firmemente aguilhoados no chão de tal maneira que só podem olhar para a frente. Atrás desses prisioneiros existe um fogo brilhante e uma parede baixa sobre a qual estão alguns titereiros exibindo figuras humanas e de animais e também vários implementos. Os prisioneiros estão absorvidos olhando as imagens na parede, sendo esse o único aspecto da toda a situação percebido por eles. Fascinados pelo show, eles estão completamente inconscientes da verdadeira natureza do que está acontecendo.

No símile de Platão, os objetos do nosso mundo material familiar são assemelhados a sombras que são projetadas na parede da caverna por uma luz, enquanto a verdadeira natureza da realidade permanece oculta para nós. Platão também sugere que os prisioneiros da caverna acreditam que o eco dos sons que se originam atrás deles são realmente produzidos pelas sombras. No nosso exemplo do cinema, nós poderemos do mesmo modo identificar não apenas a fonte das imagens, mas também descobrir a origem do som seguindo sua pista e descobrindo a fita magnética que os produz.

Quando continuamos nossa exploração, um escrutínio mais demorado do processo de projeção irá revelar que aquilo que percebemos como movimentos suaves e contínuos realmente consistem em seqüências rápidas de bruxuleantes imagens descontínuas. Isso outra vez traça um paralelo com os insights dos estados não ordinários de consciência no que se refere à natureza da realidade. Eu tenho ouvido repetidas vezes relatos a esse respeito de pessoas que tiveram várias formas de experiências holotrópicas. Os mesmos insights podem ser encontrados nas fontes espirituais tradicionais. Por exemplo, de acordo com o budismo tibetano, a realidade é radicalmente descontínua. O mundo está constantemente existindo e desaparecendo, sendo e não sendo; sendo dissolvido e recriado de momento a outro. Similarmente, nós mesmos não temos uma existência contínua do nascimento até a morte, mas nascemos e morremos o tempo todo. Uma versão moderna e com base científica do mesmo conceito aparece na filosofia de Alfred North Whitehead (1929).

O próximo passo de nosso exame em profundidade da experiência cinematográfica nos levará inteiramente para fora da sala de projeção. Nós então descobriremos que o filme tem início como uma idéia existente na mente de alguém e que todos os processos necessários à realização do mesmo foram motivados pela intenção de concretizar a estória numa tela de cinema e transformá-la numa experiência viva

convicente. A realidade retratada no filme não tem uma existência independente própria. Ela não pode ser totalmente entendida se nós a tirarmos desse contexto amplo. A razão última da existência do filme é a intenção de fornecer um tipo específico de experiência. De acordo com os insights dos estados holotrópicos, o mesmo é verdade sobre a experiência do mundo material.

Uma pessoa ingênua, tal como uma criança ou um nativo da cultura pré-industrial que não tenha tido contato com a moderna tecnologia, poderá confundir um filme bem feito com a realidade. No futuro, os filmes holográficos com sons holográficos, televisão holográfica e a tecnologia avançada da "realidade virtual" irá tornar aquela distinção ainda mais difícil. Entretanto, mesmo no presente, a idéia de que nosso cosmo possa ser uma "realidade virtual" produzida por uma inteligência superior não parece ser tão disparatada com seria há cem ou mesmo cinquenta anos atrás.

5

Os Caminhos para a Reunião com a Fonte Cósmica

Agora estou movendo-me para trás... de volta para o Todo, a quem pertencço... que alegria por retornar... Sim, agora sei o que eu sou, o que tenho sido desde o começo, o que sempre serei... uma parte do Todo, a parte inquieta que deseja retornar, e ainda assim vive à procura de se expressar no fazer, no criar, no construir, no dar, no crescer, deixando mais do que leva, e acima de tudo deseja trazer de volta presentes de amor para o Todo... o paradoxo da unidade total e conexão com a parte. Eu conheço o Todo... eu sou o Todo... mesmo sendo uma parte eu sou a totalidade.

_ Robert Monroe, *The Ultimate Journey*

*Quem quer que desligou-se de sua fonte
Anseia por retornar àquele estado de união.*

_ Rūmī

Involução e Evolução da Consciência

O processo de criação como foi descrito nos capítulos precedentes resulta num espectro imensamente rico de entidades em muitos níveis diferentes da realidade, partindo da Consciência Absoluta indiferenciada e continuando através de ricos panteões de seres arquetípicos até incontáveis unidades individuais constituindo o mundo da matéria. Esse processo de divisões sucessivas combinado com a crescente separação e alienação representa apenas a metade do ciclo cósmico. Os insights dos estados holotrópicos revelam repetidamente outra parte do processo consistindo de eventos da consciência que refletem um movimento na direção oposta – partindo da pluralidade dos mundos e da separação em direção da dissolução das fronteiras e da mescla em totalidades cada vez maiores.

Em nome da concisão, vou referir à parte descendente do processo cósmico, representando a criação (Involução da consciência), como *hilotrópica*, ou seja, orientada em direção do mundo da matéria (do grego *hyle* = matéria, e *trepein* = movendo-se em direção de alguma coisa). De modo similar, chamo o aspecto ascendente do processo cósmico que serve de meio para o retorno à unidade indiferenciada original (evolução da consciência) de *holotrópico*, ou seja, movendo-se em direção do Todo. Como já mencionei antes, esse último termo deriva da palavra grega *holos*, significando o todo, e *trepein*, como acima, significando em “direção de alguma coisa”.

Esses insights traçam um paralelo com as descrições e discussões desses dois movimentos cósmicos descritos em vários sistemas espirituais e filosóficos. No ocidente, o fundador do Neoplatonismo, Plotinus (1991), refere-se ao processo hilotrópico como Efluxo, e o movimento holotrópico como Refluxo. De acordo com os neoplatonistas, o cosmo em todas as suas variedades de gradações hierárquicas é criado por uma divina emanção do supremo Um. Os homens têm um acesso potencial aos reinos intelectual e espiritual superiores e podem ascender à consciência da Alma do Mundo. As idéias de Plotinus tornaram-se o tema dominante de todas as escolas neoplatonistas, bem como dos escritos dos místicos cristãos e filósofos idealistas alemães. Uma síntese contemporânea muito clara das idéias referentes à Descida e à Elevação aparece no trabalho de Ken Wilber (1995).

No oriente, conceitos similares encontram sua expressão mais flexível nos escritos do filósofo e místico hindu Sri Aurobindo (1965). Aurobindo argumenta que Brahman manifesta-se como o mundo da matéria num processo que ele chama de *involução* e então progressivamente realiza um desdobramento de seus poderes latentes no curso da *evolução*. A involução é um processo de auto limitação e aumento de densidade, pelo qual a Força da Consciência universal oculta-se a si mesma através de estágios e cria planos de existência. Em seus mais longínquos avanços, assume a aparência do mundo inconsciente material. Em cada plano todos os poderes da consciência pertencentes aos planos acima dele estão envolvidos, de tal maneira que o potencial total da Força-Consciência original e universal está embrulhado e oculto mesmo no Inconsciente.

A evolução é o processo oposto, pelo qual a Força-Consciência emerge novamente do aparente Inconsciente cósmico e manifesta seus poderes ocultos. Entretanto, é importante enfatizar que a evolução de Aurobindo não é o reverso exato da involução. Ela não é uma subutilização gradual e uma rarefação plano a plano que finalmente iria conduzir a uma reabsorção de toda a criação pelo Um Imanifesto. Ela é uma

emergência gradual de poderes mais elevados da consciência no universo material conduzindo a uma manifestação ainda maior da Força-Consciência divina dentro de sua criação.

De acordo com os insights dos estados holotrópicos, o processo universal oferece não apenas um número infinito de possibilidades para se tornar uma individualidade separada, mas também uma gama igualmente rica de engenhosas oportunidades de dissolução das fronteiras e fusão que intermedia o retorno experimental à fonte. As experiências de união tornam possível às unidades individuais de consciência sobrepujar sua alienação e libertarem-se da ilusão de sua separatividade. Essa transcendência do que antes pareciam ser fronteiras intransponíveis e o resultado de reunião progressiva cria unidades experimentais cada vez mais amplas. Em seus alcances mais longínquos, esse processo dissolve todas as limitações e realiza a reunião com a Consciência Absoluta. A seqüência das fusões ocorre de muitas formas e em muitos níveis diferentes e completa o padrão cíclico geral da dança cósmica.

Variedades das Experiências de União

Embora o processo de união possa ser observado por toda parte de todos os domínios da existência, ele é particularmente rico e complexo nos seres humanos. Nesse caso ele pode também ser estudado mais direta e sistematicamente na forma das experiências transpessoais. Desafortunadamente, a psiquiatria ocidental não diferencia o misticismo da psicose e tende a tratar as experiências místicas de qualquer tipo como manifestações de doenças mentais. Eu encontrei durante minha carreira profissional muitas pessoas que eram identificadas como portadoras de patologias, que usavam tranqüilizantes, e que recebiam até mesmo tratamento por choques por terem experimentado a identificação com outras pessoas, com a natureza, com o cosmo, e com Deus.

Abraham Maslow (1964), o finado psicólogo americano que desempenhou um papel importante na fundação da psicologia tanto humanista como transpessoal, entrevistou centenas de pessoas que experimentavam estados espontâneos de união, ou "experiências de pico" como ele as chamava. Ele tinha condições de mostrar que as experiências místicas não eram algo que indicasse estados patológicos e que não pertenciam aos manuais de psiquiatria. Elas ocorrem freqüentemente com pessoas que não têm nenhum problema emocional sério e que, ao contrário, poderiam ser consideradas pessoas "normais" pelos critérios padrão da psicologia. Mais ainda, se tais experiências ocorrem num contexto adequado e forem bem integradas, elas podem trazer conseqüências muito benéficas e resultarem num melhor funcionamento, criatividade maior, e "auto-realização".

Os gatilhos mais freqüentes das experiências de união são naturais e criações dos homens de beleza ascética extraordinária. Para algumas pessoas, ele pode ser a imensidade de um céu estrelado, para outros a majestade de uma gigantesca cadeia de montanhas, ou quietude assustadora dos desertos. As pessoas ao visitarem tais

maravilhas naturais como o *Grand Canyon*, as cachoeiras gigantescas, ou alguma caverna famosa de estalagmite do mundo podem sentir-se desorientadas por sua grandeza e experimentar um êxtase místico. O oceano, com o poder elemental manifestando-se em sua superfície e o nobre silêncio de suas profundezas, é outra fonte freqüente de "experiências de pico". Similarmente, situações como contemplar um belo por do sol, a magia da aurora boreal, ou um eclipse total do sol podem disparar profundos estados de união das consciências. Entretanto, não são tais eventos de tão grande escala os únicos necessários para a inspiração de percepções místicas. Sob as condições adequadas, pode ser que algo tão "ordinário" como uma aranha tecendo a sua teia ou um beija-flor planando sobre uma flor e sugando néctar, produza o mesmo efeito.

Um efeito semelhante pode ser ocasionado pela exposição de excepcionais criações artísticas. Compositores profundamente engajados em seus trabalhos criadores, ou os músicos solistas, bem como as pessoas que fazem parte da platéia podem ocasionalmente perder suas fronteiras e literalmente mesclarem-se com a música. Eles podem ter um senso de realmente tornarem-se música, em vez de apenas ouvirem-na. Grandes dançarinos, enquanto no palco, freqüentemente atingem estados em que não mais existe diferença entre o dançarino e a dança. As catedrais góticas européias, as mesquitas muçulmanas, o Taj Mahal, ou os templos budistas, ou os templos hindus, por sua beleza monumental, têm sido instrumentos para a indução de estados místicos em muitos milhares de pessoas. Grandes esculturas, pinturas e outros objetos de arte de todas as eras e culturas podem provocar um efeito semelhante em pessoas sensíveis.

Outra área na vida do dia-a-dia que é uma fonte comum de experiências de união merece um destaque especial, já que muitos de nós provavelmente não a associamos com percepção mística. Muitos atletas proeminentes relatam que, quando de suas performances de pico, eles experimentaram estados semelhantes ao êxtase místico. Nós temos a tendência de atribuir as performances estelares em várias atividades atléticas a uma combinação de dons físicos especiais, perseverança psicológica, disciplina inflexível, e treinamento rigoroso. A estória interior de alguns dos maiores atletas do mundo revela que os próprios jogadores freqüentemente vêm a coisa de maneira diferente. Eles atribuem suas conquistas extraordinárias a estados especiais de consciência que intermediam-lhes capacidades que se avizinham do miraculoso e do sobrenatural (Murphy e White 1978). Um aspecto importante desses estados é tipicamente um sentimento de perda das limitações individuais e fusão com os vários aspectos do meio ambiente.

Parece que os êxtases místicos acionados pelas atividades esportivas tornam possível transcender as fronteiras do que usualmente consideramos ser humanamente possível. Eu testemunhei pessoalmente um incrível exemplo de tal performance extraordinária associada a um estado de união. Ela ocorreu durante um seminário de um mês de duração sobre o budismo e a psicologia ocidental que foi realizado no Instituto Esalen em Big Sur, na Califórnia. Um mestre coreano no uso da espada, ofereceu como convidado especial uma demonstração de sua arte. Ele pediu a um de seus discípulos para deitar-se na grama e colocou um guardanapo e uma enorme melancia sobre sua barriga nua. Então afastou-se cerca de 4,5 m e permaneceu por alguns minutos em quieta meditação, tendo sua cabeça coberta por um saco

fortemente amarrado, feito de tecido grosso de veludo negro, segurando nas mãos uma enorme e afiadíssima espada.

Subitamente todos os cães das redondezas começaram a uivar e o homem da espada juntou-se a eles com um grito selvagem de um guerreiro. Com uma espécie de salto mortal ele propeliu-se em direção de seu discípulo, que continuava tranqüilamente deitado na grama, e com um forte golpe de sua espada cortou a melancia sobre a barriga em duas metades. O guardanapo que estava sob a melancia mostrava um leve sinal da espada, mas o discípulo ficou incólume. Atônitos, os espectadores perguntaram como ele foi capaz de realizar um feito tão extraordinário como aquele. Todo o mundo supôs que ele de algum modo tinha como lembrar-se de tudo ao seu redor como vira antes de ter os olhos vendados. Ele sorriu e respondeu: "Não, você tem apenas que meditar e aguardar até que tudo seja um – o mestre da espada, a espada, a grama, a melancia, o discípulo – e então não existe nenhum problema!"

As experiências de uniões místicas têm sido lindamente registradas no mundo da literatura. Por exemplo, no livro de Eugene O'Neill *O Longo Dia da Viagem dentro da Noite*, Edmund fala sobre êxtases místicos que experimentou em sua conexão com o oceano:

Eu estava próximo do gurupés, de frente para a popa, vendo a água formando espumas sob mim, e o mastro com todas suas velas branqueadas pelo luar, elevando-se até lá em cima, sobre mim. Eu fiquei embevecido com a beleza e com a melodia rítmica de tudo aquilo, e por um momento perdi a mim mesmo – perdi realmente a minha vida. Eu fui libertado! Dissolvi-me no oceano, tornando-me nas velas brancas e no spray esvoaçante, tornei-me beleza e ritmo, tornei-me luar, navio, e céu suavemente iluminado pelas estrelas! Eu pertencia, sem passado nem futuro, ao interior de uma unidade inundada de paz e alegria selvagem, ao interior de algo maior que minha própria vida, ou da vida do Homem, ou da própria vida! Ou de Deus, se se quiser colocá-lo dessa forma.

E em diversas outras vezes em minha vida, quando nadava mar adentro, ou estendido sozinho na praia, tive as mesmas experiências. Tornei-me sol, areia quente, algas marinhas verdes agarradas na rocha, balançando-se na maré. Como uma santa visão beatífica. Era como se o véu das coisas tivesse sido retirado por uma mão invisível. Por um segundo, pode-se ver – e vendo o que é secreto, torna-se o secreto. Por um segundo, tudo é significativo.

Potencial de União da Morte, Sexo, e Nascimento

Embora a maioria das experiências de união ocorram em meio a situações carregadas de emoções positivas, elas também podem ocorrer sob circunstâncias altamente desfavoráveis, ameaçadoras e críticas para o indivíduo que as vivencia. Nesse caso, a consciência do ego é sobrepujada e estraçalhada em vez de dissolvida e transcendida. Isso acontece durante stress agudo ou crônico, quando ocorrem intensos sofrimentos físicos e emocionais, ou quando a integridade ou sobrevivência do corpo é seriamente ameaçada. Pessoas sob depressão profunda, causada por crise que as conduz à beira do suicídio, podem experimentar de repente uma abertura espiritual profunda e transcender seu sofrimento. Muitas outras descobrem os reinos místicos durante as

experiências de quase morte causadas por acidentes, injúrias, desastres perigosos, e intervenções cirúrgicas.

A morte, um evento que acaba com a nossa existência individual como egos encarnados, é uma interface muito lógica com o domínio transpessoal. Os eventos que conduzem à morte, ou a ela associados ou que a seguem, são uma fonte freqüente de abertura espiritual. Sofrer uma doença terminal ou então ter uma ligação íntima com pessoas que estão morrendo, principalmente se tratar-se de amigos íntimos ou de parentes, pode ativar os próprios mecanismos ligados à morte e à impermanência resultando num despertar místico. O treinamento de monges budistas tibetanos da seita dos Vajrayanas requer o contato bastante demorado com pessoas que estão morrendo. Certas tradições tântricas hindus envolvem meditação em cemitérios, em crematórios, e contato próximo com cadáveres.

Na Idade Média, os monges cristãos eram solicitados a imaginar, em suas meditações, suas próprias mortes e visualizar todos os estágios da decomposição de seus corpos até a desintegração final em cinzas. "Lembre-se da morte!", "Ao pó o que é pó!", "A morte é certa, a hora incerta!", "Assim passa a glória do mundo!", eram os motes guias de tais práticas. Isso era muito mais que indulgência mórbida a respeito da morte como alguns ocidentais poderiam pensar. Experiências de profundos encontros com a morte podem disparar estados místicos. Pela aceitação da impermanência e da nossa própria morte em um nível experimental profundo, também nós descobrimos aquela nossa parte que é transcendente e imortal.

Vários livros antigos sobre a morte oferecem detalhadas descrições de poderosas experiências espirituais que ocorrem por época da morte biológica (Grof 1994). A pesquisa moderna na área da tanatologia, ciência que estuda o morrer e a morte, tem confirmado muitos aspectos importantes desses relatos (Ring, 1982, 1985). Ela tem mostrado que aproximadamente um terço das pessoas que estiveram próximas da morte experimentam poderosos estados visionários incluindo, entre outros, uma revisão condensada da própria vida, passagem através de um túnel, encontros com seres arquetípicos, contatos com realidades transcendentais, e visões de luz divina. Em muitos exemplos, isso pode envolver "verídicas" experiências fora-do-corpo, durante as quais a consciência desencarnada percebe acuradamente o que está acontecendo em lugares próximos ou remotos. Os sobreviventes de tais situações sofrem profundas aberturas espirituais típicas, sofrem transformações pessoais, e mudanças radicais em sua escala de valores. Num projeto fascinante de pesquisa atualmente em curso, desenvolvido por Kenneth Ring (1995), estudam-se as experiências oferecidas pelos estados de quase morte em pessoas cegas de nascença, tentando-se confirmar que em situações fora-do-corpo elas são capazes de observar seu meio ambiente.

E por falar a respeito de gatilhos de experiências de união, não devemos nos esquecer de uma categoria particularmente importante – situações ligadas às funções reprodutivas dos homens. Muitas pessoas, tanto homens quanto mulheres, relatam que tiveram experiências de profundos estados místicos durante o ato sexual. Em alguns exemplos, uma intensa experiência sexual pode realmente servir de instrumento para aquilo que é descrito nos textos hindus antigos de yoga como o despertar da Kundalini, ou Poder da Serpente. Os praticantes de yoga consideram Kundalini como a energia criadora do universo que é de natureza feminina. Ela

permanece em estado potencial na área sacra do corpo sutil do homem até que seja ativada por um guru, pela prática da meditação ou por algumas outras influências. A íntima conexão que existe entre a energia espiritual e o impulso sexual representa um papel essencial na yoga Kundalini e nas práticas tântricas.

Com relação às mulheres, as situações associadas com a maternidade podem tornar-se noutra fonte significativa das experiências de união. Concebendo, carregando dentro de si e dando à luz uma criança, as mulheres participam diretamente do processo cósmico de criação. Sob circunstâncias favoráveis, a sagrada natureza dessas situações torna-se aparente e é experimentada conscientemente. Durante a gravidez, parto e amamentação, não é incomum sentir-se uma conexão mística com o feto ou com o infante e até mesmo com o mundo lá fora. Voltaremos ao relacionamento entre misticismo e a tríade nascimento/sexo/morte mais tarde neste livro.

Existem certas tecnologias de alteração mental que podem ser vistas como acionadores adicionais importantes de estados de união, facilitando e catalisando suas ocorrências. As experiências holotrópicas têm desempenhado um papel crucial na vida ritual e espiritual da humanidade e muito esforço tem sido despendido ao longo dos séculos para o desenvolvimento de mecanismos para sua indução. Fiz uma revisão sucinta na Introdução desse livro da parte relativa às "tecnologias do sagrado", antigas, nativas e modernas e os diferentes contextos em que elas têm sido usadas, desde o xamanismo com seus rituais de passagem, passando pelos mistérios da morte e renascimento, e pelas várias formas de práticas espirituais até às modernas terapias experimentais e pesquisas de consciência em laboratórios.

O Imanente e o Transcendente Divinos

Nos estados holotrópicos de consciência, sejam espontâneos ou induzidos pelas antigas e modernas técnicas de alteração da mente, é possível transcender de várias maneiras as fronteiras individuais do ego encarnado. Essas experiências nos oferecem a oportunidade de nos transformar em outras pessoas, em grupos de pessoas, em animais, plantas, ou mesmo em elementos inorgânicos da natureza e do cosmo. Nesse processo, o tempo parece não ser um obstáculo e eventos passados e futuros podem tornar-se tão facilmente disponíveis quanto qualquer coisa que esteja acontecendo no presente.

As experiências desse tipo fornecem insights muito convincentes de que todas as fronteiras do mundo material são ilusórias e que o universo inteiro como o conhecemos, em ambos os aspectos temporal e espacial, é uma rede unificada de eventos da consciência. Fica muito claro que o cosmo não é uma realidade material ordinária, mas a criação de uma energia cósmica inteligente ou *Mente Universal*. Essas experiências revelam então o "Divino imanente," *deus sive natura*, ou Deus manifestado em e como o mundo fenomenológico. Elas também descerram a verdade de que cada um de nós é essencialmente comensurável com a malha inteira da criação e com todas as suas partes.

Ao lado de tais experiências transpessoais, que mudam dramaticamente nosso entendimento da natureza da realidade material do dia-a-dia, existem outras que revelam dimensões da realidade que, ordinariamente, são inteiramente escondidas da nossa percepção. Essas categorias incluem entidades desencarnadas, várias deidades e demônios, reinos mitológicos, seres supra-humanos, e o próprio princípio criativo. Em contraste com o "Divino imanente," podemos falar aqui sobre o "Divino transcendente," desde os reinos e seres que encontramos sob tais circunstâncias não fazem parte de nossa realidade do dia-a-dia: eles pertencem a domínios e ordens diferentes da existência como a conhecemos.

As experiências desse tipo demonstram que a criação cósmica não é limitada ao nosso mundo material, mas manifesta-se em muitos níveis diferentes e em muitas dimensões. Similarmente, a possibilidade de experiências de união não está confinada ao mundo material, mas estende-se a outros domínios. Dessa maneira nós podemos não só ver e encontrar com os habitantes das regiões arquetípicas, mas realmente fundir com eles e nos tornarmos eles. E nos mais distantes rincões que conseguirmos alcançar em nossa auto exploração experimental, poderemos encontrar o próprio princípio criativo e reconhecer nossa identidade fundamental com o mesmo.

As experiências do Divino imanente revelam a natureza sagrada da realidade do dia-a-dia e a unicidade subjacente ao mundo da matéria, o qual para um observador ingênuo parece ser feito de objetos separados uns dos outros. Pela percepção de que todas as barreiras dentro do mundo material são arbitrarias, essas experiências tornam claro que cada um de nós é, em essência, idêntico ao campo inteiro do espaço/tempo e em última análise idêntico à própria energia criativa. Comparativamente, as experiências do transcendente Divino não apenas mostram os novos caminhos para o entendimento e percepção do mundo familiar ou da nossa vida do dia-a-dia. Ela revela a existência de dimensões da realidade que são ordinariamente, ou "transfenomenológicas," particularmente aquelas que são abundantes nas formas cósmicas primordiais ou formas padrão que C. G. Jung (1956) chamou de arquétipos.

Como já vimos antes, o mundo dos arquétipos, embora normalmente imperceptível, não é inteiramente separado da nossa realidade material do dia-a-dia. Ele é intimamente entrelaçado com ela e desempenha um papel crucial em sua criação. Desse modo, ele representa uma dimensão supra ordenada que dá forma e informa as experiências de nossa vida do dia-a-dia. O domínio arquetípico, dessa maneira, representa uma ponte entre o mundo da matéria e o campo indiferenciado da Consciência Cósmica. Por essa razão, a experiência do transcendente divino é mais que uma simples experiência com outro "canal cósmico." Ela também fornece insights do processo pelo qual a realidade material é formada; ela nos permite uma "olhadela na cozinha cósmica," como um de meus clientes de Praga denominou-a.

O jogo cósmico oferece muitas oportunidades de experiências que nos possibilitam dar uma fugida dos papéis que estamos representando no roteiro universal, reconhecer a natureza ilusória da realidade do dia-a-dia, e descobrir a possibilidade de união com a fonte. Os estados holotrópicos fornecem um entendimento de tais experiências de união que é diametralmente oposto ao que pensa a maioria dos psiquiatras. Em lugar de serem distorções da percepção correta do mundo material, causadas por processos patológicos do cérebro, essas experiências fornecem

profundos insights da natureza da realidade. Elas revelam a existência de fenômenos que representam estágios intermediários do processo criativo entre a consciência indiferenciada da Mente Universal e a experiência especificamente humana do mundo material. Pelo fato de que elas envolvem a transcendência das fronteiras individuais e expandem o senso da identidade de cada um de nós no sentido holotrópico, elas servem de marcos importantes na viagem do despertar espiritual.

O Enigma do Tempo e Espaço

Antes de encerrar nossa discussão do processo cósmico como um intrincado tecido de experiências hilo e holotrópicas, temos que discutir outro importante aspecto da criação cósmica qual seja a sua relação com o espaço e com o tempo. Quando descrevemos o processo criativo como um movimento a partir da unidade indiferenciada em direção à pluralidade, nosso condicionamento muito provavelmente irá nos conduzir a imaginar que esse processo teve que ser iniciado num local específico e se desenrolar linearmente com o tempo. Entretanto, os estágios críticos desse processo ocorrem em regiões que estão além do espaço e tempo como nós os conhecemos. Como já vimos, o princípio criativo cósmico transcende todas as distinções e polaridades, nelas incluídas o espaço e o tempo.

Em nossa vida do dia-a-dia, tudo o que encontramos tem distintas e definidas as duas coordenadas de espaço e tempo. Nossa experiência do tempo como linear e do espaço como tridimensional é muito compulsiva e convincente. Como resultado disso, nós temos a tendência a acreditar que essas características de espaço e tempo são obrigatórias e absolutas. Nas experiências holotrópicas, nós podemos descobrir que, para nossa surpresa, existem muitas outras alternativas importantes à nossa percepção e entendimento dessas duas dimensões. Em estados visionários, nós poderemos experimentar não apenas o presente, mas também o passado e, ocasionalmente até mesmo o futuro. A seqüência de eventos pode parecer que é circular, pode se desdobrar ao longo de uma trajetória em espiral ou até mesmo mover-se para trás, do presente para o passado. O tempo pode parar ou até mesmo ser concomitantemente transcendido. Nos níveis onde ocorre a criação cósmica, o passado, o presente e o futuro coexistem em vez de seguir um após o outro e, conseqüentemente, todos os estágios do processo acontecem simultaneamente.

O conceito e a experiência do espaço parecem ser igualmente arbitrários quando nos encontramos nos estados holotrópicos. Qualquer número de diferentes espaços em vários arranjos hierárquicos pode ser criado de um modo jocoso e nenhum deles parece ser mais objetivo, real e sobrevalente aos demais. A transição entre o microcosmo e o macrocosmo não ocorre obrigatoriamente de modo linear. O pequeno e o grande podem ser livremente intercambiáveis de modo randômico e caprichoso. A experiência de identificação com uma única célula pode sem nenhum esforço tornar-se numa outra que envolve toda a galáxia, e vice-versa. Essas duas dimensões podem também coexistir no espaço experimental da mesma pessoa. Conseqüentemente, o surpreendente paradoxo do finito versus infinito que nós experimentamos em nosso estado de consciência cotidiano é transcendido e deixa de existir.

Para ilustrar as complexidades de experimentar o tempo e o espaço em estados holotrópicos, irei descrever a mais extraordinária das aventuras em consciência que experimentei durante os meus quarenta anos de minhas explorações de meu interior. Ela ocorreu numa sessão psicodélica com doses altas a que me submeti no Centro Psiquiátrico de Pesquisa de Maryland logo após minha chegada nos EEUU em 1967. Eis um excerto do meu relato referente à sessão:

Em certo ponto da segunda metade de minha sessão, encontrei-me num estado mental bastante incomum. Sobreveio-me um sentimento de serenidade, bem-aventurança, e simplicidade misturado com espanto com respeito ao mistério da existência. Senti que aquilo que estava experimentando era semelhante ao que os primeiros cristãos devem ter experimentado. Aquele era um mundo onde os milagres eram possíveis, aceitáveis, e até mesmo plausíveis. Eu estava matutando a respeito do problema do espaço e do tempo e tive grande dificuldade em entender como eu jamais poderia ter acreditado que o tempo linear e o espaço tridimensional eram dimensões absolutas e prevalecentes da realidade.

Parecia para mim bastante óbvio que não existia qualquer espécie de limites no reino dos espíritos e que o tempo e o espaço eram criações arbitrárias da psique. Percebi repentinamente que eu não tinha que ficar preso às limitações do tempo e do espaço e que podia viajar no contínuo espaço/tempo bastante livremente e sem qualquer restrição. Esse sentimento era tão convincente e avassalador que eu queria testá-lo por meio de uma experiência. Decidi tentar se poderia viajar até o apartamento de meus pais em Praga, o qual estava a muitos milhares de quilômetros de distância.

Depois de determinar a direção e de considerar a distância, eu imaginei a mim mesmo voando através do espaço até ao local de meu destino. Tive a experiência de estar movendo-me através do espaço a uma enorme velocidade, mas, para meu desapontamento, eu não estava indo para lugar nenhum. Não podia entender por que o experimento não estava funcionando, desde que o sentimento de que tal viagem através do espaço era muito convincente. De repente, percebi que ainda estava sob a influência de meus velhos conceitos de tempo e espaço. Eu continuava a pensar em termos de direção e de distâncias, e iniciei a tarefa com tais premissas. Ocorreu-me que a abordagem correta seria convencer-me de que o local da minha sessão era realmente idêntico ao local de meu destino. Disse para mim mesmo: "Isso não é Baltimore, é Praga. Exatamente aqui e agora, estou no apartamento de meus pais em Praga."

Quando fiz tal abordagem, comecei a experimentar sensações peculiares e bizarras. Encontrei-me num lugar estranho, bastante congestionado com circuitos elétricos, tubo de imagem, fios, resistores, e condensadores. Após um breve período de confusão, percebi que minha consciência estava presa num aparelho de TV localizado num canto do apartamento de meus pais. Eu tentava, de algum modo, usar os auto falantes para ouvir e o tubo de imagem para ver. Depois de alguns instantes, tive que rir pois percebi que essa experiência simbolizava um embuste ridicularizando o fato de que eu era ainda prisioneiro de minhas crenças anteriores no que se refere a espaço, tempo e matéria.

O único modo de perceber as coisas distantes que eu podia conceber e aceitar era através da TV. Tais transmissões, é claro, são limitadas pela velocidade das ondas

eletromagnéticas envolvidas. No momento em que eu percebi e acreditei firmemente que minha consciência poderia transcender qualquer limitação que fosse, inclusive a velocidade da luz, a experiência mudou rapidamente. O aparelho de TV virou-se pelo avesso e eu me encontrei andando pelo apartamento de meus pais em Praga.

Nesse ponto, eu não senti nenhum efeito da droga e a experiência era tão real quanto qualquer outra situação em minha vida. A porta do quarto de dormir de meus pais estava semi-aberta. Eu olhei dentro, vi seus corpos na cama, e ouvi a respiração de ambos. Andei até a janela e olhei o relógio da esquina da rua. Ele mostrava uma diferença de seis horas com relação a Baltimore onde a experiência teve lugar. A despeito do fato de que esse valor refletia a diferença real entre os dois fusos, eu não achei que tal evidência fosse suficientemente convincente. Uma vez que eu intelectualmente sabia da diferença dos fusos, minha mente poderia facilmente ter fabricado essa experiência.

Deite-me no sofá situado em um canto de um dos quartos para refletir sobre minha experiência. Era o mesmo sofá em que tive minha última sessão com psicodélicos antes de minha partida para os EEUU. Meu requerimento pedindo permissão para viajar para os EEUU em um programa de intercâmbio tinha sido inicialmente indeferido pelas autoridades checas. Minha última sessão em Praga ocorreu quando eu estava esperando pela resposta de minha apelação.

Subitamente eu senti uma onda de ansiedade esmagadora. Uma idéia estranha e fantástica apareceu em minha mente com uma força incomum de persuasão: 'Talvez eu nunca tenha saído realmente da Checoslováquia e estava agora retornando de minha sessão psicodélica em Praga. Talvez a resposta positiva ao meu apelo, a viagem aos EEUU, unindo-me aos time de Baltimore, e ter uma sessão ali fosse apenas uma viagem de minha imaginação motivada pelo meu forte desejo ardente. Eu estava preso num laço insidioso, um círculo vicioso de espaço/tempo, incapaz de fixar minhas reais coordenadas geográficas e históricas.'

Por um longo tempo, senti-me suspenso entre duas realidades, cada uma delas igualmente convincentes. Eu não sabia se estava experimentando uma projeção astral em Praga a partir da sessão em Baltimore ou se estava retornando de uma sessão em Praga quando tinha experimentado uma viagem aos EEUU. Tive que me lembrar do filósofo chinês Chuang-tzu que acordou de um sonho no qual ele era uma borboleta e por algum tempo não pôde decidir se não era realmente uma borboleta sonhando que era um ser humano.

Coincidências Significativas e Sincronias

Gostaria de discutir nesse contexto outro aspecto importante dos estados holotrópicos que tem implicações bastante profundas para o nosso entendimento de espaço e tempo. As experiências transpessoais são freqüentemente associadas com significativas e estranhas coincidências que não podem ser explicadas em termos da

causalidade linear. Em um universo, como descrito por uma ciência materialista, todos os eventos devem obedecer à lei de causa e efeito. Qualquer coincidência que desafie explicação em termos das causas são atribuídas ao fato de que o fenômeno envolvido é muito complexo e que nos falta o conhecimento de todos os fatores que para ele contribuem. Pelo fato de não conhecermos todas essas "variáveis ocultas," o resultado final só pode ser previsto estatisticamente, não com dados específicos. Entretanto, em certas ocasiões, a improbabilidade estatística de certas coincidências em nossa vida do dia-a-dia é tão esmagadora que nos leva a questionar a validade de tal interpretação.

Um amigo relatou-me recentemente uma notável coincidência que ocorreu em sua família. Sua mulher e sua irmã, que mora em outra cidade, foram ambas acordadas no curso da mesma noite pela presença de um morcego em seu quarto de dormir. Ambas reagiram da mesma maneira a tal acontecimento que só ocorre uma vez na vida. Apesar de ter acontecido no meio da noite, as duas imediatamente ligaram para seu pai, acordaram-no e relataram para ele o inusitado acontecimento. Como a maioria de nós sabe, situações que violam as probabilidades estatísticas são muito mais freqüentes que se poderia esperar. Eu mesmo tive experiências ao longo dos anos de coincidências incríveis em minha própria vida. Uma delas foi particularmente relevante por causa da importância de suas conseqüências e por isso vale a pena ser descrita.

Em 1968 quando o exército russo invadiu a Checoslováquia, eu estava nos EEUU com uma bolsa de estudos da universidade John Hopkins, em Baltimore. Depois da invasão, eu fui solicitado pelas autoridades checas a regressar imediatamente, mas decidi desobedecer e ficar nos EEUU. Como resultado, não pude visitar meu país de origem por quase vinte anos. Durante esse tempo, eu não podia manter contato às claras com meus amigos e colegas da Checoslováquia. Isso seria politicamente perigoso para eles, porque minha permanência nos EEUU era considerada ilegal. Depois da libertação da Europa Oriental, a direção da Associação Internacional Transpessoal (ITA), da qual eu era o Presidente, decidiu realizar seu próximo encontro na Checoslováquia e eu viajei para Praga com a finalidade de encontrar alguns lugares potencialmente adequados para o encontro.

Depois de minha chegada no aeroporto de Praga, peguei um táxi para o apartamento de minha mãe. Depois que eu e minha mãe passamos algum tempo juntos, colocando em dia as novidades de cada um, ela saiu para encontrar com um vizinho com a finalidade de ajeitar algumas coisas e eu então fiquei sozinho no apartamento. Sentei-me numa poltrona, tomei uma xícara de chá, e refleti sobre minha missão. Devido à minha longa ausência, perdi todos os meus contatos, deixei de ficar a par da situação, e não tinha a menor idéia por onde começar. Pensei no assunto por cerca de dez minutos, mas não encontrava uma saída. Subitamente, minha cadeia de raciocínio foi interrompida pelo som forte da campainha da porta de entrada. Eu atendi a porta e reconheci Thomas, um psiquiatra mais novo que eu e meu colega que, nos velhos tempos, era amigo íntimo. Antes de minha partida para os EEUU, nós compartilhamos algumas experiências dos estados não ordinários, cada um atendendo o outro nas nossas sessões psicodélicas. Ele ouviu de um amigo seu que eu estava visitando Praga e apareceu para me dar as boas vindas.

Descobri para minha grande surpresa que justamente quando Thomas saía de seu apartamento, o seu telefone tocou. Era Ivan Havel, um pesquisador proeminente de inteligência artificial e irmão do Presidente checo, Václav Havel. Ele e Thomas freqüentaram a mesma escola e permaneceram desde então amigos íntimos. Aconteceu que Ivan Havel era também o cabeça de um grupo de cientistas de vanguarda que durante a era comunista reunia-se secretamente para a exploração do novo paradigma e da psicologia transpessoal.

Tal grupo ouviu falar de meu trabalho durante a palestra de um amigo, um cientista soviético dissidente, Vasily Nalimov. Ivan Havel sabia que eu e Thomas éramos amigos e telefonou para ele com a finalidade de pedir-lhe para intermediar um encontro entre mim e o grupo. Por causa desse conjunto peculiar de coincidências, só gastei 10 minutos para ter acesso ao suporte ideal para a conferência da ITA – um grupo altamente competente de profissionais vitalmente interessados no assunto e o dirigente da nação, que acontecia ser um estadista profunda e espiritualmente orientado. A conferência foi realizada em 1993 sob o amparo de Václav Havel e foi um verdadeiro sucesso.

Provavelmente o caso mais famoso de coincidência é uma estória engraçada a respeito de um certo Monsieur Deschamps e um tipo especial de pudim de ameixa que foi contada pelo astrônomo francês Flammarion e citada por Jung. Ainda menino, Deschamps ganhou um pedaço desse raro pudim, que lhe foi dado por um tal de Monsieur Fontgibu. Nos dez anos seguintes, ele não teve oportunidade de provar novamente do pudim até que fez uma viagem a Paris. Viu então em um restaurante da cidade que o pudim constava do cardápio e então pediu ao garçom que lhe servisse um pedaço. Aconteceu que o último pedaço existente já havia sido pedido – pelo Monsieur Fontgibu, que se encontrava no mesmo restaurante naquele momento. Muitos anos mais tarde, Monsieur Deschamps foi convidado para uma festa onde o pudim foi servido como uma raridade especial. Enquanto ele estava saboreando um pedaço, ele disse que a única coisa que estava faltando era a presença do Monsieur Fontgibu. Nesse momento a porta abriu-se e um homem idoso entrou, parecendo estar muito confuso. Era Monsieur Fontgibu, que entrou precipitadamente no local da festa por engano já que alguém forneceu aquele endereço como se fosse o do local para aonde ele queria ir.

A conciliação de tais coincidências extraordinárias com o entendimento do universo desenvolvido pela ciência materialista é, sem dúvida, algo bastante difícil. É mais fácil imaginar que tais ocorrências têm algum significado mais profundo e que são criações divertidas da inteligência cósmica. Essa explicação é particularmente plausível quando a coincidência contém uma pitada de humor, o que acontece freqüentemente. Eu vou contar aqui, a título de ilustração, uma estória verdadeira do astronauta americano Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na lua. A improbabilidade astronômica de que algo como o que será narrado aconteça por acaso combinado com o humor requintado da estória faz dessa "coincidência" uma das mais significativas de todos os tempos.

Ao descer do módulo lunar, justamente antes de seu pé tocar a superfície da lua, Neil Armstrong pronunciou suas famosas palavras: "Um pequeno passo para o homem; um passo gigantesco para a humanidade". É muito menos conhecido que, ao subir de volta para o módulo lunar, vindo da superfície da lua, ele murmurou outra frase, "Boa

sorte, Sr. Gorski.” Depois de sua volta para a Terra, alguns repórteres curiosos indagaram-no a respeito do significado da frase, mas Armstrong recusou-se a explicar o significado. Alguns acreditaram que ele estivesse referindo-se a algum astronauta soviético, mas não havia nenhum com tal nome. Depois dos esforços frustrantes dos jornalistas, o caso foi completamente esquecido.

No ano passado, (1997?), numa festa na Flórida, alguém ressuscitou o caso. Dessa vez, Neil Armstrong sentiu-se livre para revelar o significado da frase desde que, naquele ínterim, o Sr. Gorski e sua mulher haviam falecidos. Quando Neil era um garoto, os Gorski moravam na casa ao lado da sua. Um dia, Neil estava jogando bola no quintal com alguns amigos. Em dado momento, a bola caiu no jardim dos Gorski, debaixo de uma janela aberta do seu quarto de dormir e Neil foi incumbido de ir buscá-la. Os Gorski estavam discutindo calorosamente. Ao apanhar a bola, Neil escutou a Sra. Gorski berrando: “Sexo oral? Você quer sexo oral? Você terá sexo oral no dia em que o menino aí do lado passear na lua!”

Embora as coincidências dessa espécie sejam extremamente interessantes em si mesmas, o trabalho de C. G. Jung adicionou outra fascinante dimensão nesse fenômeno desafiador. As situações examinadas acima envolvem concatenações altamente improváveis de eventos no mundo da matéria. Jung observou e descreveu inúmeros exemplos de coincidências estonteantes nos quais vários eventos na realidade percebida de maneira geral estavam significativamente ligados a experiências interiores, como sonhos e visões. Eles cunhou para tal tipo de coincidência o termo *sincronia*.

Em seu famoso trabalho, *"Synchronicity: An Acausal Connecting Principle,"* Jung (1960) definiu a sincronia como “uma ocorrência simultânea de um estado psíquico com um ou mais eventos externos que aparecem com um paralelismo significativo ao estado subjetivo momentâneo.” Situações desse tipo mostram que nossa psique pode entrar numa interação brincalhona com o que parece ser o mundo da matéria. O fato de que isso pode acontecer desfaz as fronteiras entre as realidades subjetivas e objetivas.

Entre os muitos exemplos de sincronia na própria vida de Jung, um é particularmente famoso; ele ocorreu durante uma sessão de terapia com uma de suas clientes. Essa paciente era muito resistente ao tratamento e à noção de realidades transpessoais. Até a data daquele evento particular, pouco ou nenhum progresso tinha sido conseguido. Ela teve um sonho no qual ganhou de presente um escaravelho dourado. Durante a análise desse sonho Jung ouviu o som de algo que bateu na janela. Ele foi ver o que acontecera e encontrou um besouro brilhante, da espécie que ataca as rosas, no parapeito da janela, tentando entrar. Era um espécime muito raro, e o que mais parecia com o escaravelho dourado existente na região. Nada semelhante acontecera a Jung anteriormente. Ele abriu a janela, trouxe o besouro para dentro, e mostrou-o para sua cliente. Essa espantosa sincronia teve um profundo impacto em sua paciente e transformou-se num ponto chave de sua terapia.

Sincronia e Exploração Interior

As sincronias são particularmente freqüentes na vida das pessoas que experimentam estados holotrópicos de consciência em suas meditações, sessões psicodélicas, psicoterapia experimental, ou crises psico-espirituais espontâneas. As experiências transpessoais e perinatais são freqüentemente associadas a coincidências extraordinárias. Por exemplo, quando em nossa exploração interior nós nos aproximamos da morte do ego, situações perigosas e acidentes podem de repente tornarem-se freqüentes em nossas vidas. Eu não estou falando aqui apenas sobre os eventos nos quais nós próprios somos de alguma maneira o instrumento, mas falo sobre aqueles que são causados por outras pessoas ou por fatores externos independentes. Quando nos defrontamos com a morte do ego e experimentamos o renascimento em nosso processo interior, tais situações tendem a esclarecer tão magicamente quanto desenvolvem-se. Parece que nos são dadas as alternativas da morte psicológica interna versus um literal dano físico ou destruição.

Similarmente, quando temos uma forte experiência do tipo xamanístico que envolve um espírito guia animal, esse animal pode repentinamente surgir repetidas vezes em nossa vida em várias formas, com uma freqüência que está além qualquer probabilidade razoável. Em um dos nossos módulos de treinamento de seis dias de duração, uma psicóloga que participava do mesmo experimentou em sua sessão holotrópica de trabalho respiratório uma seqüência xamanística poderosa na qual uma coruja desempenhou um importante papel como seu animal de poder e espírito guia. Neste mesmo dia, ela retornou de uma caminhada pela floresta com os restos de uma coruja. Quando dirigia para sua casa depois de terminado o módulo, ela viu no acostamento da estrada uma grande ave ferida. Parou o carro e aproximou-se; era uma enorme coruja com uma asa quebrada. A coruja deixou que ela a pegasse e levasse para o carro sem oferecer nenhuma resistência. Ela cuidou da ave até que ela sarasse e pudesse voar de volta para seu meio ambiente natural.

Por ocasião da confrontação interior com imagens arquetípicas do Animo, Anima, Sábio Homem Velho, ou da Mãe Terrível, exemplos ideais dessas figuras tendem a aparecer em formas físicas em nosso cotidiano. Também foi experimentado por muitas pessoas que quando se envolvem num projeto inspirado em reinos transpessoais da psique, sincronias notáveis tendem a ocorrer e fazem seu trabalho se transformar em algo surpreendentemente fácil. Minha experiência com a conferência da ITA em Praga descrita anteriormente poderia certamente ser enquadrada nessa categoria.

Quando nos envolvemos com uma busca interna sistemática que inclua trabalhos com estados holotrópicos, podemos esperar com certeza razoável que, mais cedo ou mais tarde, encontrar-nos-emos com sincronias extraordinariamente significativas. Algumas vezes, iremos notar apenas ocasionais coincidências pessoais, e em outras poderemos ser inundados por cadeias completas delas. De acordo com seu conteúdo, elas podem elevar o nosso astral ou ser opressivas e terríficas. Em qualquer dos casos, elas podem nos conduzir a sérios problemas em nosso cotidiano se forem convincentes e cumulativas.

A psiquiatria tradicional não faz distinção entre as verdadeiras sincronias e má interpretação psicótica do mundo. Desde que a visão materialista do mundo é estritamente determinista e não aceita a possibilidade de "coincidências

significativas,” qualquer insinuação de sincronia extraordinária na narrativa do paciente será automaticamente interpretada como ilusões referenciais, um sintoma de doença mental séria. Entretanto, não pode haver qualquer dúvida a respeito da existência de sincronias genuínas, onde qualquer pessoa que tiver acesso aos fatos tem que admitir que as coincidências envolvidas estão além de qualquer probabilidade estatística razoável.

A Pesquisa da Consciência e a Física Moderna

Jung estava bem consciente do fato de que o fenômeno da sincronia era incompatível com o pensamento tradicional da ciência. Por causa da crença profundamente arraigada de que a causalidade é a lei central da natureza, ele hesitou durante muitos anos antes de publicar suas observações de eventos que se recusavam encaixar em tal molde. Ele postergou a publicação de seu trabalho a tal respeito até que ele e outros tivessem coletados literalmente centenas de exemplos convincentes de sincronias, fazendo-o ficar absolutamente seguro de que tinha algo válido a ser relatado.

Lutando com esse fenômeno, Jung tornou-se muito interessado no desenvolvimento da física quântica relativista e na visão do mundo que ela estava trazendo. Ele teve a oportunidade de conversar e trocar idéias com Wolfgang Pauli, um dos fundadores da física quântica, e tornar-se familiarizado com os conceitos revolucionários desse campo. Jung estava ciente do fato de que suas próprias observações pareciam muito mais plausíveis e aceitáveis dentro do novo contexto da imagem da realidade que estava emergindo. Suportes adicionais para as idéias de Jung vieram de ninguém menos que Albert Einstein, que, durante uma visita pessoal, encorajou Jung a perseguir sua idéia da sincronia porque ela era inteiramente compatível com o novo pensamento da física (Jung 1973).

Desde que a discussão acima a respeito da natureza ambígua e arbitrária do tempo e do espaço possa parecer improvável ou até mesmo impossível para alguém que não tenha tido experiências transpessoais, parece apropriado mencionar algumas alternativas estonteantes do nosso entendimento usual da realidade que emergiram durante o passar do século atual com a física moderna. Os insights fantásticos e aparentemente absurdos dos estados holotrópicos tornam-se pálidos quando comparados com as ousadas especulações a respeito do macro e do microcosmo alimentadas por representantes proeminentes da física moderna. As teorias mais chocantes com respeito à natureza da realidade que têm sido formuladas pelos físicos quânticos, astrofísicos e cosmologistas podem ser levadas a sério quando fundamentadas em equações matemáticas, enquanto que conceitos similares são criticados e até mesmo ridicularizados se sua fonte é a pesquisa da consciência ou a psicologia transpessoal.

De acordo com uma teoria cosmogênica dominante, havia uma situação há cerca de 15 bilhões de anos quando não existia nem o espaço nem o tempo. Eles foram criados juntos com a matéria durante o *Big Bang*, uma explosão cataclísmica de

proporções inimagináveis a partir de um ponto adimensional, ou singularidade, quando então foi o universo criado. E, inversamente, a bilhões de anos a partir de agora espaço e tempo podem novamente deixar de existir quando o universo implodir. Um processo similar já está em curso em nosso cosmo naqueles locais onde estrelas gigantes estão morrendo, contraindo-se rapidamente, subtraindo a si mesmas da existência, criando o que os físicos chamam de "buracos negros." Dentro dos buracos negros, além de certas fronteiras que os físicos referem-se como "horizonte dos eventos," o tempo, o espaço e as leis físicas conhecidas por nós, não mais existem.

No início desse século, em um "furo" de proporções sem precedentes, Albert Einstein substituiu o espaço tridimensional e o tempo linear de Newton por um *continuum* espaço/tempo quadridimensional. No universo de Einstein, é possível viajar no espaço/tempo do modo que usualmente viajamos no espaço. A famosa equação de Einstein sugere que o tempo corre mais vagarosamente em proporção à velocidade de um sistema móvel e que pára quando a velocidade se iguala à da luz. Num sistema movendo-se mais rapidamente que a luz, o tempo correria para trás, em direção do passado. O físico californiano Richard Feynman recebeu o prêmio Nobel por sua descoberta de que uma partícula movendo-se para a frente no tempo é idêntica à sua antipartícula movendo-se para trás no tempo.

Os físicos teóricos John Wheeler, Hugh Everett e Neil Graham tornaram-se conhecidos por sua "hipótese de vários mundos," de acordo com a qual o universo fragmenta-se a cada instante em um número infinito de universos. Em seu livro *bestseller*, Kip S. Thorne (1994), professor de física teórica no Instituto de Tecnologia da Califórnia, discute seriamente a possibilidade de uso futuro dos "buracos de verme" para transporte instantâneo para vários locais do universo que estão a muitos anos/luz de distância e até mesmo para viajar em direção ao passado. De acordo com David Bohm (1980), um companheiro de trabalho por longo tempo de Albert Einstein, o mundo conhecido por nós representa apenas um aspecto da realidade, sua "ordem desdobrada" ou "explicada". Sua matriz geradora seria a "ordem implícita", uma região ordinariamente oculta na qual o espaço e o tempo estão envelopados.

Eu incluí essa breve incursão no mundo da física moderna para destacar que o pensamento imaginativo e criativo dessa disciplina forma um enorme contraste com a abordagem tacanha dos psiquiatras e psicólogos acadêmicos com relação à psique e consciência humanas. É certamente encorajador ver quão amplamente conseguiram os físicos ultrapassar certos preconceitos profundamente arraigados em sua pesquisa para o entendimento do mundo material. Talvez as especulações surpreendentes dos físicos modernos nos ajudarão a abordar com uma mente aberta as descobertas extraordinárias e desafiadoras da moderna pesquisa da consciência.

A Dança Cósmica

Podemos agora tentar resumir os insights dos estados holotrópicos descrevendo a existência como uma aventura experimental fantástica da Consciência Absoluta – uma dança cósmica interminável, uma requintada brincadeira, ou drama divino. Em sua

criação, o princípio criativo gera a partir de si mesmo e dentro de si mesmo um número incontável de imagens individuais, unidades fragmentadas de consciência, que assumem vários graus de autonomia e independência relativas. Cada uma delas representa uma oportunidade para uma experiência sem par, um experimento da consciência. Com a paixão de um explorador, de um cientista, de um artista, o princípio criativo realiza todas as experiências concebíveis em suas infindáveis variações e combinações.

Nessa brincadeira cósmica, a Consciência Absoluta encontra a possibilidade de expressar sua riqueza interna, sua abundância, e sua imensa criatividade. Através de suas criações ela experimenta miríades de papéis individuais, encontros, intrincados dramas, e aventuras em todos os níveis imagináveis. Essa peça divina de brincadeiras escalona-se desde as galáxias, sóis, planetas em órbitas, luas passando por plantas, animais, homens, até as moléculas, átomos e partículas nucleares. Dramas adicionais desdobram-se nos reinos arquetípicos e em outras dimensões da existência que não estão disponíveis à nossa percepção, quando em nosso estado de consciência do dia-a-dia.

Em infindáveis ciclos de criação, preservação e destruição a Consciência Absoluta supera os sentimentos de monotonia e tédio transcendentais. A negação temporária e perda de seus estados prístinos alterna com episódios de redescobrimto e recuperação. Os períodos que são cheios de agonia, angústia e desespero são seguidos por episódios de bem-aventurança e enlevo extático. Quando a consciência individual indiferenciada é recuperada depois de ser temporariamente perdida, ela é experimentada como excitante, surpreendente, fresca e nova. A existência da agonia dá uma nova dimensão à experiência do êxtase, o conhecimento da escuridão realça a apreciação da luz, e a extensão da iluminação é diretamente proporcional à profundidade da ignorância prévia. Mais que isso, com cada incursão nos mundos fenomenológicos seguido pelo retorno, a Mente Universal é enriquecida pelas experiências dos diferentes papéis envolvidos. Pela concretização de mais uma parte de seu potencial interno, ela aumenta e aprofunda seu auto conhecimento.

Para esse entendimento do processo cósmico é necessário supor que a Mente Universal experimenta conscientemente todos os aspectos da criação, tanto como objetos de observação quanto como estados subjetivos. Ela pode assim explorar não apenas o espectro inteiro das especificamente percepções, emoções, pensamentos e sensações humanas, mas também os estados de consciência de todas as outras formas de vida da árvore evolucionária de Darwin. No nível da consciência das células, ela pode experimentar a excitação do esperma em sua corrida e fusão com o óvulo durante a concepção, bem como a atividade das células do fígado ou dos neurônios do cérebro.

Transcendendo os limites do reino animal e expandindo-se até o mundo botânico, a Consciência Absoluta pode tornar-se numa Sequóia gigante, experimentar a si mesma como uma planta carnívora caçando e digerindo uma mosca, ou participar da fotossíntese nas folhas ou da germinação das sementes. Similarmente, os fenômenos no mundo inorgânico, desde as ligações interatômicas passando depois pelos terremotos e explosões nucleares e até os quasares e pulsares dão margem a interessantes possibilidades experimentais. E desde que nossa psique, em sua

essência mais profunda, é idêntica à Consciência Absoluta, essas possibilidades experimentais estão, sob certas circunstâncias, abertas a todos nós.

Quando contemplamos a realidade da perspectiva da Mente Universal, todas as polaridades usualmente experimentadas são transcendidas. Isso aplica-se a categorias tais como espírito/matéria, estabilidade/movimento, bom/mau, feminino/masculino, beleza/feiúra ou agonia/êxtase. Em última análise, não existe diferença absoluta entre sujeito e objeto, observador e coisa observada, experimentador e coisa experimentada, criador e criatura. Todos os papéis no drama cósmico são desempenhados, podemos dizer, por apenas um protagonista, a Consciência Absoluta. Essa é a verdade única mais importante a respeito da existência revelada pelo antigo poema hindu conhecido como Upanishads. Na atualidade, ela pode ser encontrada numa bela expressão artística, o poema intitulado "Por Favor, me Chame pelos Meus Verdadeiros Nomes" do professor budista e vietnamita Thich Nhat Hahn:

*Não diga que partirei amanhã
pois eu chego todos os dias.*

*Olhe profundamente; eu chego em cada segundo
para ser um botão num galho da primavera,
para ser um pequeno passarinho, com asas ainda frágeis
aprendendo a cantar em meu novo ninho,
para ser uma lagarta no coração da flor,
para ser uma jóia escondendo-se numa pedra.*

*Eu ainda chego, para rir e para chorar,
para ter medo e ter esperança,
o ritmo do meu coração é o nascimento e a morte
de tudo o que está vivo.*

*Eu sou a efemérida metamorfoseando
na superfície do rio,
eu sou o pássaro que, quando chega a primavera,
aparece a tempo de comer a efemérida.*

*Eu sou o sapo nadando feliz da vida
na água clara do lago,
e sou a cobra, que, aproximando-se
em silêncio, alimenta-se do sapo.*

*Eu sou a criança em Uganda, de pele e osso,
de pernas finas como bambu,
eu sou o mercador de armas,
vendendo armas mortíferas para Uganda.*

*Eu sou a garota de doze anos de idade,
refugiada dentro de um pequeno bote,
que atira-se no oceano
depois de ser estropada por um pirata do mar,*

*eu sou o pirata,
meu coração ainda não é capaz de ver e de amar.*

*Eu sou um membro do Politburo
com plenos poderes nas mãos,
e sou o homem
que tem que pagar o débito de sangue
ao meu povo que morre lentamente num campo de trabalho forçado.*

*Minha alegria é como a primavera, tão quente que faz
as flores desabrocharem-se em todos os passeios da vida.
Minha dor é como um rio de lágrimas, tão cheio
que enche os quatro oceanos.*

*Por favor, me chamem pelos meus verdadeiros nomes,
De modo que eu possa ouvir todos os meus gritos e risos ao mesmo tempo,
Do modo que eu possa ver que minha dor e minha alegria são uma só.*

*Por favor, me chamem pelos meus verdadeiros nomes,
De modo que eu possa acordar e assim a porta de meu coração
possa ser deixada aberta,
a porta da compaixão.*

6

O Problema do Bem e do Mal

*Consequentemente: aquele que quer ter
O certo sem o errado,
Ordem sem desordem,
Não entende os princípios
Do céu e da terra.
Ele não sabe como
As coisas estão interligadas.
_ Chuang-tzu, Great and Small*

Assuntos Éticos e Auto-Exploração

Um dos assuntos mais importantes que sempre aparece nos estados holotrópicos de consciência em muitas formas diferentes e em vários níveis é o problema da ética. Quando nossa experiência interna focaliza em assuntos biográficos, as questões éticas usualmente tomam a forma de uma forte necessidade de examinar nossa vida da

infância até a atualidade e avaliá-la sob o ponto de vista moral. Isso tende a ficar intimamente ligado a questões que dizem respeito à auto estima e auto imagem. Ao revermos a história de nossas vidas, poderemos sentir uma necessidade urgente de examinarmos se nossa personalidade e comportamento estão de acordo com os padrões morais – nossos, da família, da sociedade. Os critérios, nesse caso, são usualmente bastante relativos e idiossincráticos desde que eles envolvem fortes preconceitos pessoais, familiares e culturais. Nós julgamos nosso comportamento essencialmente em termos de valores que nos foram impostos de fora.

Existe outra forma de auto julgamento no qual avaliamos nosso caráter e comportamento não pelos critérios do dia-a-dia, mas sim à luz da lei e ordem cósmica. Experiências desse tipo ocorrem em estados holotrópicos de várias espécies, mas que são particularmente freqüentes na revisão da vida em situações próximas da morte. Muitas pessoas que estiveram muito perto de morrer falam de seus encontros com um Ser de Luz e revelam que em sua presença submetem-se a uma impiedosa auto avaliação. Essa forte propensão da psique humana para a auto avaliação moral está refletida em cenas do julgamento divino e em escatologias mitológicas de muitas diferentes culturas.

Ao aprofundarmos em nosso processo de auto exploração, nós poderemos descobrir em nosso interior emoções e impulsos altamente problemáticos dos quais não estávamos previamente conscientes – aspectos escuros e destrutivos de nossa psique inconsciente que C. G. Jung chamava de Sombra. Essa descoberta pode ser muito assustadora como também perturbadora. Alguns desses elementos escuros representam nossa reação a aspectos dolorosos de nossa história pessoal, particularmente traumas da infância e meninice. Além disso, o poderoso potencial destrutivo parece associado com o nível perinatal de nossa psique ou domínio do inconsciente relacionado com o trauma do nascimento. As horas de experiências dolorosas e ameaçadoras de nossa vida associadas com a passagem pelo canal do nascimento provoca naturalmente uma resposta violenta correspondente do feto. Isso resulta num repositório de tendências agressivas que nós abrigamos em nosso inconsciente para o resto de nossas vidas, a menos que façamos um esforço especial para enfrentá-los e transformá-los em alguma variedade de auto exploração experimental.

Em vista dessas descobertas, torna-se claro que a dupla ameaçadora em trabalhos artísticos tais como *O Médico e o Monstro*, de R. L. Stevenson, ou *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde ou ainda *William Wilson* de Edgar Allan Poe não representam personagens de ficção literária, mas sim aspectos sombrios da personalidade humana comum. Indivíduos que tiveram a condição de examinar profundamente sua psique comumente descrevem que descobriram dentro de si mesmos potenciais destrutivos que se equiparam à categoria de indivíduos perversos tais como um Genghis Khan, Hitler ou Stalin. Em vista de tais insights esmagadores, é comum experimentarem-se desconfianças aterradoras a respeito da própria natureza e encontrarem-se grandes dificuldades em aceitá-la.

Quando a auto exploração experimental desloca-se para o nível transpessoal, sérias questões éticas são tipicamente levantadas sobre a humanidade como um todo, sobre todas as espécies do *Homo sapiens*. As experiências transpessoais freqüentemente retratam cenas históricas dramáticas ou até mesmo fornecem uma revisão

compreensiva da história. Tais seqüências trazem poderosas evidências que a violência desenfreada e a ganância insaciável têm sempre sido forças motoras extremamente poderosas na vida humana. Isso traz à baila a questão da natureza dos seres humanos e proporcionalidade do bem e do mal nas espécies humanas.

Seriam os humanos no âmago de seus seres apenas “macacos desnudados” e teria sido a violência instalada no *hardware* do cérebro humano? E como explicaríamos o aspecto do comportamento humano que o psicanalista Erich Fromm (1973) chamou de “agressão maligna” – depravado e destrutivo que ultrapassa qualquer coisa conhecida no reino animal? Como explicaríamos a matança insensata em incontáveis guerras, os assassinatos em massa da Inquisição, o Holocausto, o arquipélago Gulag de Stalin, os massacres na Iugoslávia e Ruanda? Seria certamente difícil encontrar paralelos semelhantes a esses comportamentos em qualquer uma das espécies animais.

A atual crise global certamente não oferece um retrato encorajador de soerguimento da humanidade contemporânea. Violência na forma de guerras, tumultos, terrorismos, torturas e crimes parece estar aumentando e as armas modernas atingiram uma eficácia apocalíptica. Bilhões de dólares são desperdiçados na corrida armamentista de escala mundial, enquanto milhões de pessoas vivem na miséria e morrem de fome ou de doenças para as quais existem curas conhecidas e de baixo custo. Inúmeros cenários de fim de mundo, todos eles criados pelo homem, ameaçam destruir nossas espécies e com elas toda a vida do planeta. Considerando que o *Homo sapiens* é o rei da evolução natural, como gostamos de acreditar, não haveria alguma falha fundamental não apenas na humanidade mas também no próprio fenômeno da vida? Nos estados holotrópicos essas questões podem emergir com uma intensidade e urgência agonizantes.

Relatividade do Critério do Bem e do Mal

Os insights dos assuntos éticos e as respostas aos vários problemas morais são usualmente afetados consideravelmente à medida que a auto exploração profunda desloca-se de um nível de consciência para outro e então obtemos informações antes não disponíveis. De certa maneira, o nosso julgamento ético sobre os assuntos do dia-a-dia pode mudar de modo bastante drástico mesmo sem os insights dos altos níveis de consciência, simplesmente pela aquisição de novas informações. Com o benefício das percepções tardias, o que parecia ser uma benção pode mais tarde ser um grande desastre. Aquilo que em certa ocasião parecia ser uma ação benéfica pode freqüentemente assumir a forma de algo sinistro logo que nós atingimos um entendimento mais profundo e completo dos fatores envolvidos.

Podemos usar aqui, como exemplo, a descoberta do inseticida DDT logo após a Segunda Guerra Mundial. Inicialmente, o DDT foi amplamente louvado como uma arma efetiva contra as doenças transmitidas pelos insetos. Milhares de toneladas desse material foram despejadas em pântanos em várias partes do mundo num esforço de erradicar a febre amarela e a malária, como também foi o produto usado em larga escala no combate a outras doenças transmitidas por insetos. De um ponto de vista limitado, isso parecia ser um procedimento valioso e recomendável. O DDT

era considerado como uma contribuição tão positiva para a humanidade que em 1948 resultou na concessão do Prêmio Nobel de fisiologia e medicina ao seu descobridor Paul Müller. Entretanto, o que certa vez foi considerado um sonho dos epidemiologistas transformou-se num pesadelo ecológico.

Descobriu-se que o DDT não era biodegradável e que toda a sua enorme quantidade que foi produzida veio para ficar. Além disso, devido à sua afinidade específica com as gorduras, ocorreu uma concentração cada vez maior na subida da cadeia alimentar através do plâncton, de pequenos peixes, de peixes grandes, de pássaros e mamíferos. Nos pássaros, a concentração freqüentemente atingia um nível tal que interferia na capacidade de criação de cascas viáveis dos ovos. Sabemos hoje que o DDT é o responsável pela extinção de pelicanos, cormorões, falcões reais, águias e falcões em algumas regiões. Em sua expansão geográfica, ele atingiu o Ártico e foi detectado na gorduras dos pingüins. Ele até mesmo descobriu seu caminho para atingir as glândulas mamas humanas e o leite materno. Embora tenha sido retirado do mercado há muitos anos, foi recentemente descoberta a sua implicação como fator contribuinte do câncer das mamas humanas.

O problema da relatividade do bem e do mal foi focado de um modo artístico na peça de Jean-Paul Sartre intitulada *O Diabo e o Senhor* (Sartre 1960). O principal protagonista, Goetz, é um líder militar impiedoso e corrupto que, em sua ambição desenfreada, comete vários crimes e atos nefastos. Quando ele percebe os horrores da peste que irrompe na cidade assediada e ocupada por seus exércitos, ele é esmagado pelo medo da morte e faz uma promessa a Deus de mudar seu comportamento se Ele salvar sua vida.

Nesse momento, aparece miraculosamente um monge que o ajuda a escapar da cidade através de uma passagem secreta subterrânea. Goetz mantém sua promessa e começa a conduzir sua vida perseguindo inflexivelmente o bem. Entretanto, como conseqüência, seu novo modo de vida causa maiores males que suas maléficas e impiedosas conquistas anteriores. A peça representa claramente os comentários do autor a respeito da história do cristianismo que é um exemplo primoroso de como o enfoque implacável da mensagem de amor pode resultar em atos maléficos e causar sofrimentos de proporções inimagináveis.

O assunto ética é abalado em maior grau pelas diferenças dos códigos morais das várias culturas existentes. Enquanto certos grupamentos humanos apreciam e cultuam o corpo humano ou até mesmo o vêem como algo sagrado, outros acreditam que tudo o que se relaciona com a carne e com as funções fisiológicas é *a priori* corrupto e maligno. Alguns vêem o nudismo como algo normal e natural enquanto que outros exigem que as mulheres cubram todo o seu corpo, inclusive a maior parte de seus rostos. Em alguns contextos culturais, o adultério é passível de ser punido com a morte, enquanto que, de acordo com um velho costume esquimó, o anfitrião deve oferecer sua mulher ao visitante do sexo masculino ao seu lar, em nome da boa hospitalidade. Tanto a poligamia quanto a poliandria têm sido praticadas na história da cultura humana como alternativas sociais aceitáveis. Uma tribo da Nova Caledônia usava matar irmãos gêmeos, se um fosse do sexo masculino e o outro feminino, porque eles cometeram incesto enquanto no útero. Por outro lado, a lei no antigo Egito e no Peru exigia que, nas famílias reais, o irmão tinha que se casar com a própria irmã.

No Japão, o suicídio era não apenas recomendado mas praticamente exigido em certas situações que eram vistas como desonrosas. Na China e em alguns outros locais, quando o dirigente máximo do país falecia, suas mulheres e criados eram mortos e enterrados junto com ele. De acordo com um antigo costume indiano, o *sati*, a viúva deveria acompanhar seu marido falecido nas chamas da pira funerária. Junto com o infanticídio feminino, o *sati* era praticado na Índia durante muito tempo mesmo depois de haver sido banido pela Grã-Bretanha no século dezenove. Rituais de sacrifício humano eram realizados em muito grupamentos humanos e o canibalismo era visto como prática aceitável por alguns grupos de alta cultura, tais como os dos astecas e maoris. De uma perspectiva transpessoal e que leve em conta todas as culturas, a observância rígida dos costumes e das normas que governam as várias práticas sociais e psico-biológicas pode ser assim vista como um experimento deliberado da consciência cósmica no qual todas as variações possíveis têm sido sistematicamente exploradas.

O Mal como uma Parte Intrínseca da Criação

Um dos desafios éticos mais difíceis que emergem nos estados holotrópicos é aceitar o fato de que a agressão está inextricavelmente tecida na ordem natural e que é impossível estar vivo a não ser às expensas de outra forma de vida. Antoine van Leeuwenhoek, um microbiólogo holandês e inventor do microscópio, resumiu essa verdade numa única sentença: "A vida vive da vida – isso é cruel, mas é a vontade de Deus". O poeta inglês, Alfred Lord Tennyson disse que a natureza "é vermelha nos dentes e nas garras". Escrevendo a respeito da visão darwiniana do mundo, o biólogo George Williams (1966) disse a mesma coisa com palavras ainda mais duras: "A Mãe Natureza é uma velha bruxa maligna." E o Marquês de Sade, de quem se originou a palavra *sadismo*, referia-se a essa crueldade da natureza como uma justificativa para o seu próprio comportamento.

Mesmo o modo mais consciencioso de conduzir nossas vidas não pode nos ajudar a escapar desse dilema. Alan Watts (1969) em seu artigo "Assassinato na Cozinha" discute desse ponto de vista o problema de comer carne versus vegetarianismo. O fato de que "os coelhos gritam mais alto que a cenoura" não lhe parece uma boa razão para escolher a segunda. Joseph Campbell exprimiu a mesma idéia em sua definição "desafiante da língua" de vegetariano: "uma pessoa que não é sensível o bastante para ouvir o grito do tomate." Desde que a vida tem que se alimentar da vida, seja ela de natureza animal ou vegetal, Watts recomendou como solução uma abordagem encontrada em muitas culturas nativas, tanto em comunidades que vivem da caça como em sociedades de agricultores. Esses grupos usam rituais que expressam gratidão aos que vão ser comidos e a aceitação humilde de sua própria participação na cadeia alimentar em ambos os papéis.

As decisões e os assuntos éticos se transformam em algo bastante complexo no caso de obtenção de relevantes informações e insights vindos de níveis de consciência que ordinariamente não são fáceis de serem atingidos, particularmente aqueles que incluem a dimensão espiritual. Introduzir o critério espiritual nas situações do dia-a-

dia pode se tornar em algo paralisante se o caso ocorrer de uma forma extrema e não for temperado com considerações práticas.

Podemos mencionar como exemplo um episódio da vida do famoso médico, músico, filantropo e filósofo alemão Albert Schweitzer. Um dia, ele estava tratando em seu hospital na floresta, em Lambarena, de um nativo africano que sofria de uma condição séptica séria. Enquanto ele estava de pé ao lado do paciente, com uma seringa cheia de antibiótico, teve de repente de se perguntar quem lhe dera o direito de destruir a vida de milhões de microorganismos para salvar uma vida humana. Ele perguntava a si mesmo por qual critério nós nos julgamos com o direito de ver a vida humana como superior às das outras espécies.

Certa vez perguntaram a Joseph Campbell como seria possível conciliar nossa visão espiritual do mundo com a necessidade prática de tomar decisões na vida do dia-a-dia, inclusive matar para salvar a vida. Ele descreveu como exemplo o caso de uma pequena criança que corria o risco iminente de ser mordida por uma cobra. Quando nós intervimos nessas circunstâncias e matamos a cobra não seria como dizer "Não" à cobra como parte integral do esquema universal, como um elemento significativo da ordem cósmica? A reação não significa negar o direito da cobra de existir como parte da criação e não significa necessariamente que nós não apreciamos sua existência. Tal intervenção é nossa reação natural diante de um fato específico localizado e não um gesto de alguma relevância cósmica.

Raízes Divinas do Mal

Ao descobirmos a existência do mundo dos arquétipos e perceber que sua dinâmica é o instrumento que dá forma aos eventos do mundo material, o foco das considerações éticas muda dos níveis pessoais e culturais para o domínio transpessoal. O ponto crucial no caso é a dicotomia fundamental no reino arquetípico. Nós nos tornamos conscientes que o panteão dos seres arquetípicos inclui tanto as forças e os princípios benéficos quanto os maléficos ou, usando a terminologia das culturas pré-industriais, deidades jubilosas e deidades odiosas. Dessa perspectiva, são elas as responsáveis pelos eventos no mundo material. Entretanto, mais cedo ou mais tarde torna-se claro que aquelas próprias entidades não são autônomas. Elas são criações e manifestações de um princípio ainda maior que as transcende e governa. Nessa altura, a questão moral encontra um novo foco; ela é dirigida pelo próprio princípio criativo.

Isso naturalmente suscita o aparecimento de uma nova série de questionamentos. Existe uma fonte criativa que transcende as polaridades e que é responsável tanto pelo bem quanto pelo mal? Ou o universo é um campo de batalha onde duas forças cósmicas, uma essencialmente boa e a outra má, empenhadas num combate universal, do modo como retratado no zoroastrianismo, maniqueísmo e cristianismo? Se assim for, qual desses dois princípios é mais poderoso e que no final prevalecerá? Se Deus é bom e justo, onisciente e onipotente, como nos diz a linha mestra do cristianismo, como explicar a presença maciça do mal no mundo? Como é possível que milhões de crianças são mortas de modo bestial ou morrem de fome, de câncer,

de doenças infecciosas muito antes de efetivamente poder cometer qualquer pecado? A explicação usual oferecida pela teologia cristã, sugerindo que Deus pune esses indivíduos por antecipação porque Ele antevê que eles se transformarão em pecadores, certamente não é convincente.

Em muitas religiões, o conceito de carma e reencarnação ajuda a explicar como e porque acontecem coisas como essas. Ele também explica as horrendas iniquidades entre os adultos e as diferenças de seus destinos. Como será explorado mais tarde neste livro, conceitos semelhantes existiam no início do cristianismo, particularmente em sua forma gnóstica. O cristianismo gnóstico foi condenado como heresia pelo clero da Igreja no século dois e, no século quatro foi perseguido severamente com o apoio do Imperador Constantino. As idéias referentes à reencarnação da mesma alma foram banidas do cristianismo em 553 A.D. num congresso especial em Constantinopla. Isso deixou o cristianismo com o problema formidável de um Criador onipotente, justo e benevolente que criou um mundo cheio de males e iniquidades. A crença na reencarnação pode fornecer respostas a algumas das questões mais destacadas referentes ao lado sombrio da existência, mas não trata do problema da origem da cadeia cármica de causas e efeitos.

Nos estados holotrópicos de consciência, as questões éticas fundamentais referentes à origem do mal, a razão de sua existência, e de seu papel no tecido da criação emerge espontaneamente e com grande insistência. O problema da moralidade do princípio criativo que é responsável por todo o sofrimento e horrores da existência, ou que permite e tolera o mal, é na verdade algo formidável. A habilidade em aceitar a criação como ela é, inclusive seu lado escuro, de sombras, e seu papel na mesma, é uma das tarefas mais desafiadoras que nós podemos encontrar durante nossa investigação filosófica e espiritual quando feita em profundidade. É, então, interessante rever como tais problemas aparecem para aqueles indivíduos que os encontram em suas viagens pelo seu próprio interior.

As experiências de identificação com a Consciência Absoluta ou com o Vazio envolvem a transcendência de todas as polaridades, inclusive a dos opostos bem e mal. Elas contêm o espectro inteiro da criação, desde o aspecto mais beatífico até o mais diabólico, mas numa forma não manifestada, como puro potencial. Desde que as considerações éticas são aplicáveis apenas no mundo dos fenômenos manifestados, o qual contém as polaridades, o problema do bem e do mal está intimamente conectado com o processo da criação cósmica. Para o propósito de nossa discussão, é importante perceber que as normas e os valores éticos são eles mesmos partes da criação e assim não possuem uma existência própria, absoluta e independente. Em um texto sagrado indiano da antiguidade, o *Katha Upanishad*, podemos ler;

*Como o sol, o olho do mundo inteiro,
Não é manchado pelas faltas externas aos olhos,
Assim a Alma Interna única de todas as coisas
Não é manchada pelo mel do mundo, sendo
externa a ele.*

O Papel do Mal no Esquema Universal

O entendimento final e a aceitação filosófica do mal parece sempre envolver o reconhecimento de que ele tem um papel importante ou mesmo necessário no processo cósmico. Por exemplo, os insights experimentais profundos das realidades últimas que se tornam disponíveis nos estados holotrópicos podem revelar que o mal é um elemento essencial no drama universal. Desde que a criação cósmica é *creatio ex nihilo*, ou criação do nada, ela tem que ser simétrica. Tudo que emergir na existência tem que ser contrabalançado pelo seu oposto. A partir dessa perspectiva, a existência de polaridades de toda espécie é um pré-requisito para a criação de mundos fenomenológicos. Esse fato tem seu símile nas especulações de alguns físicos modernos a respeito da matéria e antimatéria, sugerindo que nos próprios primeiros momentos do universo, as partículas e as antipartículas estavam presentes em igual número.

Nós já vimos antes que um dos "motivos" da criação parecer ser a "necessidade" do princípio criativo em conhecer a si mesmo, de modo que "Deus possa ver Deus" ou "A Face possa contemplar a Face." Na medida em que o divino cria para explorar seu próprio potencial interno, não exprimir a gama toda desse potencial significaria auto conhecimento incompleto. Se a Consciência Absoluta é também o mais perfeito dos Artistas, Experimentador e Explorador ela comprometeria a riqueza da criação deixando de fora algumas opções significativas. Os artistas não limitam sua arte ao que é belo, ético e engrandecedor. Eles retratam quaisquer aspectos da vida que possam ser transformados em imagens interessantes ou que possam gerar histórias intrigantes.

A existência do lado sombrio da criação realça os seus aspectos claros, fornecendo contrastes e dando riqueza e profundidade extraordinárias ao drama universal. O conflito entre o bem e o mal em todos os domínios e níveis da existência é uma fonte inexaurível de inspiração de histórias fascinantes. Certa vez um discípulo perguntou a Sri Ramakrishna, o grande visionário, santo e professor hindu: "Swamiji, por que existe o mal no mundo?" Depois de pequena deliberação, Ramakrishna replicou sucintamente: "Para complicar a trama." Essa resposta pode parecer cínica em vista da natureza e do escopo do sofrimento no mundo, visto numa forma concreta em milhões de crianças morrendo de fome ou por causa de várias doenças, a insanidade das guerras através da história, das incontáveis vítimas torturadas e sacrificadas e na desolação dos desastres naturais. Entretanto, uma experiência mental pode nos ajudar a ter uma perspectiva diferente.

Imaginemos por um momento que pudéssemos eliminar do esquema universal tudo aquilo que é geralmente considerado como mau e ruim, todos os elementos que, segundo sentimos, não deveriam fazer parte da vida. Inicialmente, pode parecer que isso significasse um mundo ideal, um verdadeiro paraíso na Terra. Entretanto, ao prosseguirmos, veremos que a situação é muito mais complexa. Suponhamos que iniciássemos com a eliminação das doenças, algo que certamente pertence ao lado escuro da existência, e imaginemos que elas nunca existissem. Cedo descobriríamos que isso não é uma intervenção isolada, que seletivamente erradica um aspecto ruim do mundo. Essa interferência teria um efeito profundo sobre muitos aspectos positivos da vida e da criação que temos em grande estima.

Junto com as doenças nós eliminaríamos a história inteira da medicina – a pesquisa médica e o conhecimento gerado pela mesma, a descoberta das causas de doenças perigosas, bem como as curas milagrosas das mesmas, tais como as vitaminas, os antibióticos e os hormônios. Não mais haveria os milagres da medicina moderna – operações que salvam vidas, transplante de órgãos e a engenharia genética. Perderíamos os grandes pioneiros da ciência, tais como Virchow, Semmelweis, e Pasteur, heróis que dedicaram sua vida inteira à busca apaixonada de respostas para os problemas médicos. Não haveria também nenhuma necessidade de amor e compaixão por todos aqueles que cuidam de pessoas enfermas, desde médicos e enfermeiras até uma grande variedade de bons samaritanos. Não teríamos a Madre Teresa e nenhuma razão para recompensá-la com o Prêmio Nobel. O mesmo pode-se dizer dos xamãs e curandeiros indígenas com seus rituais coloridos e conhecimento de ervas medicinais, dos milagres de Lourdes, e dos cirurgiões psíquicos filipinos!

Outro aspecto obviamente sombrio e mau da criação é a existência dos regimens opressivos, dos sistemas totalitários, dos genocídios e das guerras. Quando focalizamos nossos esforços cósmicos de saneamento nessa área, nós eliminamos uma parte significativa da história humana. Nesse processo, perderíamos todos os heróicos lutadores pela liberdade em todos os tempos, os quais sacrificaram suas vidas por causas justas e pela liberdade de seus países e compatriotas. Não mais haveria triunfos ou vitórias sobre maus impérios e nem a alegria intoxicante da liberdade recém conquistada. Teríamos que remover do mundo os castelos fortificados de todos os períodos da história e de todos os países, bem como os museus que documentam a engenhosidade dos fabricantes de armas, a arte das defesas, e a riqueza dos uniformes militares. Naturalmente, a eliminação da violência do drama cósmico teria profundas reverberações no mundo da arte. As bibliotecas, os museus de arte, as coleções musicais e os arquivos de cinema encolher-se-iam consideravelmente caso removêssemos deles todas as peças de arte inspiradas pela violência e pela luta contra a mesma.

A ausência metafísica do mal reduziria drasticamente a necessidade da religião, desde que Deus não teria um adversário poderoso e então tornar-se-ia uma comodidade garantida, com a qual todos poderiam contar. Tudo aquilo relacionado com a vida espiritual e ritual da humanidade estaria então faltando no esquema universal e nenhum dos eventos históricos inspirados pela religião jamais ocorreriam. Não seria necessário destacar, mas também perderíamos alguns dos melhores trabalhos artísticos – na música, literatura, pintura, escultura e cinema – inspiradas pelo conflito entre o divino e o demoníaco. O mundo estaria privado das gloriosas catedrais góticas, mesquitas muçulmanas, sinagogas, templos budistas e hindus bem como de outras gemas da arquitetura inspiradas pela religião.

Se levarmos adiante esse processo de purgar a sombra universal, a criação perderia sua imensa profundidade e riqueza e nós teríamos no final um mundo sem cores e desinteressante. Se esse tipo de realidade fosse retratada num filme de Hollywood, nós provavelmente acharíamos que não valeria a pena assisti-lo e as salas de cinema ficariam vazias. Um manual amplamente usado, referente à elaboração de filmes de sucesso, destaca a importância da tensão, conflito e do drama como pré-requisitos necessários para filmes de grandes bilheterias. Ele destaca especificamente que retratar “a vida em um vilarejo tranquilo” seria a garantia de fracasso e desastre de bilheteria.

Os produtores de cinema, que têm a livre escolha de selecionar os temas para seus filmes, usualmente não escolhem histórias monótonas de “água com açúcar” com final feliz. Eles incluem propositadamente suspense, perigo, dificuldades, conflitos emocionais sérios, sexo, violência e maldades. E, é claro, os próprios produtores de cinema são significativamente influenciados pelo gosto e demanda do público. Levando-se em conta que Deus criou os humanos à sua imagem e semelhança, como nos dizem, não seria surpresa nenhuma que a criação cósmica seguisse os mesmos princípios que governam a atividade criadora e o entretenimento em nosso mundo.

No processo de profunda auto exploração experimental, nós descobrimos que a criação sofre a dicotomia em todos os níveis onde encontramos formas e fenômenos dissociados. A Consciência Absoluta e o Vazio existem além dos mundos fenomenológicos e assim transcendem todas as polaridades. O bem e o mal como entidades separadas manifestam-se na existência e apareceram nos estágios iniciais da criação quando os aspectos claros e escuros do Divino emergiram-se da matriz indiferenciada da Consciência Absoluta e do Vazio. Embora esses dois aspectos da existência representem polaridades opostas e antagônicas entre si, ambos podem ser considerados como elementos necessários da criação. Numa interação complexa e intrincada em diversos níveis diferentes, eles geram incontáveis caracteres e eventos em muitos níveis diferentes e em muitas dimensões da realidade que constituem no drama cósmico.

As Duas Faces de Deus

Nos estados holotrópicos, nós poderemos experimentar diretamente não apenas o princípio criativo unificado, como descrevi anteriormente, mas também, separadamente, cada uma de suas duas formas, seja a benevolente, seja a malevolente, como duas entidades discretas. Quando encontramos a forma benevolente de Deus, nós selecionamos a sintonia com os aspectos positivos da criação. Nesse ponto, nos não tomamos consciência do lado sombrio da existência e vemos a brincadeira cósmica em sua totalidade como sendo essencialmente radiante e extática. O mal parece ser algo efêmero ou inteiramente ausente do esquema universal das coisas.

A descrição mais aproximada da natureza dessa experiência seria abordá-la segundo os termos do antigo conceito indiano de *Sacchidānanda*. Essa palavra sânscrita é composta de três raízes diferentes: *sat* significando ser ou existir; *chit*, que pode ser traduzida como percepção; e *anānda*, que significa bem-aventurança. Tudo o que podemos dizer a respeito dessa experiência é que somos identificados com um princípio ou estado de ser radiante, sem fronteiras e sem dimensões, que parece ser dotado de uma existência infinita, que possui uma percepção ou sabedoria infinita, e que experimenta uma bem-aventurança infinita. Ele possui também uma capacidade infinita de criar formas e mundos experimentais a partir de si mesmo,

Essa experiência de Sacchidānanda, ou Existência-Percepção-Bem-Aventurança, tem sua contraparte – um princípio cósmico que resume todo o potencial negativo do

Divino. Ele representa a imagem espelhada ou um oposto polar dos atributos básicos da Sacchidānanda. Lembramos aqui da cena de abertura do *Fausto* de Goethe, na qual Mefistófeles apresenta a si mesmo a Fausto: "Eu sou o espírito que nega" ("Ich bin der Geist der stets verneint"). Quando olhamos um fenômeno que consideramos mau ou ruim, nós veremos que ele se enquadra em uma das três categorias distintas, cada uma delas representando a negação de uma das características básicas ou atributos da Sacchidānanda.

A primeira das três qualidades básicas da parte positiva do Divino é *sat*, ou existência infinita. A categoria correspondente do mal relaciona-se com os conceitos e experiências relativas à limitação da existência, término da existência e a não existência. Aqui temos a impermanência que regula o mundo fenomenológico e o inevitável prospecto da aniquilação final de tudo. Nisso está incluída nossa própria morte, bem como a de todos os organismos vivos e a destruição final da Terra, do sistema solar e do universo. Podemos lembrar-nos aqui da consternação de Gautama Buddha, quando de seu primeiro passeio pelos arredores do palácio de seu pai e sua percepção dos fatos relacionados com doenças, velhice e morte. Em nossa própria tradição, o clero cristão medieval cunhou muitas frases lacônicas para que o povo se lembrasse desse aspecto da existência: "Pó ao pó, e ao pó você retornará," "Lembre-se da morte," "Isto é mostra como é efêmera a glória do mundo," ou "A morte é certa, a hora incerta."

O segundo aspecto importante da Sacchidānanda é *chit*, ou percepção infinita, sabedoria e inteligência. A categoria correspondente do mal está relacionada às várias formas e níveis de percepção limitada ou ignorância. Ela cobre uma ampla gama de fenômenos desde as conseqüências desastrosas causadas por falta de conhecimento, até mal entendidos referentes a assuntos do dia-a-dia, malentendidos e ignorância básica a respeito da natureza da existência num alto nível metafísico (*avidyā*). Esse tipo de ignorância foi descrito por Buda e alguns outros professores espirituais como uma das mais importantes fontes de sofrimento. A forma de conhecimento que pode penetrar no véu dessa ignorância e conduzir à liberação do sofrimento é chamada no oriente de *prajñāpāramitā*, ou sabedoria transcendental.

A terceira categoria dos fenômenos experimentados como algo mau ou ruim inclui os elementos que representam a negação de outra característica maior da Sacchidānanda, o elemento da bem-aventurança ilimitada, ou *ānanda*. As experiências pertencentes a ela e às suas causas refletem o lado escuro do modo mais direto, óbvio e explícito, porque interferem com a experiência extática da existência. Elas envolvem uma gama inteira de emoções negativas, sensações físicas desagradáveis que são oposto do prazer divino, tais como a dor física, ansiedade, vergonha, sentimento de impropriedade, depressão e culpa.

O princípio demiúrgico do mal, a imagem negativa em um espelho de Sacchidānanda mencionada antes, pode ser experimentada numa forma puramente abstrata ou numa manifestação mais ou menos concreta. Algumas pessoas descrevem-no como a Sombra Cósmica, um imenso campo de energia agourenta, dotada de consciência, inteligência, potencial destrutivo e com uma determinação monstruosa de causar o caos, sofrimento e desastre. Outras as experimentam como uma figura antropomórfica de proporções imensas representando o mal universal que a tudo permeia, ou o Deus Sombrio. O encontro com o lado escuro da existência pode

também assumir a forma de deidades específicas mais ligada a determinadas culturas, como Satã, Lúcifer, Arimã, Hades, Lilith, Moloch, Kālī ou Coatlicue.

Irei usar aqui como ilustração um excerto de uma descrição de Jane, uma psicóloga de 35 anos de idade, que passou pela experiência em sua sessão de treinamento de um confronto esmagador com o lado escuro da existência que culminou com o encontro com uma personificação horrenda do mal universal.

Parecia-me que eu vivera minha vida até aquele ponto com óculos cor de rosa que me impediam de ver a monstruosidade da existência. Eu vi inúmeras imagens de formas de vida na natureza sendo atacadas e devoradas por outras. A cadeia inteira da vida, a partir dos organismos mais inferiores até os mais desenvolvidos de todos, de repente apareceram como um drama brutal onde os menores e mais fracos eram devorados pelos maiores e mais fortes. Essa dimensão da natureza era tão agressiva e insuportável que eu quase não conseguia enxergar nenhum outro aspecto, como a beleza dos animais ou a engenhosidade e criatividade da força da vida. Era uma ilustração devastadora do fato de que a verdadeira base da existência era a violência; a vida não pode existir sem alimentar-se de si mesma. Um herbívoro é apenas um exemplo mais discreto e escondido de uma existência predatória em seu holocausto biológico. A frase "a natureza é criminosa" que o Marquês de Sade usava para justificar seu próprio comportamento de repente fez novo sentido.

Outras imagens conduziram-me a um giro pela história humana e forneceram uma clara evidência que ela tem sido dominada pela ambição e violência. Eu vi os combates selvagens dos homens da caverna usando cacetes primitivos, bem como as matanças causadas por armas cada vez mais sofisticadas. Visões de hordas mongólicas de Genghis Khan, varrendo a Ásia e promovendo uma matança insensível e queimando as vilas foram seguidas pelos horrores dos nazistas alemães, de Stalin na Rússia e do "apartheid" da África. E outras imagens ainda retratavam a cobiça insaciável e a insanidade de nossa sociedade tecnológica que ameaça a destruição da vida em todo o planeta!

A maior ironia e piada cruel daquele retrato desolador da humanidade pareceu ser o papel das grandes religiões do mundo. Era claro que tais instituições que prometiam intermediar o contato com o divino realmente têm sido um canal para a prática do mal. Partindo da história do Islam disseminada pela espada e pelo aguilhão, seguindo pelas cruzadas cristãs e atrocidades da Inquisição até as mais recentes crueldades motivadas pelas convicções religiosas, fica claro que as religiões fazem parte do problema em lugar de ser sua solução.

Até esse ponto da sessão, Jane teve que testemunhar uma exposição do aspecto sombrio da vida, tanto na natureza quanto na sociedade humana, sem obter nenhum insight referente às causas da cobiça e violência. Numa fase mais tarde, a experiência levou-a diretamente ao que parecia ser a fonte metafísica de todo o mal do mundo.

De repente a experiência mudou e eu fiquei face a face com a entidade que era responsável por tudo o que tinha visto. Era a imagem corporizada da quintessência do eterno Mal, uma figura arrebatadora e incredivelmente sinistra, irradiando um poder inimaginável. Embora eu não possa fornecer nenhuma medida concreta, ela parecia imensa, possivelmente do tamanho de galáxias inteiras. Embora no geral ela

fosse antropomórfica e eu quase não reconhecesse partes específicas de seu corpo, ela não possuía nenhuma forma concreta.

Ela era composta de imagens dinâmicas que rapidamente mudavam, imagens essas que fluíam em interpenetração holográfica. Elas retratavam as várias partes da anatomia daquele Deus do Mal. Desse modo, a barriga continha centenas de imagens da gula, gluttonia, repugnância; a área genital refletia cenas de perversões eróticas, estupro e crimes sexuais; os braços e mãos mostravam violências cometidas por espadas, adagas e armas de fogo. Eu senti um espanto e um terror indescritíveis. Os nomes Satã, Lúcifer e Arimã surgiram emergiram em minha mente. Mas esses eram rótulos ridiculamente dóceis para o que eu estava experimentando.

O Poder Separador do Mal

Algumas das pessoas que experimentaram um encontro pessoal com o Mal Cósmico tiveram alguns insights interessantes a respeito de sua natureza e função no esquema universal das coisas. Elas viram que esse princípio está intrinsecamente entretido na textura da existência e que ele permeia em formas cada vez mais concretas todos os níveis da criação. Suas várias manifestações são expressões da energia que faz com que as unidades projetadas da consciência sintam-se separadas umas das outras. Ela também as alienam de sua fonte cósmica, a Consciência Absoluta indiferenciada. Desse modo elas são impedidas de perceber sua identidade com sua fonte e também de perceber sua unidade básica de umas com as outras.

Desse ponto de vista, o mal está intimamente ligado ao dinamismo ao qual me referi anteriormente como "dissociação", "trabalhos em tela" ou "esquecimento". Desde que a brincadeira divina, o drama cósmico é inimaginável sem protagonistas individuais, sem entidades distintas separadas, a existência do mal é absolutamente essencial para a criação do mundo como o conhecemos. Esse entendimento está basicamente de acordo com a noção encontrada em algumas escrituras místicas cristãs de acordo com as quais o anjo decaído Lúcifer (literalmente, "portador da luz"), como representante das polaridades, é visto como uma figura demiúrgica. Ele leva a humanidade na fantástica viagem ao mundo da matéria. Abordando o problema de uma outra perspectiva podemos dizer que, em última análise, o mal e o sofrimento são baseados numa falsa percepção da realidade, particularmente na crença dos seres sencientes de que são individualidades separadas. Esse insight constitui uma parte essencial da doutrina budista da *anatta* ou *Anātman* (não eu).

O insight de que o mal é uma força de separação do universo também ajuda no entendimento de certas seqüências e padrões típicos experimentais dos estados holotrópicos. Desse modo, as experiências extáticas de unificação e expansão da consciência são freqüentemente precedidos por encontros esmagadores com as forças da escuridão, em forma de maléficas figuras arquetípicas, ou mostras em telas demoníacas. Isso é regularmente associado com sofrimentos emocionais e físicos extremos. O exemplo mais significativo que ilustra essa conexão é o processo de

morte e renascimento psíquicos, no qual as experiências de agonia, terror e aniquilamento por deidades coléricas são seguidas pelo sentimento de reunião com a fonte espiritual. Essa conexão parece ter encontrado uma expressão concreta nos templos budistas japoneses, tais como o esplêndido Todaiji, em Nara, onde tem-se que passar por terríveis figuras de guardiões coléricos antes de se entrar no interior do templo e contemplar a imagem radiante do Buda.

Um em Muitos, Muitos em Um

Qualquer tentativa de aplicação de valores éticos no processo da criação cósmica tem que levar em consideração um fato importante. De acordo com os insights apresentados neste livro, todas as fronteiras que nós ordinariamente percebemos no universo são arbitrárias e em última análise, ilusórias. O cosmo inteiro é, em sua natureza mais profunda, uma entidade única de proporções inimagináveis, a Consciência Absoluta. Como vimos antes, no belo poema de Thic Nhat Hahn, todos os papéis do drama cósmico são, em última análise, representados por apenas um protagonista. Em todas as situações que envolvem o elemento maldade, tais como no ódio, crueldade, violência, miséria e sofrimento, o princípio criativo está jogando um complicado jogo com si mesmo. O agressor é idêntico ao agredido, o ditador como o oprimido, o estupro com o estuprado, e o assassino com sua vítima. O paciente infectado não é diferente dos agentes bacteriológicos que o invadem e causam a doença, ou do médico que aplica o antibiótico parando com a infecção.

O seguinte excerto de uma sessão com Christopher Bache, o professor de religião e de filosofia que cuja descrição da experiência com o Vazio eu citei anteriormente, é uma ilustração muito viva da percepção devastadora de nossa identidade essencial com o princípio criativo:

Ao centro destacou-se o tema sexo. A princípio ele emergiu em sua forma agradável como satisfação erótica mútua, mas logo para sua forma violenta, como ataque, assalto, injúria e ferimento. As forças do ataque sexual também atuavam, entrecruzando-se, em meio à humanidade. Eu estava frente a frente a essas forças brutais, e atrás de mim havia uma criança. Eu tentava protegê-la delas, rechaçá-las e evitar que a atingissem. O horror intensificou quando a criança transformou-se em minha preciosa filha de três anos de idade. Era ela e, simultaneamente, todas as crianças do mundo.

Eu continuei tentando protegê-las, rechaçar o ataque que pressionava através de mim, ainda que soubesse que finalmente iria cair. Quanto mais eu demorava em retê-las, mais poderosas se tornavam as forças. O "eu" aqui não era apenas um "eu" pessoal mas milhares e milhares de pessoas. O horror ultrapassava tudo que eu possa descrever. Olhando de relance sobre meus ombros eu podia sentir aquele campo de inocência assustada, mas agora havia outro elemento adicionado a ela – uma tensão de um abraço místico. Superposta às crianças estava a Fêmea Primeva, a própria Deusa Mãe. Ela acenou para que eu a abraçasse, e eu percebi instintivamente que não poderia haver maior doçura que encontraria em seus braços.

Tentando evitar aquele ataque sexual violento, eu também evitava aquele meu abraço místico com a Deusa, e ainda assim eu não podia permitir o estupro e morte de minha menina não importava quão doce fosse a promessa de redenção. O frenesi continuava a se avolumar até que finalmente eu comecei a virar-me. Ainda evitando o terrível assalto assassino, eu estava agora de frente para minha vítima e sendo esmagado, de um lado pelas forças da paixão e do outro pelas de proteção. Minha vítima era ao mesmo tempo minha filha, indefesa, frágil, inocente e a Mulher Primeva convidando-me para um abraço sexual de proporções cósmicas.

Depois de um longo período da batalha agonizante contra o horrível assalto de violentos impulsos, Chris foi cedendo pouco a pouco a eles e permitindo que eles atuassem. A solução de tão excruciante situação aconteceu quando ele teve condições de descobrir que atrás dos protagonistas de tais cenas violentas existia apenas uma única entidade – ele mesmo como o princípio criativo.

Não importava quão violentamente eu lutasse contra o que estava acontecendo, eu estava sendo conduzido a desenlaçar aquela fúria. Com horror e com uma sede cega eu estava virando-me para atacar, estuprar, matar, e ainda assim continuava a lutar contra aquilo, usando cada gota de minhas forças. O embate conduziu-me a níveis cada vez mais profundos de intensidade até que repentinamente algo abriu-se num estalo, e eu pude perceber com grande assombro que eu me virava para matar e estuprar a mim mesmo. Essa ruptura era multidimensional e confusa. A intensidade de minha luta levou-me além de um ponto crucial onde repentinamente fui colocado diante da realidade de que eu era ao mesmo tempo o assassino estuprador e sua vítima. A experiência mostrou-me que éramos a mesma coisa. Encarando minha vítima nos olhos, descobri que olhava minha própria face. Eu soluça e soluçava. "Estou fazendo isso comigo mesmo."

Isso não era uma inversão cármica, um salto mortal numa vida anterior onde vítima e vitimador trocam de papéis. Era mais como um salto quântico a um nível de experiência que dissolve todas as dualidades transformando-as num fluxo envolvente único. O "eu" em que me transformei não era de modo nenhum pessoal, mas uma unidade subjacente que englobava todas as pessoas. Era algo coletivo no sentido de que incluía todas as experiências humanas, mas totalmente simples e indiviso. Eu era um. Eu era a agressor e a vítima. Eu era o estuprador e o estupro. Eu era o assassino e o assassinado. O que fazia, fazia a mim mesmo. Através de toda a história, estava fazendo aquilo a mim mesmo.

A dor da história humana era minha dor. Não havia vítimas. Não havia nada fora de mim que fizesse aquilo comigo. Eu era responsável por tudo que estava experimentando, por tudo o que jamais ocorrera. Eu olhava de frente para a minha criação. Eu fiz isso. Eu estou fazendo isso. Eu escolhi tudo isso para acontecer. Eu escolhi a criação de todos esses horríveis, horríveis mundos.

As Formas do Vazio e o Vazio das Formas

Em qualquer discussão metafísica referente à existência do mal, devemos levar em conta outro fator importante. A análise cuidadosa da natureza da realidade, seja experimental, científica ou filosófica, irá revelar que o mundo material e todos seus eventos são essencialmente vazios. Os textos das várias escolas budistas oferecem técnicas de meditação através das quais podemos descobrir o vazio de todos os objetos materiais e a ausência de um *self* separado em nosso próprio ser. Seguindo-se as instruções das práticas espirituais, nós podemos obter a confirmação experimental do credo básico do budismo – que a forma é vazia e que o vazio é forma.

Essa afirmação, que parece paradoxal ou mesmo absurda ao nosso estado de consciência do dia-a-dia, revela uma verdade profunda a respeito da realidade que tem sido confirmada pela ciência moderna. Nas primeiras décadas deste século, os físicos realizaram experiências sistemáticas de exploração da composição da matéria em toda a profundidade do nível subatômico. Eles descobriram nesse processo que aquilo que antes consideravam ser a matéria sólida se revelou ser algo cada vez mais vazio. Finalmente, tudo o que remotamente parecia ser um “troço” sólido desapareceu completamente do cenário e foi substituído por equações de probabilidades abstratas.

Aquilo que os budistas descobriram experiencialmente e os físicos modernos experimentalmente está em essência de acordo com as especulações metafísicas de Alfred North Whitehead (1967), um dos grandes filósofos deste século. Whitehead chama a crença na existência duradoura de objetos materiais separados de “a falácia da concretude mal colocada.” De acordo com ele, o universo é composto de incontáveis explosões descontínuas de atividades experienciais. O elemento básico de que é feito o universo não é uma substância duradoura mas um momento de experiência, ou *ocasião real*, segundo sua terminologia. Esse termo é aplicável aos fenômenos em todos os níveis da realidade, a partir de partículas subatômica até as almas humana.

Como a discussão acima sugere, nenhum dos eventos de nossa vida do dia-a-dia, e, a esse respeito, nenhuma das situações que envolvem o mal e o sofrimento, são em última análise reais no sentido usual que pensamos ser e os experimentamos. Como ilustração cito novamente a analogia do cinema antes já citada. Quando assistimos a um filme ou show de TV, o que vemos como protagonistas separados são na realidade vários aspectos de um só campo de luz, não dividido. Nós temos a escolha de interpretar o que percebemos como um drama real da vida ou perceber que estamos testemunhando uma dança de ondas eletromagnéticas e acústicas de várias frequências que são cuidadosamente orquestradas e sincronizadas para um efeito específico. Conquanto uma pessoa inexperiente ou uma criança possa confundir o filme com a realidade, um outro tipo de pessoa, viciado em cinema, é bem consciente do fato de que ele ou ela está participando de uma realidade virtual, de uma realidade do faz-de-conta.

A razão pela qual decidimos interpretar a brincadeira da luz e do som como uma estória real e considerar os protagonistas como entidades autônomas é porque estamos interessados na experiência que resulta de tal estratégia. Na realidade nós fizemos uma escolha voluntária de ir à sala de cinema e concordamos em pagar a

entrada, porque estamos procurando ativamente pela experiência ali envolvida. E ao decidirmos, por um lado, reagir à aquela situação como se ela fosse real, nós estamos por outro lado cientes de que os personagens do filme são fictícios e que seus papéis são desempenhados por atores que de livre vontade participam do faz-de-conta. Particularmente importante do ponto de vista de nossa discussão é o conhecimento do espectador de que as pessoas mortas no filme realmente não morrem.

De acordo com os insights descritos neste livro, o dilema humano é bastante semelhante ao do espectador de um filme. Nós tomamos, num outro nível da realidade, a decisão de encarnar, porque somos atraídos pelas experiências que a existência material possibilita. A identidade separada dos protagonistas no drama cósmico, inclusive a nossa mesma, é uma ilusão e a matéria da qual o universo parecer ser feito é essencialmente vazia. O mundo no qual vivemos não existe realmente na forma em que o percebemos. As escrituras espirituais do oriente comparam nossa experiência do dia-a-dia no mundo a um sonho do qual podemos despertar. Frithjof Schun (1969) expressou isso de modo muito sucinto: "O universo é um sonho entretido de sonhos: apenas o *self* está acordado."

No drama cósmico, como num filme ou numa peça de teatro, ninguém é morto ou morre, desde que uma identidade maior e mais profunda assume ou reassume depois que determinado papel chega ao fim. Em certo sentido, os protagonistas e o drama na realidade não existem ao mesmo tempo. Desse ponto de vista, culpar a Mente Universal pela existência do mal no mundo seria tão absurdo quanto sentenciar um diretor de cinema pelos crimes ou assassinatos cometidos na tela. Naturalmente, não existe nenhuma diferença importante entre os seres sencientes e os protagonistas de um filme. Mesmo não sendo os seres do mundo material o que parecem ser, as experiências de dor física e sofrimento emocional associadas ao seu papel são reais. Esse, é claro, não é o caso no que diz respeito aos atores de cinema.

Esse modo de ver a criação pode ser muito perturbador, a despeito do fato de ser baseado em experiências pessoais muito convincentes em estados holotrópicos e também geralmente compatíveis com as descobertas científicas a respeito da natureza da realidade. Os problemas se tornam óbvios ao começarmos a pensar a respeito das conseqüências práticas que tal perspectiva acarreta para a nossa vida e conduta diária. À primeira vista, ver o mundo material como uma "realidade virtual" e comparar a existência humana a um filme pode parecer querer banalizar a vida e tornar leve a carga da miséria humana. Pode parecer que tal perspectiva negue a seriedade do sofrimento humano e alimente uma atitude de indiferença cínica, onde nada realmente importa. Similarmente, aceitar o mal como uma parte integral da criação e perceber sua relatividade pode facilmente ser visto como uma justificativa para suspender qualquer restrição ética e para buscar metas egoístas ilimitadas. Pode também ser considerado como uma sabotagem dos esforços para combater ativamente os males do mundo.

Entretanto, a situação a esse respeito é muito mais complexa que pode parecer num exame superficial. Para começo de conversa, a experiência prática mostra que a consciência do vazio atrás de todas as formas não é de modo nenhum incompatível com uma apreciação genuína e com o amor por toda a criação. As experiências transcendentais que conduzem aos profundos insights metafísicos a respeito da natureza e da realidade na verdade engendram reverência para com todos os seres

sencientes e encajamentos responsáveis nos processos da vida. Nossa compaixão não requer que os seus objetos tenham substância material. Ela pode ser também facilmente dirigida aos seres sencientes que não passam de unidades de consciência.

A consciência do vazio subjacente ao mundo das formas pode nos ajudar significativamente a lidar com os desafios da vida do dia-a-dia de maneira adequada. Ao mesmo tempo, tal vazio, de nenhum modo faz com que a existência seja menos significativa ou interfere com a nossa habilidade de desfrutar a beleza e os aspectos agradáveis da vida. A compaixão e admiração profundas pela criação não são de modo nenhum incompatíveis com a percepção de que o mundo material não existe segundo a forma com que o experimentamos. Afinal de contas, nos podemos ter uma reação emocional intensa diante de magníficas obras de arte e profunda empatia para com seus personagens. E, ao contrário do que acontece com as obras de arte, na vida todas as experiências dos protagonistas são reais!

O Impacto do Processo Holotrópico nos Valores Éticos e no Comportamento

Antes de podermos apreciar de modo global as implicações éticas que os profundos e transcendentos insights possam ter em nosso comportamento, devemos levar em consideração alguns fatores adicionais. A exploração experimental que tornam disponíveis tais insights profundos revelam tipicamente a existência em nosso subconsciente de fontes de informações transpessoais, biográficas, e de nossa ganância. O trabalho psicológico realizado sobre tais dados conduz a uma redução significativa de nossa agressividade e a um aumento de nossa tolerância. Também encontramos um amplo espectro de experiências transpessoais nas quais nós nos identificamos com vários aspectos da criação. Isso resulta numa profunda reverência pela vida e empatia por todos os seres sencientes. O mesmo processo através do qual nós estamos descobrindo o vazio das formas e a relatividade dos valores éticos também reduz significativamente nossa predisposição para o comportamento imoral e antisocial e nos ensina a amar e ter compaixão.

Desenvolvemos um novo sistema de valores que não é baseado em normas convencionais, preceitos, mandamentos e medo de punição, mas em nosso conhecimento e compreensão da ordem universal. Percebemos que somos uma parte integrante da criação e que ferindo os outros nós estaríamos ferindo a nós mesmos. Além disso, a auto exploração profunda nos conduz à descoberta experiencial da reencarnação e da lei do carma. Isso nos traz a percepção da possibilidade de sérias repercussões experienciais do comportamento prejudicial, mesmo aqueles que escapam das reações da sociedade.

Platão estava claramente consciente das profundas implicações morais de nossas crenças no que se refere ao prosseguimento da vida após a morte biológica. Em seu livro *Leis* (Platão, 1961a) ele escreve que Sócrates dizia que a falta de conseqüências *postmortem* de nossos atos seria "uma dívida aos perversos." Nos estágios avançados de desenvolvimento espiritual, a combinação de decréscimo de

agressividade, declínio de orientação egocêntrica, sentimento de ser um com os seres sencientes, e as consciências do carma torna-se um fator importante fator que governa nossa conduta no dia-a-dia.

É interessante mencionar neste contexto Carl Gustav Jung e a crise que ele experienciou quando percebeu a relatividade das normas e valores éticos. Nesse ponto, ele questionou seriamente se, de um ponto de vista elevado, realmente importa qual comportamento escolhemos e se seguimos ou não preceitos éticos. Depois de alguma deliberação, ele finalmente encontrou uma resposta pessoal satisfatória a tal pergunta. Ele concluiu que, desde que não existe um critério absoluto com relação à moralidade, toda decisão ética é um ato criativo que reflete o nosso estágio atual de desenvolvimento de consciência e de conhecimento das informações a nós disponíveis. Quando tais fatores mudam, nós poderemos retrospectivamente ver a situação de modo diferente. Entretanto, isso não quer dizer que nossa decisão anterior estivesse errada. O que importa é que fizemos o que de melhor nos era possível sob aquelas circunstâncias.

Embora nas experiências transpessoais avançadas possamos transcender o mal, sua existência parece ser muito real em nossa vida do dia-a-dia e em vários outros reinos experimentais, particularmente no domínio dos arquétipos. No mundo da religião, nós freqüentemente encontramos tendências a retratar o mal como algo separado do Divino e a ele estranho. As experiências holotrópicas conduzem a um entendimento que um dos meus clientes chamou de "realismo transcendental." Trata-se de uma atitude que aceita o fato de que o mal é uma parte intrínseca da criação e que todos os domínios em que existam indivíduos separados possuirão sempre tanto o seu lado claro como o escuro. Desde que o mal está intrinsecamente tecido na tela cósmica e é indispensável para a existência de mundos experimentais, ele não pode ser derrotado ou erradicado. Entretanto, embora não possamos eliminar o mal do esquema universal das coisas, nós certamente podemos transformar a nós mesmos e desenvolver caminhos radicalmente diferentes de enfrentar com sucesso o lado sombrio da existência.

Nos profundos trabalhos experienciais nos percebemos que temos que experimentar em nossa vida uma certa quantidade de desconforto e de sofrimento físico e emocional que é intrínseco à existência encarnada em geral. A Primeira Nobre Verdade de Buda nos lembra que a vida significa sofrimento (*duhkha*) e ela refere-se a situações e circunstâncias que são responsáveis por nossa miséria – nascimento, velhice, doença, morte, associação com o que não gostamos, separação do que nos é caro, e a não obtenção daquilo que queremos. Além disso, cada um de nós experimenta o sofrimento que é específico para nós o qual reflete o nosso destino e nosso carma passado.

Embora não possamos evitar o sofrimento, nós podemos ter uma certa influência em sua ocorrência e na forma que ele se apresenta. Minhas observações ao trabalhar com os estados holotrópicos indicam que quando confrontamos com o lado sombrio da existência numa forma condensada e focalizada em sessões deliberadamente planejadas, nós podemos reduzir significativamente suas várias manifestações em nossa vida do dia-a-dia. Existem alguns outros modos nos quais a auto exploração sistemática pode nos ajudar a enfrentar com sucesso o sofrimento e as experiências de situações difíceis da existência. Depois de termos aprendido a suportar a

intensidade extrema das experiências dos estados holotrópicos, nossa atitude básica ao enfrentar o início de qualquer sofrimento sofre uma profunda mudança e as provações e atribuições da vida do dia-a-dia serão muito mais fáceis de suportar.

Também descobrimos que não somos o corpo físico ou aquilo que os hindus chamam de nome e forma (*nāmarūpa*). No decorrer de nossa auto exploração, nós experienciamos mudanças radicais em nosso sentimento de identidade. Nos estados holotrópicos, podemos nos identificar com qualquer coisa, desde uma insignificante porção de protoplasma num vasto universo material até a totalidade da existência e a própria Consciência Absoluta. O fato de vemos a nós mesmos como vítimas indefesas de esmagadoras forças cósmicas ou como co-autores do script de nossas vidas terá naturalmente um profundo impacto no grau de sofrimento que experienciamos ao viver ou, ao invés disso, no grau de deleite e liberdade que podemos desfrutar.

Os Arquétipos do Mal e o Futuro da Humanidade

Antes de encerrar este capítulo, gostaria de mencionar alguns insights interessantes dos estados holotrópicos que dizem respeito ao mal, ao futuro da humanidade e à continuidade da vida em nosso planeta. Todos nós somos dolorosamente conscientes da severa e perigosa crise global que estamos enfrentando ao nos aproximar do próximo milênio. Não podemos obviamente continuar a agir como no passado através da grande parte da história humana e esperar que sobrevivamos. Tornou-se imperativo encontrar novos caminhos para a restrição da violência humana, para o desmantelamento das armas de destruição em massa e para a garantia da paz mundial. Igualmente importante é parar com a poluição industrial do ar, da água e do solo e reorientar nossa economia em direção das fontes de energias renováveis. Outra tarefa importante é eliminar a pobreza e a fome no mundo e tratar de pessoas que sofram de doenças curáveis.

Muitos de nós estamos profundamente preocupados a respeito dessa situação e temos um desejo sincero de fugir dela e criar um mundo melhor. É óbvio que a situação do mundo é crítica e que é difícil encontrar uma solução simples para saná-la. A dificuldade em encontrar soluções é usualmente atribuída ao fato de que a crise global corrente é extremamente complexa e envolve uma intrincada rede de problemas que possui dimensões econômicas, políticas, étnicas, militares, psicológicas e outras. As soluções, se forem possíveis, são vistas como correções das tendências nessas diferentes áreas.

Nos estados holotrópicos, descobrimos que esse problema tem também uma dimensão metafísica perturbadora. Tornamo-nos cientes de que aquilo que está acontecendo em nosso mundo não é determinado somente por causas materiais. Em última análise, ele é uma reflexão direta da dinâmica do domínio arquetípico. As forças e entidades que operam naquele domínio são fortemente polarizadas; o panteão das figuras arquetípicas inclui não só deidades benevolentes mas também maléficas. Os princípios arquetípicos – bom, neutro, mau – representam uma parte integral da criação, sendo elementos indispensáveis no jogo cósmico. Por essa razão,

não é possível eliminar o mal do esquema universal das coisas. A metade do panteão arquetípico não pode ser simplesmente colocado "fora de ação."

Em vista desses insights, torna-se óbvio que se quisermos melhorar a situação do mundo e reduzir a influência dos elementos maléficos em nossas atividades do dia-a-dia, teremos que descobrir formas de expressão menos destrutivas e perigosas para as forças arquetípicas que movem tais elementos (*Se o Grof soubesse a verdade a respeito dos flyers não escreveria tais bobagens*). É imperativo criar contextos especiais que tornem possível honrar tais forças arquetípicas e oferecer a elas saídas alternativas que realcem e não destruam a vida. Ocasionalmente, os estados holotrópicos trazem interessantes idéias sugerindo o que seriam tais atividades e instituições.

A estratégia primária para a redução do impacto das forças arquetípicas potencialmente destrutivas em nosso mundo seria encontrar para elas, nos estados holotrópicos de consciências, canais seguros para sua expressão. Isso poderia incluir programas de práticas espirituais sistemáticas de diferentes orientações, várias formas experimentais de psicoterapia que dessem acesso às experiências perinatais e transpessoais, e centros de sessões psicodélicas convenientemente supervisionadas. De grande importância seria também o retorno das atividades ritualísticas reprimidas pela sociedade, semelhantes àquelas que existiam em quase todas as culturas nativas antigas. Versões modernas de rituais de passagem tornaria possível a experiência consciente de integração das várias energias destrutivas e também auto destrutíveis, evitando-se dessa maneira que as mesmas causem efeitos destrutivos na sociedade. Alternativas adicionais interessantes seria dinamizar novas formas de arte e novas modalidades de entretenimento com o uso da tecnologia da realidade virtual.

Essas tecnologias transformadoras poderiam ser complementadas por várias atividades orientadas para o exterior servindo ao mesmo propósito. Assim as poderosas e potencialmente destrutivas energias explosivas que são atualmente expressas em guerras de matança mútua poderiam ser parcialmente canalizadas em direção de um programa de larga escala global de exploração do espaço ou em outros projetos técnicos semelhantes. Outra possibilidade seriam os eventos competitivos de várias modalidades, desde torneios esportivos até disputas em corridas envolvendo a moderna tecnologia. Algumas energias poderiam ser canalizadas para sofisticados parques de diversão, carnavais elaborados e desfiles semelhantes às festividades da realeza antiga e da idade média, aristocracia, da classe média e da população em geral. Se os insights acima referidos tiverem alguma validade, a tarefa de desenvolver essas novas formas de atividade certamente representam um desafio interessante.

7

Nascimento, Sexo e Morte: A Conexão Cósmica

A morte beira nosso nascimento, e nosso berço jaz ao lado da tumba.

_ Joseph Hall

O homem coloca-se de pronto ao nível da besta se procura apenas satisfazer sua sensualidade, mas eleva-se a uma posição superior quando, restando o desejo animal, ele combina com a função sexual idéias de morte, do sublime e da beleza.

_ Barão Richard von Krafft-Ebing

Ligações Íntimas entre Nascimento, Sexo e Morte

No capítulo que explora os modos de reunião com a fonte cósmica, mencionei em poucas palavras três aspectos da vida humana que têm uma ligação particularmente íntima com o domínio transpessoal: nascimento, sexo e morte. Como vimos, todos os três representam importantes vias de acesso à transcendência e oportunidades únicas de reunião cósmica. Isso é verdade não só caso de ser nosso encontro com uma dessas áreas algo que tenha ocorrido de modo simbólico no processo de experiências de auto exploração profundas como também no caso de situações da nossa vida do dia-a-dia.

Quando uma nova criança vem ao mundo, a mãe e as pessoas que participam do parto como assistentes e observadores podem experimentar uma poderosa abertura espiritual. Isso é particularmente verdadeiro se o nascimento não ocorrer num contexto artificial de um hospital, mas sob circunstâncias onde seja possível experimentar seu impacto total, psicológico e espiritual. Similarmente, ter um toque pessoal íntimo com a morte ou conviver intimamente durante certo tempo com pessoas que esteja morrendo pode ser um forte catalisador de experiências místicas. E fazer amor com um(a) parceira(o) altamente compatível pode ser um evento profundamente espiritual e, em certas ocasiões, até mesmo iniciar um processo continuado de evolução da consciência. A conexão íntima entre sexualidade e espiritualidade é a base das práticas tântricas orientais.

Além de sua ligação íntima com a espiritualidade, o nascimento, sexo e a morte também mostram certa sobreposição experimental entre si. Para muitas mulheres, um parto normal sob as condições favoráveis pode ser a experiência sexual mais forte em suas vidas. Inversamente, um poderoso orgasmo sexual nas mulheres, como também nos homens, podem ocasionalmente tomar a forma de um renascimento psicoespiritual. O orgasmo pode também ser tão esmagador que pode ser subjetivamente experimentado como a morte. A conexão entre o orgasmo sexual e a morte é refletida na língua francesa que refere-se a ele como "pequena morte" ("la petite mort"). E morrer, particularmente se associado ao sufocamento, tem um forte componente sexual.

Igualmente íntimo é o relacionamento entre o nascimento e a morte. Nos estados avançados da gravidez, muitas mulheres têm sonhos onde aparecem eventos que

lembram a destruição e a morte. O parto é um acontecimento que contém uma ameaça em potencial para a mãe, como também para a criança. E a *delivrance* pode ser associada com medo agudo da morte, mesmo se não for particularmente difícil e não haja perigo de vida. O reverso é também verdadeiro; as experiências que se aproximam da morte compartilham certos elementos com o nascimento, particularmente o sentimento freqüente de passagem por um túnel ou funil e emergindo-se na luz.

No trabalho com os estados holotrópicos, nós podemos obter profundos insights referentes à natureza dessas conexões experienciais entre nascimento, sexo e morte. Em nossa psique inconsciente, essas três áreas cruciais de nossa vida estão de tal modo interligadas e entretecidas que é impossível experienciar uma delas sem tocar nas outras duas. Isso surge como uma surpresa, porque em nossa vida do dia-a-dia pensamos usualmente das três áreas como separadas e localizamos as mesmas em contextos diferentes. O nascimento é algo que marca o início de nossas vidas e envolve um infante. A morte, a menos que seja o resultado de um acidente ou séria doença, é associada com idade avançada e então com o final de nossa vida. A sexualidade, no sentido total da palavra, pertence a um período intermediário de nossa vida caracterizado pela maturidade física.

Nascimento, Sexo e Morte no Processo Perinatal

Essa visão convencional do relacionamento entre o nascimento, sexo e a morte sofre profundas mudanças quando nosso processo de profunda auto exploração desloca-se para além do nível das memórias da infância e meninice e atinge retroativamente o nascimento, o domínio perinatal da psique. Iniciamos encontrando sensações físicas e emoções de intensidade extrema, freqüentemente ultrapassando tudo que previamente considerávamos como humanamente possível. Nesse ponto, as experiências se tornam uma mistura estranha dos temas nascimento e morte. Elas envolvem um sentimento de confinamento severo que ameaçam a vida e uma luta desesperada e decidida de nos libertar e sobreviver. Esse relacionamento íntimo entre nascimento e morte no nível perinatal reflete o fato de que o nascimento é um evento que potencialmente ameaça a vida. A criança e a mãe podem realmente perder suas vidas durante o processo e a criança pode nascer inteiramente roxa pela asfixia, ou mesmo morta, necessitando ressurreição.

Reviver os vários aspectos do nascimento biológico pode ser algo muito autêntico e convincente, e freqüentemente tal processo apresenta detalhes fotográficos. Isso pode ocorrer mesmo com pessoas que não tenham conhecimento intelectual a respeito de seu nascimento e não possuam as informações mais elementares a respeito dos processos obstétricos. Nós podemos, por exemplo, descobrir pela experiência direta que o nosso nascimento foi de nádegas, que foi usado o fórceps durante o parto, ou que nascemos com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Podemos sentir a ansiedade, fúria biológica, dor física e sufocação associada com esse terrível evento e até mesmo reconhecer acuradamente o tipo de anestesia usada durante nosso nascimento. Isso é freqüentemente acompanhado por várias posturas

e movimentos da cabeça e do corpo que acuradamente recriam a mecânica de um tipo particular de parto. Todos esses detalhes podem ser confirmados se existirem adequados registros do nascimento ou se estiverem disponíveis relatos de testemunhas pessoais confiáveis.

A forte marca que o nascimento e a morte deixam em nossa psique e a relação íntima entre ambos podem surpreender psiquiatras e psicólogos tradicionais, mas é algo lógico e facilmente compreensível. O parto representa o fim brutal da vida intra-uterina do feto. Ele ou ela "morre" como um organismo aquático e nasce como uma forma de vida que respira o ar, até mesmo anatomicamente diferente. E a passagem pelo canal do nascimento é ela mesma algo difícil e potencialmente ameaçadora da vida.

Não é tão fácil entender porque a dinâmica perinatal regularmente também inclui um componente sexual. E ainda assim, quando revivemos os estágios finais do nascimento no papel de feto, isso é tipicamente associado com um forte e inusitado despertar sexual. O mesmo é verdade para a mãe, que pode experimentar um misto de medo da morte e excitação sexual intensa. Essa conexão parece estranha e enigmática, particularmente no que diz respeito ao feto, e certamente merece algumas palavras de explicação.

Parece existir um mecanismo no organismo humano que transforma o sofrimento extremo, especialmente quando associado ao sufocamento, numa forma particular de excitação sexual. Essa conexão experiencial pode ser observada numa variedade de situações outras que não o nascimento. As pessoas que tentam enforçar-se e são salvas no último momento descrevem tipicamente que, no pico do sufocamento, elas sentem uma excitação sexual quase insuportável. É sabido que pessoas do sexo masculino quando executadas na forca experimentam uma ereção e chegam até mesmo a ejacular. A literatura referente a tortura e lavagem cerebral descreve que o sofrimento físico inumano freqüentemente acionam estados de êxtase sexual. Numa forma menos extrema, esse mecanismo opera em várias práticas sodomsoquistas que incluem estrangulamento e sufocamento. Nas seita dos flagelantes, que regularmente engajam-se em torturas auto aplicadas, em martírios religiosos, em tormentos inimagináveis, dor física extrema que em certo ponto muda para uma excitação sexual e finalmente resulta em enlevo extático e experiência transcendental.

Dinâmica e Simbolismo das Matrizes Básicas Perinatais

Até aqui, focalizamos inicialmente nos aspectos emocionais e físicos do nascimento. Entretanto, o espectro do domínio perinatal do inconsciente não é limitado aos elementos que podem ser derivados do processo biológico envolvido no parto. Ele também envolve rico imaginário simbólico que é fruto dos reinos transcendentais. O domínio perinatal é uma interface importante entre os níveis biográfico e transpessoal da psique. Ele representa uma saída para os aspectos históricos e arquetípicos do inconsciente coletivo no sentido que Jung dava a essa expressão. Desde que o simbolismo específico dessas experiências tem sua origem no consciente coletivo, e não nos bancos individuais da memória, ele pode originar-se de qualquer contexto

geográfico e histórico, bem como qualquer tradição espiritual do mundo, bastante independentemente de nosso antepassado cultural, racial, educacional ou religioso.

A identificação com o infante diante do tormento da passagem através do canal do nascimento parece fornecer o acesso a experiências de pessoas de outros tempos e culturas, de vários animais, e até mesmo de figuras mitológicas. É como se a conexão com a experiência do feto debatendo-se para nascer, atingi-se uma conexão íntima, quase mística, com a consciência da espécie humana e com outros seres sencientes que estejam ou tenham estado em uma situação difícil semelhante.

A confrontação experiencial com o nascimento e com a morte parece resultar automaticamente numa abertura espiritual e descobrimento das dimensões místicas da psique e da existência. Como mencionei antes, parece não haver diferença se esse encontro com o nascimento e com a morte ocorra em situações reais da vida do dia-a-dia, tais como num parto ou contexto próximo do desenlace, ou no caso de ser puramente simbólico.

Seqüências perinatais poderosas em sessões psicodélicas e holotrópicas ou o decorrer de crises psicoespirituais espontâneas (emergências espirituais) parecem ter o mesmo efeito.

O nascimento biológico possui três estágios distintos. No primeiro, o feto é periodicamente comprimido por contrações uterinas sem nenhuma chance de escapar dessa situação, já que o colo do útero está firmemente fechado. A continuação das contrações pressiona o colo contra a cabeça do feto até ficar suficientemente dilatado para permitir a passagem pelo canal do nascimento. A dilatação completa do colo marca a transição do primeiro para o segundo estágio do parto, a qual é caracterizado pela descida da cabeça para a pélvis e sua gradual e difícil propulsão através da passagem para o nascimento. E finalmente, no terceiro estágio, a criança emerge do canal do nascimento e, depois de cortado o cordão umbilical, ele ou ela torna-se um organismo anatomicamente independente.

Em cada um desses estágios, o neném experimenta um conjunto específico e típico de emoções e sensações físicas intensas. Essas experiências deixam impressões inconscientes profundas na psique que mais tarde desempenham um papel importante na vida do indivíduo. Reforçadas pelas experiências emocionalmente importantes da infância e meninice, as memórias do nascimento podem dar forma à percepção do mundo, influenciar profundamente o comportamento cotidiano, e contribuir para o desenvolvimento de várias desordens emocionais e psicossomáticas. Nos estados holotrópicos, essas informações inconscientes podem chegar até à superfície e ser experimentadas em sua totalidade. Quando nosso processo de auto-exploração profunda nos leva de volta aos nascimento, descobrimos que reviver cada estágio do mesmo está associado com um padrão experimental próprio, caracterizado por combinação específica de emoções, sensações físicas e imagens simbólicas. Eu chamo tais padrões de experiências de matrizes básicas perinatais (BPMs).

Primeira Matiz Básica Perinatal (BPM I)

A primeira matriz básica perinatal (BPM I) está relacionada com a experiência intra-uterina que precede imediatamente o nascimento e as três outras (BPM II a IV) aos estágios clínicos do parto, acima descritos. Além de conter elementos que representam um *replay* da situação original do feto num estágio particular do nascimento, as matrizes básicas perinatais também incluem várias cenas naturais, históricas e mitológicas com qualidades experienciais semelhantes retiradas dos reinos transpessoais. No que se seguirá, irei resumir brevemente as conexões específicas entre a dinâmica perinatal e o domínio transpessoal.

Gostaria de enfatizar que as conexões entre os estágios consecutivos do nascimento biológico e as várias imagens simbólicas associadas a eles são muito específicas e consistentes. A razão pela qual elas emergem juntas não é compreensível em termos da lógica convencional. Entretanto, isso não quer dizer que tais associações sejam arbitrárias e randômicas. Elas possuem sua própria ordem profunda que pode ser melhor descrita como "lógica experiencial." O que isso significa é que a conexão entre as experiências características dos vários estágios do nascimento e os temas simbólicos concomitantes não é baseada em alguma semelhança externa formal, mas no fato de que elas compartilham dos mesmos sentimentos emocionais e sensações físicas.

Enquanto experienciamos os episódios da tranqüila existência embrionária (BPM I), nós freqüentemente encontramos imagens de vastas regiões sem fronteiras ou limites. Algumas vezes nós nos identificamos com galáxias, espaço interestelar ou com o cosmo inteiro e outras vezes temos a experiência de estar flutuando no oceano ou nos transformando em vários animais aquáticos, tais como peixes, golfinhos ou baleias. A tranqüila experiência intra-uterina pode também descortinar imagens da natureza – segura, linda, e incondicionalmente nutridora, como um num útero (Mãe Natureza). Podemos visualizar pomares luxuriantes, plantações de milho maduro, terraços de agricultura dos Andes ou ilhas agrestes da Polinésia. A experiência do útero bom pode também fornecer acesso seletivo aos domínios dos arquétipos da inconsciência coletiva e descortinar imagens de paraísos ou céus como descritos nas mitologias de diferentes culturas.

Quando estamos revivendo episódios dos distúrbios intra-uterinos, ou experiências de "mal útero", temos um sentimento de ameaças escuras e sinistras e freqüentemente sentimos como se estivéssemos sendo envenenado. Poderemos ver imagens que retratam águas poluídas ou depósitos tóxicos de lixo. Isso reflete o fato de que muitos distúrbios pré-natais são causados por mudanças tóxicas no corpo da mãe grávida. A experiência do útero tóxico pode ser associada com visões de figuras demoníacas ameaçadoras dos reinos arquetípicos do inconsciente coletivo. Reviver interferências mais violentas durante a existência pré-natal, tais como aborto acidental iminente ou tentativa de aborto, é usualmente conectado com um sentimento de ameaça universal ou visões sangrentas apocalípticas do fim do mundo.

Segunda Matriz Básica Perinatal (BPM II)

Quando a experiência de regressão atinge o começo do nascimento biológico, nós tipicamente nos sentimos estar sendo sugados por um redemoinho gigante ou engolidos por alguma besta mística. Poderemos também experimentar que o mundo inteiro ou mesmo o cosmo está sendo engolfado. Isso pode ser associado com imagens de monstros arquetípicos devoradores ou desconcertantes, tais como leviatãs, dragões, cobras gigantes, tarântulas e polvos. O sentimento de ameaça vital esmagadora pode levar a uma ansiedade tão intensa ou desconfiança geral que atinja as raias da paranóia. Poderemos também experimentar a descida a mundos subterrâneos, ao reino da morte ou inferno. Como o mitologista Joseph Campbell tão eloqüentemente descreveu, esse é um tema universal das viagens de heróis mitológicos (Campbell, 1968).

Reviver o desenvolvimento completo do primeiro estágio do nascimento biológico quando o útero se contrai e seu colo ainda não esteja ainda aberto (BPM II), é uma das piores experiências que o ser humano pode ter. Sentimo-nos apanhados num pesadelo claustrofóbico monstruoso, sofrendo dores físicas e emocionais agonizantes e sentimo-nos completamente desamparados e desesperados. Nossos sentimentos de solidão, de culpa, do absurdo da vida e desespero existencial pode atingir proporções metafísicas. Perdemos a conexão com o tempo linear e nos tornamos convencidos que aquela situação nunca terminará e que não existe absolutamente nenhuma saída para a mesma. Não existe nenhuma dúvida em nossa mente de que o que está acontecendo a nós é aquilo que as religiões descrevem como o Inferno – tormento insuportável, físico e emocional sem nenhuma esperança de redenção. Isso pode realmente ser acompanhado de imagens arquetípicas de demônios e paisagens infernais de diferentes culturas.

Quando enfrentamos a funesta situação sem saída das garras das contrações uterinas, podemos ser conectados com seqüências do inconsciente coletivo que envolvem pessoas, animais e mesmo seres mitológicos que estejam num beco sem saída similarmente doloroso e desamparado. Nós nos identificamos com prisioneiros de masmorras, reclusos de campos de concentração ou de asilos de loucos e com animais apanhados em armadilhas. Poderemos experimentar as intoleráveis torturas de pecadores no inferno ou de Sisifus rolando seu matoção montanha acima no mais profundo dos infernos. Nossa dor pode tornar-se na agonia de Cristo perguntando a Deus por que Ele o abandonou. Parece-nos que enfrentamos a perspectiva da danação eterna. Esse estado sombrio e de desespero abismal é conhecido da literatura espiritual como a Noite Escura da Alma. De uma perspectiva mais ampla, a despeito dos sentimentos da mais completa desesperança que ele provoca, esse estado é um estágio importante de abertura espiritual. Se for experienciado em sua profundidade total, ele pode ter um efeito imensamente purificador e libertador para quem o experiêcia.

Terceira Matriz Básica Perinatal (BPM III)

A experiência do segundo estágio do parto, a propulsão através do canal do nascimento depois que o colo do útero se abre e a cabeça desce (BPM III), é usualmente rica e dinâmica. Diante das energias conflitantes e das pressões

hidráulicas envolvidas no parto, nós somos inundados com imagens do inconsciente coletivo que retratam seqüências de batalhas titânicas e cenas de violências e torturas sangrentas. É também durante essa fase que somos confrontados com impulsos sexuais e energias de natureza enigmática e intensidade incomuns.

Eu já descrevi anteriormente que o despertar sexual é uma parte importante da experiência do nascimento. Isso coloca nosso primeiro encontro com a sexualidade num contexto muito precário, numa situação em que nossa vida é ameaçada, quando sentimos e fazemos sentir dor, e quando não temos como respirar. Ao mesmo tempo, nós experienciamos uma mistura de ansiedade vital e fúria biológica primitiva, sendo essa última uma reação compreensível do feto à essa experiência dolorosa e que ameaça sua vida. Nos estágios finais do parto, podemos também encontrar várias formas de materiais biológicos – sangue, mucos, urina e até mesmo fezes.

Por causa dessas conexões problemáticas, as experiências e as imagens que encontramos nessa fase apresentam tipicamente o sexo numa forma grosseira e distorcida. A mistura estranha de dor física com a excitação sexual, agressão, ansiedade vital e os elementos biológicos conduz a seqüências que são pornográficas, aberrantes, sadomasoquistas, escatológicas e até mesmo satânicas. Podemos ser arrasados por cenas dramáticas de abuso sexual, perversões, estupros e assassinatos eroticamente motivados.

Em certas ocasiões, essas experiências podem tomar a forma de participação em rituais conduzidos por bruxas e satanistas. Isso parece estar relacionado ao fato de que reviver esse estágio do nascimento envolve a mesma estranha combinação de emoções, sensações e elementos que caracterizam as cenas arquetípicas da Missa Negra e do Sabá das Bruxas (Noite de Valpúrgis). É uma mistura de excitação sexual, ansiedade, pânico, agressão, ameaça à vida, dor, sacrifício e encontro de materiais biológicos ordinariamente repulsivos. Essa amálgama peculiar experimental é associada com um sentimento de sacralidade e numinosidade que reflete o fato de que tudo isso é o desdobrar de uma próxima e íntima abertura espiritual.

Esse estágio do processo do nascimento pode ser também associado com incontáveis imagens do inconsciente coletivo retratando cenas de agressão assassina, tais como batalhas selvagens, revoluções sangrentas, massacres dilacerantes e genocídios. Em todas as cenas sexuais e violentas que encontramos nesse estágio, nós alternadamente desempenhamos o papel de agressor e vítima. Esse é o tempo de um encontro mais demorado com o lado escuro de nossa personalidade, a Sombra de Jung, que discutimos no capítulo do bem e do mal. Quando essa fase perinatal está terminando e sendo solucionada, muitas pessoas têm a visão de Jesus, da Via Sacra e da crucificação, ou até mesmo experienciam realmente total identificação com o sofrimento de Jesus. O domínio arquetípico do inconsciente coletivo contribui com essa fase oferecendo figuras de heróis mitológicos e de deidades representando o nascimento e a morte, tais como o deus egípcio Osiris, as divindades gregas Dionísio e Perséfone ou a deusa sumeriana Inanna.

Quarta Matriz Perinatal (BPM IV)

Reviver o terceiro estágio do processo do nascimento, ou a emergência real no mundo (BPM IV), é tipicamente iniciado pelo motivo do fogo. Podemos sentir que o nosso corpo está sendo consumido por um calor crestante e ter visões de cidades e florestas em chamas, ou nos identificar com vítimas de imolações. As versões arquetípicas desse fogo podem tomar a forma de chamas purificadoras do Purgatório ou do legendário pássaro Fênix, morrendo no calor de seu ninho em chamas e emergindo das cinzas renascido e rejuvenescido. O fogo purificador parece destruir em nós tudo o que é corrupto e nos preparar para o renascimento espiritual. Quando estamos revivendo o momento real do nascimento, nós o experienciamos como uma aniquilação completa e o subseqüente renascimento e ressurreição.

Para entender porque nós experienciamos o reviver do nascimento biológico como morte e renascimento, teremos que perceber que aquilo que acontece conosco é muito mais que a repetição do evento original do nascimento. Durante o parto, nós ficamos inteiramente confinados no canal do nascimento e não temos como exprimir as extremas emoções e sentimento envolvidos. Nossa memória desse evento permanece assim psicologicamente não digerida e assimilada. Muito de nossa posterior auto-definição e de nossas atitudes para com o mundo são pesadamente contaminadas por essa constante e profunda lembrança da vulnerabilidade, inadequação e fraqueza que experienciamos ao nascer. Em certo sentido, nascemos anatomicamente mas realmente não percebemos emocionalmente o fato de que a emergência e o perigo já foram superados. O "morrer" e a agonia durante a luta para o renascimento refletem a dor e a ameaça reais de nossa vida no processo biológico do parto. Entretanto, a morte do ego que precede imediatamente o renascimento é a morte de nossos velhos conceitos de quem somos nós e de como é o mundo, que foram forjados pela impressão traumática do nascimento.

Ao purgar esses velhos programas de nossa psique e do nosso corpo deixando-os emergir até à consciência, nós estaremos reduzindo sua carga energética e podendo sua influência destrutiva em nossa vida. De um ponto de vista mais amplo, esse processo é realmente muito cicatrizante e transformador. E ainda assim, ao nos aproximar de seu final, poderemos paradoxalmente sentir que, quando as velhas marcas nos deixam, nós estaremos morrendo com elas. Algumas vezes, nós não apenas experienciamos o sentimento de aniquilamento pessoal, como também a destruição do mundo como o conhecemos.

Enquanto apenas um passo nos separam da experiência da liberação completa, nós temos um sentimento de uma ansiedade que a tudo permeia e de uma catástrofe de enormes proporções. A impressão do iminente fim de mundo pode ser muito convincente e devastadora. O sentimento predominante é o de que nós estamos perdendo tudo o que conhecemos e que somos. Ao mesmo tempo, não temos nenhuma idéia do que existe do outro lado, ou mesmo se, afinal de contas, existe ali alguma coisa. Esse medo é a razão pela qual nesse estágio muitas pessoas desesperadamente e se pudessem, resistem a tal processo. Como resultado, elas podem permanecer psicologicamente presas a esse território problemático por um período indefinido de tempo.

O encontro com a morte do ego é um estágio da viagem espiritual em que nós poderemos necessitar de muito encorajamento e amparo psicológico. Quando conseguimos sobrepujar o medo metafísico associado com essa importante conjuntura e decidir deixar as coisas acontecerem, nós experienciamos o aniquilamento total em todos os níveis imagináveis. Isso envolve a destruição física, desastre emocional, derrota filosófica e intelectual, fracasso moral absoluto e até mesmo a danoção espiritual. Durante tal experiência, todos os pontos de referência, tudo o que é importante e significativo em nossa vida, parece impiedosamente destruído.

Seguindo imediatamente a experiência de aniquilamento total – “atingir o fundo do poço cósmico” – somos arrasados por visões de luz que possui uma radiação e beleza sobrenaturais e que usualmente são percebidas como sagradas. Essa epifania divina pode ser associada com mostras de belos arco-íris, imagens diáfanas de pavões e visões de reinos celestiais com seres angelicais e divindades que parecem feitas de luz. Esse é também o tempo em que podemos experimentar um encontro profundo com a figura arquetípica da Grande Deusa Mãe ou com alguma de suas várias formas, ligadas às diferentes culturas.

A experiência da morte e renascimento psico-espirituais representa um grande passo em direção ao enfraquecimento de nossa identificação com o “ego encapsulado na pele” e reconexão com o domínio transcendental. Sentimo-nos redimidos, libertados, abençoados e temos uma nova consciência de nossa natureza divina e estatuo cósmico. Também experienciamos tipicamente um forte envolver de emoções positivas com respeito a nós mesmos, a outras pessoas, à natureza, a Deus e à existência em geral. Ficamos inundados de otimismo e sentimos um tremendo bem-estar físico e emocional.

É importante enfatizar que esse tipo de experiência restauradora e transformadora ocorre quando o estágio final do nascimento biológico teve um curso mais ou menos natural. Se o parto tiver sido muito debilitante ou perturbado por grande dose de anestesia, a experiência do renascimento não terá a qualidade de uma triunfante emergência na luz. Será mais ou menos como um despertar e um recuperar de uma ressaca com tonteiras, náuseas e consciência enevoada. Muito trabalho psicológico adicional pode ser necessário trabalhar através desses problemas adicionais e os resultados positivos são muito menos surpreendentes.

O Processo Perinatal e o Inconsciente Coletivo

Do que já foi descrito, podemos ver que o domínio perinatal da psique representa uma travessia experimental de importância crítica. Ele não é somente o ponto de encontro de três aspectos absolutamente cruciais da existência biológica do homem – nascimento, sexo e morte – mas também a linha divisória entre a vida e a morte, a individual e a da espécie e entre a psique e o espírito. A experiência consciente completa dos conteúdos desse domínio da psique com boa integração subsequente pode resultar em conseqüências bastante amplas e conduzir à abertura espiritual e profunda transformação pessoal.

As pessoas usualmente começam o processo de experiência intensiva da auto exploração por razões muito pessoais – seja por propósitos terapêuticos, seja para seu próprio crescimento emocional e espiritual. Entretanto, certos aspectos das experiências perinatais sugerem insistentemente que o que está acontecendo no caso é um evento cujo significado transcende de muito os estreitos interesses de um só indivíduo. A intensidade das emoções e sensações físicas envolvidas e a freqüente identificação com incontáveis outras pessoas através da história dá a essas experiências uma qualidade distintamente transpessoal.

O excerto que segue, retirado de um relato de uma poderosa sessão envolvendo estados holotrópicos de consciência, captura belamente a natureza das experiências perinatais, sua intensidade e o grau em que é engajado o inconsciente coletivo da humanidade (Bache 1997):

Fiquei surpreso e baixei a guarda ao perceber quão terrivelmente dolorosa era esta sessão. Não era pessoal e tinha pouco a ver com o meu nascimento biológico. A dor que eu sofria era claramente relacionada primeiramente com o nascimento de toda a espécie e em segundo lugar ao meu próprio nascimento. Minhas fronteiras experienciais ampliaram-se para abarcar toda a raça humana em toda a sua história, e me identifiquei com esse "eu" com tal horror que não tenho como descrevê-lo acuradamente. Era uma insanidade cheia de ódio, uma enorme onda caleidoscópica num ambiente de caos, dor e destruição. Era como se a raça humana inteira tivesse sido reunida de todos os cantos do mundo e se tornado absoluta e completamente insana.

As pessoas brigavam entre si com uma selvageria cega ampliada pela tecnologia da ficção científica. Havia muitas correntes cruzando e entrecruzando à minha frente, cada uma delas composta de milhares de pessoas – algumas matando de maneira múltipla, outras sendo mortas, outras escapando em pânico, outras sendo sitiadas, outras testemunhando e berrando aterrorizadas, outras testemunhando e tendo seus corações partidos pela loucura da espécie humana – e "eu" era quem tudo experienciava. A magnitude das mortes e da insanidade não pode ser descrita. O problema é encontrar uma estrutura de referência. As únicas categorias disponíveis para mim são aproximações simplificadas que só podem fornecer uma vaga idéia do que experienciei.

Essa espécie de sofrimento abarcava toda a história humana. Ele era ao mesmo tempo específico das espécies e arquetípico. Abarcava os mundos de horrores da ficção científica mais estapafúrdios e muito mais além, mais além do que se possa ser imaginado. Envolve não apenas seres humanos mas também mas bilhões e bilhões de pedaços de matéria em agonizantes explosões galácticas. Horror além de qualquer finalidade. Uma convulsão da espécie humana, uma convulsão do universo. Flutuando em meio a ele havia cenas de sofrimento trágico causado pela indiferença humana e da natureza. Milhares de crianças famintas de todos os cantos do globo, com seus corpos entumecidos em sua agonia da morte, e com seus olhos sem vida fixados na humanidade que os estava matando por sua negligência e sistemático abuso ecológico. Grandes quantidades de violência entre homens e mulheres – estuprando, batendo, intimidando, retaliando – em ciclos e ciclos de destruição.

A natureza extraordinária das experiências perinatais provoca o surgimento de algumas questões interessantes e importantes. Por que é que nos processos de profunda auto exploração nos atingimos uma fase em que atravessamos nossas fronteiras individuais e somos conectados com o inconsciente coletivo e com a história de nossa espécie? Por que elas envolvem uma conexão tão íntima com a morte e com o reviver do nosso nascimento? Como e por que é esse processo tão intimamente associado com a sexualidade? Qual papel desempenham as freqüentes participações dos elementos arquetípicos em tais experiências? E finalmente, qual é a função e o significado desse processo e como está ele relacionado com a espiritualidade e com a evolução da consciência?

Gostaria de fazer uma referência aqui ao trabalho de Christopher Bache (1996) que realizou uma tentativa interessante para esclarecer o problema da presença do sofrimento coletivo no nível perinatal e o papel do indivíduo no despertar espiritual das espécies. Bache destacou que a chave para o entendimento do processo perinatal é o fato de que sua função é nos liberar do confinamento da existência separada e inculta e despertar em nós a percepção de nossa verdadeira natureza, de nossa identidade, em essência, com o princípio criativo. Como o deus romano Janus, o domínio perinatal possui uma natureza dual. Ele nos mostrará uma face muito diferente, dependendo da direção da qual o observamos, se do ponto de vista do ego/corpo ou se do nosso "self" transpessoal.

Visto da perspectiva pessoal, o domínio perinatal parece ser o embasamento de nosso consciente individual, um repositório de fragmentos não digeridos das experiências que mais de perto desafiaram nossa integridade corporal, nossa sobrevivência. Sob esse ângulo, percebemos o processo perinatal, e a violência que dele se projeta, sobretudo como uma ameaça à nossa existência individual. Da perspectiva transpessoal, a identificação com o ego/corpo parece ser o produto de uma ignorância fundamental, uma perigosa ilusão que é responsável pelo fato de que vivemos nossas vidas de um modo destrutivo, insatisfatório, auto aniquilador. Uma vez entendida a verdade fundamental da existência, nós passamos a ver as experiências perinatais, a despeito de sua natureza violenta e dolorosa, como uma tentativa radical e drástica, mas amorável, de nos libertar espiritualmente pela demolição da prisão de nossa falsa identidade. Nós não estaríamos sendo aniquilados mas nascendo para uma realidade mais elevada onde nos reconectamos com a nossa verdadeira natureza.

Transformação Individual e Cura da Consciência da Espécie

Sabemos pelas práticas das terapias experimentais que é possível purgar de nosso subconsciente memórias não digeridas de dores físicas e emocionais de nossa infância, meninice e da vida posterior através de experienciá-las totalmente. Isso, junto com as experiências positivas resultantes do processo, liberta-nos das influências distorcidas de traumas passados que tornam nossa vida inautêntica e insatisfatória. Christopher Bache sugere que, de modo semelhante, as experiências perinatais podem desempenhar um papel importante na cura do passado traumático da espécie humana.

Não seria possível, questiona ele, que a memória de violências e ganâncias insaciáveis que são entretidas na tela da história humana, causam distúrbios no inconsciente coletivo que contamina o presente da humanidade? Por que não poderia o impacto curativo atingir regiões situadas além da pessoa individual, quando a nossa consciência expande além do ego/corpo? Não se poderia conceber que experienciando a dor de incontáveis gerações de pessoas, dor essa infligida pela luta fratricida ao longo de toda a história humana, nós estaríamos realmente limpando o inconsciente coletivo e contribuindo para um futuro melhor do planeta?

A literatura espiritual oferece grandes exemplos de sofrimento individual que teve uma influência redentora no mundo. Na tradição cristã, temos Jesus Cristo, que morreu na cruz pelos pecados da humanidade. Isso está refletido vivamente no tema mitológico do Inferno Angustiante retratando Jesus entre sua morte na cruz e a ressurreição, descendo aos infernos e libertando os pecadores de suas garras pelo poder de seu sofrimento e sacrifício. A tradição hindu aceita a possibilidade de que iogues muito avançados podem, significativa e positivamente, influenciar na situação do mundo e nos problemas coletivos da humanidade enfrentando-os internamente em meditação profunda, sem realmente deixar fisicamente suas cavernas.

O budismo Mahāyāna possui uma bela imagem arquetípica do Bodhisattava que atingiu a iluminação, mas que se recusa a entrar no nirvāna e faz um juramento sagrado de continuar a se encarnar até que todos os seres sencientes sejam liberados. A sua determinação de continuar com o sofrimento da existência encarnada para que possa auxiliar o próximo é expressa em seu poderoso juramento:

Os seres sencientes são incontáveis;
E juro salvá-los todos.
As ilusões são inesgotáveis;
E juro acabar com todas elas.
Os portões do Darma são múltiplos;
Eu juro entrar em todos eles.
O caminho do Buda é supremo.
Eu juro percorrer todo ele.

Morrer Antes de Morrer

Muitas pessoas que experienciaram estados holotrópicos descrevem o nível perinatal na psique como um portal entre a realidade transcendental e a realidade material, uma passagem com duas mãos. Ao mesmo tempo que nosso nascimento biológico, quando emergimos, nós "morremos" para a dimensão transcendental e, inversamente, nossa morte física pode ser vista como um nascimento no mundo dos espíritos.

Entretanto, o nascimento espiritual não tem que estar associado com a morte do corpo. Ele pode ocorrer a qualquer tempo durante o curso de uma auto exploração profunda ou mesmo durante uma crise psico-espiritual espontânea (emergência espiritual). Nesse caso, seria então um ato puramente simbólico, uma "morte do ego",

ou "morrer antes de morrer", que não envolve nenhum dano biológico. Abraham à Santa Clara, um monge agostiniano alemão do século 17 resumiu isso numa sentença quando escreveu: "O homem que morre antes de morrer, não morre quando morre."

Esse "morrer antes de morrer" desempenhou um papel importante nas tradições xamânicas. Submetendo-se à morte e renascimento em suas crises iniciáticas, os xamãs perdem o medo da morte e se tornam familiarizados e à vontade em seu território experimental. Como resultado, eles podem mais tarde visitar esse reino por si mesmos e intermediar experiências semelhantes para outras pessoas. Nos mistérios da morte e renascimento, que eram amplamente disseminados na área do Mediterrâneo e em outras partes do mundo antigo, os iniciados experimentavam uma profunda confrontação simbólica com a morte. Nesse processo, eles perdiam o medo da morte e desenvolviam um conjunto inteiramente novo de valores e estratégias de vida.

A experiência da morte e renascimento psico-espiritual ("segundo nascimento," "nascimento da água e do espírito," transformando-se num *dvija*) tem representado um importante papel em muitas tradições religiosas. Todas as culturas pré-industriais atribuíram grande significado a essas experiências não só de uma perspectiva individual mas também coletiva e por isso desenvolveram caminhos seguros e efetivos para induzi-las em vários contextos ritualísticos. A psiquiatria moderna vê tais experiências como fenômenos patológicos e indiscriminadamente as suprime quando elas ocorrem espontaneamente em indivíduos de nossos dias. Essa estratégia desastrosa tem representado um fator que contribui significativamente para a perda da espiritualidade da civilização ocidental.

Sexualidade: Caminho da Liberação ou Armadilha na Senda Espiritual?

O sexo mostra uma ambigüidade inerente similar ao nascimento e morte. Dependendo das circunstâncias, ele pode ser o intermediário de profundos estados de união ou pode aprofundar a separação e a alienação. Qual dos dois modos irá manifestar num caso particular dependerá das circunstâncias e da atitude das pessoas envolvidas. Se os parceiros que estão interagindo sexualmente não sentirem amor e respeito um pelo outro e são impulsionados apenas pelos instintos ou pela necessidade de poder e domínio, o ato sexual poderá muito provavelmente intensificar seus sentimento de separação e alienação. Se a união sexual ocorrer entre dois parceiros que sejam pessoalmente maduros e não tiverem apenas boa compatibilidade biológica mas também profunda ressonância emocional e compreensão mútua, o fazer amor pode resultar numa profunda experiência espiritual. Sob tais circunstâncias, eles podem transcender suas fronteiras individuais e experienciar sentimentos de unidade entre si, e ao mesmo tempo, ter um sentimento de unidade com a fonte cósmica.

Esse potencial espiritual do sexo é a base das práticas tântricas indianas. A Pañchamakāra é uma cerimônia tântrica complexa que envolve a ingestão de poderosa mistura Ayurvédica de ervas com propriedades afrodisíacas e alucinógenas. Um procedimento ritualístico intrincada e altamente estilizado ajuda os parceiros a se

identificarem com os princípios arquetípicos masculino e feminino. Ele culmina com uma união sexual ritualística mantida por um longo período de tempo (*maithuna*).

Com treinamento especial, os participantes são capazes de suprimir o orgasmo biológico e então a duração prolongada da excitação sexual provoca uma experiência mística. Durante o curso desse evento ritualístico, os parceiros transcendem sua identidade do dia-a-dia. Em completa identificação com os seres arquetípicos, Shiva e Shakti, eles experienciam uma união sagrada, um matrimônio divino de um com o outro e com a fonte cósmica. No simbolismo tântrico, vários aspectos da sexualidade e das faculdades reprodutivas, tais como a união genital, o fluxo menstrual, a gravidez e o parto não apenas possuem um significado literalmente biológico, mas também estão ligados aos vários níveis elevados do processo criativo cósmico.

Implicações Práticas dos Insights da Pesquisa da Consciência no que se Refere ao Nascimento, Sexo e Morte

As observações descritas neste capítulo têm implicações práticas importantes. Elas indicam enfaticamente que as mudanças de nossa atitude com respeito à tríade nascimento/sexo/morte e nossas práticas relacionadas a ela podem ter uma profunda influência não apenas na qualidade de nossa vida pessoal, mas também no futuro da espécie humana no planeta. Vimos que a memória da existência perinatal, o nascimento e os primeiros eventos que se seguem deixam profundas marcas em nosso inconsciente e exercem uma influência também profunda em nossa vida. É, desse modo, imperativo que no futuro nós façamos o que for possível para melhorar as condições sob as quais as crianças são concebidas, os embriões são desenvolvidos, os partos realizados e as crianças tratadas após o parto.

Isso deverá ser iniciado com a educação da geração jovem fornecendo-se as informações necessárias a respeito do sexo sem distorções religiosas e da moral irracional e injunções irreais, proibições e expectativas. Entretanto, não será suficiente oferecer dados técnicos, sem nenhum preconceito, sobre a função reprodutora. É essencial que elevemos a imagem do sexo, que correntemente é visto como um assunto puramente biológico e é retratado em suas piores manifestações, em lugar da atividade baseada na espiritualidade. Outra tarefa importante é conscientizar o fato de que o feto é um ser consciente. Isso aumentaria a responsabilidade no que diz respeito à concepção e chamaria a atenção da importância das condições físicas e emocionais futura mãe. Faria também enorme diferença se a educação depois da adolescência incluísse elementos que aumentassem a maturidade psico-espiritual dos futuros pais.

O parto tipicamente ativa o inconsciente perinatal da própria mãe, o qual pode interferir no processo do nascimento, tanto emocionalmente quanto psicologicamente. Deveria, então, ser ideal que as mulheres pudessem realizar seus próprios trabalhos experienciais profundos antes de se engravidar para eliminar de seu inconsciente esses elementos potencialmente perturbadores. Atenção especial deveria ser dispensada ao parto em si mesmo. Isso deveria envolver boa preparação técnica e

psicológica para o parto, condições naturais para o mesmo, e cuidados amorosos após o parto, com o contato físico adequado entre o bebê e a mãe. Existem boas razões para se acreditar que as circunstâncias do parto desempenham um importante papel na criação da disposição para a violência futura e tendências auto destrutivas ou, inversamente, para o comportamento amoroso e saudáveis relacionamentos com as pessoas.

O obstetra francês Michel Odent (1995) tem mostrado como as marcas perinatais, que possuem o potencial para direcionar nossa vida emocional para o amor ou para o ódio, podem ser entendidas a partir da história de nossa espécie. O processo do nascimento tem dois aspectos diferentes e cada um deles envolve hormônios específicos. A atividade estressante da mãe durante o parto em si, é em primeiro lugar associado ao sistema da adrenalina. Os mecanismos ligados à adrenalina também desempenham um importante papel na evolução da espécie como mediadores dos instintos agressivos e protetores no caso de partos que ocorrem em meios ambientes abertos tipicamente naturais. Isso propicia às mães mudar rapidamente do parto para a luta ou lutar quando um ataque predatório assim exige.

Outra tarefa associada ao parto, que é igualmente importante do ponto de vista da evolução, é a criação do laço entre a mãe e o recém nascido. Esse processo envolve o hormônio oxitocina, que induz o comportamento maternal nos animais e homens, e a endorfina que alimenta a dependência e o apego. A prolactina, o hormônio que é o instrumento da nutrição, possui efeitos similares. O meio ambiente caótico, movimentado e barulhento da maioria dos hospitais induz a ansiedade e aciona desnecessariamente o mecanismo da adrenalina. E transmite e imprime a marca de um mundo que é potencialmente perigoso. Como o meio selvagem dos tempos primordiais, tal situação exige respostas agressivas. Inversamente, um meio ambiente quieto, privado e seguro cria uma atmosfera que engendra padrões afetivos de relacionamentos. Uma melhoria radical das práticas do parto pode ter uma influência positiva duradoura no bem estar emocional e físico da espécie humana e amenizar a insanidade de seu comportamento que atualmente ameaça de destruição a própria base da vida neste planeta.

O histórico pré-natal e perinatal tem também importantes implicações em nossa vida espiritual. Como vimos antes, a encarnação e o nascimento representam uma separação e alienação de nossa verdadeira natureza, que é a Consciência Absoluta. Experiências positivas no útero e depois do parto são os contatos mais íntimos com o Divino que podemos experimentar durante nossa vida como embriões ou como crianças. O "útero bom" e o "seio bom" representam assim pontes experienciais para o nível transcendental. Inversamente, experiências negativas e dolorosas que encontramos na vida intra-uterina, durante o parto e logo após o mesmo nos projeta profundamente num estado de completa alienação da fonte divina.

Quando as nossas experiências pré-natais e pós-natais são predominantemente positivas, temos a tendência de nos manter ao longo de toda a nossa vida em conexão com a fonte cósmica. Podemos sentir a dimensão divina na natureza e no cosmo e temos condições de apreciar em alto grau a existência encarnada. Inversamente, quando nosso desenvolvimento inicial é apenas uma série de traumas continuados, a perda da conexão com a fonte espiritual pode ser tão completa que

nossa existência no mundo material é um doloroso festival cheio de tormento emocional.

Vou também mencionar que algumas vezes um trauma extremamente severo pode resultar numa situação onde a consciência estilhaça-se do corpo e é catapultada para o reino transpessoal. Isso pode estabelecer uma rota de escape que é regularmente usada como um mecanismo de defesa em situações futuras de dificuldade. Essa forma de conexão espiritual pode ajudar a nos proteger das dores excruciantes, mas não realça a qualidade da vida, desde que esse mecanismo não está bem integrado ao resto da personalidade.

Mudanças substanciais são também necessárias em nossa atitude para com a morte. Já vimos que a morte tem uma representação importante e poderosa em nosso inconsciente. Suas manifestações mais profundas são de natureza impessoal e têm a forma de figuras arquetípicas odiosas e de registros cármicos de situações onde nossa vida foi ameaçada em outras encarnações. As lembranças dos perigos que nossa vida enfrentou no útero, durante o parto, e depois do nascimento representam uma importante fonte adicional de medo da morte. Para muitos de nós, isso é complementado pelas memórias de sérios traumas que experimentamos mais tarde em nossa vida. O espectro ameaçador da morte que abrigamos em nosso inconsciente interfere com nossa existência do dia-a-dia e faz a nossa vida, em muitos aspectos, ser inautêntica. Nas sociedades tecnológicas, as reações predominantes a esse fato são a rejeição em massa e o evitar "pensar no assunto", atitudes essas bastante negativas, não só a nível individual como também coletivo.

É essencial para o futuro da humanidade que seja rompida essa rejeição e que se chegue a uma melhor compreensão do problema de impermanência e do fato de que vamos morrer. Existem métodos antigos e modernos de auto exploração profunda que nos auxilia a enfrentar o medo da morte, tornando-o totalmente consciente e dele nos libertando. Já vimos como o "morrer antes de morrer" pode abrir para nós os canais das dimensões transcendentais da existência e iniciar uma jornada que finalmente nos conduzirá à descoberta de nossa verdadeira identidade. Nesse processo, podemos experienciar uma cura emocional e psicossomática e isso tornará nossa vida mais satisfatória e autêntica. Essa profunda transformação psico/espiritual pode elevar nossa consciência a um nível inteiramente diferente, diminuindo o fardo de nossa vida, tornando-a mais alentadora.

É importante estar consciente da existência e da natureza desse processo e promover esclarecimentos e amparo para as pessoas que experienciaram-no involuntariamente em situações de quase morte ou em crises espontâneas psico/espirituais (emergências espirituais). Outro importante passo é tornar disponível, em larga escala, vários métodos antigos e modernos de auto exploração profunda que possibilite submeter-se a esse processo deliberadamente. As sociedades pré-industriais e antigas possuem certos procedimentos na forma de ritos de passagem e mistérios da morte e renascimento que foram projetados especificamente para tal propósito. Graças ao antigo conhecimento que, nas diversas últimas décadas, foi redescoberto pela pesquisa da consciência, pela psicologia transpessoal e pela tanatologia, temos agora a possibilidade de melhorar substancialmente a qualidade emocional de nossa vida, bem como de nossa morte.

As pessoas que, durante o decorrer de suas vidas confrontaram-se experiencialmente com o nascimento e com a morte e foram conectadas com a dimensão transpessoal, têm boas razões para acreditar que sua morte física não significará o final de suas existências. Elas pessoalmente experienciaram de modo bastante convincente que suas consciências transcendem os limites de seus corpos físicos e que são capazes de funcionar independentemente deles. Como resultado, elas tendem a ver a morte como uma transição para um outro estado de existência e como uma experiência consciente que produz espanto em lugar de derrota final e aniquilamento. Naturalmente, essa atitude pode em si mesma mudar substancialmente a abordagem da morte e a experiência da morte. Além disso, as pessoas que envolveram-se com a auto exploração profunda, têm a oportunidade de gradualmente compreender os muitos aspectos difíceis de seu inconsciente, com os quais teremos que tratar, queiramos ou não, no período final de nossas vidas.

Os insights dos estados holotrópicos têm também importantes implicações no modo com que abordamos na prática os estágios finais de nossa vida, seja da nossa própria seja a de outras pessoas. Quando acreditamos que a dimensão crítica de nossa existência é a consciência e não a matéria, nós então nos ocuparemos em entender a natureza e qualidade da morte e de nossa experiência de morrer, em lugar do prolongamento mecânico da morte a qualquer custo. No trabalho com outras pessoas que estão morrendo, nós iremos dar mais ênfase na qualidade da comunicação e iremos fornecer amparo significativo psico/espiritual. Nós complementaremos, e em alguns casos substituiremos a feitiçaria tecnológica da medicina moderna, com cuidados genuinamente humanos. Se a informação constante do *Bardo Thödol, O Livro Tibetano da Morte* estiver correta, o modo pelo qual abordamos a morte e a experienciamos é de importância crítica. Se estivermos adequadamente preparados, esse tempo é a única oportunidade para atingirmos a libertação espiritual instantânea. De acordo com os ensinamentos tibetanos, mesmo se não tivermos sucesso, a qualidade de nossa preparação para a morte ou a falta da mesma determinará a natureza de nossa próxima encarnação.

8

O Mistério do Carma e da Reencarnação

Pois eu certa vez já fui um menino e uma menina, um arbusto e um pássaro e um peixe mudo em meios às ondas salgadas.

_ Empedocles

Se um asiático me perguntar o que é a Europa, serei forçado a responder-lhe: é aquela parte do mundo que é assombrada pela incrível ilusão de que o homem foi criado do nada, e que o seu presente nascimento é a sua primeira entrada na vida.
_ Arthur Schoopenhauer, *Parerga e Paraalipomena*

Perspectiva Intercultural da Reencarnação

De acordo com a ciência materialista do ocidente, nosso tempo de vida está limitado ao período que vai de nossa concepção até nossa morte biológica. Essa suposição é uma conseqüência lógica da convicção de que nós somos essencialmente nossos corpos. Desde que o corpo perece e se decompõe por ocasião da morte biológica, parece óbvio que nesse ponto cessamos de existir. Essa perspectiva está em conflito com as crenças de todas as grandes religiões e sistemas espirituais das culturas antigas e pré-industriais que vêem a morte como uma importante transição, em vez de um final de qualquer forma de existência. Muitos cientistas ocidentais descartam ou mesmo ridicularizam a crença de que nossa existência continua depois da morte. Eles atribuem essa idéia à falta de educação, à superstição, ou ao pensamento veleidoso primitivo de pessoas que não têm condições de aceitar a realidade inflexível da impermanência e da morte.

Nas sociedades pré-industriais, a crença na existência após a morte não é limitada a uma noção vaga de que possa existir um Além. Mitologias de muitas culturas oferecem descrições muito específicas a respeito do que acontece depois que morremos. Elas oferecem intrincados mapas da viagem da alma após a morte e retratam várias moradas – céus, paraísos, e infernos – que abrigam seres desencarnados. De interesse particular é a crença na reencarnação, de acordo com a qual as unidades individuais de consciência continuam retornando à Terra e experienciam correntes inteiras de existências encarnadas. Alguns sistemas espirituais combinam a crença na reencarnação com a lei do carma, sugerindo que os méritos e os débitos de existências anteriores determinam a qualidade das encarnações subseqüentes. Várias formas de crença na reencarnação mostram a ampla distribuição no espaço geográfico e no tempo histórico. Elas desenvolveram-se, freqüentemente independentes umas das outras, em culturas separadas entre si por milhares de milhas e por muitos séculos.

O conceito da reencarnação e do carma é a pedra fundamental de muitas religiões asiáticas – hinduísmo, jainismo, sikismo, zoroastrismo, o vajrayāna tibetano, o xintoísmo japonês e o taoísmo chinês. Idéias semelhantes podem ser encontradas, sejam historicamente, geograficamente ou culturalmente, em diversos grupamentos tais como em várias tribos africanas, nos índios americanos, culturas pré-colombianas nos kahunas da Polinésia, nos praticantes brasileiros da *umbanda*, nos gauleses e nos druidas. Na Grécia antiga, importantes escolas de pensamento adotaram tal doutrina, como os pitagóricos, órficos e platonistas. O conceito de reencarnação foi adotado pelos essênios, fariseus, caraítas e outros grupos semitas e semi-semitas. Ele também faz parte importante da teologia cabalista dos judeus da idade média. Essa lista ficaria incompleta se não fossem mencionados os neoplatonistas, gnósticos e modernamente os teosofistas, antroposofistas e certos espiritualistas.

Embora a crença em reencarnação não faça parte do moderno cristianismo, conceitos semelhantes existiam entre os primeiros cristãos. De acordo com S. Gerônimo (A.D. 340-420), a reencarnação era ensinada esotericamente para uma elite selecionada. Parece que a crença na reencarnação era uma parte integral do cristianismo gnóstico, e isso ficou patente a partir dos rolos de pergaminho descobertos em Nag Hammadi, por volta de 1945. No texto gnóstico chamado *Faith Wisdom* ou *Pistis Sophia* (1921) Jesus ensina seus discípulos como as falhas de uma existência são transferidas para outra. Assim, por exemplo, pessoas que usem rogar praga a outras serão em sua próxima vida "continuamente atormentadas por seu coração", enquanto que pessoas arrogantes e sem moderação poderão renascer com um corpo deformado e ser consideradas inferiores pelos que a cercam.

O mais famoso pensador cristão a respeito da preexistência da alma e dos ciclos de vida foi Orígenes (A.D. 186-253), um dos grandes Pais da Igreja de todos os tempos. Em seus escritos, particularmente no livro *De Principiis*, ou em *On First Principles* (Origenes Adamantius 1973), ele expressou sua opinião de que certas passagens das escrituras só poderiam ser entendidas à luz da reencarnação. Seus ensinamentos foram condenados pelo Segundo Conselho de Constantinopla convocado pelo Imperador Justiniano, em A.D. 553 e foi considerada como doutrina herética. O veredicto dizia: "Se alguém afirma a pré-existência fabulosa da alma e submete-se à monstruosa doutrina disso decorrente, que seja um anátema!" Entretanto, alguns eruditos acreditam que possam detectar traços daquele ensinamento nos escritos de Santo Agostinho, S. Gregório e até mesmo de S. Francisco de Assis.

Como poderemos explicar que vários grupos culturais no curso da história mantiveram essa crença extraordinária e que formularam sistemas teóricos intrincados e complexos para explicá-las? Como foi possível que eles estavam todos de acordo a respeito de um assunto que é estranho à civilização industrial do ocidente e que é considerado completamente absurdo pela ciência materialista ocidental? A explicação usual é que essas diferenças refletem nossa superioridade no entendimento científico do universo e da natureza humana. Entretanto, um exame mais aprofundado revela que a razão real dessa diferença é a tendência dos cientistas ocidentais em aderir ao seu sistema de crença e ignorar, censurar e distorcer todas as observações que estejam em conflito com o mesmo. Mais especificamente, essa atitude reflete a relutância dos psicólogos e psiquiatras ocidentais em prestar atenção às experiências e observações dos estados holotrópicos de consciência.

Evidência Empírica da Reencarnação

O conceito da reencarnação e do carma não é uma "crença" no sentido usual da palavra, significando uma posição emocional arbitrária e sem fundamento que não é amparada por fatos. Para os hindus, budistas, taoístas e outros grupos para quem ela constitui uma parte importante de sua religião, a reencarnação não é uma questão de crer. Ela é um assunto eminentemente empírico, baseado em experiências e observações muito específicas. Isso é também verdade para muitos pesquisadores cultos e de mente aberta do ocidente. Eles não são ingênuos, ignorantes e não

familiarizados com o conhecimento filosófico e com a cosmologia da ciência materialista, como seus críticos dizem que estão.

Muitos desses pesquisadores possuem boa formação acadêmica e credenciais expressivas. A razão de sua posição é que fizeram algumas observações importantes referentes à reencarnação já que sua formação acadêmica falhou em lhes fornecer as informações adequadas. Em muitos exemplos, eles também tiveram experiências pessoais extraordinárias que não podiam facilmente ser negadas. De acordo com Christopher Bache, para um pesquisador que reviu in totum toda a literatura sobre a reencarnação e que encontrou experiências de vidas passadas em sua própria busca interna, a evidência nessa questão é tão rica e notável que os cientistas que julgam não merecer tal assunto nenhuma atenção maior, ou estão desinformados ou são uns "cabeças duras" (Bache 1990).

Vejamos resumidamente as evidências existentes com as quais devemos nos familiarizar antes de qualquer julgamento a respeito da reencarnação. A natureza dessas evidências está descrita com uma linguagem mitológica na seguinte passagem escrita por Sholem Ash (1967), um erudito hassídico do século vinte: "Não é o poder de lembrar, mas o próprio oposto, o poder de esquecer, que é a condição necessária à nossa existência. Se a doutrina da transmigração da alma for verdadeira, então as almas, entre a mudança de corpo físico, deve passar por uma espécie de mar do esquecimento. De acordo com o ponto de vista dos judeus, nós transmigramos sob a supervisão do Anjo do Esquecimento. Mas às vezes acontece que o próprio Anjo do Esquecimento se esquece de remover de nossa memória os registros do mundo anterior; e então nossos sentidos são assombrados por lembranças fragmentadas de outras vidas. Elas vagueiam como fragmentos de nuvens sobre as montanhas e vales da mente, e se entrelaçam elas mesmas com os incidentes de nossa existência atual."

Pesquisadores modernos reuniram uma grande quantidade de observações que sugerem a remoção parcial do véu do esquecimento citado por Sholem Ash. Muitos deles estudaram e descreveram experiências vívidas de vidas passadas que ocorrem espontaneamente na vida diária ou durante o curso de várias sessões terapêuticas envolvendo estados holotrópicos de consciência. Outros coletaram informações adicionais a respeito de reencarnação pela condução de pessoas a áreas específicas de sua psique com o uso da hipnose ou com algum outro tipo de abordagem. Foram também realizadas outras tentativas interessantes de verificação experimental da autenticidade de experiências guiadas de vidas passadas (Wambach 1979). E finalmente, existem dados intrigantes da tradição tibetana espiritual que fornece insights valiosos nessa área ainda que sob outro ângulo.

As Crianças Lembram-se de Vidas Passadas

Entre os mais interessantes fenômenos relativos ao problema da reencarnação estão as experiências espontâneas de crianças. Relatos de vários países diferentes do mundo indicam que, ocasionalmente, crianças pequenas lembram-se e descrevem sua vida anterior em outro corpo, outro tempo e outro lugar e entre outras pessoas. Essas lembranças podem apresentar muitos problemas na vida dessas crianças e na de seus

pais. Elas são comumente associadas com várias "patologias remanescentes", tais como fobias, idiosincrasias incomuns, estranhas reações a certas pessoas, lugares e situações. Existem relatos de psiquiatras de crianças que trataram e que descrevem casos desse tipo. Acessos a tais memórias aparecem usualmente ao redor dos três anos e desaparecem gradualmente entre as idades de 5 e 8 anos.

Ian Stevenson, professor de psicologia da universidade de Virgínia, em Charlottesville, realizou estudos meticulosos em mais de 3.000 casos dessa natureza e os relatou em seus livros (Stevenson 1966, 1984, 1987). Os casos de Stevenson referem-se não apenas a culturas "exóticas" e "primitivas" com uma crença *a priori* na reencarnação, como também a países ocidentais, incluindo os EEUU e Grã Bretanha. Sendo um pesquisador cauteloso e conservador, Stevenson relatou apenas algumas centena dos casos, porque muito dos outros não atendiam aos elevados padrões que ele fixou para sua pesquisa. Apenas os caso com a melhor evidência científica foram incluídos. Stevenson eliminou muitas observações, porque as famílias beneficiaram-se financeiramente pelo comportamento de suas crianças, em termos de prestígio social, ou atenção pública. Razões adicionais para a não inclusão de certos casos foram testemunho inconsistente, falso memória (criptomnésia), testemunhas de caráter questionável, ou indicativas de fraude.

As descobertas da pesquisa de Stevenson são notáveis. Embora ele tenha eliminado em todos os casos relatados a possibilidade de que aquelas crianças pudessem ter obtido as informações pelos canais convencionais, ele teve condições de confirmar suas estórias, freqüentemente com detalhes incríveis. Em alguns casos, ele realmente levou as crianças até a vila ou cidade em que elas lembraram de sua vida anterior. Embora elas nunca tenham estado ali na vida presente, elas estavam familiarizadas com a topografia da vila e aptas a encontrar o lar em que alegaram ter morado em vida anterior. Até mesmo reconheceram os membros de suas "famílias" e os moradores da vila, sabendo inclusive quais eram seus nomes. Possivelmente a mais forte evidência que ampara a hipótese da reencarnação é a incidência surpreendente de marcas de nascença que especificamente refletem ferimentos e outros eventos da vida relembrada; isso poderia ser confirmado por pesquisa independente (Stevenson, 1997).

Lembranças de Vidas Passadas em Adultos

As memórias claras de se estar revivendo eventos de vidas passadas em adultos ocorrem espontaneamente e com mais freqüência durante os episódios de crises psico/espirituais (emergências espirituais). Entretanto, vários níveis dessas recordações podem também ocorrer em estados mais ou menos ordinários de consciência em circunstâncias da vida diária. A corrente mais representativa dos psiquiatras é tem conhecimento das experiências de vidas passadas, mas os psiquiatras tratam delas rotineiramente, como indicativas de sérias psicopatologias, usualmente com medicação farmacológica supressiva. As teorias mais aceitas a respeito da personalidade da moderna psicologia estão firmemente ancoradas no

paradigma materialista e assim subscrevem naturalmente o ponto de vista de que "só se vive uma vez."

A experiência de vidas passadas podem ser facilitadas por uma ampla variedade de técnicas que servem de intermediários ao acesso aos níveis profundos da psique, tais como a meditação, a hipnose, o uso de substâncias psicodélicas e a permanência num tanque de isolamento. Elas podem emergir durante os trabalhos com o corpo e em sessões de psicoterapias experimentais, por exemplo, no decurso de um renascimento, respiração holotrófica, ou terapia primordial. Eu tenho ouvido falar de muitos exemplos onde episódios de vidas passadas aparecem sem serem evocados em sessões com terapeutas que uma estrutura teórica muito convencional e que não acreditam em reencarnação, e mesmo com alguns que se opõem radicalmente a tal conceito. A emergência de material cármico é também inteiramente independente da experiência prévia ou do sistema de crença de quem a experiencia.

Em uma experiência totalmente desenvolvida de eventos de vidas passadas, nós nos encontramos envolvidos em uma situação emocional intensamente carregada que decorre em outro período histórico e em outra localização. Nosso sentido de identidade pessoal é preservado, mas a experiência parece ocorrer com outra pessoa em outro local e em outro tempo. Essas experiências freqüentemente envolvem outras pessoas com quem temos um relacionamento intenso na existência atual. A qualidade emocional desses episódios é usualmente muito negativa. Algumas vezes, elas são associadas com dores físicas, forte ansiedade, pânico, tristeza profunda ou sentimentos de culpa. Em outros casos, aparece um sentimento de ódio violento, fúria assassina ou ciúme insano. Entretanto, em alguns exemplos, essas seqüências podem refletir grande realização emocional e felicidade. Elas retratam casos de amores apaixonados, amizades de grande devoção ou parcerias espirituais.

O aspecto mais característico das experiências de vidas passadas é um sentimento convincente de que a situação diante da qual nos encontramos não é nova. Nós lembramos claramente que o episódio aconteceu conosco anteriormente, que certa vez éramos realmente essa outra pessoa em uma de nossas vidas passadas. Esse sentimento de estar revivendo algo que nos aconteceu anteriormente (déjà vu) ou experienciado antes (déjà vécu) em uma encarnação anterior é algo básico e não pode ser analisado mais profundamente. Ele é comparável à habilidade de distinguir em nossa vida do dia-a-dia nossa lembrança de eventos que realmente nos aconteceram daqueles que sonhamos, daqueles que sonhamos acordados e das nossas fantasias. Seria difícil convencer uma pessoa, que esteja nos relatando uma lembrança de algo que aconteceu na semana passada, de que o evento não ocorreu realmente e que ele(a) está apenas imaginando aquilo. A lembrança de encarnações passadas possui essa qualidade subjetiva de autenticidade e de realidade.

Verificação das Lembranças de Vidas Passadas

Os critérios para verificação de lembranças de vidas passadas são os mesmos que usamos quando revivemos eventos da infância e meninice de nossa existência atual.

Tentamos obter tantos detalhes quanto possível das lembranças recuperadas e então pesquisamos as evidências independentes para a corroboração ou negação de seu conteúdo. Infelizmente, em muitas das experiências de vidas passadas, as informações não são suficientemente específicas para permitir uma verificação independente. Outras vezes, a qualidade da informação é adequada, mas é impossível descobrir fontes históricas suficientemente específicas e detalhadas que tornasse possível o procedimento da verificação.

Muitas lembranças de vidas passadas em pessoas adultas não permitem o mesmo grau de verificação como as que Stevenson mencionou para o caso de crianças, as quais são tipicamente mais recentes. Para apreciação do desafio associado com tal esforço, é importante considerar que mesmo nossas lembranças da existência atual nem sempre são facilmente verificáveis. Os psicoterapeutas estão bastante familiarizados com os problemas associados com as tentativas de se avaliar a veracidade das lembranças da infância e meninice, recuperadas em terapia verbal ou regressiva. Naturalmente, a tarefa de verificar as experiências de vidas passadas é incomparavelmente mais difícil que os esforços semelhantes na que diz respeito aos eventos da vida em curso. Mesmo se as experiências contiverem detalhes muito específicos, o que não é o caso geral, a evidência objetiva é incomparavelmente mais rara de acontecer, já que o evento teve lugar há muito tempo e envolveu outras culturas e outros países.

A despeito dessas dificuldades, existem alguns raros exemplos nos quais todos os critérios necessários encontram-se presentes. O resultado de tal pesquisa independente pode ser verdadeiramente extraordinário. Ao longo dos anos tive a oportunidade de observar em meu trabalho, por várias vezes, fatos nos quais o conteúdo das experiências de vidas passadas pôde ser confirmado com detalhes incríveis. Em todos esses casos, não houve como descobrir uma explicação natural para o fenômeno envolvido. Não existe nenhuma dúvida em minha mente de que foram usados canais extrasensoriais para a transmissão das informações das experiências. Tive também a oportunidade de tomar conhecimento de histórias semelhantes contadas por outros pesquisadores.

Em minhas publicações anteriores (Grof 1975, 1988), descrevi dois exemplos de tais histórias. A primeira delas envolveu uma paciente neurótica que estava sendo submetida a uma sessão de terapia psicodélica. Ela experienciou em quatro sessões consecutivas muitos episódios da vida de um nobre cavalheiro tcheco do século 17. Esse homem foi publicamente executado na Praça da Torre Velha, em Praga, juntamente com outros 26 aristocratas proeminentes. Essa execução pública representou um esforço dos Hapsburgos para quebrar a moral dos tchecos depois que eles derrotaram o rei tcheco na batalha do Monte Branco. Nesse caso, o pai da paciente realizou, sem que fosse de seu conhecimento, uma pesquisa da genealogia da família e descobriu que eram descendentes de um desses homens desafortunados.

O segundo exemplo é de um homem que reviveu numa sessão de "trabalho primordial" e depois em sessões de respiração holotrópica, durante um seminário de um mês de duração no Instituto Esalen, certo número de episódios da guerra entre a Inglaterra e a Espanha no século XVI. Esses episódios giravam ao redor da matança de soldados espanhóis pelos ingleses no cerco da fortaleza de Dunanoir na costa ocidental da Irlanda. Durante as sessões, ele experienciou que era um padre que

acompanhou tais soldados e que foi morto com eles. Em certo ponto, ele viu em seu dedo um anel identificador, com as iniciais gravadas e fez um desenho do mesmo.

Em sua pesquisa histórica posterior, ele confirmou a veracidade de toda a estória, da qual ele não tinha nenhum conhecimento prévio. Um dos documentos que ele encontrou nos arquivos históricos fornecia o nome do padre que acompanhou os soldados espanhóis em sua expedição militar. Para surpresa sua e nossa, as iniciais do seu nome eram idênticas àquelas gravadas no anel que ele viu em sua sessão e que capturou num desenho detalhado.

Um aspecto surpreendente das experiências de vidas passadas é sua freqüente associação com sincronias notáveis envolvendo outras pessoas e situações. Os protagonistas em nossas lembranças de vidas passadas são freqüentemente pessoas de nossa existência atual, tais como pais, crianças, esposas, namorados, namoradas ou nossos superiores. Parece fazer sentido que uma intensa experiência em vidas passadas pode resultar em mudanças dramáticas em nossos próprios sentimentos e em nosso comportamento em relação à pessoa que representa uma parte importante em nosso cenário cármico. Entretanto, essas experiências também freqüentemente mostram sincronias misteriosas e inexplicáveis ligações com mudanças específicas na vida de outras pessoas que identificamos como protagonistas em nossas lembranças de vidas passadas. Essas pessoas podem estar a centenas ou milhares de quilômetros de distância do local onde acontecem nossas experiências e não têm absolutamente nenhum conhecimento do que acontece. Ainda assim elas podem independentemente ser submetidas, exatamente ao mesmo tempo, a uma dramática mudança complementar em seus sentimentos e atitudes com relação a nós.

O Triângulo Cármico

Vou citar aqui um exemplo de minha própria vida para ilustrar esse fenômeno notável. Ao longo dos anos, observei muitas ocorrências similares envolvendo outras pessoas. O episódio que irei relatar aconteceu pouco depois que eu cheguei nos EEUU. Minha emigração para os EEUU em 1967 produziu mudanças radicais em meu meio ambiente pessoal, profissional, político e cultural. Cheguei a Baltimore com cerca de 50 libras de bagagem. A metade do conteúdo total de minha bagagem era de documentação de minhas pesquisas psicodélicas em Praga e o resto era de pertences pessoais. Isso foi tudo o que restou de minha vida anterior na Europa. Era um novo começo para mim em todos os níveis imagináveis. Apesar de apreciar totalmente a inspirada equipe de meus colegas em Spring Grove, a liberdade de expressão jamais imaginada por mim e todas as coisas novas que ia descobrindo no mundo que me cercava, eu não tive muito sucesso em criar uma vida pessoal satisfatória.

Todas as mulheres de minha esfera social que tinham idade apropriada para mim e que compartilhavam de meus interesses pareciam ser casadas ou então noivas. Era uma situação frustrante desde que eu estava num estágio de vida em que sentia uma forte necessidade de ter uma parceira. Meus amigos e colegas em Spring Grove pareciam ainda mais preocupados que eu mesmo por causa de tal situação e faziam grandes esforços para remediá-la. Eles procuravam por parceiras em potencial para

mim e as convidavam para vários eventos sociais. Isso resultava em algumas situações frustrantes e algumas delas embaraçosas, mas que não surtiam nenhum efeito. E então a situação mudou de repente da maneira menos esperada possível e de modo bastante radical.

Um relacionamento difícil com um companheiro de terapia, de nome Seymour, rompeu-se abruptamente e meus amigos convidaram sua ex-namorada Mônica para jantar. Quando eu e Mônica nos encontramos pela primeira vez, eu imediatamente senti uma forte atração por ela e senti uma instantânea e profunda conexão com ela. Não foi difícil para mim apaixonar-me por ela. Ela era de origem européia como eu mesmo, solteira, linda e brilhante. Seu charme incomum, presença de espírito e facilidade com as palavras rapidamente a transformaram no centro das atenções em todas as festas que comparecia. Eu senti-me atraído pelo relacionamento com ela e não tive condições de ser realista e objetivo a respeito do mesmo.

Não vi nenhum problema pelo fato de Mônica ser muitas anos mais nova que eu. Também escolhi ignorar suas histórias a respeito de sua infância tremendamente traumática e história tumultuosa referente aos seu relacionamento com as pessoas, coisas que normalmente eu consideraria como fortes sinais de alerta. Reafirmava para mim mesmo que aqueles eram detalhes sem importância, nada que eu não tivesse a habilidade de superar. Se eu tivesse tido as condições de uma análise mais objetiva em tais circunstâncias, teria reconhecido o que C. G. Jung chamava de *anima figure*. Mônica e eu iniciamos nossos encontros e tivemos um relacionamento apaixonado e de uma violência atípica.

O temperamento de Mônica bem como seu comportamento pareciam mudar a cada dia, ou mesmo a cada hora. Ondas de profunda afeição a mim alternavam-se com episódios de total indiferença, evasivas e "bolos." A situação parecia complicar-se ainda mais por causa de duas circunstâncias anormais. Desde minha chegada a Baltimore, morava em um ateliê que fora anteriormente alugado por Seymour, ex-namorado de Mônica e ela usava visitá-lo ali. Ela agora estava indo ao mesmo local para ver um homem inteiramente diferente. Além disso, o irmão de Mônica, de nome Wolfgang, odiava-me desde o primeiro instante em que nos encontramos. Ele e Mônica tinham um relacionamento extremamente forte, com indícios de características claramente incestuosas. Wolfgang opôs-se violentamente ao nosso relacionamento e tratava-me como um rival.

Eu estava muito empenhado em continuar com o relacionamento, mas tudo o que eu conseguia fazer parecia não ter nenhuma influência na corrida louca em uma montanha russa que parecíamos estar experimentando. A mim me parecia que, alternadamente, despejavam sobre mim baldes de água quente e fria. Achava a situação muito frustrante mas, ao mesmo tempo, minha atração por Mônica tinha uma estranha qualidade magnética e eu não tinha condições de terminar aquele relacionamento confuso e insatisfatório.

Eu necessitava desesperadamente de algum insight daquela dinâmica desconcertante em que me vi envolvido. Nosso instituto tinha um programa que oferecia aos profissionais da saúde mental a oportunidade de participar de até três sessões com psicodélicos. Os membros da nossa equipe de terapeutas eram especialistas em tal programa. Num esforço para obter algum esclarecimento a respeito de meu

relacionamento com Mônica, candidatei-me para uma sessão com LSD justamente quando a crise de nosso relacionamento estava atingindo seu pico. O que se segue é um excerto daquela sessão, descrevendo minha primeira introdução ao mundo das experiências de vidas passadas e da lei do carma:

No meio dessa sessão eu tive de repente a visão de uma rocha escura de formas irregulares que parecia com um meteoro gigante e parecia extremamente antiga. O céu abriu-se e um raio de imensa intensidade atingiu sua superfície e começou a esculpir a fogo sobre ela alguns símbolos misteriosos e antigos. Depois que aqueles estranhos hieróglifos foram esculpido na superfície da rocha, eles continuaram queimando, emitindo uma luz incandescente que cegava. Embora eu não tivesse como decifrar os hieróglifos e ler o que diziam, senti que eram sagrados e de algum modo consegui entender a mensagem que transmitiam. Eles revelavam-me que eu tivera uma série enorme de vidas que precediam a atual e que, de acordo com a lei do carma, eu era responsável pelas minhas ações naquelas vidas, embora não pudesse lembrar-me delas.

Eu tentei omitir-me da responsabilidade pelas coisas das quais não possuía nenhuma lembrança, mas não tive condições de resistir à enorme pressão psicológica que me forçava render. Finalmente, tive que aceitar aquilo que claramente era uma antiga lei universal contra a qual não existia nenhuma apelação. Logo que cedi, encontrei-me abraçado a Mônica, exatamente como lembrava-se de tê-la abraçado no último fim de semana. Estávamos flutuando no ar num buraco arquetípico de imenso tamanho, descendo vagarosamente numa espiral que se desenrolava. Senti instintivamente que aquele era o Abismo das Eras e que estávamos viajando de volta no tempo.

A descida parecia interminável; era como se nunca fosse parar. Finalmente, chegamos no fundo do poço. Mônica desapareceu de meus braços e eu vi-me andando num hall de um antigo palácio egípcio, vestido com roupas enfeitadas. Em todo o meu redor havia paredes com lindos relevos acompanhados de hieróglifos nelas gravados. Eu podia entender seu significado do mesmo que poderia entender as mensagens dos outdoors em Baltimore. No outro lado do imenso hall, vi uma figura que aproximava-se de mim vagarosamente. Eu sabia que era filho de uma família egípcia aristocrata e que a pessoa que aproximava-se de mim era meu irmão naquela existência.

Quando a figura chegou mais perto, reconheci que era Wolfgang. Ele parou a cerca de 3m de mim e olhou-me com grande ódio. Percebi que naquela encarnação Wolfgang, Mônica e eu éramos parentes. Eu era o primogênito e por isso casei-me com Mônica e tinha muitos outros privilégios que acompanhavam tal status. Wolfgang sentia-se excluído e experienciava um ciúme agonizante e imenso ódio para comigo. Eu vi claramente que isso era a base para um padrão cármico destrutivo que então se repetia de maneiras diferentes ao longo do tempo.

Eu permaneci no hall de frente para Wolfgang sentindo seu profundo ódio para comigo. Numa tentativa de resolver aquela dolorosa questão, eu tentei mandar-lhe uma mensagem telepática: "Eu não sei qual é a forma com que estou agora e como vim até aqui. Eu sou um viajante no tempo do século XX, onde ingeri uma poderosa droga que altera a mente. Eu estou muito triste por causa da tensão que existe entre nós e tudo farei para resolver essa questão." Então estendi meus braços abrindo-os

ao máximo possível e mandei para ele a seguinte mensagem: "Aqui estou eu, isso é tudo o que possuo! Por favor, faça qualquer coisa que você quiser para nos liberar desse impasse, para libertar a nós dois!"

Wolfgang pareceu muito excitado com meu oferecimento e aceitou-o. Seu ódio pareceu tomar a forma de dois raios de energia que pareciam ser de laser e queimou meu corpo e me causou uma dor fortíssima. Depois do que pareceu um tempo extremamente longo de tortura excruciante, os raios perderam gradualmente o seu poder e finalmente desapareceram por completo. Wolfgang e o hall desapareceram e encontrei-me novamente abraçado com Mônica.

Desta vez nos subimos através do mesmo Abismos das Eras, movendo para frente no tempo. As paredes desse buraco arquetípico abriram-se mostrando cenas de diferentes períodos históricos mostrando Mônica, Wolfgang e eu mesmo em muitas vidas anteriores. Todos eles retratavam situações triangulares difíceis e destrutivas, nos quais nós feríamos seriamente uns aos outros. Parecia que uma forte rajada de vento, "um furacão cármico", estava soprando através dos séculos, dissipando a dor dessas situações e liberando nós três de uma ligação dolorosa e fatal.

Quando a seqüência terminou e eu voltei-me totalmente ao presente, eu encontrava-me num estado de bem-aventurança indescritível e de contemplação extática. Sentia que mesmo se nada conseguisse realizar pelo resto dos meus dias, minha vida teria sido produtiva e de pleno sucesso. A solução e liberação de um poderoso padrão cármico parecia ser uma conquista suficiente por toda uma vida!

A presença de Mônica em minha experiência foi tão intensa que fiquei convencido de que ela tinha que ter sentido o impacto do que estava acontecendo comigo. Quando nos encontramos na próxima semana, decidi descobrir qual foi sua experiência na tarde em que tive minha sessão. D início, tentando evitar qualquer possibilidade de sugestão, eu simplesmente perguntei-lhe o que fez entre as 16 e 16:30 quando eu estava experienciando a seqüência cármica egípcia em minha sessão. "É estranho que você me pergunte isso," respondeu ela, "foi provavelmente os piores momentos em toda a minha vida!"

Ela então começou a descrever uma dramática altercação que teve com seu chefe que terminou com sua violenta saída do escritório. Ela estava certa de Ter perdido o emprego, sentiu-se desesperada, e acabou dando com os costados num bar da vizinhança, onde bebeu além da conta. A certa altura, a porta do bar abriu-se e um homem entrou. Mônica reconheceu que era Roberto, um homem com quem ela tinha tido relações sexuais na ocasião em que me encontrou. Roberto era muito rico e lhe deu muitos presentes caros, inclusive um carro novo e um cavalo.

Sem que eu soubesse, Mônica encontrando-se com ele depois que começamos a namorar, não tendo condições de fazer uma escolha entre mim e ele. Quando viu Roberto entrando no bar depois da briga com o patrão, ela levantou-se para abraçá-lo e dar-lhe um beijo. Roberto fez uma manobra evasiva e apertou sua mão, em lugar de fazer que ela queria. Mônica percebeu que ele estava acompanhado por uma elegante senhora. Visivelmente desconcertado, Roberto apresentou-a para Mônica; era sua mulher. Para Mônica, aquilo foi um grande choque, pois durante todo o seu relacionamento com Roberto, ele sempre fingiu que era solteiro.

Nessa altura, Mônica sentiu que o chão estava desaparecendo sob seus pés. Ela saiu do bar e correu para seu carro, aquele que recebeu de presente de Roberto. Completamente bêbada e sob uma chuva forte, ela disparou seu carro pelo anel rodoviário atingindo a velocidade de 150 km/h, decidida a acabar com aquilo tudo. Aconteceu muita coisa naquele dia de modo que ela não estava ligando para mais nada! Aconteceu que no exato momento em que eu consegui desatar o nó cármico em minha sessão, a minha imagem surgiu na mente de Mônica. Ela começou a pensar em mim no nosso relacionamento. Percebendo que ainda tinha alguém na vida em quem confiar, ela acalmou-se. Diminuiu a marcha do carro, saiu do anel rodoviário e parou o carro junto ao meio fio. Quando estava suficientemente sóbria para dirigir com segurança, ela voltou para casa e foi diretamente para a cama.

No dia seguinte desse encontro com Mônica, recebi um telefonema de Wolfgang, pedindo-me para encontrar-me com ele. Esse foi um desdobramento inteiramente surpreendente, desde que Wolfgang nunca ligara antes para mim, e muito menos pedira-me para encontrar-me com ele. Quando ele chegou, disse-me que tinha vindo para tratar de um assunto muito íntimo e embaraçoso. Tratava-se de um problema que era conhecido em psicanálise como o complexo da "Madona Prostituta". Ele tivera alguns casos de relacionamento sexual casuais e superficiais em sua vida, inclusive muitos de apenas uma noite, e nunca tinha tido problemas em desenvolver e manter uma ereção. Encontrou então a mulher com quem sempre sonhou e pela primeira vez em sua vida estava realmente apaixonado. Entretanto não conseguira fazer sexo com ela e experienciou repetidos fracassos dolorosos.

Wolfgang estava desesperado e preocupado em não conseguir manter aquele relacionamento caso não conseguisse resolver o problema de sua impotência. Ele disse-me que não tinha condições de falar desse problema com um estranho. Pensou em discuti-lo comigo, mas rejeitou a idéia por nutrir fortes sentimentos negativos para comigo. Em dado momento, entretanto, o que sentia a meio respeito mudou radicalmente. Seu ódio dissolveu-se como se por mágica e então ele decidiu ligar para mim e pedir ajuda. Ao perguntar-lhe quando ocorrera tal mudança, fiquei sabendo que foi no exato momento em que eu havia completado o reviver da seqüência egípcia.

Algumas semanas mais tarde, eu recuperei a peça que faltava do quebra-cabeça egípcio. Realizei uma sessão hipnótica com Pauline McCririrck, uma psiquiatra de Londres. O que segue é um excerto do meu relato dessa experiência.

Estava deitado na areia de um deserto onde o calor era escorchante. Sentia uma dor agonizante em minha barriga e meu corpo inteiro contorcia-se com espasmos. Sabia que tinha sido envenenado e que estava morrendo. Percebi pela situação que a única pessoa que poderia ter me envenenado era Mônica e seu amante. Pela lei egípcia, ela tinha que casar comigo por que eu era seu irmão mais velho, mas sua afeição pertencia a outro homem. Eu descobrira seu namoro e tentei interferir em tal relacionamento. A percepção de que estava sendo traído e que fora envenenado enchia-me de um ódio cego. Morri sozinho no deserto com todo o meu ser consumido pelo ódio.

Reviver tal situação trouxe-me outro insight interessante. Pareceu que eu relembrava que nessa época de minha vida como egípcio, envolvera-me ativamente com os

mistérios de Isis e Osiris e que sabia os seus segredos. Senti que o veneno e o ódio intoxicaram minha mente e obscureceram tudo o mais, inclusive aquele conhecimento. Isso tornou possível para mim levar vantagem dos ensinamentos secretos no momento de minha morte. Pela mesma razão, minha conexão com esse conhecimento antigo foi inteiramente removida.

Repentinamente percebi que muito da minha atual existência estava sendo dedicada a uma pesquisa inflexível desse ensinamento perdido. Lembrei-me do quão excitado eu ficava cada vez que descobria alguma informação que direta ou indiretamente estivesse relacionada com essa área. À luz desse insight, meu trabalho com psicodélicos envolvendo morte e renascimento psico/espiritual parecia ser um redescobrimto e uma reformulação moderna dos processos de que tratavam os mistérios antigos.

Numa meditação subsequente, eu fui inesperadamente inundado por uma onda de imagens fugidias representando os pontos altos de minhas experiências com Mônica e Wolfgang, algumas da vida real, outras das minhas sessões. A intensidade e a velocidade dessa revisão aumentava rapidamente até que atingiu um clímax explosivo. Num instante, tive um sentimento de profunda paz e de ter resolvido algo que me atormentava. Mônica e eu continuamos amigos pelo resto de minha presença em Baltimore. A tensão e o caos desapareceram de nossas interações e nenhum de nós sentiu qualquer compulsão de continuar um relacionamento mais íntimo. Ambos entendemos que em nossas existências atuais não estávamos *programados* para ser parceiros.

Reencarnação e Carma no Budismo Tibetano

Existe outra peça interessante no quebra-cabeça da reencarnação. Trata-se da informação que temos sobre certas práticas e ensinamentos tibetanos concernentes ao grau segundo o qual podemos realmente influir no processo de morte e reencarnação. A literatura tibetana descreve que certos mestres espirituais altamente desenvolvidos conseguem escolher a hora de sua morte e predizer ou selecionar a época e o local de sua próxima encarnação. Outros desenvolveram a capacidade de manter sua consciência durante sua passagem através do *bardos*, que é o estado intermediário entre a morte e a próxima encarnação.

Inversamente, segundo os mesmos relatos, monges tibetanos iluminados podem usar certos insights específicos, recebidos em sonhos e meditações, bem como em vários sinais externos, para localizar e identificar a criança que é a reencarnação de um *tulku*, ou Dalai Lama. Quando a criança é encontrada é levada para um mosteiro e submetida a uma série de testes durante os quais ela terá que identificar corretamente, entre uma coleção de objetos semelhantes, quais que realmente pertenceram ao falecido. Alguns aspectos dessa prática poderia, pelo menos teoricamente, ser submetidos a testes bastante rigorosos seguindo os padrões ocidentais.

Reencarnação: Fato ou Ficção?

Podemos agora resumir as evidências objetivas que formam a base da “crença” bastante difundida da reencarnação e do carma. O termo *crença* é na realidade impróprio quando aplicado a essa área. Em seu entendimento correto, trata-se de um sistema de pensamento, uma estrutura conceitual que tenta fornecer explicações para um grande número de experiências e observações incomuns. Nos estados holotrópicos, induzidos ou espontâneos, não apenas é possível mas muito comum experimentar episódios das vidas de pessoas em vários períodos históricos e em diferentes países do mundo. Quando experienciamos essas seqüências, sentimo-nos totalmente identificados com tais indivíduos. Além disso, nós ficamos com um sentimento convincente de que realmente em certa época nós éramos aquelas pessoas e vivemos suas vidas. Tais experiências são tipicamente muito vívidas e podem engajar todos os nossos sentidos.

Com relação ao seu conteúdo, as experiências de vidas passadas transcendem as fronteiras culturais e raciais e podem acontecer em qualquer país do mundo e em qualquer época da história humana ou mesmo na pré-história. Elas fornecem freqüentemente informações detalhadas sobre os países, culturas, e tempos envolvidos. Em muitos exemplos, essas informações ultrapassam de muito nosso conhecimento prévio daqueles assuntos bem como nossos fundamentos educacionais gerais. Em certas ocasiões, as seqüências de vidas passadas podem apresentar animais como protagonistas. Por exemplo, poderemos experimentar situações em que somos mortos por um tigre ou então pisoteados até a morte por um elefante. Ao longo dos anos, eu tive oportunidades de também testemunhar algumas experiências de vidas passadas com apenas um protagonista, tais como episódios onde o experimentador morre numa avalanche ou esmagado pela queda de uma árvore. O potencial terapêutico das experiências de vidas passadas e das sincronias a elas associadas são características adicionais desse notável fenômeno. Esses são fatos que temos que conhecer antes de tentar divulgar um julgamento referente à “crença” em reencarnação e carma.

Essas características extraordinárias das experiências de vidas passadas têm sido repetidamente confirmadas por observadores independentes. Entretanto, todos esses fatos impressionantes não constituem um “prova” definitiva de que nós sobreviveremos a morte e reencarnamo-nos como a mesma unidade separada de consciência, ou como a mesma alma individual. Essa conclusão é apenas uma das possíveis interpretações da evidência existente. Essa é essencialmente a mesma situação que encontramos na ciência, onde temos certos fatos observados e procuramos por uma teoria que os explique e que os coloque numa mesma estrutura conceitual coerente.

Uma das regras básicas na moderna filosofia da ciência é que uma teoria não deve nunca ser confundida com a realidade que descreve. A história de ciência mostra claramente que sempre há mais de um modo de interpretar os dados disponíveis. No estudo do fenômeno de vidas passadas, como em qualquer outra área de exploração, temos que separar os fatos observados da teoria que tenta fazer com que eles tenham um sentido. Por exemplo, a queda de objetos é um fato observável, enquanto as teorias que tentam explicar porque ele acontece mudam várias vezes no curso da história e sem dúvida irá mudar novamente.

A existência de experiências de vidas passadas com todas as suas notáveis características é um fato inquestionável que pode ser verificado por qualquer pesquisador sério que tenha a mente suficientemente aberta e que esteja interessado em checar sua evidência. Essa é certamente uma atitude em muito superior à dos psicólogos e psiquiatras tradicionais que ignoram toda a evidência disponível e se apegam rigidamente aos padrões de pensamentos já estabelecidos. Entretanto, não é difícil imaginar algumas outras alternativas de interpretação dos mesmo dados. Naturalmente, nenhuma dessas explicações é congruente com o paradigma materialista.

Pelo menos, duas de tais alternativas já podem ser encontradas na literatura espiritual. Na tradição hindu, a crença na reencarnação de indivíduos separados é vista como um entendimento popular não sofisticado da reencarnação. Em última análise, existe apenas um único ser que realmente existe, que é Brahman, ou o próprio princípio criativo. Todos os indivíduos separados em todas as dimensões da existência são apenas produtos da metamorfose infinita dessa única e imensa entidade. Desde que todas as divisões e fronteiras no universo são ilusórias e arbitrárias, apenas Brahman realmente encarna. Todos os protagonistas da brincadeira cósmica que é a existência, são aspectos diferentes desse Um. Quando nós atingimos essa mais elevada compreensão, temos condições de ver que nossas experiências de encarnações passadas representam apenas outro nível de ilusão ou *māyā*. Ver essas vidas como "nossas vidas" requer a percepção dos atores cárnicos como indivíduos separados e reflete a ignorância referente à unidade fundamental de tudo o que existe.

Em seu livro *Ciclos da Vida*, Christopher Bache (1990) discute outro interessante conceito de reencarnação encontrado nos livros de Jane Roberts (1973) e em trabalhos de outros autores. A ênfase no caso não é nem na unidade individual separada de consciência e nem em Deus, mas na "Alma Soma", uma entidade que existe entre os dois extremos. Se o termo alma refere-se à consciência que coleta e integra as experiências de uma encarnação individual, a Alma Soma é o nome dado a uma consciência maior que coleta e integra as experiências de muitas encarnações. De acordo com esse ponto de vista, é a Alma Soma que encarna, não a unidade individual de consciência.

Bache destaca que se somos extensões de nossas vidas passadas, nós claramente não somos o somatório de todas as experiências que elas contêm. O propósito da Alma Soma ao encarnar é coletar experiências específicas. Um envolvimento completo numa vida particular requer o rompimento da conexão com a Alma Soma, e significa a adoção de uma identidade pessoal discreta. Por ocasião da morte, a individualidade separada dissolve-se na Alma Soma, deixando apenas um mosaico de experiências difíceis não assimiladas. Essas então tornam-se de responsabilidade de outros seres encarnados num processo que pode ser comparado a uma "rodada" num jogo de baralho, como, por exemplo, num campeonato com seis participantes.

Em tal modelo, não existe realmente uma continuidade entre as vidas dos indivíduos que se encarnam em épocas diferentes. Experimentando as partes não resolvidas de outras vidas, nós não estaremos cuidando do nosso carma pessoal, mas realmente resolvendo questões da Alma Soma. A imagem que Bache usa para ilustrar o relacionamento entre a alma individual e a Alma Soma é a da concha de um astronauta. Nela, cada câmara representa uma unidade separada e reflete um

determinado período de vida do molusco, mas é também uma parte integrante de um todo maior.

Até agora discutimos três modos diferentes de interpretação das observações relacionadas ao fenômeno de vidas passadas. A unidade que se encarna poderia ser, respectivamente, uma unidade individual de consciência, a Consciência Absoluta ou a Alma Soma. Entretanto, nós não esgotamos todas as possibilidades ou explicações alternativas que poderiam explicar os fatos observados. Por causa da natureza arbitrária das fronteiras no universo, poderíamos facilmente definir o que se encarna como uma unidade maior que a Alma Soma, algo, por exemplo, como o campo de consciência da espécie humana inteira ou aquela de todas as formas.

Poderíamos também levar nossa análise um pouco mais além e explorar os fatores que determinam a escolha específica das experiências cármicas que são depositadas na unidade de consciência que irá encarnar. Por exemplo, algumas pessoas com as quais trabalhei tiveram convincentes insights que um importante fator no processo de seleção poderia ser o relacionamento entre os padrões cármicos e o tempo e lugar de uma encarnação com a correlação astrológica específica. Essa noção está em geral de acordo com as observações das sessões psicodélicas, respiração holotrófica e episódios espontâneos de crises psico/espirituais. Elas mostram que em todas essas situações o conteúdo e duração dos estados não ordinários estão intimamente correlacionados com a posição relativa dos planetas (Tarnas, no prelo).

As Experiências Holotróficas e Suas Influências em Nosso Sistema de Crença

Para se obter uma perspectiva mais compreensiva do assunto reencarnação, vamos explorar as mudanças em nossas crenças que ocorrem durante os trabalhos sistemáticos de busca interna que envolvem os estados holotróficos. A nossa crença ou descrença na reencarnação, bem como nosso entendimento de que algo pode sobreviver à morte, reflete a natureza e o nível das experiências que tivemos. Um membro típico da civilização industrializada do ocidente acredita que ele ou ela é o corpo físico. Isso obviamente limita a existência individual ao período que vai da concepção ao momento da morte. Como já foi visto, essa abordagem de "apenas uma vez" está em conflito com a perspectiva de muitos outros grupos humanos através da história. Em nossa cultura, essa crença está fortemente endossada por uma aliança tácita da ciência materialista com a Igreja Católica. O problema da reencarnação é um dos raros exemplos de acordo completo entre essas duas partes – Igreja Católica e ciência materialista.

As experiências pessoais de lembranças de vidas passadas que encontramos na meditação, na psicoterapia experimental, nas sessões psicodélicas ou nas "emergências espirituais" podem ser extremamente autênticas e convincentes. Delas podem resultar mudanças drásticas em nossa visão do mundo e nos abrir para o entendimento de reencarnação, não como uma crença, mas como uma realidade que foi por nós experienciada. Conseqüentemente, a ênfase em nossa auto exploração tende a mudar consideravelmente. Previamente, poderíamos sentir que era de todo importante trabalhar nossos traumas a partir da infância, meninice e nascimento,

porque percebíamos que ali estava a fonte de nossas dificuldades do presente. Depois da descoberta do reino cármico, nós nos tornamos mais preocupados em nos livrar dos padrões cármicos traumáticos, porque eles têm o potencial de contaminar não apenas uma vida, mas várias vidas consecutivas.

Nesta altura, nós continuamos a ter experiências adicionais de vidas passadas que podem ser muito ricas e acuradas em detalhes e ser associadas com notáveis sincronias. Nós então permanecemos obtendo convincentes evidências a respeito da autenticidade desse modo de entender a existência. Não mais nos sentimos como os "egos encapsulados" de que falou Alan Watts. Em lugar de nos identificar com um indivíduo que vive da concepção até a morte, obteremos um conceito mais amplo de quem somos.

Nossa nova identidade é aquela de um ser cuja existência se estende a muitas vidas diferentes; algumas delas já passaram, enquanto outras ainda nos esperam no futuro. Para ver a nós mesmos dessa maneira, teremos que transcender nossa crença anterior de que nosso período de vida é temporariamente ao período de concepção e morte. Ao mesmo tempo, teremos que continuar acreditando na natureza absoluta das fronteiras espaciais que nos separam das outras pessoas e do resto do mundo. Vemos a nós mesmos como cadeias abertas de períodos de vida e também vemos da mesma maneira nossos padrões cármicos.

Se continuarmos nossa viagem interior, experiências adicionais holotrópicas podem nos mostrar que até mesmo as fronteiras espaciais são em última instância ilusórias e podem ser dissolvidas. Isso cria uma perspectiva inteiramente nova com relação à reencarnação. Nesse caso transcenderemos o conceito de carma, como usualmente entendido, porque atingimos um nível onde não mais existem indivíduos separados. E a existência de personagens discretos é um pré-requisito necessário para qualquer interação cármica. Nesse ponto, nós nos identificamos com o campo unificado da energia cósmica criativa e com a Consciência Absoluta. Dessa perspectiva, os dramas de vidas passadas representa apenas outro nível de ilusão, a brincadeira de *māyā*. Fica claro que todas as vidas são em última análise a vida de um único protagonista e que as mesmas são vazias de qualquer substância.

Nós agora não mais cremos no carma, certamente não como antes. Essa forma de descrença é de um tipo e ordem inteiramente diferente da atitude materialista céptica e ateísta. Nós ainda nos lembramos do tempo em que vivíamos num estado restrito de consciência e rejeitávamos a idéia da reencarnação por considerá-la inteiramente ridícula e absurda. Estaríamos nesse ponto inteiramente cientes do fato de que as experiências poderosas e que nos empurram para um nível de consciência onde a reencarnação não é um conceito, mas uma realidade que foi vivida. E então sabemos que até mesmo esse estágio pode ser transcendido quando o processo de nossa auto exploração nos coloca frente a frente com experiências que fazem entender a relatividade de todas as fronteiras e o vazio fundamental de todas as formas.

Nem uma negativa categórica da possibilidade da reencarnação e nem a crença em sua existência objetiva é verdade no sentido absoluto. Todas as três abordagens a esse problema acima vistas são experimentalmente muito reais e cada uma delas reflete um certo nível de insight no esquema universal das coisas. Em última análise, apenas a existência do próprio princípio criativo é real. Tanto o mundo no qual a

reencarnação parece ser impossível quanto naquele em que ela parece ser um fato inegável são realidades virtuais criadas pela orquestração das experiências. Por essa razão, o jogo cósmico pode incluir scripts que do nosso ponto de vista do dia-a-dia podem parecer incompatíveis e conflitantes entre si. Na Mente Universal e em sua brincadeira divina eles podem coexistir sem nenhum problema.

9

O Tabu de Saber Quem Somos

*Nós não somos seres humanos tendo uma experiência espiritual.
Somos seres espirituais tendo uma experiência humana.*
_ Teilhard de Chardin: O Homem como Fenômeno

*Nosso nascimento é apenas um sono e um esquecimento:
A Alma que levanta conosco, a Estrela de nossa vida,
Tem alhures sua morada,
E veio de muito além;
Não inteiramente esquecida,
E não inteiramente despida,
Mas deixando um rastro de nuvens de glória nós vimos
De Deus que é nosso lar:
O céu mente a nosso respeito em nossa infância!
Sombras da prisão começam a se fechar
Sobre o rapazinho que cresce.*
_ William Wordsworth, "Ode: Intimidade com a Imortalidade"

A Perfeita Ilusão

Nos estados holotrópicos, podemos transcender as fronteiras do ego corporificado com o qual nós usualmente nos identificamos e ter experiências convincentes de nos tornar outras pessoas, animais, plantas e mesmo partes inorgânicas da natureza ou vários seres mitológicos. Descobriremos que a separação e descontinuidade que nós usualmente percebemos dentro da criação é arbitrária e ilusória. E quando todas as fronteiras são dissolvidas e por nós transcendidas, poderemos experimentar a identificação com a própria fonte criativa, seja na forma da Consciência Absoluta seja como o Vazio Cósmico. Nós então descobriremos que nossa identidade real não é o *self individual*, mas o *Self Universal*.

Se for verdade que nossa natureza mais profunda é divina e que nós somos idênticos ao princípio criativo do universo, como explicamos a intensidade da crença que somos um corpo físico existindo num mundo material? Qual seria a natureza dessa ignorância fundamental referente à nossa verdadeira identidade, esse véu misterioso do esquecimento que Alan Watts chamou de “tabu de saber quem somos”? (Watts 1966). Como é possível que uma entidade infinita espiritual eterna cria a partir de si mesma e dentro de si mesma um fac-símile virtual de uma realidade tangível povoada por seres sencientes que experienciam a si mesmos como separados de sua fonte e uns dos outros? Como podem os atores do drama cósmico ser iludidos acreditando na existência objetiva de sua realidade ilusória?

A melhor explicação que eu já ouvi de pessoas com as quais eu trabalhei é que o princípio criativo cósmico instala armadilhas para si mesmo para se aperfeiçoar. A intenção criativa atrás da brincadeira cósmica é materializar realidades experimentais que ofereceriam as melhores oportunidades para aventuras da consciência. Para atingir sua finalidade elas têm que ser convincentes e críveis em todos os detalhes. Poderemos usar aqui como exemplos trabalhos de arte tais como peças teatrais ou filmes cinematográficos. Elas uma vez ou outra podem ser interpretados com tal perfeição que podem nos fazer esquecer que aquilo que estamos vendo são eventos fictícios, sem nenhuma realidade, e então reagir como se fossem reais. Além disso, um bom ator ou atriz podem algumas vezes perder sua verdadeira identidade e fundir temporariamente com os personagens que estão personificando.

O mundo no qual vivemos tem muitas características que a Consciência Absoluta em sua forma pura não possui, tais como a pluralidade, polaridade, materialidade, mutabilidade e impermanência. O projeto de criação de um fac-símile que é a realidade material dotada de tais propriedades é executado com uma tal perfeição artística e científica que as unidades projetadas de consciência da Mente Universal acham-no inteiramente convincente e consideram-no como real. Numa expressão extrema desse talento artístico, representada por um ateu, o Divino é realmente bem sucedido ao sugerir argumentos não apenas contrários à sua participação na criação, mas também contra sua própria existência.

Uma das estratégias importantes que ajudam a criar a ilusão da realidade material ilusória é a existência da feiúra e da banalidade. Se todos fossemos seres etéreos radiantes, retirando nossa energia vital diretamente do sol e vivendo num mundo onde todas as paisagens parecessem com o Himalaia, Grand Canyon e com as ilhas despovoadas do Pacífico, ficaria muito óbvio que somos parte de uma realidade divina. Similarmente, se todos os edifícios do nosso mundo parecessem com a Alhambra, com o Taj Mahal, Xanadu ou com a catedral de Chartres, e nós fossemos rodeados por esculturas de Michelangelo e ouvíssemos só músicas de Beethoven e Bach, a natureza divina do nosso mundo seria facilmente discernível.

O fato de termos um corpo físico com todas suas excreções, secreções, odores, imperfeições e patologias, bem como com um sistema gastrointestinal com seus conteúdos repulsivos, certamente torna perfeitamente obscuro o fato de nossa divindade e nos confunde. Várias funções fisiológicas como vomitar, arrotar, soltar gases, defecar e urinar junto com a decomposição final do corpo humano complica ainda mais a situação. Similarmente, a existência de cenas naturais repulsivas, depósitos de lixo, áreas industriais poluídas, toaletes mal cheirosos com pichações

obscenas, guetos urbanos, favelas, e milhões de cortiços torna muito difícil perceber que nossa vida é uma brincadeira divina. A existência do mal e o fato de que a verdadeira natureza da vida é predatória faz a tarefa ser quase impossível para a pessoa mediana. Para os ocidentais cultos a visão do mundo criada pela ciência materialista é um obstáculo adicional sério.

É certamente muito mais fácil associar a divindade com a beleza que com a feiúra. Entretanto, sob um ponto de vista mais amplo, incluir a feiúra no esquema universal faz o espectro da existência ser mais rico e cheio e ajuda a disfarçar a natureza divina da criação. A imagem do hediondo pode ser executada com grande perfeição e ser capaz de fazer isso constitui um desafio interessante. Quando percebemos que a natureza complexa da Consciência Cósmica inclui, entre outras, certas características que, em nosso nível, percebemos existir refletidas em certos artistas e cientistas, a tendência de explorar o espectro inteiro das possibilidades, inclusive o feio e enojante, de repente parece não ser muito surpreendente.

O mundo da arte, nele incluídas a pintura, literatura e o cinema evidentemente não pode ser acusado de explorar apenas um lado, favorecendo o belo e o que engrandece. Similarmente, os cientistas certamente não se furtam à exploração de nenhum aspecto da existência e muitos deles não hesitam em prosseguir com sua busca apaixonada mesmo se suas descobertas apresentar conseqüências desoladoras e não muito belas para o nosso mundo. Uma vez que percebamos a origem e o propósito do drama cósmico, o critério comum para a perfeição e para a beleza terá que ser drasticamente revisto. Uma das tarefas importantes na viagem espiritual é ter condições de ver o divino não apenas no extraordinário e ordinário, mas também no degradante e no que é feio.

De acordo com o nosso critério usual, Albert Einstein é um gênio que certamente supera de muito seus semelhantes humanos, nada sendo necessário dizer com relação aos primatas tais como o chimpanzé. Entretanto, de uma perspectiva cósmica, não existe nenhuma diferença hierárquica entre Einstein e um macaco, desde que ambos são espécimens perfeitos do que estavam destinados a ser. Numa peça de Shakespeare, um rei é certamente superior ao bobo de sua corte. Entretanto, o status de Lawrence Olivier como ator não oscila em função de qual dos dois ele está representando, desde que seu desempenho seja impecável. Similarmente, Einstein é Deus representando impecavelmente o papel de Albert Einstein e um chimpanzé é Deus representando perfeitamente o papel de um chimpanzé.

Ordinariamente, possuindo-se um razoável senso estético, nós poderemos admirar o trabalho de Michelangelo ou Vincent van Gogh e não apreciar muito as quinquilharias. Isso faria sentido perfeitamente se estivéssemos comparando os esforços humanos comuns de resultados tão drasticamente diferentes. Entretanto, os verdadeiros criadores destes trabalhos não seriam os *se/ves* corporificados dos autores mas a Consciência Absoluta e a energia criativa cósmica trabalhando através deles com um propósito específico. Se a intenção criativa não era a de produzir uma grande obra de arte, mas bastante especificamente adicionar o fenômeno das quinquilharias ao jogo cósmico, esse projeto seria perfeito por si mesmo.

O mesmo pode ser dito a respeito de um sapo feio, uma criatura que foi incluída no esquema universal com uma finalidade específica pela mesma fonte que foi capaz de

criar a “borboleta de fraque”, o pavão e a gazela. É a perfeição absoluta da criação, entendida nesse sentido, que parece ser responsável pelo “tabu de saber quem somos”. A realidade virtual simulando um universo material é projetada e realizada com uma tal riqueza e com um tal cuidado dos mínimos detalhes que seu resultado é absolutamente convincente e crível. As unidades de consciência lançadas como protagonistas dos incontáveis papéis deste *show* dos *shows* se vêem misturadas e presas nesta complexa e intrincada teia de ilusionismo mágico.

Papel Criativo dos Demiurgos

Os insights da natureza e dinâmica do jogo cósmico não têm necessariamente de emergir no nível do princípio criativo supremo. Gail, uma ministra que participou do nosso programa de treinamento de profissionais no Centro de Pesquisa Psiquiátrica de Maryland, teve em sua sessão psicodélica uma seqüência interessante que retratou a cosmogonia como uma competição entre quatro entidades supra humanas demiúrgicas. Embora sua experiência seja bastante incomum, desde que envolve vários seres demiúrgicos em vez de apenas um princípio criativo, eu vou inclui-la aqui. Ela ilustra com clareza excepcional muitos dos assuntos relacionados com o problema da reencarnação de seres espirituais e o “tabu de saber quem somos.” Eis o excerto correspondente de sua sessão:

Encontrei-me a mim mesmo numa dimensão que parecia existir além do espaço e tempo como os conhecemos. O que me vem à mente quando penso agora a respeito do que me aconteceu é o conceito de hiperespaço usado na física moderna. Entretanto, tal termo técnico não é adequado para descrever o profundo sentimento de sacralidade e o espantoso senso de numinosidade associados à minha experiência. Eu percebi que era um ser supra-humano de imensas proporções, possivelmente um que transcendesse todas as limitações, ou um que já existisse antes que qualquer limitação fosse conhecida. Eu não tinha nenhuma forma, sendo apenas consciência pura com inteligência soberba suspenso no Espaço Absoluto. Embora não houvesse ali nenhuma fonte de luz, eu não posso dizer que estava numa completa escuridão.

Eu compartilhava esse espaço com três outros seres. Embora eles fossem abstratos e sem forma como eu mesmo, eu podia sentir claramente suas presenças separadas e comunicar-me com eles através de um complexo sistema telepático. Nós divertíamos um com os outros por meio de vários jogos intelectuais brilhantes; idéias extraordinárias que pareciam fogos de artifícios eram lançadas para frente e para trás. A complexidade, o intrincado e o nível de imaginação envolvidos nesses jogos transcendiam de muito qualquer coisa conhecida pelos humanos. Era entretenimento puro, l'art pour l'art, já que na forma em que estávamos, nada daquilo tinha qualquer implicação prática.

Tenho que pensar neste contexto a respeito de baleias que flutuam no oceano com seus enormes cérebros e que são dotadas de inteligência que podem ser comparadas com as nossas ou mesmo as ultrapassam. Desde que a natureza não constrói e mantém órgãos que não sejam utilizados, a atividade mental dos cetáceos tem que

ser comparada com a dos humanos. Ainda assim, por causa de sua anatomia, elas têm apenas uma capacidade mínima de fornecer expressões físicas tangíveis do que se passa em suas mentes. Certa vez eu li uma especulação de um pesquisador sugerindo que as baleias podem passar a maior parte de seu tempo entretendo uma as outras usando suas vozes espantosas que se transmitem pelo oceanos a distâncias de centenas de milhas. Será que elas contam estórias entre si e comunicam suas criações mentais artísticas? Teriam elas diálogos filosóficos ou participam de jogos sofisticados? Ou seriam elas como certos índios e iogues tibetanos que em suas profundas meditações, na solidão de suas cavernas e celas, experienciam conexões com a história inteira do cosmo e com outras realidades?

Depois dessa introdução, descrevendo o ambiente geral e o contexto de sua experiência e de refletir na existência não corporificada como um ser puramente espiritual, Gail focalizou na parte de sua sessão que tem mais de perto relevância para nossa discussão referente ao “tabu de saber quem somos.”

Um daqueles seres apresentou uma idéia intrigante. Sugeriu que seria possível criar um jogo que envolvesse uma realidade com várias criaturas diferentes, com tamanhos e formas variadas. Eles iriam parecer sólidos e densos e existir em um mundo cheio de objetos de formas, texturas e consistências diferentes. Os seres nasceriam, evoluiriam, teriam interações complexas e aventuras uns com os outros, e depois deixariam de existir. Haveria grupos de criaturas de várias ordens, cada um existindo em duas formas – masculino e feminino – que complementaria um ao outro e participariam da reprodução.

Essa realidade seria ligada por coordenadas distintas de espaço e tempo. O tempo mostraria um fluxo obrigatório do passado através do presente e em direção ao futuro e os eventos posteriores pareceriam ter sido causado pelos precedentes. Haveria vastos períodos históricos, cada um diferente dos outros. Cada criatura teria que viajar de um lugar para outro e havia muitos modos diferentes de fazer isso. Uma variedades de limitações rígidas, regras, e leis governariam todos os eventos nesse mundo, como acontece com todos os jogos. A entrada nessa realidade e assumir diferentes papeis proporcionaria um refinado entretenimento de um tipo verdadeiramente singular.

Os três seres espirituais ficaram intrigados, mas incrédulos, e expressaram sérias dúvidas a respeito do projeto sugerido. Apesar de excitante, parecia improvável que pudesse ser implementado. Como poderia um ser espiritual ilimitado que existia num mundo que apresentava todas as possibilidades poderia ser levado a acreditar que estivesse confinado em um corpo sólido de forma estranha, com cabeça, tronco e extremidades, e que dependesse criticamente da ingestão de outras criaturas mortas e da presença de um gás chamado oxigênio? Como poderia ele ser convencido de que tinha capacidade intelectual limitada e que sua habilidade de perceber fosse restrita por um conjunto de algo como os órgãos sensórios? Aquilo parecia ser muito fantástico para que fosse seriamente considerado! No que segue, Gail descreve como os seres demiúrgicos resolveram o problema.

Seguiu-se uma acalorada discussão intelectual. O proponente do plano respondeu a todas as objeções, insistindo que o projeto era inteiramente factível. Ele/ela estava

convencido de que a complexidade suficiente e a natureza intrigante do script, a consistente associação de situações específicas as experiências irresistíveis, e o cuidadoso disfarce de todas as escapatórias seria todo o necessário. O participante iria ficar preso numa rede intrincada de ilusões que o/a tapearia fazendo-o/a acreditar que o jogo era real e não uma brincadeira. Nós íamos ficando cada vez mais fascinados com todas aquelas possibilidades e finalmente ficamos convencidos de que aquele projeto incomum seria viável. Concordamos em entrar no jogo da encarnação excitados pelas perspectivas de aventuras extraordinárias da consciência.

Essa experiência de algum modo resolveu quaisquer das preocupações que eu poderia ter com respeito ao assunto carma. Fiquei com uma firme convicção de que sou em essência um ser espiritual e de que o único meio pelo qual fiquei envolvido no drama cósmico foi através da livre escolha. A escolha para encarnar envolve a aceitação voluntária de um grande número de limitações, regras, e leis, como acontece sempre que formos participar de qualquer jogo. Dessa perspectiva, não faz sentido culpar quem quer que seja pelo que acontece em nossa vida. O fato de que, num nível mais alto, temos a livre escolha de entrar ou não no jogo cósmico cria uma metaestrutura que redefine tudo o que ocorre dentro de si.

Vicissitudes e Armadilhas da Viagem de Retorno

Existe outra importante razão pela qual é tão difícil libertarmo-nos da ilusão de que somos indivíduos separados vivendo num mundo material. Os caminhos de reunião com a fonte divina são repletos de contratempos, riscos e desafios. A brincadeira divina não é um sistema completamente fechado; ele oferece aos protagonistas a possibilidade de descobrir a verdadeira natureza da criação, inclusive seus próprios status cósmicos. Entretanto, os caminhos que os conduzem da auto decepção à iluminação e à reunião com a fonte apresentam sérios problemas e a maioria das saídas potenciais na criação estão cuidadosamente escondidas. Isso é absolutamente necessário para a manutenção da estabilidade e equilíbrio do esquema cósmico. Essas vicissitudes e armadilhas do caminho espiritual representam uma parte importante do "tabu de saber quem somos".

Todas as situações que fornecem as oportunidades para a abertura espiritual são tipicamente associadas com forças oponentes muito fortes. Alguns dos obstáculos que fazem do caminho da libertação e iluminação ser extremamente difícil e perigoso são de natureza intra-física. Aqui podemos citar terríveis experiências que podem deter os buscadores menos corajosos e determinados, tais como o encontro com forças arquetípicas sombrias, medo da morte e o espectro da insanidade. Interferências ainda mais poderosas e terríveis e intervenções que vêm do mundo externo. Na Idade Média, muitas pessoas que tinham experiências místicas espontâneas arriscavam ser torturadas, julgadas e executadas pela Santa Inquisição. Em nossa época, rótulos psiquiátricos estigmatizantes e medidas terapêuticas drásticas substituíram as acusações de feitiçaria, torturas e autos-de-fé. O cientismo materialista do século XX tem ridicularizado e rotulado como patológico qualquer esforço espiritual, não importando o quanto seja bem fundamentado e sofisticado.

A autoridade de que a ciência desfruta na sociedade moderna torna difícil levar a sério a espiritualidade e buscar o caminho das descobertas espirituais. Além disso, os dogmas e as atividades das religiões líderes tendem a obscurecer o fato de que o único lugar onde a verdadeira espiritualidade pode ser encontrada é dentro da psique de cada um de nós. E o que é pior, as religiões organizadas podem realmente funcionar como um grave impedimento para qualquer busca espiritual séria, em vez de ser instituições que possam nos ajudar na conexão com o Divino.

As tecnologias do sagrado desenvolvidas pelas várias culturas aborígenes têm sido, no ocidente, descartadas como produtos do pensar mágico e superstições primitiva de selvagens. O potencial espiritual da sexualidade que encontra sua expressão no Tantra é de muito sobrepujado pelas ciladas do sexo como um poderoso instinto animal. O advento dos psicodélicos que teve a capacidade de abrir amplos portões para a dimensão transcendental foi logo seguido pelo irresponsável uso laico desregrado daquelas substâncias, pelas ameaças de insanidade, pelos danos aos cromossomas e pelas sanções legais.

Experiência Fracassada de Projeção Astral

Estamos tão profundamente embebidos em nossa crença de um mundo material objetivo e previsível que um súbito colapso de nossa realidade familiar e violação do "tabú de saber quem somos" pode ser associada com um indescritível terror metafísico. Vou ilustrar esse ponto completando a estória de minha "projeção astral" de Baltimore a Praga iniciada antes (pgs. 89-91). Interrompi meu relato no ponto em que me senti preso num laço do espaço/tempo, sem saber em qual das duas cidades eu realmente me encontrava. Aqui está o resto desta extraordinária aventura da consciência:

Eu senti que necessitava de uma prova mais convincente de que estava, de fato, experienciando algo "objetivamente real" no sentido usual. Finalmente decidi realizar um teste – tirar um quadro da parede e depois checar por correspondência com meus parentes se algo de anormal ocorrera no apartamento naquela noite. Andei em direção do quadro, mas antes que pudesse pegá-lo, fui assaltado por um sentimento cada vez mais alarmante de que aquilo era algo extremamente arriscado e perigoso de ser feito. Senti-me repentinamente atacado por forças malignas de magia negra. Parecia-me que aquilo que estava prestes a fazer era um jogo de azar, no qual o preço seria minha alma.

Parei e fiz um esforço desesperado para entender o que estava acontecendo. Imagens de famosos casinos do mundo inteiro desfilavam diante de meus olhos – Monte Carlo, Lido em Veneza, Las Vegas, Reno – vi bolinhas de roleta girando em velocidades intoxicantes, vi alavancas das máquinas caça-níqueis movendo-se para cima e para baixo, e vi dados rolando sobre superfícies verdes durante um jogo de dados. Havia círculos de jogadores distribuindo cartas, grupos de jogadores envolvidos no bazar, e multidões com os olhos fixados nos painéis brilhantes de bingo. Isso foi seguido por cenas de reuniões secretas de estadistas, políticos, oficiais de forças armadas e cientistas de destaque.

Finalmente entendi a mensagem e percebi que não havia ainda superado meu egocentrismo e não estava apto a resistir à tentação do poder. A possibilidade de transcender as limitações do tempo e do espaço pareceu ser intoxicante e perigosamente sedutora. Se eu pudesse controlar o tempo e o espaço, estaria garantindo um suprimento inesgotável de dinheiro, junto com tudo o que o dinheiro pode comprar. Tudo o que deveria fazer sob tais circunstâncias era ir ao casino, ou bolsa de valores ou escritório de loteria mais próximo. Não existiria nenhum segredo para mim e teria como dominar o tempo e o espaço. Teria condições de bisbilhotar reuniões de cúpula de dirigentes políticos e ter acesso a descobertas altamente secretas. Isso abriria possibilidades jamais imaginadas para direcionar o curso dos eventos no mundo.

Percebi os perigos envolvidos em meu experimento. Lembrei-me de passagens de livros espirituais diferentes prevenindo contra brincadeiras com o poder sobrenatural antes de sobrepujar nossos egos e atingir a maturidade espiritual. Havia outra coisa que parecia ser ainda mais relevante. Descobri uma ambivalência extrema com respeito aos resultados de meu teste. Por um lado, parecia extremamente atraente ser capaz de me livrar da escravidão do tempo e do espaço. Por outro lado, era bastante óbvio que um resultado positivo do teste teria um alcance enorme e também sérias conseqüências. Aquilo não poderia ser visto como um experimento isolado revelando a natureza arbitrária do espaço e do tempo.

Se eu tivesse a confirmação de que seria possível manipular o meio ambiente físico a uma distância de vários milhares de milhas, todo o meu universo entraria em colapso por causa desse único experimento, e eu me veria num estado de completa confusão metafísica. O mundo como eu conhecia não mais existiria. Eu perderia todos os mapas em que confiava e com os quais sentia-me confortável. Eu não saberia, com respeito a mim mesmo, o quem, o onde e o quando e estaria perdido num universo totalmente novo e ameaçador, cujas leis seriam desconhecidas e com as quais eu não estaria familiarizado. Se eu tivesse tais poderes, seria razoável pensar que outros também os tivessem. Eu não teria privacidade onde quer que estivesse e as portas e paredes não mais me protegeriam. Meu novo mundo estaria cheio de perigos em potencial de natureza imprevisível e proporções inimagináveis.

Não podia convencer a mim mesmo a realizar o teste e decidi deixar o problema da realidade e objetividade da experiência sem solução. Isso deu-me condições de brincar com a idéia de que podia transcender o espaço e o tempo. Ao mesmo tempo, deixou aberta a possibilidade de ver todo aquele episódio como uma decepção causada por uma poderosa substância psicodélica. A idéia de que a destruição da realidade como eu a conhecia fosse objetivamente verificada além de qualquer dúvida razoável era simplesmente muito assustadora.

No momento em que desisti de fazer o teste, encontrei a mim mesmo de volta a Baltimore onde havia ingerido a substância e dentro de umas duas horas minha experiência estabilizou-se e solidificou-me numa "objetiva realidade" familiar. Eu nunca perdoei a mim mesmo por ter desperdiçado um experimento tão fantástico e único. Entretanto, a lembrança do terror metafísico envolvido no teste deixa-me com dúvidas se numa segunda oportunidade no futuro eu serei mais corajoso.

Os Segredos da Identidade Falsa

Podemos agora reunir os insights dos estados holotrópicos referentes ao “tabu de saber quem somos.” Em todos os níveis da criação, com exceção do Absoluto, a participação no jogo cósmico exige que as unidades de consciência esqueçam sua verdadeira identidade, que assumam uma individualidade separada e que percebam e tratem os outros protagonistas como fundamentalmente diferentes de si mesmas. O processo criativo gera muitos domínios com características diferentes e cada um deles oferece oportunidades únicas de refinadas experiências da consciência. A experiência do mundo da matéria bruta e a identificação com um organismo biológico vivendo nesse mundo é apenas uma forma extrema desse processo universal.

A maestria com a qual o princípio criativo está apto a retratar os diferentes reinos da existência parece fazer a experiência dos papéis envolvidos tão convincentes e críveis que é extremamente difícil detectar sua natureza ilusória. Além disso, as possibilidades de ser superada a ilusão da separação, experienciando a reunificação com o fonte são associadas a extremas dificuldades e ambigüidades complexas. Em essência, nós não temos uma identidade fixa e podemos experimentar a nós mesmos como qualquer coisa no contínuo desde o *self* corporificado até a Consciência Absoluta. A extensão e o grau de livre escolha que temos como protagonistas nos diferentes níveis do jogo cósmico, decresce à medida em que a consciência desce do Absoluto até o plano da existência material e cresce no curso da viagem do retorno espiritual. Desde que por nossa própria natureza somos seres espirituais ilimitados, entramos no jogo cósmico na base da livre escolha e ficamos presos pela perfeição com a qual ele é executado.

10

Participando do Jogo Cósmico

Dois pássaros de belas asas, amigos e camaradas, pousados numa mesma árvore, e um deles come a doce fruta, o outro observa e não come.

_ Rig Veda

*Quão pouco sabemos daquilo que realmente somos!
Quão menos daquilo que talvez sejamos!*

_ George Gordon Lord Byron

Os Três Venenos do Budismo Tibetano

Neste ponto podemos dizer que exploramos com alguns detalhes a ampla e abrangente visão da criação e a exaltada imagem da natureza humana que emergiu dos trabalhos com os estados holotrópicos. Como estamos chegando ao fim de nossa estória, parece apropriado examinar as implicações práticas dessa informação na nossa vida do dia-a-dia. Como a auto exploração sistemática usando os estados holotrópicos influencia nosso bem estar emocional e físico, nossa personalidade, nossa visão do mundo e nossa escala de valores? Podem as novas descobertas nos dar alguma diretriz específica que nos ajudaria a extrair o benefício máximo do que foi aprendido? Poderemos usar o novo conhecimento de modo que tornaria a vida mais satisfatória e gratificante?

Os professores espirituais de todas as idades concordam que buscar objetivos materiais, por si e em si mesmos, não pode nos trazer satisfação, felicidade e paz interior. A crise global que se alastra rapidamente, a deterioração moral e o descontentamento crescente que acompanha a afluência material das sociedades industriais são testemunhas dessa antiga verdade. Parece haver um acordo geral na literatura mística que o remédio para a doença existencial que persegue a humanidade é virar para dentro, procurar as respostas em nossa própria psique, e sofrer uma profundo transformação psico/espiritual.

Não é difícil entender que um importante pré-requisito para uma existência de sucesso é uma espécie de inteligência geral – ter facilidade em aprender e lembrar, pensar e raciocinar, e reagir adequadamente ao meio ambiente material. Pesquisas mais recentes enfatizam a importância da “inteligência emocional” – a capacidade de reagir adequadamente ao meio ambiente humano e manusear adequadamente nosso relacionamento interpessoal (Goleman, 1996).

As observações dos estudos dos estados holotrópicos confirmam o princípio básico da filosofia perene de que a qualidade de nossa vida depende em última análise do que pode ser chamado de “inteligência espiritual.” É a capacidade de conduzir nossa vida de tal maneira que ela reflita um profundo entendimento filosófico e metafísico da realidade e de nós mesmos. Isso, é claro, desperta questões a respeito da natureza da transformação psico/espiritual que é necessária para se adquirir essa forma de inteligência, da direção das mudanças que temos que sofrer e dos meios que podem facilitar tal desenvolvimento.

Uma resposta muito clara e específica para tais questões pode ser encontrada nas diferentes escolas do budismo mahāyāna. Podemos usar aqui como base de nossa discussão a famosa tela pintada tibetana retratando o ciclo da vida, morte e reencarnação (*thangka*). Ela retrata a *Roda da Vida* que o horrível Senhor da Morte segura firmemente junto de si. A roda é dividida em seis segmentos representando as diferentes *lokas*, ou reinos onde podemos nascer. O domínio celestial dos deuses é mostrado como sendo desafiado a partir dos segmentos adjacentes pelos deuses ciumentos guerreiros, ou *asuras*. A região dos fantasmas famintos é habitada pelos *pretas*, criaturas desprezíveis representando cobiça insaciável. Eles possuem barrigas gigantescas, enorme apetite e bocas do tamanho de buraco de alfinete. Os

segmentos restantes da roda retratam o mundo dos seres humanos, o reino das bestas selvagens e o inferno. No interior da roda existem dois círculos concêntricos. O mais externo mostram os caminhos ascendentes e descendentes pelos quais viajam as almas. O círculo mais interno contem três animais – um porco, uma cobra e um galo.

Os animais do centro da roda representam os “três venenos” ou forças que, de acordo com os ensinamentos budistas, perpetuam os ciclos de morte e nascimento e que são responsáveis por todos os sofrimentos de nossa vida. O porco simboliza a ignorância com referência à natureza da realidade e à nossa própria, a cobra representa raiva e agressividade, e o galo simboliza o desejo e a sensualidade que conduz ao apego. A qualidade de nossa vida e nossa habilidade em lidar adequadamente com os desafios da existência dependem criticamente do grau da capacidade que tenhamos em eliminar ou transformar essas forças que movem o mundo dos seres sencientes. Vamos agora focalizar sob essa ótica o processo sistemático de auto exploração envolvendo os estados holotrópicos de consciência.

Conhecimento Prático e Sabedoria Transcendental

O benefício mais óbvio que podemos obter com o trabalho experiencial profundo é o acesso ao conhecimento extraordinário sobre nós mesmos, sobre outras pessoas, sobre a natureza e o cosmo. Nos estados holotrópicos, nós poderemos atingir um profundo entendimento da dinâmica inconsciente de nossa psique. Podemos descobrir como nossa percepção de nós mesmos e do mundo é influenciada pelas lembranças esquecidas ou reprimidas de nossa infância, meninice, nascimento e existência pré-natal. Além disso, nas experiências transpessoais podemos nos identificar com outras pessoas, vários animais, plantas e elementos do mundo inorgânico. Experiências dessa espécie representam uma fonte extremamente rica de insights únicos a respeito do mundo no qual vivemos.

Nesse processo, podemos ganhar uma quantidade considerável de conhecimento que pode ser útil em nossa vida do dia-a-dia. Entretanto, a ignorância simbolizada no *thangkas* tibetano pelo porco não é a ausência ou falta de conhecimento no sentido ordinário. Não significa simplesmente informação inadequada sobre os vários aspectos do mundo material. A forma de ignorância aqui citada (*avidyā*) é um entendimento básico equivocado e uma confusão referente à natureza da realidade e à nossa própria. O único remédio para esse tipo de ignorância é a sabedoria transcendental (*prajñāpāramitā*). Desse ponto de vista, é muito importante que o trabalho interno envolvendo os estados holotrópicos fornece mais que apenas um aumento de nosso conhecimento a respeito do universo. Ele é também o único caminho de se obter insights sobre assuntos de relevância transcendental, como vimos ao longo desse livro.

Raízes Biográficas, Perinatais e Transpessoais da Agressividade

Examinemos agora, dessa mesma perspectiva, o segundo "veneno", a propensão humana para a agressividade. A natureza e o escopo da agressividade humana não pode ser explicada simplesmente pelas referências à nossa origem animal. Ver os humanos com "macacos nus" cuja agressividade é o resultado de alguns fatores que compartilhamos com os animais, tais como instintos básicos, estratégias genéticas dos "genes egoístas", ou sinais do "cérebro dos répteis" não leva em conta o grau e a natureza da violência humana. Os animais mostram a agressividade quando estão famintos, na defesa de seu território ou na competição pelo sexo. A violência mostrada pelos humanos, que Erich Fromm chamou de "agressão maligna" (Fromm 1973), não tem similares no reino animal.

As principais correntes da psicologia e da psiquiatria atribuem a agressividade tipicamente humana a uma história de frustrações, abuso e falta de amor na infância e meninice. Entretanto, explicações dessa espécie são dolorosamente insuficientes para explicar as formas extremas de violência, tais como os assassinatos em série do Estrangulador de Boston ou do tipo de Geoffrey Dahmer, e particularmente fenômenos de massas sociais como o Nazismo e o Comunismo. Dificuldades no início das histórias de indivíduos ajudam muito pouco para o entendimento dos motivos psicológicos de guerras sangrentas, revoluções, genocídios e campos de concentração, fenômenos que envolvem grande número de pessoas. A auto exploração usando os estados holotrópicos ilumina de modo inteiramente novo os problemas dessas formas de violência humana. Sondando as profundezas de nossa psique descobrimos que as raízes desse aspecto problemático e perigoso da natureza humana são muito mais profundas e mais formidáveis que os acadêmicos de psicologia jamais imaginaram.

Não existe nenhuma dúvida que traumas e frustrações na infância e na meninice representam importantes fontes de agressividade. Entretanto, essa conexão quase nem mesmo arranha a superfície do problema. O trabalho interno sistemático e profundo, mais cedo ou mais tarde mostra que existem raízes adicionais significativas da violência humana no trauma do nascimento biológico. A emergência vital, a dor e a sufocação experienciadas durante muitas horas durante o parto gera enormes quantidades de ansiedade e agressividade assassina que permanecem armazenadas em nossa psique e em nosso corpo. Essa repositório de desconfiança fundamental e de hostilidade com relação ao mundo constitui um significativo aspecto do lado escuro da personalidade humana que C. G. Jung chamou de Sombra.

Como vimos antes, reviver o nascimento nos estados holotrópicos é tipicamente acompanhado por imagens de violência inconcebível, tanto individual quanto coletiva. Isso inclui experiências de mutilação, assassinato e estupro bem como de guerras sangrentas, revoluções, distúrbios sociais e campos de concentração. Lloyd deMause (1975), um pioneiro no campo da psico/história, uma disciplina que aplica métodos de psicologia profunda em eventos políticos/sociais, estudou discursos de líderes políticos e militares, bem como pôsteres e caricaturas dos tempos das guerras e revoluções. Ele ficou abismado pela abundância extraordinária de figuras de linguagem, metáforas e imagens relacionadas com o nascimento biológico que encontrou naquele material.

Líderes militares e políticos de todas as eras, referindo-se à situação crítica de declaração de guerra, usam tipicamente termos que descrevem vários aspectos da exaustão perinatal. Eles acusam os inimigos de "nos" sufocar, estrangular, forçar o "nosso" último suspiro e não "nos" dar espaço suficiente para viver (o *Lebensraum*, de Hitler). Igualmente freqüente são as alusões a areias movediças, cavernas escuras, túneis, labirintos confusos, abismos perigosos em que podemos ser empurrados e a ameaça de engolfamento e afogamento.

Similarmente, as promessas de vitória dos líderes tendem a ser expressas com imagens perinatais. Eles garantem que irão "nos" resgatar da escuridão do labirinto traiçoeiro e "nos" guiar em direção da luz que existe do outro lado do túnel. Ele juram que depois de derrotar o opressor, todos "nós" iremos respirar livremente. Eu mostrei em outro livro a profunda semelhança entre as pinturas e desenhos que retratam as experiências perinatais e o simbolismo dos pôsteres e caricaturas dos tempos das guerras e revoluções (Grof 1996).

Entretanto, até mesmo as explicações reconhecendo as fontes perinatais da agressividade não a resposta final do problema da natureza, escopo e profundidade da violência humana. Suas raízes mais profundas atingem muito além das fronteiras do indivíduo, indo até o domínio do transpessoal. Nos estados holotrópicos, elas tomam a forma de divindades coléricas, demônios, diabos, temas mitológicos complexos, tais como o Apocalipse ou Ragnarok e o Crepúsculo dos Deuses. Furneci anteriormente neste livro vários exemplos de forças sombrias arquetípicas que operam nas profundidades de nossa psique. Potenciais adicionais de repositórios de agressividade no nível transpessoal são as lembranças de vidas passadas e as matrizes filogenéticas que refletem o nosso passado animal.

Como vimos, o estudo dos estados holotrópicos descortina uma imagem da natureza humana muito arrasadora e desencorajante como também o escopo e profundidade da nossa agressividade das quais nossa carne é herdeira. Entretanto, ao mesmo tempo que revela a enormidade do problema, também oferece perspectivas e esperanças inteiramente novas. Mostra que existem caminhos com raros poderes e muito efetivos de lidar com a violência humana. Nos trabalhos experimentais profundos que atingem os níveis perinatais e transpessoais, enormes quantidades de agressividade podem ser expressos com segurança, trabalhados e transformados num tempo relativamente curto. Tal trabalho também lança nova luz com respeito à natureza da agressividade e sua relação com a psique humana. De acordo com esses insights, a agressividade não é algo que reflete nossa verdadeira natureza, mas ao contrário, é uma cortina que nos separa dela.

Quando temos sucesso em penetrar através desse véu escuro de forças elementais instintivas, descobrimos que o âmago mais profundo de nosso ser é divino e não bestial. Essa revelação está totalmente de acordo com a famosa passagem dos Upanishads indianos que citei antes. A mensagem dessa escritura antiga é muito clara: "Tat tvam asi" (Vós sois Aquilo) – "em sua natureza mais profunda você é idêntico ao Divino." Em minha experiência, o trabalho responsável com os estados holotrópicos pode trazer resultados práticos muito encorajadores. A auto exploração profunda conduz regularmente a uma redução maior da nossa agressividade e nossas tendências de auto destruição, bem como produz um aumento da tolerância e

compaixão. Ela também tende a alimentar a reverência pela vida, a empatia pelas outras espécies e a sensibilidade ecológica.

Fontes Psico/Espirituais da Ganância Insaciável

Chegamos assim ao terceiro “veneno” do budismo tibetano, uma força poderosa que combina as qualidades de luxúria, desejo e ganância insaciável. Junto da “agressividade maligna”, essas qualidades são certamente responsáveis pelos capítulos mais sombrios da história humana. Os psicólogos do ocidente ligam vários aspectos dessa força aos estímulos libidinosos descritos por Sigmund Freud. Dessa perspectiva, a ganância insaciável seria explicada em termos de assuntos verbais não resolvidos durante o tempo *nursing* (?). Similarmente, a excessiva preocupação com o dinheiro estaria associada com impulsos anais reprimidos e extremos sexuais refletiriam uma fixação fálica. A ânsia pelo poder foi mais integralmente descrita pela psicologia do discípulo renegado de Freud, Alfred Adler, que a via como uma compensação pelos sentimentos de inferioridade e não entrosamento.

Os insights dos estados holotrópicos enriquecem consideravelmente esse quadro. Eles revelam fontes adicionais profundas desse aspecto da natureza humana nos níveis perinatais e transpessoais da psique. Quando nossos processos de auto exploração experiencial atinge o nível perinatal, nós tipicamente descobrimos que nossa existência até aquele momento foi inteiramente inautêntica. Percebemos, para nossa surpresa e espanto, que toda a nossa estratégia de vida foi mal direcionada. Fica claro para nós que muito daquilo por que estivemos lutando foi fortemente ditado por emoções inconscientes e energias motoras que foram impressas em nossa psique e em nosso corpo por ocasião de nosso nascimento.

As lembranças de situações assustadoras e altamente desconfortáveis às quais estivemos expostos durante o parto permanecem vivas em nosso sistema. Elas exercem poderosas influências em nós ao longo de nossa vida, a menos que sejam trazidas totalmente para a consciência e trabalhadas através de auto exploração sistemática. Muito do que fazemos na vida e como o fazemos pode ser compreendido em termos de esforços posteriores para lidar com sucesso com essa *gestalt* incompleta do nascimento e medo da morte a ele associado.

Quando essa memória traumática é mantida submersa em nossa psique, ela causa sentimentos de insatisfação com nossa atual situação. Com ela e por causa dela, esse desconforto é confuso e amorfo, mas pode se projetar num amplo espectro de resultados. Podemos atribuir a ele a nossa aparência física insatisfatória, recursos inadequados e falta de possessões materiais. Pode parecer para nós que a razão de nossa insatisfação é o nosso baixo status social e falta de influência no mundo. Podemos sentir que a fonte de nosso descontentamento é poder e fama insuficientes, conhecimento e habilidades inadequadas e um grande número de outras coisas.

Qualquer que seja a realidade das circunstâncias presentes, a situação nunca parece satisfatória e a solução parece sempre estar no futuro. Como o feto agarrado e lutando no canal do nascimento, sentimos uma forte necessidade de atingir uma situação que seja melhor que a do presente. Como resultado desse impulso para conseguirmos algo no futuro, nós nunca vivemos integralmente o presente e nossa vida é sempre uma preparação para algo melhor que virá.

Nossa fantasia reage a esse sentimento de desconforto existencial com a criação de uma imagem de uma situação futura que trará satisfação e que corrigirá as deficiências e imperfeições percebidas. Os existencialistas falam a respeito desse mecanismo com uma "auto projeção" no futuro. A aplicação consistente dessa estratégia resulta num padrão de vida que as pessoas chamam de existência tipo "ramerrão" ou tipo "corrida de rato" – a que busca miragens fantasiosas de felicidade futura, ficando-se então impedido de apreciar totalmente o que está disponível no presente. Essa abordagem equivocada, inautêntica e não compensadora pode ser praticada ao longo de toda uma vida até que a morte traga o "momento da verdade" e impiedosamente revela sua futilidade e seu vazio.

Projetar-se no futuro como meio de corrigir a insatisfação com a vida é uma "estratégia de perdedor" caso consigamos ou não as metas desejadas. Ela baseia-se em uma fundamental falta de percepção e entendimento de nossas necessidades. Por essa razão, ela nunca nos trará a auto realização que dela esperamos. Quando não temos como atingir as metas que divisamos, atribuímos nossa continuada insatisfação ao nosso fracasso em atingir as supostas medidas corretivas. Quando conseguimos atingir as metas, isso tipicamente não nos traz aquilo que esperávamos e nossos sentimentos de desconforto não são extintos. Além disso, nós ficamos sem saber como diagnosticar corretamente o por quê continuamos insatisfeitos. Nós não percebemos que estamos seguindo uma estratégia de vida fundamentalmente errada, uma vez que ela não nos traz auto realização quaisquer que sejam seus resultados. Usualmente atribuímos o fracasso ao fato de que as metas não eram suficientemente ambiciosas ou que a escolha específica estava errada.

Esse padrão freqüentemente conduz a uma inquietante e irracional busca de várias metas grandiosas que são responsáveis por muitos problemas de nosso mundo deles resultando muito sofrimento. Essa estratégia não possui nenhuma conexão com a realidade da vida e pode desse modo gerar comportamentos inadequados em muitos níveis diferentes. Desde que ela nunca traz a autêntica auto realização, não faz muita diferença se o protagonista é um pobretão ou um bilionário da categoria de um Aristóteles Onassis ou Howard Hughes. Uma vez que as nossas necessidades básicas de sobrevivência estejam satisfeitas, a qualidade de nossa experiência de vida tem muito mais a ver com o nosso estado de consciência do que com as circunstâncias externas.

Esforços equivocados para se atingir a satisfação pela busca de metas exteriores podem realmente trazer resultados paradoxos. Eu trabalhei com pessoas que depois de décadas de muita luta e trabalho duro, atingiram finalmente suas metas, sobre as quais sonharam durante toda sua vida, e no dia seguinte tornaram-se severamente deprimidas. Joseph Campbell descreve essa situação dizendo que ela equivale a "atingir o topo da escada e descobrir que ela estava colocada na parede errada." Esse padrão frustrante pode ser consideravelmente enfraquecido pelo ato de trazer à total

consciência as lembranças do nascimento, confrontando-se o medo da morte e elas conectado e experienciando o renascimento psico/espiritual. Pela conexão experiencial às lembranças das situações perinatais e pós-natais em lugar das impressões gravadas da luta pelo nascimento, nós conseguimos reduzir significativamente a inexorável preocupação com as aquisições futuras e ter condições de retirar muito mais satisfação do presente.

Entretanto, as raízes de nossa insatisfação e de nossa doença existencial atingem níveis muito mais profundos que o perinatal. Em última análise, a fome insaciável que move a vida humana é transcendental por natureza. Nas palavras de Dante Alighieri (1989), o grande poeta italiano do início da Renascença, "o desejo pela perfeição é aquele desejo que sempre faz cada prazer parecer incompleto, pois não existe prazer ou alegria tão grande nesta vida que possa matar a sede de nossa alma." No sentido mais geral, as raízes transpessoais mais profundas dessa fome insaciável podem ser melhor compreendidas nos termos de Ken Wilber do Projeto *Atman* (Wilber 1980).

Wilber explorou e descreveu as conseqüências específicas do princípio básico da filosofia perene, que afirma que a nossa verdadeira natureza é divina. Essa essência de nossa existência tem sido chamada por nomes diferentes – Deus, o Cristo Cósmico, Keter, Allah, Buddha, Brahman, o Tao, e muitos outros. Embora o processo da criação nos separe e aliene da fonte cósmica, nossa identidade divina, a consciência dessa conexão nunca é completamente perdida. A mais profunda força impulsora da psique humana em todos os níveis de nosso desenvolvimento é a ânsia de retornar à experiência de nossa divindade. Entretanto, as condições constrangedoras da existência encarnada não permitem a experiência da liberação espiritual total em e como Deus.

Podemos usar aqui como ilustração uma estória a respeito de Alexandre, o Grande, uma pessoa cujas conquistas pessoais seculares talvez jamais sejam igualadas. Ele atingiu um nível tão distante que adquiriu o status de divino no mundo material, como nenhum outro ser humano possivelmente pode esperar conseguir. Isso era realmente expresso em um dos atributos comumente associado ao seu nome – Divino Alexandre. A estória é a seguinte:

Depois de uma série sem paralelo de vitórias militares pelas quais ele adquiriu vastos territórios que existiam entre sua terra natal Macedônia e a Índia, Alexandre finalmente chegou até a Índia. Ali ele ouviu falar de um iogue que tinha poderes incomuns, ou siddhis, e entre outras a habilidade de ver o futuro. Alexandre decidiu fazer-lhe uma visita. Quando chegou na caverna do iogue, o sábio estava imerso em sua prática espiritual costumeira. Alexandre impacientemente interrompeu sua meditação, perguntando-lhe se ele tinha realmente o poder de ver o futuro. O iogue balançou a cabeça afirmativamente e sem dizer uma só palavra voltou à meditação. Alexandre interrompeu-o de novo com outra questão urgente. "Você pode dizer-me se minha conquista da Índia terá sucesso?" O iogue meditou por um momento e depois abriu vagarosamente os olhos e disse compassivamente: "O que você necessita em última análise é cerca de 1,2 m de terra."

Seria difícil encontrar um exemplo mais pungente para o nosso dilema humano – nosso esforço desesperado procurando nossa divindade através de meios materiais. O único caminho para atingir nos potencial total como seres divinos é através da

experiência interna. Isso requer a morte e a transcendência de nossos *selves* separados, morrendo para a nossa identificação como “egos encapsulados na pele.” Por causa de nosso medo do aniquilamento e por causa de nosso apego ao ego, nós temos que eleger a *Atman* como substituta ou nossa representante. Essas mudanças ao longo de nossa vida são sempre específicas num estágio particular.

Para o feto e o recém nascido, a *Atman* substituta é a bem-aventurança experimentada numa boa vida uterina e nos seios fartos da mãe. Para um infante, é a satisfação dos estímulos psicológicos básicos e a necessidade de segurança. Quando atingimos a idade adulta, o projeto *Atman* atinge uma complexidade enorme. O *Atman* agora cobre um espectro amplo e inclui, além de alimento e sexo, também o dinheiro, fama, poder, aparência, conhecimento, e muitas outras coisas. Ao mesmo tempo, todos temos um profundo sentimento profundo de que nossa verdadeira identidade é a totalidade da criação cósmica e o próprio princípio criativo. Por essa razão, substitutos em qualquer grau e escopo permanece sempre como algo insatisfatório. A solução última para a ânsia insaciável está no mundo interno, e não em busca secular de qualquer espécie ou escopo. Apenas a experiência da própria divindade em estados não ordinários de consciência pode invariavelmente preencher nossas necessidades mais profundas.

O poeta persa Rūmī, deixou essa verdade bem clara com as palavras: “Todas as esperanças, desejos, amores e afeições que as pessoas tenham por coisas diferentes – pais, mães, amigos, céus, a Terra, palácios, ciências, trabalhos, alimentos, bebidas – o santo sabe que esses são desejos por Deus e todas aquelas coisas são véus. Quando os homens deixam esse mundo e vêm o Rei sem esses véus, então saberão que tudo eram véus e cortinas, que o objeto de seu desejo era em realidade essa Uma Coisa” (Hines 1996). Thomas Traherne, o poeta e clérigo inglês do século XVII, que era um expoente ardente do modo de vida que ele chamava de “felicidade”, atingiu a mesma percepção quando teve uma profunda experiência mística. Aqui está um excerto de seu relato descrevendo o evento:

As ruas eram minhas, o templo era meu, as pessoas eram minhas. Os céus eram meus, como também o sol, a lua e as estrelas, e todo o mundo era meu, e eu o único espectador e apreciador de tudo aquilo. Eu não conhecia nenhuma propriedade tacanha, nem fronteiras, nem divisões; mas todas as propriedades e divisões eram minhas; todos os tesouros e seus donos. De modo que, com muita lida fui corrompido, e ensinado os muitos truques sujos deste mundo, os quais agora desaprendo, e me transformo, como que numa criancinha outra vez de modo que possa entrar no reino de Deus.

Percorrer o Caminho Místico com Passos Práticos

Se aceitássemos que o universo material como o conhecemos não é um sistema mecânico mas uma realidade virtual criada pela Consciência Absoluta através de uma orquestração complexa de experiências, quais seriam as conseqüências práticas desse insight? E qual seria a influência que a percepção de que nosso ser é comensurável

com o princípio criativo cósmico teria sobre nosso sistema de valores e com o modo pelo qual conduzimos nossa vida? Essas são questões de grande relevância teórica e prática, não apenas para cada um de nós como indivíduos, mas para toda a humanidade, e para a vida futura desse planeta. Ao tentar respondê-las, nós iremos de novo examinar os insights de pessoas que tiveram experiências com estados holotrópicos de consciência.

Para muitas religiões, a receita para lidar com as agruras da vida é diminuir a importância do plano terrestre e focalizar-se nos reinos transcendentais. Alguns desses credos recomendam uma mudança da atenção e da ênfase no mundo material para outras realidades. Eles sugerem a oração e a devoção como um caminho para se comunicar com os vários reinos mais elevados e com os seres superiores. Outros oferecem e sublinham o acesso experiencial direto aos reinos transcendentais por meio da meditação e de outras formas de prática espiritual pessoal. Os sistemas religiosos com essa orientação retratam o mundo material como um domínio inferior que é imperfeito, impuro e que conduz ao sofrimento e à miséria. Do seu ponto de vista, a realidade parece ser um vale de lágrimas e a existência encarnada uma praga ou um lamaçal de morte e renascimento.

Esses credos e seus representantes oficiais oferecem a seus dedicados seguidores a promessa de um domínio mais desejável ou um estado de consciência mais satisfatório no Além. Em formas mais populares de crenças, esses são domínios com várias formas de moradas dos abençoados, paraísos e céus. Eles se tornam disponíveis depois da morte para aqueles que preencham os requisitos necessários definidos pelas suas respectivas teologias. Para sistemas mais sofisticados e refinados dessa espécie, céus e paraísos são apenas estágios da viagem espiritual e o destino final é a dissolução das fronteiras pessoais e a união com o divino, ou a extinção do fogo da vida e o desaparecimento no nada (*nirvāna*).

De acordo com a religião jaina, nós somos em última essência mônadas prístinas de consciência (*jīvas*) e somos contaminados pelo nosso envolvimento com o mundo biológico. A meta da prática jaina é reduzir drasticamente nossa participação no mundo da matéria, libertar a nós mesmos de sua influência poluente e recuperar nosso estado prístino. Outro exemplo é a forma original do budismo, chamada Theravada ou Hīnayāna (o Pequeno Veículo). Essa escola de budismo é uma tradição monástica severa que oferece o ensinamento e a disciplina espiritual necessários para se atingir a iluminação e liberdade pessoais. Seu ideal é o *arhat*, o santo ou sábio no mais alto estágio de desenvolvimento, vivendo como eremita e em reclusão do mundo. Ênfase semelhante de libertação pessoal (*moksa*) pode também ser encontrada no Vedanta dos hindus.

Entretanto, outras orientações espirituais consideram que a natureza e o mundo material contêm ou incorporam o Divino. Assim, os ramos tântricos do jainismo, hinduísmo e budismo têm uma orientação que, distintamente, enfatiza e celebra a vida. Similarmente, o budismo Mahāyāna (o Grande Veículo) ensina que podemos conseguir a liberação em meio à vida do dia-a-dia se libertarmos a nós mesmos do três "venenos" – ignorância, agressividade e desejo. Quando obtemos sucesso, *samsāra*, ou o mundo da ilusão, nascimento e morte transforma-se no *nirvāna*. Várias escolas mahāyāna enfatizam o papel crucial da compaixão como uma importante

realização espiritual. Seu ideal é o Bodhisattva, que se interessa não apenas por sua própria iluminação, mas também pela libertação de todos os outros seres sencientes.

Vejamos agora o dilema que estamos discutindo à luz dos insights dos estados holotrópicos. O que iremos ganhar ao livrarmo-nos da vida e escapar do plano material e atingirmos a realidade transcendental? E, ao contrário, qual é o valor de abraçarmos alegremente a realidade do mundo do dia-a-dia? Muitos sistemas espirituais definem a meta da viagem espiritual como a dissolução das fronteiras pessoais e a reunião com o Divino. Entretanto, aquelas pessoas que realmente experienciaram em sua exploração interior a identificação com a Consciência Absoluta, perceberam que definir a meta final da viagem espiritual como experimentar a unidade com o princípio supremo da existência envolve um sério problema.

Elas ficam sabendo que a Consciência/Vazio Absoluta indiferenciada representa não apenas o fim da viagem espiritual, mas também a fonte e o começo da criação. O Divino é o princípio que oferece a reunião para os que estão separados, mas é também o agente responsável pela divisão e separação da unidade original. Se esse princípio fosse completo e auto preenchido em si mesmo, não haveria nenhuma razão para que ele criasse e os outros reinos experimentais não existiriam. Uma vez que eles existem, a tendência da Consciência Absoluta para criar claramente expressa uma "necessidade" fundamental. Os mundos da pluralidade representa assim um complemento importante para o estado indiferenciado do Divino. Na terminologia da Cabala, "as pessoas necessitam de Deus e Deus necessita das pessoas."

O esquema envolvendo tudo o que existe no drama cósmico possui uma interação dinâmica de duas forças fundamentais, uma das quais é centrífuga (*hilotrópica* ou orientada para a matéria) e a outra centrípeta (*holotrópica* ou orientada para o todo) em relação ao princípio criativo. A Consciência Cósmica indiferenciada mostra uma tendência elemental para criar mundos da pluralidade que contem inúmeros seres separados. Discutimos antes algumas das possíveis "razões" ou "motivos" dessa propensão de gerar realidades virtuais. E ao contrário, as unidades individualizadas de consciência experienciam sua separação e alienação como algo doloroso e então manifestam uma forte necessidade de retornar à fonte e reunir-se com a mesma. A identificação com o *self* corporificado é plena de problemas, entre outros, o do sofrimento emocional e físico, limitações temporais e espaciais, impermanência e morte.

Podemos experienciar esse conflito dinâmico em sua forma completa quando a nossa auto exploração nos estados holotrópicos leva-nos à beira da morte do ego. Nesse ponto, nós oscilamos e sofremos uma ruptura entre aquelas duas poderosas forças. Uma parte de nós, a holotrópica, quer transcender a identificação com o ego corporificado e experienciar a dissolução e união com um todo maior. A outra parte, a hilotrópica, é movida pelo medo da morte e pelo instinto de auto preservação e permanecer com a identidade separada. Esse é um conflito extremamente difícil de ser resolvido e pode representar um sério obstáculo no processo de transformação psico/espiritual. Ele, em última análise, exige que nos rendamos e sacrifiquemos a identidade com que estamos familiarizados sem saber o que a substituirá do outro lado, ou mesmo se haverá ou não um substituto.

Mesmo na hipótese de que nosso modo atual de ser e estar no mundo não seja particularmente confortável, nós poderemos nos apegar ansiosamente a ele quando não conhecemos nenhuma outra alternativa. Ainda assim sentimos bem no fundo de nós mesmos que a nossa existência como um *self* corporificado no mundo material é, em si e por si mesmo, inautêntico e que não satisfaz nossas necessidades mais profundas. Sentimos um forte empuxo para transcender nossos limites e para reclamar nossa identidade verdadeira. Podemos citar como uma ajuda o conhecimento intelectual, antes de nos envolvermos com o trabalho de pesquisa interna, que experienciar a morte do ego é algo simbólico do qual não resulta nenhuma morte real e nenhum aniquilamento. Entretanto, o medo de morrer e abrir mão do ego é tão arrasador e convincente que, ao experienciá-lo, é difícil confiar em tal conhecimento e considerá-lo reconfortante.

Se for verdade que nossa psique é governada por essas duas forças cósmicas poderosas, a hilotrópica e a holotrópica, e que essas duas forças estão em conflito fundamental uma com a outra, existe uma abordagem da existência que possa adequadamente tratar dessa situação com sucesso? Desde que a existência separada e nem a existência como unidade indiferenciada é totalmente satisfatória, o que resta como alternativa? É afinal possível em tais circunstâncias encontrar uma solução, uma estratégia de vida que resolveria o paradoxo? Poderemos encontrar um olho no furacão dessas duas tendências cósmicas conflitantes onde descansaríamos em paz? Será possível encontrar satisfação em um universo cuja textura é entretecida por forças que se opõem uma à outra?

Claramente, a solução não será rejeitar a existência num corpo físico por ser inferior e não valer a pena e então tentar escapar dela. Vimos que os mundos experimentais, inclusive o da matéria, representam não apenas aspectos importantes e valorosos, mas também absolutamente necessários como complementos do estado indiferenciado do princípio criativo. Ao mesmo tempo, nossos esforços para atingir a auto realização e a paz de espírito necessariamente irão falhar, e o tiro, possivelmente, sairá pela culatra se eles envolverem apenas objetivos e metas no mundo da matéria. Qualquer solução satisfatória terá assim que englobar tanto a dimensão material quanto a transcendental, ambos os mundos, o das formas e o Sem Forma.

O universo material como o conhecemos oferece incontáveis possibilidades para extraordinárias aventuras da consciência. Como *se/ves* vivendo num organismo, podemos testemunhar o espetáculo dos céus com seus bilhões de galáxias, pores e nasceres do sol de tirar o fôlego, o crescer e o decrescer da lua, ou a maravilha dos eclipses solar e lunar. Podemos apreciar arranjos belíssimos das nuvens, a beleza gentil de um arco-íris e o tremeluzente brilhar da aurora boreal. Na superfície da Terra, a natureza criou um interminável variedade de paisagens, desde os grandes oceanos, rios e lagos até cadeias gigantes de montanhas, desertos silentes e a beleza fria do Ártico. Junto com a estonteante variedade de formas de vida nos reinos botânicos e animais, elas fornecem oportunidades sem fim de experiências únicas.

Somente com a forma física e no plano material nós podemos nos apaixonar, apreciar o êxtase do sexo, ter filhos, ouvir a música de Beethoven, ou admirar as pinturas de Rembrandt. Onde mais além da Terra podemos ouvir o cantar da cotovia ou provar o assado do Alasca? Podemos adicionar em nossa lista as alegrias do esporte, viagens,

tocar instrumentos musicais, pintar e incontáveis outros. O mundo material oferece infinitas possibilidades para pesquisa nos reinos orgânico e inorgânico, na superfície da Terra, nas profundezas do oceano e nos confins do espaço cósmico. As oportunidades para exploração do micro e macro universo são virtualmente ilimitadas. Além das experiências do presente, existe também a aventura da sondagem do passado misterioso, desde as antigas civilizações e o mundo pré-diluviano até os eventos durante os primeiros micro segundos do Big Bang.

Benefícios da Auto Exploração e Práticas Espirituais

Participar do mundo dos fenômenos e ser capaz de experienciar o rico espectro de aventuras requer um certo grau de identificação com o *self* corporificado e a aceitação do mundo da matéria. Entretanto, quando nossa identificação é absoluta e acreditarmos que o mundo material é a única realidade indiscutível, será impossível apreciar *in totum* nossa participação na criação. Os espectros de insignificância pessoal, impermanência e da morte podem obscurecer totalmente o lado positivo da vida e roubar o seu fascínio. Devemos adicionar também a eles nossa frustração associada às tentativas inúteis de realizar nosso potencial total divino dentro das limitações a nós impostas pelos limites do nosso corpo e do mundo material.

Para encontrar a solução para esse dilema, temos que nos interiorizar. Repetidas experiências com os estados holotrópicos tendem a relaxar nossa crença de que somos um "ego encapsulado na pele." Continuamos a nos identificar com o corpo/ego para propósitos pragmáticos, mas essa identificação torna-se mais experiencial e divertida. Teremos conhecimento experiencial suficiente dos aspectos transpessoais da existência, inclusive nossa própria verdadeira identidade e status cósmico, o que faz a vida do dia-a-dia tornar-se mais leve e gratificante. Se nossa busca interna continua, mais cedo ou mais tarde iremos descobrir o vazio essencial por trás de todas as formas. Como sugerem os ensinamentos budistas, o conhecimento da natureza virtual do mundo dos fenômenos e de seu vazio pode nos ajudar a obter a liberdade a partir do sofrimento. Isso inclui o reconhecimento que a crença em quaisquer *selves* separados em nossas vidas, inclusive o nosso próprio, é em última análise uma ilusão. Nos textos budistas, a consciência do vazio essencial por trás de todas as formas e a percepção disso resultante de que não existem *selves* é referida como *anatta*, literalmente "nenhum eu."

Jack Kornfield, um psicólogo e professor de budismo Vipassana, descreve seu primeiro encontro com o conceito de *anatta* durante seu encontro com o falecido professor espiritual tibetano Kalu Rinpoche. Tentando tirar o máximo proveito possível de seu encontro com aquele notável ser humano, Jack perguntou-lhe com a ânsia de um iniciante zeloso: "Por favor, você poderia descrever para mim numas poucas frases a essência última dos ensinamentos budistas?" Kalu Rinpoche replicou: "Poderia, mas você não acreditaria em mim e levaria muito tempo para entender o que eu queria dizer." Jack insistiu polidamente: "Por favor, diga-me mesmo assim; gostaria muito de saber." A resposta de Kalu Rinpoche foi breve e concisa: "Na realidade, você não existe."

A percepção de nossa natureza divina e do vazio essencial de todas as coisas que descobrimos em nossas experiências transpessoais, forma a base de uma meta/estrutura que pode nos ajudar consideravelmente a lidar adequadamente com a complexidade da existência do dia-a-dia. Podemos abraçar a experiência do mundo material em sua totalidade e apreciar tudo que ela nos oferece – a beleza da natureza, as relações humanas, fazer amor, família, obras de arte, esportes, delícias da culinária e incontáveis outras coisas.

Entretanto, não importa o que façamos, a vida nos trará obstáculos, desafios, experiências dolorosas e perdas. Quando as coisas se tornam muito difíceis e devastadoras, nós podemos apelar para a ampla perspectiva cósmica que descobrimos em nossa busca interior. A conexão com as realidades superiores e o conhecimento libertador da *anatta* e do vazio atrás de todas as formas torna possível tolerar o que de outro modo poderia ser insuportável. Com o auxílio da consciência transpessoal nós poderemos ter condições de experimentar em seu todo o espectro da vida ou, nas palavras de Zorba, o grego, “da catástrofe inteira.”

A busca interna sistemática usando as experiências holotrópicas pode também nos auxiliar a realçar e refinar nossa percepção do mundo pelos sentidos. Esse “polimento das portas da percepção” como Aldous Huxley chamou-o, referindo-se ao poema de William Blake, torna possível apreciar totalmente e curtir todas as possibilidades das aventuras da consciência associadas com a existência corporificada. Um aumento geral na alegria de viver é mais dramática durante os estados místicos e durante as horas ou dias imediatamente seguintes a tais experiências. Esse fato é tão freqüente que podemos falar numa espécie de “pós/brilho.” Numa forma mais mitigada, esse aumento do sabor da vida e numa qualidade realçada da vida representam efeitos posteriores duradouros de tais revelações místicas.

Uma pessoa cuja experiência de vida é limitada ao módulo hilotrópico da consciência e que não teve acesso experiencial às dimensões transcendentais e numinosas da realidade terá muita dificuldade de sobrepujar o medo da morte profundamente arraigado e encontrar algum significado profundo da vida. Sob tais circunstâncias, a maior parte do comportamento cotidiano é motivado pelas necessidades do falso ego e os aspectos significantes da vida são reativos e inautênticos. Por essa razão, é essencial complementar as atividades práticas diárias com alguma forma de prática espiritual sistemática que forneça acesso experiencial aos reinos transcendentais.

Nas sociedades pré-industriais, a oportunidade para experiências transcendentais existiam em muitas formas diferentes – desde rituais xamânicos, ritos de passagem e cerimônias de cura até os antigos mistérios de morte e renascimento, escolas místicas e práticas de meditação das grandes religiões do mundo. Nas décadas recentes, o mundo ocidental tem visto um significativo renascimento de várias práticas espirituais antigas. Além disso, representantes da moderna psicologia profunda desenvolveram novas abordagens efetivas que facilitam a abertura espiritual. Esses instrumentos estão disponíveis para todos aqueles que estejam interessados na transformação psico/espiritual e na evolução da consciência.

C. G. Jung, o pai da psicologia transpessoal, descreveu em seus escritos uma estratégia de vida que atende ambas dimensões da consciência, tanto a secular

quanto a cósmica, de nós mesmos e da existência. Ele sugeriu que deveríamos complementar nossas atividades de cada dia no mundo externo com uma sistemática auto exploração, por uma busca interna que atingisse os mais profundos recessos de nossa psique. Dirigindo nossa atenção para nosso interior, poderemos nos conectar com o *Self*, um aspecto superior de nosso ser, e nos beneficiar de sua liderança. Desse modo, poderemos retirar preciosos insights da imensa fonte do coletivo inconsciente que contém a sabedoria de todos os tempos.

De acordo com Jung, nós não devemos nos orientar na vida apenas pelos aspectos externos da situação que se nos depara. Nosso processo de tomada de decisões deveria ser baseado numa síntese criativa de nosso conhecimento pragmático do mundo material e na sabedoria profunda fornecida pelo inconsciente coletivo durante a sistemática auto exploração. Essa sugestão do grande psiquiatra suíço está totalmente de acordo com as conclusões que muitas pessoas com as quais trabalhei ao longo dos anos obtiveram de suas explorações holotrópicas.

Eu tenho visto repetidas vezes que adotar essa estratégia pode conduzir a um modo de vida com maior desempenho, mais satisfação e mais criatividade. Ela possibilita estar totalmente no mundo da realidade do dia-a-dia e simultaneamente estar consciente das dimensões numinosas das existência e de nossa própria natureza divina. A habilidade de reconciliar e integrar esses dois aspectos da vida faz parte das mais sublimes aspirações da tradições místicas. O Sheik Al-'Alawi descreve a Estação Suprema, o mais alto estágio do desenvolvimento espiritual na tradição sufi, como o estado de ser internamente bêbado da Essência Divina embora externamente sóbrio.

Transformação Individual e o Futuro do Planeta

Os benefícios potenciais dessa abordagem da existência transcendem os estreitos interesses dos indivíduos que as adotam. Essa estratégia aplicada numa escala suficientemente ampla pode ter implicações importantes para a sociedade humana e nosso futuro. Nas últimas poucas décadas, tem se tornado cada vez mais claro que a humanidade está enfrentando uma crise de proporções sem precedentes. A ciência moderna desenvolveu medidas efetivas que poderiam resolver a maior parte dos problemas urgentes do mundo atual – combate à maioria das doenças, eliminar a pobreza e a fome, reduzir a quantidade do desperdício industrial e substituir os combustíveis não renováveis por fontes de energia limpa.

Os problemas que permanecem no caminho não são de natureza econômica e tecnológica. A fonte profunda da crise global está dentro da personalidade humana e reflete o nível de evolução de nossas espécies. Por causa das forças não domadas da psique humana, recursos inimagináveis estão sendo desperdiçados no absurdo da corrida armamentista, luta pelo poder e a perseguição de metas como "crescimento ilimitado." Esses elementos da natureza humana também impedem uma distribuição mais apropriada das riquezas entre as nações e os indivíduos, bem como a reorientação da ênfase puramente política e econômica para as prioridades ecológicas que são essenciais para a manutenção da vida no planeta.

As negociações diplomáticas, as medidas legais e administrativas, as sanções econômicas e sociais, as intervenções militares e outros esforços semelhantes tiveram muito pouco sucesso até o momento. De fato, eles na realidade produziram mais problemas que soluções. Está se tornando cada vez mais clara a razão pela qual tais medidas só poderiam falhar. Em primeiro lugar, é impossível aliviar a crise pela aplicação de estratégias baseadas apenas na ideologia que a criou. Em última análise, a crise global atual é de natureza psico/espiritual. Desse modo é difícil imaginar que ela pudesse ser resolvida sem a transformação interna radical da humanidade e sua elevação a um nível mais alto de maturidade emocional e consciência espiritual.

Considerando o papel de destaque da violência e da ganância na história humana, a possibilidade de transformação da humanidade atual em um conjunto de indivíduos capazes de uma coexistência pacífica com seus companheiros dos sexos masculino e feminino, a despeito das diferenças de cor, raça e convicção política e religiosa, sem falar nas outras espécies, certamente não parece muito plausível. Estamos enfrentando um desafio tremendo de instilar na humanidade profundos valores éticos, sensibilidade para as necessidades dos outros, simplicidade voluntária e um agudo senso para com os imperativos ecológicos. Num primeiro relance, essa tarefa parece ser utópica e não realista e não oferecer nenhuma real esperança.

Entretanto, a situação não é tão desesperadora quanto parece. Como vimos antes, a transformação profunda do tipo necessário é exatamente a que acontece no curso do trabalho interno sistemático usando os estados holotrópicos, seja ele uma prática de meditação, profundas formas de terapia experiencial ou um trabalho feito com responsabilidade e supervisão de profissionais treinados no uso de substâncias psicodélicas. Mudanças semelhantes podem também ser obtidas em pessoas que experienciam crise psico/espirituais espontâneas e têm o privilégio de dispor de um bom sistema de apoio e acompanhamento sensível.

Uma estratégia de vida que integre o trabalho interno profundo com a ação inspirada no mundo externo pode assim tornar-se um importante fator de solução da crise global, desde que praticada numa escala suficientemente ampla. A transformação interna e a evolução acelerada da consciência podem melhorar significativamente nossas chances de sobrevivência e de coexistência pacífica. Eu colecionei e descrevi sistematicamente os insights dos estudos dos estados holotrópicos na esperança que aquelas pessoas que irão escolher tal caminho ou as que já o estejam trilhando os considerem úteis e as ajudem em sua própria jornada.

Uma Receita para a Cura do Planeta: Lições de uma Cerimônia Nativa Americana

Gostaria de fechar este capítulo relatando uma experiência de cura profunda e de transformação que ocorreu há muitos anos em um grupo de pessoas com as quais eu compartilhei um estado holotrópico de consciência. Embora o fato tenha ocorrido há quase um quarto de século atrás, eu ainda me sinto tocado e as lágrimas me chegam

aos olhos cada vez que penso nele. Esse evento mostrou-me a profundidade dos problemas que estamos enfrentando em nosso mundo onde por muitos séculos o ódio tem passado de geração para geração. Entretanto, ele também forneceu-me esperança e confiança na possibilidade de anular essa praga e dissolver as barreiras que nos separam uns dos outros.

Depois que cheguei aos EEUU em 1967, participei de uma pesquisa patrocinada pelo governo no Centro de Pesquisa Psiquiátrica de Maryland referente à exploração do potencial da terapia psicodélica. Um de nossos projetos no Centro era um programa de treinamento para os profissionais da saúde mental. Ele permitia o uso de até três sessões com altas doses de LSD para psiquiatras, psicólogos e pessoal da área social com a finalidade educacional. Um de nossos pacientes nesse programa era Kenneth Godfrey, um psiquiatra do Hospital de Veteranos, em Topeka, Kansas. Eu era o instrutor em suas três sessões com psicodélicos e nos tornamos amigos íntimos.

Quando eu ainda estava na Tchecoslováquia, li a respeito da Igreja Nativa Americana, uma religião sincretista combinando elementos cristãos e indígenas e usando como sacramento o cacto psicodélico mexicano peiote. Tornei-me muito interessado em ter uma experiência pessoal com a cerimônia com peiote que tornaria possível para mim comparar o uso terapêutico dos psicodélicos com seu uso ritual. Depois de minha chegada nos EEUU, procurei por uma oportunidade mas não tive nenhum sucesso. Aconteceu que tanto Kenneth quanto sua mulher era de origem Nativa Americana e ambos tinham bom relacionamento com seu povo. Quando estávamos saindo depois da terceira sessão de Kenneth, perguntei-lhe se não podia intermediar para mim uma participação numa cerimônia com o uso do peiote e ele prometeu tentar. Vários dias depois, ele chamou-me pelo telefone e disse-me que um "chefe indígena" seu amigo convidou a mim e várias outras pessoas do nosso grupo para participar de uma cerimônia peiote dos índios Patawatome.

No fim-de-semana seguinte cinco de nós voamos de Baltimore para Topeka, Kansas. O grupo consistia de nossa terapeuta de música Helen Bonny, de sua irmã, do terapeuta psicodélico Bob Leihy, do professor de religião Walter Houston Clark e de mim mesmo. Nós alugamos um carro no aeroporto de Topeka e dirigimos dali até as profundezas das pradarias do Kansas. Lá, no confins do Judas, existiam várias tendas *teepees*, local da cerimônia sagrada. O sol estava pondo-se e a cerimônia quase começando. Antes de podermos juntar-nos à cerimônia, tínhamos que ser aceitos pelos outros participantes, todos eles nativos americanos. Tínhamos que ser submetidos a um processo que parecia uma encontro de atores dramáticos.

Com emoções intensas, aqueles nativos levantaram a questão da dolorosa história da invasão e conquista da América do Norte pelos intrusos brancos – o genocídio dos índios americanos, o estupro de suas mulheres, a expropriação de suas terras, a matança insensível dos búfalos e muitas outras atrocidades. Depois de duas horas de dramática interação, os ânimos acalmaram-se e, um após o outro, cada índio ia aceitando-nos em sua cerimônia. No final, restou apenas um que se opunha violentamente à nossa presença – um homem alto, escuro e sombrio. Seu ódio para com os brancos era imenso. Demorou muito para que ele, relutantemente, no final concordasse com a nossa presença junto ao grupo. Ele só concordou depois de muita pressão de seus próprios companheiros, já aborrecidos com a demora da cerimônia.

Finalmente tudo ficou acertado, pelo menos superficialmente, e nos reunimos num ampla tenda *teepee*. O fogo foi aceso e o ritual sagrado iniciado. Nós ingerimos os botões de peiote e passamos um para o outro o *staff* e o tambor. De acordo com o costume dos nativos americanos, quem estivesse com o *staff* poderia cantar uma canção ou fazer uma declaração pessoal; havia também a opção de passar o *staff* sem dizer ou cantar nada. O homem que relutou em concordar com a nossa participação estava sentado à minha frente. Estava claro para mim que ele realmente não concordou de bom grado em participar da cerimônia por causa de nossa presença. Cada vez que o *staff* e o tambor completavam o círculo e lhe eram entregues, ele, com muita raiva, passava-os adiante. Minha percepção de tudo o que me cercava estava extremamente aguçada pela influência do peiote. Aquele homem tornou-se um ponto sensível em meu mundo e olhar para ele era cada vez mais doloroso. Seu ódio parecia irradiar de seus olhos e encher toda a tenda.

Amanheceu e, pouco antes do sol aparecer, passávamos o *staff* e o tambor pela última vez. Cada um disse umas poucas palavras resumindo suas experiências e impressões daquela noite. A fala de Walter Houston Clark foi excepcionalmente longa e muito emotiva. Ele expressou sua profunda satisfação pela generosidade dos nossos amigos nativos americanos, que nos permitiram compartilhar de sua bela cerimônia. Walter enfatizou especificamente o fato deles nos aceitarem a despeito de tudo o que nós fizemos a eles – invadir e tomar sua terra, matar seu povo, estuprar suas mulheres e dizimar os búfalos. Num certo ponto de sua fala, ele referiu-se a mim —eu realmente não me lembro exatamente do assunto – como “Stan, que está tão longe de sua terra natal, a Checoslováquia onde nasceu.”

Quando Walter mencionou Checoslováquia, o homem que ressentiu durante toda a noite de nossa presença repentinamente tornou-se estranhamente perturbado. Levantou-se, correu pela tenda e lançou-se ao chão à minha frente. Escondeu seu rosto em meu colo, abraçou-me fortemente, chorando e soluçando em voz alta. Depois de cerca de uns vinte minutos, acalmou-se, voltou para seu lugar, e teve condições de falar. Explicou que ao anoitecer antes da cerimônia, ele nos via a todos nós como “caras pálidas” e então, automaticamente, como inimigos dos nativos americanos. Depois de ouvir a afirmação de Walter, percebeu que, sendo da Checoslováquia, eu nada tinha a ver com a tragédia de seu povo. Dessa maneira seu ódio em relação a mim ao longo de toda a noite foi injustificado.

Aquele homem parecia ter o coração partido e estar desolado. Depois de sua declaração inicial seguiu-se um longo silêncio durante o qual ele travava uma intensa luta interna. Estava claro que ele iria botar para fora mais alguma coisa. Finalmente, ele ganhou condições de repartir conosco o resto de sua estória. Durante a Segunda Guerra Mundial estava engajado na Força Aérea dos EEUU e, durante vários dias no finalzinho da guerra, ele pessoalmente participou de missões de ataques aéreos americanos bastante desnecessários e caprichosos sobre a cidade checa de Pilsen, famosa por sua cerveja e fábrica de automóveis. Não apenas seu ódio a mim tinha sido injustificado, mas nossos papéis estavam realmente invertidos; ele era o agressor e eu a vítima. Ele invadiu meu país e matou minha gente. Aquilo era mais do que ele podia suportar.

Depois que eu garanti para ele que não guardava nenhum rancor ou hostilidade para com ele, aconteceu algo extraordinário. Ele dirigiu-se a cada um dos restantes 4

amigos de Baltimore, que eram todos americanos. Desculpou-se por seu comportamento antes e durante a cerimônia, abraçou-os e pediu-lhes perdão. Disse que todo aquele episódio ensinou-lhe que não haverá nenhuma esperança para o mundo se nós guardarmos conosco ódios pelos atos cometidos por nossos antepassados. E que percebeu o erro de fazer julgamentos generalizados a respeito de grupos raciais, nacionais e culturais. Deveríamos julgar as pessoas tendo por base o que são, não pelo fato de serem membros de determinados grupos.

Sua fala foi como uma seqüência expressiva da famosa carta do Chefe Seattle aos colonizadores europeus. Ele terminou-a com estas palavras: "Vocês não são meus inimigos, vocês são meus irmãos e irmãs. Vocês nada fizeram a mim ou a meu povo. Tudo isso aconteceu há muito tempo atrás na vida de nossos antepassados. E, naquele tempo eu poderia realmente ter estado do outro lado. Todos nós somos crianças do Grande Espírito, todos nós pertencemos à Mãe Terra. Nosso planeta está em grande dificuldade e se nós continuarmos carregando velhos rancores e não trabalharmos juntos, ele morrerá."

Nessa altura, a maioria dos presentes chorava. Todos nós tínhamos um profundo sentimento de união e de pertencer a família humana. Enquanto o sol lentamente elevava-se no céu, todos tomávamos parte do café da manhã da cerimônia. Comemos o alimento que ao longo de toda a noite foi colocado no centro da tendo para ser consagrado pelo ritual. Depois abraçamos demoradamente um ao outro, partimos relutantemente e nos dirigimos de volta para casa. Carregamos conosco a lembrança daquela lição inestimável de solução de conflito entre raças e nações a qual permanecerá sem dúvida em nossas mentes pelo resto de nossas vidas. Para mim, essa sincronia extraordinária experienciada num estado holotrópico de consciência gerou a esperança de que, algum dia no futuro, uma cura semelhante acontecerá no mundo numa escala global.

11

O Sagrado e o Profano

Nós não entendemos muito de nada, desde o "big-bang" descendo até às partículas de um átomo da célula de uma bactéria. Temos uma imensidão de mistérios à nossa frente para percorrer nos séculos vindouros.

_ Lewis Thomas

Nem tudo que é levado em conta pode ser contado. Nem tudo que pode ser contado, deve ser levado em conta.

_ Albert Einstein

Espiritualidade e Religião na Sociedade Moderna

A compreensão da natureza humana e do cosmo compartilhada pelas sociedades tecnológicas modernas é significativamente diferente da cosmovisão encontrada nas culturas antigas e pré-industriais. De certo modo, isso é um resultado natural do progresso histórico e portanto previsível. Ao longo dos séculos, cientistas de diferentes disciplinas têm explorado sistematicamente vários aspectos do mundo material e acumulado uma quantidade impressionante de informações que não estavam disponíveis no passado. Eles têm complementado, corrigido e substituído de maneira ampla conceitos primitivos a respeito da natureza e do universo. Entretanto, a diferença mais impressionante dos dois modos de entender o universo não reside na quantidade e precisão dos dados a respeito da realidade material. Ela está no desacordo fundamental referente à dimensão sagrada ou espiritual da existência.

Todos os grupamentos humanos da era pré-industrial eram unânimes em afirmar que o mundo material que percebemos e no qual operamos na vida do dia-a-dia não é a única realidade que existe. Suas cosmovisões, embora variando nos detalhes, descreviam o cosmo como um complexo sistema cujos níveis eram organizados hierarquicamente. Nessa compreensão da realidade, que Arthur Lovejoy (1964) chamou de Grande Cadeia de Seres, o mundo da matéria bruta era o último elo. Domínios mais elevados da existência constantes das cosmologias pré-industriais abrigavam divindades, demônios, entidades desencarnadas, espíritos ancestrais e animais de poder. Culturas antigas e pré-industriais possuíam uma rica vida ritualística e espiritual que envolvia a possibilidade de se conseguir contato direto com tais dimensões normalmente ocultas da realidade e receber delas informações importantes, assistência ou mesmo intervenção no curso dos acontecimentos materiais.

A atividade do dia-a-dia dessas sociedades que compartilhavam tais pontos de vista era baseada não apenas nas informações recebidas através dos sentidos, mas também dos *sinais* recebidos daqueles reinos. Os antropólogos formados segundo a tradição usual do ocidente ficam freqüentemente intrigados pelo que chamam de "lógica dupla" das culturas nativas estudadas por eles. Enquanto os nativos claramente mostravam uma grande inteligência prática, possuíam extraordinárias habilidades e estavam aptos a produzir implementos engenhosos para sua sobrevivência e manutenção, eles combinavam suas atividades pragmáticas, tais como caçar, pescar e construir abrigos com rituais estranhos freqüentemente complexos e elaborados. Nesses rituais eles apeavam para várias entidades e realidades que para os antropólogos eram imaginários e inexistentes.

Essas diferenças na visão do mundo são particularmente expressivas na área da morte e do morrer. As cosmologias, filosofias, mitologias, bem como a vida espiritual e ritual, das sociedades pré-industriais, contêm uma mensagem muito clara de que a morte não é o fim irrevogável e absoluto de nada, que a vida ou a existência de algum modo continua depois do falecimento. A mitologia escatológica dessas culturas estão de acordo de que um princípio espiritual, ou alma, sobrevive à morte do corpo e experiencia uma série complexa de aventuras da consciência em outras realidades.

A viagem póstuma da alma é algumas vezes descrita como uma viagem por paisagens fantásticas que apresentam alguma similaridade com as da Terra, outras vezes como encontros com vários seres arquetípicos ou como uma progressão por uma seqüência de estados não ordinários de consciência. Em algumas culturas a alma atinge um reino temporário no Além, tal como o purgatório dos cristãos ou os *lokas* do budismo tibetano, em outros com morada eterna – céu, inferno, paraíso, ou o reino do sol. Muitas culturas têm um sistema de crença desenvolvido independentemente que sustenta a metempsicose ou reencarnação que inclui o retorno da unidade de consciência para outro período de vida na Terra.

Todas as sociedades pré-industriais parecem estar de acordo que a morte não é a última derrota e fim de tudo, mas uma transição para outra forma de existência. As experiências associadas à morte eram vistas como visitas a importantes dimensões da realidade que merecem ser experienciadas, estudadas e cuidadosamente mapeadas. As pessoas ao morrer estavam familiarizadas com as cartografias escatológicas de suas culturas, fossem elas mapas xamânicos das paisagens funerais ou sofisticadas descrições dos sistemas espirituais orientais, tais como aquelas encontradas no *Bardo Thödol*, *O Livro Tibetano dos Mortos*.

O *Bardo Thödol* merece um destaque especial neste capítulo. Esse importante texto do budismo tibetano representa um contraste interessante com a ênfase pragmática exclusiva na vida produtiva e negação da morte que caracteriza a civilização industrial do ocidente. Ele descreve o tempo da morte como uma oportunidade única de liberação espiritual do samsara e como um período que determina nossa próxima reencarnação, se não conseguirmos a liberação. Desse ponto de vista, é possível ver as experiências no *bardos*, ou estado intermediário entre duas vidas, como sendo de certo modo mais importante que a existência encarnada. Em vista desse fato, é absolutamente essencial que nos preparemos para essa viagem com a prática sistemática durante toda a nossa vida.

Essas descrições das dimensões sagradas da existência e a ênfase na vida espiritual estão em conflito agudo com a crença que domina a civilização industrial. Nossa visão do mundo tem sido formada em sua quase totalidade pela ciência orientada para a matéria, que declara vivermos num universo onde apenas a matéria é real. Teóricos de várias disciplinas científicas têm formulado uma imagem da realidade de acordo com a qual a história do universo é a história do desenvolvimento da matéria. A vida, a consciência e a inteligência são vistas como um insignificante fenômeno periférico mais ou menos acidental deste desenvolvimento. Eles apareceram em cena depois de bilhões de anos de evolução da matéria passiva e inerte numa parte trivialmente pequena de um imenso universo. Claramente, a compreensão da natureza humana e do universo baseada em tais premissas é em princípio incompatível com qualquer forma de crença espiritual. Quando subscrevemos essa imagem da realidade, a espiritualidade parece ser uma abordagem ilusória ou mesmo fraudulenta da existência.

A aparente incompatibilidade entre a ciência e a espiritualidade é bastante notável. Ao longo da história, a espiritualidade e a religião têm desempenhado um papel crucial na vida humana, até que sua influência foi solapada pela revolução industrial e científica. A ciência e a religião representam partes extremamente importantes na

vida humana, cada uma a seu modo. A ciência é o mais poderoso instrumento para a obtenção de informações do mundo em que vivemos e a espiritualidade é indispensável como fonte onde se busca o sentido da vida. O impulso religioso tem sido certamente uma das maiores forças propulsoras da história e cultura humanas. É difícil imaginar tal influência possa existir na hipótese de que a vida espiritual e ritualística fosse baseada em falácias e em fantasias inteiramente infundadas. Para exercer uma influência tão poderosa no curso dos afazeres humanos, a religião tem que refletir um aspecto bastante fundamental da natureza humana, a despeito do fato de que ela tem se manifestado de modos bastante problemáticos e distorcidos.

Se a visão do mundo criada pela ciência materialista fosse realmente uma descrição verdadeira, completa e acurada da realidade, então o único grupo na história inteira da humanidade que sempre teve uma compreensão adequada da psique humana e da existência seria a intelectualidade das sociedades tecnológicas que subscrevem o materialismo filosófico. Todas as outras perspectivas e visões do mundo, incluídas as grandes tradições místicas do mundo e as filosofias espirituais do oriente, pareceriam comparativamente sistemas de pensamento primitivos, imaturos e enganosos. Isso incluiria o Vedanta, as várias escolas de ioga, o Taoísmo, Vajrayāna, Hīnayāna, e o Mahāyāna Budista, Sufismo, Misticismo Cristão, a Cabala e muitas outras sofisticadas tradições espirituais que são produtos de séculos de explorações em profundidade da psique e consciência humanas.

Naturalmente, desde que as idéias descritas neste livro são basicamente congruentes com várias escolas da filosofia perene, também elas estariam dentro da mesma categoria. Elas poderiam ser descartadas por serem irracionais, sem fundamento e não científicas e a evidência na qual são baseadas não seriam nem mesmo consideradas. Parece, desse modo, que é importante esclarecer o relacionamento entre a religião e a ciência para se descobrir se esses dois aspectos críticos da vida humana são realmente incompatíveis. E se descobirmos que existe um modo de reuni-los, seriam então essencial definir as condições sob as quais eles podem ser integrados.

A crença de que a religião e a ciência têm que ser mutuamente incompatíveis reflete uma má compreensão fundamental da natureza de ambas. Corretamente entendidas, a verdadeira ciência e a religião autêntica são duas importantes abordagens da existência que são complementares e sob nenhum aspecto uma compete com a outra. Como Ken Wilber muito apropriadamente destacou, não pode realmente existir nenhum conflito entre a religião genuína e a verdadeira ciência. Se parece haver tal conflito, é muito provável que estejamos falando de "religião fajuta" e/ou de "ciência fajuta" (Wilber 1983).

Muita confusão nesta área é baseada numa falsa interpretação referente à natureza e função da ciência, resultando num pensar científico impróprio. Uma fonte adicional de problemas desnecessários é um mal entendimento referente à natureza e função da religião. Para o propósito de nossa discussão, é necessário distinguir a verdadeira ciência do ceticismo e claramente diferenciar a espiritualidade da religião organizada.

Teoria e Método Científicos

A moderna filosofia da ciência tem esclarecido a natureza, função e o uso adequado das teorias na exploração de vários aspectos do universo. Ela destacou os erros que permitiram o monismo materialista dominar a ciência ocidental e indiretamente também a visão do mundo da civilização industrial. Retrospectivamente, não é difícil ver com isso aconteceu. A imagem newtoniana do mundo físico como um sistema mecânico totalmente determinista teve tanto sucesso em sua aplicação prática que se tornou num modelo para todas as outras disciplinas científicas. Ser cientista tornou-se sinônimo de pensar em termos mecanicistas.

Um resultado importante dos triunfos tecnológicos dos físicos representou o forte suporte para o materialismo filosófico, uma posição com a qual o próprio Newton não comungava. Para ele, a criação do universo era inconcebível sem a participação da intervenção divina, sem a inteligência superior do Criador. Newton acreditava que Deus criou o universo como um sistema regulado por leis mecânicas. Por essa razão, uma vez criado, ele poderia ser estudado e entendido como tal. Os seguidores de Newton mantiveram a imagem do universo como uma super máquina determinista, mas dotada da noção de um princípio criativo inteligente, uma sobra desnecessária e embaraçante da sombria era irracional. Os dados captados pelos sentidos a respeito da realidade material tornaram-se na única fonte de informação permitida em todos os ramos da ciência.

Na história de moderna ciência, a imagem do mundo material baseada na mecânica de Newton dominou inteiramente o pensamento na biologia, medicina, psicologia, psiquiatria e em todas as outras disciplinas. Essa estratégia refletiu o pressuposto metafísico básico da filosofia materialista e foi sua consequência lógica. Se o universo é essencialmente um sistema material e a física é uma disciplina científica que estuda a matéria, os físicos são os peritos mais qualificados que existem no que diz respeito à natureza de todas as coisas e não se permite que as descobertas de outras áreas conflitem com as teorias básicas da física. Determinada aplicação desse tipo de lógica resultou numa sistemática supressão ou a interpretação errônea das descobertas em muitas áreas que não podiam ficar em consonância com o ponto de vista materialista do mundo.

Essa estratégia era uma séria violação dos princípios básicos da moderna filosofia da ciência. Estritamente falando, as teorias científicas só se aplicam nas observações em que são baseadas e das quais são derivadas. Elas não podem ser automaticamente extrapoladas para outras disciplinas. As estruturas conceituais que articulam as informações disponíveis numa determinada área não podem ser usadas para determinar o que é e o que não é possível em um outro domínio e ditar o que pode e o que não pode ser observado nas disciplinas científicas correspondentes. As teorias sobre a psique humana devem ser baseadas nas observações dos processos psicológicos e não nas teorias que os físicos criaram a respeito do mundo material. Mas isso foi exatamente o que a principal corrente de cientistas usou no passado para criar a estrutura teórica do século XVII.

A prática de generalização ilícita da visão do mundo dos físicos para os outros campos tem sido apenas parte do problema. Outro erro comum mas sério que complica ainda mais a situação é a tendência de muitos cientistas não apenas de aderir a teorias ultrapassadas e aplicá-las a outros campos, mas considerá-las erradamente como descrições definitivas da realidade. Como resultado, eles tendem a rejeitar qualquer dado que seja incompatível com sua estrutura teórica em vez de vê-lo como uma razão para mudar suas teorias. Confundir o mapa com terreno é um exemplo do que é chamado na lógica moderna de "erro na datilografia da lógica." Gregory Bateson, um brilhante generalizador e pensador de primeira água que despendeu muito tempo no estudo desse fenômeno, certa vez afirmou jocosamente que quando um cientista continua cometendo erros desse tipo, ele ou ela poderá um dia num restaurante comer o cardápio em vez da comida.

A característica básica de um verdadeiro cientista não é aderir sem criticar à filosofia materialista e lealdade inquebrantável às estórias a respeito do universo promulgadas pela principal corrente da ciência. O que caracteriza um verdadeiro cientista é o compromisso da aplicação rigorosa e imparcial do método científico de exploração de todos os domínios da realidade. Isso significa uma coleção sistemática de observações em situações especificamente definidas, repetidas experimentações em qualquer domínio da existência que torna a aplicação de tal estratégia possível, e comparação dos resultados com os de outras pessoas que trabalhem em circunstâncias similares.

O critério mais importante de adequação de uma teoria particular não é se ela está de acordo com a visão defendida pelos estabelecimentos acadêmicos, se satisfaz ao senso comum, ou parece plausível mas se é congruente com os fatos da observação sistemática bem estruturada. As teorias são instrumentos indispensáveis para a pesquisa científica e para o progresso. Entretanto, elas não devem ser confundidas com uma descrição acurada e exaustiva de como são as coisas. Um verdadeiro cientista vê suas teorias como a melhor conceituação disponível dos dados correntemente disponíveis e está sempre aberto para ajustar ou mudar as mesmas se elas não puderem acomodar as novas evidências. Dessa perspectiva, a visão do mundo da ciência materialista tornou-se a camisa de força que inibe novos progressos em lugar de facilitá-los.

A ciência não se restringe a uma teoria particular, não importa quão convincente e auto evidente ela possa parecer. A imagem do universo e as teorias científicas a respeito dele têm mudado muitas vezes ao longo da história da humanidade. O que caracteriza a ciência é o método de se obter informações e de validar ou de desaprovar as teorias. A pesquisa científica é impossível sem formulações teóricas e hipóteses. A realidade é muito complexa para ser estudada em sua totalidade, e as teorias reduzem a gama de fenômenos observáveis a um tamanho com o qual se possa trabalhar. Um verdadeiro cientista usa as teorias, mas é ciente de sua natureza relativa e está sempre pronto para ajustá-las ou abandoná-las quando surgem novas evidências. Ele ou ela não exclui de escrutínio rigoroso nenhum fenômeno que possa ser cientificamente estudado, inclusive aqueles controvertidos e desafiadores, tais como os estados não ordinários de consciência e experiências transpessoais.

No curso do século XX, os próprios físicos têm mudado radicalmente seu entendimento do mundo material. Descobertas revolucionárias nos reinos subatômico e astrofísico destruíram a imagem do universo como um sistema mecânico

totalmente determinista e infinitamente complexo feito de partículas indestrutíveis de matéria. Enquanto a exploração do universo mudava do mundo da realidade do dia-a-dia, ou da "zona das dimensões médias," para o microcosmo das partículas subatômicas ou para o megacosmo das distantes galáxias, os físicos iam descobrindo as limitações da visão mecanicista do mundo e as transcendiam.

A imagem do universo que tinha dominado os físicos por quase trezentos anos entrou em colapso sob a avalanche das novas observações e evidências experimentais. O senso comum newtoniano de entendimento da matéria, tempo e espaço foi substituído por um estranho mundo encantado da física relativista quântica cheio de intrigantes paradoxos. A matéria que no sentido comum do dia-a-dia era considerada como "um troço sólido" desapareceu do mapa. As dimensões nitidamente separadas de espaço e tempo absolutos fundiram-se no contínuo quadridimensional do espaço/tempo de Einstein. E a consciência do observador teve que ser reconhecida como um elemento que desempenha um importante papel na criação do que antes parecia ser uma realidade puramente objetiva e impessoal.

Rupturas semelhantes também ocorreram em muitas outras disciplinas. Informação e teoria de sistemas, o conceito de Rupert Sheldrake de campos morfogenéticos, o pensamento holonômico de David Bohm e Karl Pribram, as explorações de Ilya Prigogine em estruturas dissipativas, a teoria do caos e a dinâmica interativa unificada de Ervin Laszlo são apenas alguns exemplos desses novos desenvolvimentos. Essas novas teorias mostram uma incrível convergência e compatibilidade com a visão mística do mundo e com as descobertas da psicologia transpessoal. Elas também fornecem uma nova abertura para a sabedoria antiga que a ciência materialista rejeitou e ridicularizou.

A diminuição da distância que separava a visão do mundo da ciência inflexível e a da psicologia transpessoal é certamente um fenômeno muito excitante e encorajador. Entretanto, seria um ledor engano dos psicólogos, psiquiatras e pesquisadores da consciência deixar seu pensamento conceitual ficar restrito e controlado pelas teorias da nova física em lugar da antiga. O critério de validade das descobertas científicas e conceitos em uma certa área não é sua compatibilidade com as teorias de outras áreas, mas o rigor do método científico com o qual elas foram obtidas.

A Visão do Mundo da Ciência Materialista: Fato e Ficção

Em geral, a ciência do ocidente tem sido extremamente bem sucedida na descoberta das leis que governam o mundo material e no aprendizado de como controlar as mesmas. Seus esforços para fornecer respostas a respeito de algumas questões fundamentais da existência, como, por exemplo, como foi o mundo originado e como desenvolveu-se até a forma que hoje possui, tem sido muito menos espetacular e impressionante. Para se obter uma perspectiva adequada com respeito a essa situação, é importante perceber que aquilo que conhecemos como "visão científica do

mundo" é uma imagem do universo que é fruto de ousados pressupostos metafísicos. Eles são freqüentemente apresentados e vistos como fatos que têm sido provados além de qualquer dúvida razoável, enquanto na realidade eles apoiam-se numa base não muito firme, além de ser controversos ou são inadequadamente amparados pelas evidências.

Em qualquer um dos casos, as respostas que a ciência materialista oferece para as questões metafísicas mais relevantes não são mais lógicas ou menos fantásticas que aquelas encontradas na filosofia perene. Assim, em relação à criação do universo, existem muitas teorias cosmológicas competindo umas com as outras. A mais popular delas afirma que tudo começou a cerca de 15 bilhões de anos atrás no *Big Bang* quando toda a matéria existente no universo, bem como o tempo e o espaço, emergiram na existência a partir de um ponto sem dimensão ou *singularidade*. A teoria rival da criação contínua retrata um universo eternamente existente sem um começo e um fim, no qual a matéria é continuamente criada a partir do nada. Nenhuma dessas duas alternativas representa exatamente uma solução racional, lógica e fácil de ser imaginada para esta questão fundamental da existência.

Igualmente ousadas e problemáticas são as teorias dos cientistas materialistas referentes ao reino biológico. O fenômeno da vida, inclusive o DNA e sua capacidade de auto reprodução, alegam eles, emergiram espontaneamente das interações randômicas da matéria inorgânica no caldeirão químico do oceano primordial. A evolução a partir de organismos unicelulares até a extraordinária variedade de espécies que constituem a vida animal e vegetal de nosso planeta resultou então de mutações randômicas do genes e da seleção natural. E provavelmente a mais fantástica afirmação da ciência materialista é que a consciência apareceu algum tempo depois no processo evolucionário como um produto de processos neuropsicológicos no sistema nervoso central.

Quando submetemos os conceitos acima a um rigoroso escrutínio baseado na moderna filosofia da ciência, a uma sistemática aplicação do método científico e a uma análise lógica dos dados, iremos descobrir que eles quase não são afirmações sóbrias e que em muitos exemplos faltam-lhes o suporte adequado dos fatos observados. A teoria que sugere que o material que constitui o universo com seus bilhões de galáxias explodiu espontaneamente na existência a partir de uma singularidade sem dimensão certamente não satisfaz nossa razão. Ficamos com muitas questões tipo "batatas quentes", tais como a fonte do material que emergiu no Big Bang, a causa do evento e o que o disparou, a origem das leis que o regula e muitas outras. A idéia do universo eternamente existente no qual a matéria é continuamente criada a partir do nada é, a seu modo, igualmente desconcertante. O mesmo é verdade a respeito das teorias científicas remanescentes descrevendo a origem do universo.

Dizem-nos que o cosmo essencialmente criou a si mesmo e que a história inteira desde os átomos de hidrogênio até o *Homo sapiens* não requeria uma inteligência guia e que pode ser adequadamente entendido como resultante de processos materiais governado por leis naturais. Essa não é uma suposição em que se pode facilmente acreditar como aliás alegam alguns dos próprios físicos. Stephen Hawking, considerado por alguns como o maior dos físicos vivos, admitiu que "as dificuldades com relação ao universo como o nosso ter emergido de algo como o *Big Bang* são

enormes.” E o físico de Princeton Freeman Dyson comentou certa vez: “Quanto mais examino o universo e os detalhes de sua arquitetura maior é a evidência que encontro de que o universo de algum modo sabia que nós estávamos vindo” (Smoot and Davidson 1993).

Estudos de reconstrução dos primeiros processos durante os primeiros minutos de existência do universo tem revelado um fato extraordinário e desconcertante. Tivessem as condições iniciais sido um pouquinho diferentes, por exemplo, tivesse uma das constantes fundamentais da física sido alterada por uns poucos porcentos em qualquer direção, o universo resultante não teria tido condições de sustentar a vida. Em tal universo, os humanos nunca teriam surgido para funcionar como seus observadores. Essas coincidências são tão numerosas e improváveis que inspiraram a formulação do assim chamado Princípio Antrópico (Barrow e Tipler 1986). Esse princípio sugere com muita ênfase que o universo pode ter sido criado com o propósito específico de fazer surgir a vida e os observadores humanos. Isso aponta para uma inteligência cósmica superior no processo criativo ou pelo menos admite tal interpretação.

O fracasso da teoria de Darwin em explicar a evolução e sua afirmação de que a extraordinária riqueza das formas de vida é simplesmente o resultado de forças naturais operando mecanicamente está tornando cada vez mais ampla a sua rejeição. Os problema e as escapatórias do darwinismo e do neo/darwinismo foram resumidos no livro de Philip Johnson intitulado *Darwin on Trial* (1993). Enquanto a própria evolução é um fato corretamente estabelecido, é altamente improvável que ela poderia ter acontecido sem a orientação de uma inteligência superior e que foi – tomando emprestado a famosa expressão de Richard Dawkins – o trabalho de um “relojeiro cego” (Dawkins 1986). Existem muitos fatos na evolução que são incompatíveis com tal entendimento da natureza.

Mutações randômicas do genes que representam o princípio explanatório básico da teoria neo/darwiniana da evolução são conhecidas como os exemplos mais perniciosos e são uma fonte improvável de mudanças vantajosas nos organismos. Mais ainda, a emergência de novas espécies requerem uma combinação altamente improvável de certo número muito específico de mutações. Um exemplo é a transição evolucionária dos repteis aos pássaros que requer, entre outras coisas, o desenvolvimento simultâneo de penas, ossos ocos leves e uma estrutura diferente do esqueleto. Em muitos exemplos, as formas de transição que conduz aos novos órgãos não ofereceria nenhuma vantagem evolucionária (como exemplificado por um olho parcialmente desenvolvido), ou mesmo representaria uma ligação (tal como uma asa incompletamente formada).

Para tornar as coisas ainda mais complicadas para os darwinianos, a natureza freqüentemente apoia a emergência de formas que claramente representam uma desvantagem evolucionária. Por exemplo, a bela cauda do pavão claramente torna o macho mais vulnerável aos predadores. Os darwinianos argumentam que isso é sobrepujado pelo fato de que a bela cauda atrai a fêmea e aumenta as oportunidades de cópulas e transmissão dos genes. Isso parece ser um esforço desesperado de salvar a expectativa materialista ao preço de admitir que a pavoia possa ter sensibilidades estéticas e artísticas bastante extraordinárias. Como Phillip Johnson (1993) destacou, essa situação é certamente mais compatível com o conceito a

criação divina inteligente que com a teoria darwiniana que dá todo o crédito a forças materiais cegas: "Parece-me que o pavão e a pavo são apenas um tipo de criaturas que um criador caprichoso poderia favorecer, mas que um 'processo mecânico negligente' como a seleção natural nunca permitiria desenvolver."

Desafios importantes contra a interpretação darwiniana da evolução podem também ser obtidos pela análise de descobertas paleontológicas. Apesar dos enormes investimentos de tempo e energia, os registros existentes até agora falharam no preenchimento dos claros que faltam nos elos de ligação entre as espécies. Seu perfil geral não teve ainda condições de confirmar uma única transição entre uma e outra espécie. A "explosão cambriana," uma súbita ocorrência de novos organismos multicelulares com planos de corpo amplamente diferentes dentro de um período geologicamente negligenciável de 10 milhões de anos ("o *Big Bang* biológico") exige claramente um mecanismo diferente da seleção natural para explicá-lo.

É preciso notar que todos os argumentos acima contra o darwiniano e neo/darwiniano focalizam apenas o nível anatômico e psicológico. Eles são superficiais e descartáveis se comparados com os problemas que emergiram-se da compreensão bioquímica dos vários processos da vida. A moderna ciência tem mostrado que o segredo da vida está no nível molecular. Até recentemente, os biólogos evolucionistas poderiam não se preocupar com os detalhes moleculares da vida, porque muito pouco era conhecido a respeito. A complexidade e o intrincado dos arranjos moleculares responsáveis pelas estruturas e mecanismos subjacentes aos processos vitais é tão espetacular que representam uma explosão mortal para a teoria darwiniana. Em seu recente livro, *A Caixa Preta de Darwin: O Desafio Bioquímico da Evolução*, Michael J. Behe (1996) demonstra claramente o fracasso do pensamento darwiniano para explicar a estrutura molecular e a dinâmica da vida. O poder de seus argumentos é tão devastador que torna o problema da anatomia e dos registros fósseis irrelevantes com relação à questão da evolução.

A improbabilidade estatística de que a vida emergiu a partir de processos químicos randômicos é astronômica, como ficou claramente demonstrado por cientistas da estatura dos mundialmente famosos astrofísicos Fred Hoyle e Francis Crick, o co-descobridor da estrutura do DNA. A existência de mais de 200.000 proteínas que possuem funções bioquímicas e fisiológicas altamente especializadas nos organismos vivos representa, em si mesmo, um problema insuperável. Fred Hoyle (1983) encontrou a solução desse dilema abraçando a teoria do *panspermia*, de acordo com a qual microorganismos são distribuídos por todo o universo e foram trazidos para o nosso planeta por viagens inter/estelares, possivelmente na cauda de algum cometa. Hoyle concluiu que a vida é "um fenômeno cosmológico, talvez o aspecto mais fundamental do próprio universo."

Francis Crick (1981) foi ainda mais longe. De acordo com ele, para evitar os inconvenientes das extremas condições inter/estelares, os microorganismos devem ter viajado na cabeça de uma nave espacial enviada à Terra por uma civilização superior que desenvolveu-se em algum lugar há alguns bilhões de anos atrás. A vida em nosso planeta começou quando esses microorganismos começaram a se multiplicar. As abordagens de Hoyle e Crick não solucionaram, é claro, o mistério da origem da vida; elas simplesmente a transferiram para outro tempo e local. Ambas evitaram de tocar no problema de como a vida começou pela primeira vez.

O teórico de informação H. Yockey (1992), que tentou acessar a probabilidade matemática da origem espontânea da vida, concluiu que a informação necessária para o início da vida não poderia ter desenvolvido-se randomicamente. Ele sugeriu que a vida fosse considerada como um dom, como a matéria ou a energia. Com base na evidência científica existente, é altamente improvável que a origem da vida em nosso planeta e o desenvolvimento da rica pletera das espécies são o resultado de forças mecânicas randômicas. É difícil imaginar que ela ocorreram sem a intervenção e a participação de uma inteligência cósmica superior.

Isso nos leva ao ponto mais crítico de nossa discussão, a afirmação da ciência materialista de que a matéria é a única realidade e que a consciência é produto dela. Essa tese tem sido freqüentemente apresentada com grande autoridade como um fato científico que tem sido provado além de qualquer dúvida razoável. Entretanto, quando submetido a um acurado exame, fica claro que ela não é e nunca foi uma afirmação científica séria, mas um palpite metafísico disfarçado como tal. É uma afirmação que não pode ser provada e desse modo falta-lhe a exigência básica de um hipótese científica, ou seja, aquela referente à possibilidade de ser testada.

Consciência e Matéria

A distância entre a matéria e a consciência é tão radical e profunda que é difícil imaginar que a consciência poderia simplesmente emergir como um fenômeno periférico da complexidade do processo material do sistema nervoso central. Temos uma ampla evidência clínica e experimental que mostra as profundas correlações entre a anatomia, fisiologia e a bioquímica do cérebro, por um lado, e o processo da consciência pelo outro. Entretanto, nenhuma dessas descobertas prova inequivocamente que a consciência é realmente gerada pelo cérebro. Considerar a matéria como origem da consciência e pensar que esse é um fato óbvio e auto evidente é simplesmente acreditar que a matéria tenha a primazia no universo. Em toda a história da ciência, ninguém jamais ofereceu uma explicação plausível de como a consciência poderia ser gerada por processos materiais, ou mesmo sugeriu uma abordagem viável do problema.

A atitude que a ciência ocidental tem adotado em relação a esse assunto lembra uma famosa estória sufi. Numa noite escura, um homem arrastava-se sobre seus joelhos debaixo de um candelabro aceso. Outro homem o viu e perguntou: "O que você está fazendo? Procura alguma coisa?" O homem respondeu que procurava uma chave que perdeu e o recém chegado se oferece para ajudá-lo. Depois de algum tempo sem obterem nenhum sucesso do esforço conjunto, o auxiliar fica confuso e acha que necessita de alguns esclarecimentos. "Eu não vejo nada! Onde você a perdeu?" perguntou. A resposta é realmente surpreendente; o dono da chave aponta seu dedo para uma área escura fora do círculo iluminado pela luz e murmura: "Lá adiante!" O ajudante fica intrigado e pergunta mais: "Então por que você está procurando aqui e não lá?" "Porque a luz está aqui e eu posso ver. Lá, não teria a mínima chance!"

De modo semelhante, os cientistas materialistas têm sistematicamente evitado o problema da origem da consciência, porque esse enigma não pode ser resolvido dentro do contexto de sua estrutura conceitual. Tem havido exemplos onde alguns pesquisadores alegam ter encontrado a resposta do problema cérebro/consciência, mas esses esforços não resistem a um exame mais profundo. O mais recente exemplo desse tipo é o livro amplamente divulgado *A Hipótese Espantosa* do físico e bioquímico inglês Francis Crick (1994), prêmio Nobel e co/descobridor com James Watson da estrutura química do DNA. Ao lermos o livro, "a hipótese espantosa" revela-se ser nada mais nada menos que uma reafirmação da suposição metafísica básica da ciência materialista: "Você, suas alegrias e tristezas, suas memórias e ambições, seu sentimento de identidade pessoal e livre arbítrio, são de fato nada mais que o comportamento de uma vasta congregação de células nervosas e suas moléculas associadas."

No tratamento específico do problema, Crick inicialmente simplifica o problema da consciência pela redução da mesma ao processo de percepção visual. Ele então prossegue revendo uma longa lista de experimentos mostrando que o ato da percepção visual é associado com a atividade da retina e nos neurônios que pertencem ao sistema ótico. Isso nada tem de novo; é sabido desde muito que ver um objeto envolve mudanças químicas e elétricas na retina, no trato ótico e no córtex suboccipital. Estudo e análise mais refinados e detalhados desses processos não contribuem em nada para a solução do mistério básico: O que é capaz de transformar mudanças químicas e elétricas do córtex cerebral em uma experiência consciente de um fac-símile razoável do objeto observado?

O que a ciência materialista quer é que acreditemos ser possível que o próprio cérebro seja capaz, de alguma maneira, de transformar essas mudanças químicas e elétricas em uma percepção consciente subjetiva do objeto material observado. A natureza do processo e o mecanismo capaz de realizar essa operação elude qualquer análise científica. A afirmação de algo semelhante a isso é possível é uma conjectura temerária e sem substância baseada num preconceito metafísico em vez de ser uma afirmação científica amparada por sólida evidência. O livro de Crick lista evidências experimentais impressionantes de correlações entre a consciência e os processos neurofisiológicos, mas evita o assunto central e crítico. Estamos de volta à estória sufi antes mencionada.

A idéia de que a consciência é um produto do cérebro naturalmente não é inteiramente arbitrária. Como Crick, seus proponentes usualmente referem-se aos resultados de muitas experiências neurológicas e psiquiátricas e a um vasto corpo de observações clínicas muito específicas da neurologia, neurocirurgia e psiquiatria para amparar sua posição. Quando desafiamos essa crença profundamente enraizada, isso significa que duvidamos serem corretas tais observações? A evidência de uma estreita correlação entre a anatomia do cérebro, neurofisiologia e a consciência é inquestionável e esmagadora. O que é problemático não é a natureza da evidência apresentada mas a interpretação dos resultados, a lógica da argumentação e as conclusões que são tiradas dessas observações.

Apesar de que tais experimentos mostram claramente que a consciência é estreitamente conectada aos processos neurofisiológicos e bioquímicos do cérebro,

eles representam muito pouca evidência com relação à natureza e origem da consciência. Existe realmente ampla evidência sugerindo exatamente o oposto, ou seja que a consciência pode, sob certas circunstâncias operar independentemente de seu substrato material e pode desempenhar funções que ultrapassam de muito a capacidade do cérebro. Isso é mais claramente ilustrado pela existência das experiências fora do corpo (OOBEs). Elas podem ocorrer espontaneamente, ou numa das várias situações que as facilitam, nelas incluídas os tranes xamânicos, sessões psicodélicas, hipnose, psicoterapia experiencial e particularmente situações de quase morte.

Em todas essas situações a consciência pode separar-se do corpo e manter sua capacidade sensorial, enquanto desloca-se livremente para vários lugares próximos ou remotos. De particular interesse estão as "OOBEs verídicas", onde verificações independentes provam ser acurada a percepção do meio ambiente sob aquelas circunstâncias. Existem muitos outros tipos de fenômenos transpessoais que podem fornecer acuradas informações a respeito dos vários aspectos do universo que não haviam antes sido recebidas e gravadas no cérebro.

Vamos agora dar uma olhadela mais demorada nas relevantes observações clínicas e nos experimentos de laboratório, bem como nas interpretações das evidências fornecidas pela ciência tradicional. Não existe nenhuma dúvida de que vários processos do cérebro são intimamente relacionados e correlatos com mudanças específicas da consciência. Uma pancada na cabeça que resulte numa concussão cerebral ou numa compressão nas artérias carótidas limitando o abastecimento de oxigênio para o cérebro pode causar a perda da consciência. Uma lesão ou tumor no lobo temporal do cérebro é freqüentemente associado com mudanças muito características da consciência que são admiravelmente diferentes daquelas observadas em pessoas com processos patológicos no lobo occipital. As diferenças são tão distintas que podem ajudar o neurologista a identificar a área do cérebro afligida pelo processo patológico. Algumas vezes uma intervenção neurocirúrgica pode corrigir o problema e a consciência retorna à normalidade.

Esses fatos são usualmente apresentados como evidências conclusivas que o cérebro é a fonte da consciência humana. À primeira vista, essas observações podem parecer impressionantes e convincentes. Entretanto, elas não se sustentam quando as submetemos a um exame acurado. Estritamente falando, o que todos esses dados demonstram inequivocamente é que as mudanças no cérebro são intimamente e muito especificamente ligadas às mudanças da consciência. Eles dizem muito pouco a respeito da natureza da consciência e sobre sua origem; eles deixam esses problemas inteiramente abertos. É certamente possível pensar em uma interpretação alternativa que usaria os mesmos dados, mas dela resultariam conclusões muito diferentes.

Isso pode ser ilustrado examinando-se a relação entre o aparelho de TV e a programação da TV. A situação aqui é muito mais clara, desde que ela envolve um sistema que é feito pelo homem e incomparavelmente mais simples. A recepção final do programa da TV, a qualidade da imagem e do som dependem de um modo bastante decisivo do funcionamento adequado do aparelho de TV e da integridade de seus componentes. O mal funcionamento das várias partes resulta em mudanças muito distintas e específicas na qualidade do programa. Algumas delas causam distorções da forma, da cor, do som, outras as interferências entre os canais. Como o

neurologista que usa as mudanças na consciência como um instrumento de diagnose, um técnico em TV pode inferir da natureza dessas anomalias quais são as partes do aparelho e quais componentes estão funcionando mal. Quando o problema é identificado, a reparação ou substituição daqueles elementos irá corrigir as distorções.

Desde que conheçamos os princípios da tecnologia da TV, fica claro para nós que o aparelho é simplesmente o intermediário do programa e que ele não o gera e nem contribui de alguma forma para tanto. Nós iríamos rir na cara de alguém que tentasse examinar e dissecar todos os transistores, reles e circuitos do aparelho de TV e analisar todos os seus cabos na tentativa de descobrir como tudo aquilo cria a programa. Mesmo se levarmos esse esforço equivocado aos níveis molecular, atômico e subatômico, não encontraríamos absolutamente nenhuma pista de por que, em certo momento, um desenho do Mickey Mouse, um episódio da Star Trek ou um clássico de Hollywood aparece na tela. O fato de que existe uma estreita correlação entre o funcionamento do televisor e a qualidade do programa não significa necessariamente que o segredo total do programa está no próprio televisor. Ainda assim, isso é exatamente o tipo de conclusão que a ciência materialista tradicional retira dos dados semelhantes a respeito de cérebro e sua relação com a consciência.

A ciência ocidental materialista não tem desse modo conseguido produzir nenhuma evidência convincente de que a consciência é um produto dos processos neurofisiológicos do cérebro. Ela tem conseguido manter sua presente posição apenas resistindo, censurando, e até mesmo ridicularizando um vasto conjunto de observações indicando que a consciência pode existir e funcionar independentemente do corpo e dos sentidos físicos. Essa evidência vem da parapsicologia, antropologia, pesquisa com LSD, psicoterapia experiencial, tanatologia e do estudo de estados não ordinários de consciência espontaneamente ocorridos. Todas essas disciplinas têm reunido dados que impressionam e que demonstram claramente que a consciência humana é capaz de realizar muitas coisas que o cérebro (como entendido pelos principais representantes da ciência materialista) não tem nenhuma possibilidade de realizar.

Ciência e Religião

A autoridade que a ciência materialista goza na sociedade moderna fez do ateísmo a ideologia mais influente do mundo industrial. Embora nas últimas décadas essa tendência parece estar revertendo, o número de pessoas que seriamente praticam a religião e que se auto consideram como "crentes" tem certamente decrescido consideravelmente com o progresso científico. Por causa do fascínio que a ciência materialista exerce nas sociedades industriais, mesmos os crentes freqüentemente acham difícil evitar o solapamento e a influência discreta que a ciência ocidental tem feito e exercido na religião. É muito comum para as pessoas com educação religiosa rejeitar qualquer forma de religiosidade quando recebem educação científica, porque elas começam a ver qualquer inclinação espiritual como algo primitivo e indefensável.

A religião organizada, destituída de seu componente experimental, perdeu amplamente a conexão com sua profunda fonte espiritual e como resultado tornou-se vazia, sem sentido, e cada vez mais irrelevante em nossa vida. Em muitos exemplos, a vida e o viver a espiritualidade com base em profundas experiências pessoais tem sido substituídas por dogmatismo, ritualismo e moralismo. Os partidários mais beligerantes das principais religiões insistem na crença literal das versões exotéricas dos textos espirituais que parecem infantis e pomposamente irracionais para a mente moderna. Tal confusão é complicada ainda mais pelas atitudes intransigentes das autoridades religiosas com respeito a certos assuntos importantes da vida moderna. Por exemplo, negar às mulheres o direito do ministério viola os valores democráticos e permanecer com a proibição do controle da natalidade em face de perigos como a AIDS e a superpopulação é um absurdo e algo altamente irresponsável.

Se considerarmos as descrições do universo, da natureza e dos seres humanos desenvolvidas pela ciência materialista, fica claro que elas estão em gritante conflito com os relatos constantes das escrituras das grandes religiões do mundo. Tomadas literalmente e julgadas pelo critério de várias disciplinas científicas, as histórias da criação do mundo, da origem da humanidade, a imaculada concepção, a morte e renascimento de personagens divinas, a tentação por forças demoníacas e julgamento dos mortos pertencem ao reino dos contos de fada ou dos livros texto de psiquiatria. E seria muito difícil reconciliar conceitos tais como Consciência Cósmica, reencarnação ou iluminação espiritual com os princípios básicos da ciência materialista. Entretanto, não é impossível preencher o espaço entre a ciência e a religião se ambas forem corretamente entendidas.

Como vimos, muita confusão nessa área é causada por interpretações bastante errôneas a respeito da natureza e função da ciência e das teorias científicas. O que é apresentado com refutação científica das realidades espirituais é freqüentemente baseado em argumentações científicas em lugar da ciência. Um fonte adicional de problemas desnecessários referentes à religião é um sério desentendimento e má interpretação do simbolismo espiritual nas escrituras sagradas. Essa abordagem é característica do movimento fundamentalista nas principais correntes religiosas.

Quando o cientismo e o fundamentalismo colidem, nenhum dos dois lados parece perceber que muitas das passagens das escrituras espirituais ao redor das quais revolve a controvérsia não deveriam ser entendidas como referências a personagens concretos, lugares geográficos ou eventos históricos mas como relatos de experiências transpessoais. As descrições científicas do universo e as histórias em textos religiosos não se referem às mesmas realidades, não competem pelo mesmo terreno. Como o mitologista Joseph Campbell destacou em seu estilo inimitável, "a imaculada concepção não é um problema para ginecologistas e a terra prometida não é uns tantos ou quantos hectares de terra."

O fato dos astrônomos modernos não terem encontrado imagens de Deus e dos anjos nem mesmo nas fotos dos melhores telescópios modernos não é uma prova científica de que eles não existam. Similarmente, nosso conhecimento de que o interior da Terra é constituído de ferro e níquel em estado líquido de nenhum modo comprova a inexistência dos mundos subterrâneos e dos infernos. O simbolismo espiritual retrata acuradamente eventos e realidades que experimentamos nos estados holotrópicos de consciências e não se referem a ocorrências no mundo material de nosso dia-a-dia.

Aldous Huxley mostrou isso muito claramente em seu excelente ensaio "Céu e Inferno" (Huxley 1959). O único campo que é capaz de abordar o problema da espiritualidade cientificamente é assim a pesquisa da consciência que focalize a exploração sistemática e imparcial dos estados não ordinários da consciência.

Muitos cientistas usam a estrutura conceitual da ciência contemporânea de um modo que se assemelha mais a uma religião fundamentalista que a uma ciência. Eles confundem-na com uma descrição definitiva da realidade e autoritariamente a implementam para censurar e suprimir todas observações que desafiam seus pressupostos básicos. A visão do mundo da ciência materialista é claramente incompatível com as teologias das religiões organizadas e a autoridade que a ciência desfruta em nossa sociedade certamente trabalha a favor dessa posição. Desde que muitas pessoas em nossa cultura não estão cientes da diferença entre religião e espiritualidade, a influência destrutiva desse tipo de "ciência" afeta não só a religião, mas se estende às atividades espirituais de qualquer espécie. Se quisermos alcançar a verdade com referência aos assuntos básicos envolvidos nesses conflitos, é essencial fazer uma clara distinção não apenas entre ciência e cientismo, mas também entre religião e espiritualidade.

Espiritualidade e Religião

O fracasso em diferenciar a espiritualidade da religião é provavelmente a fonte mais importante de desentendimento referente ao relacionamento entre ciência e religião. A espiritualidade é baseada em experiências diretas das dimensões não ordinárias da realidade e não requer necessariamente um lugar ou a presença de uma pessoa oficialmente designada para mediar o contato com o Divino. Ela envolve um tipo especial de relacionamento entre a pessoa e o cosmo e é, em sua essência, um assunto privado e pessoal. Os místicos baseiam suas convicções na evidência experienciais. Eles não necessitam de igrejas ou templos; o contexto em que experienciam as dimensões sagradas da realidade, inclusive sua própria divindade, são seu corpo e a natureza. E em lugar de sacerdotes da crença organizada, eles necessitam de um grupo de acompanhamento de pessoas que também buscam ou então a direção de um professor que esteja mais adiantado que eles mesmos na viagem interior.

No berço de todas as grandes religiões estão experiências visionárias de seus fundadores, profetas, santos e mesmo de seguidores comuns. Todas as escrituras espirituais de maior destaque – os Vedas, os Upanishads, o cânon budista Pali, a Bíblia, o Corão, o Livro dos Mórmons e muitas outras são baseadas em revelações pessoais diretas. Uma vez que a religião torna-se organizada, ela freqüentemente perde completamente a conexão com a fonte espiritual e se transforma numa organização secular que explora as necessidades espirituais humanas sem satisfazê-las. Em vez disso, cria um sistema hierárquico focalizado na busca do poder, controle político, dinheiro, posses e outras preocupações seculares.

A religião organizada é a atividade de um grupo institucionalizado que ocorre num determinado local – um templo ou uma igreja – e envolve um sistema de oficiais designados que podem ter tido ou não experiências pessoais das realidades espirituais. A hierarquia religiosa tende a desencorajar ativamente e suprimir as experiências espirituais diretas de seus membros, porque elas fomentam a independência e não podem efetivamente serem controladas. Quando isso acontece, a vida genuinamente espiritual continua apenas nos ramos místicos, ordens monásticas e sitas extáticas das religiões envolvidas.

Não existe nenhuma dúvida de que os dogmas das religiões organizadas estão geralmente em conflito fundamental com a ciência, seja no caso da ciência usar o modelo Newton/Cartesiano seja no caso de estar ancorada no paradigma que agora emerge. Entretanto, a situação é muito diferente com relação às experiências espirituais. Nos últimos 25 anos, o estudo sistemáticos dessas tornou-se o principal foco de uma disciplina especial chamada psicologia transpessoal. As experiências espirituais, como qualquer outro aspecto da realidade, podem ser estudadas cientificamente; elas podem ser submetidas a pesquisas cuidadosas e com a mente aberta. Não há nada de anticientífico a respeito do estudo imparcial e rigoroso desse fenômeno e do desafio que eles representam para o entendimento materialista do mundo. A questão crítica a esse respeito é a natureza e o status ontológico das experiências místicas. Revelariam elas verdades profundas a respeito de algum aspecto básico da existência ou seriam elas produtos da superstição, fantasia ou doença mental?

O principal obstáculo no estudo das experiências espirituais é o fato de que a psicologia e a psiquiatria tradicionais são dominadas pela filosofia materialista às quais faltam o entendimento genuíno da religião e da espiritualidade. Em sua rejeição enfática da religião, ela não faz nenhuma distinção entre as crenças primitiva dos nativos ou as interpretações literal dos fundamentalistas a respeito das escrituras sagradas, de um lado, e as sofisticadas tradições místicas das filosofias espirituais do oriente do outro. A ciência materialista do ocidente tem indiscriminadamente rejeitado qualquer conceito ou atividade espiritual, incluídos aqueles baseados em séculos de exploração introspectiva sistemática da psique. Muitas das tradições místicas desenvolveram técnicas específicas para indução de experiências espirituais e combinaram as observações com as especulações teóricas de um modo que se assemelha ao da ciência moderna.

O exemplo mais gritante desse falta de discriminação é a rejeição pela ciência do ocidente do Tantra, um sistema que oferece uma visão espiritual extraordinária da existência no contexto de uma visão do mundo compreensiva e sofisticada. Os eruditos do Tantra desenvolveram um profundo entendimento do universo que sido de muitos modos validado pela ciência moderna. Ele inclui modelos sofisticados de tempo e espaço, o conceito do *Big Bang*, e elementos tais como um sistema heliocêntrico, atração interplanetária, forma esférica da Terra e dos planetas e a entropia.

Conquistas adicionais do Tantra incluem a matemática avançada e a invenção da contagem decimal com um zero. O Tantra possui também uma teoria psicológica profunda e um método experimental, baseados em mapas do corpo energético ou sutil envolvendo os centros psíquicos (*chakras*) e condutores (*nādis*). Ele desenvolveu

uma arte espiritual abstrata e figurativa altamente refinada e um complexo ritual (Mookerjee e Khanna 1977).

A Perspectiva Psiquiátrica da Religião

Do ponto de vista dos cientistas acadêmicos do ocidente, o mundo material representa a única realidade e qualquer tipo de crença espiritual reflete educação deficiente, superstição primitiva, pensar mágico ou regressão a padrões infantis de funcionamento. A crença em qualquer tipo de vida depois da morte não apenas é refutada mas freqüentemente ridicularizada. Da perspectiva materialista, parece ser absolutamente claro e inquestionável que a morte do corpo, particularmente a do cérebro, é o fim de qualquer atividade consciente. A crença na viagem póstuma da alma, uma pós/vida ou reencarnação nada mais é que o produto do pensar ansioso de pessoas que são incapazes de aceitar o imperativo óbvio da morte.

As pessoas que tiveram experiências diretas das realidades espirituais são vistas em nossa sociedade como mentalmente doentes. A principal corrente de psiquiatras não faz nenhuma distinção entre experiências místicas e experiências psicóticas e vê ambas as categorias como manifestações de psicose. O julgamento mais suave a respeito do misticismo que até agora veio dos círculos acadêmicos oficiais foi uma declaração do Comitê de Psiquiatria e Religião do Grupo para o Progresso da Psiquiatria intitulado "Misticismo: Busca Espiritual ou Desordem Psíquica?" Esse documento publicado em 1976 aceitou que o misticismo possa ser um fenômeno que se situa entre a normalidade e a psicose.

No clima presente, até mesmo a sugestão de que as experiências espirituais merecem um estudo sistemático e que deveriam ser criteriosamente examinadas parece um absurdo para os cientistas com a formação convencional. Mostrar interesse sério nessa área, nela e por ela, pode ser considerado um sinal de julgamento deficiente e pode manchar a reputação profissional do pesquisador. Na atualidade, não existe nenhuma "prova" científica de que a dimensão espiritual não existe. A refutação de sua existência é essencialmente um julgamento metafísico da ciência ocidental, baseado numa aplicação incorreta de um paradigma superado. De fato, o estudo dos estados holotrópicos, em geral, e as experiências transpessoais em particular, fornecem dados mais que suficientes sugerindo que postular tal dimensão faz muito sentido (Grof 1985, 1988).

No berço de todas as grandes religiões do mundo aconteceram as mais poderosas experiências pessoais dos visionários que iniciaram e sustentam esses credos – as epifanias divinas dos profetas, místicos e santos. Essas experiências, revelando a existência das dimensões sagradas da realidade, foram a inspiração e a força vital de todos os movimentos religiosos. Gautama Buddha, meditando sob a árvore Bo, teve uma experiência visionária dramática do Kama Mara, o mestre do mundo da ilusão, de suas três filhas sedutoras tentando desviá-lo de sua busca espiritual, e de seu exército ameaçador tentando intimidá-lo e evitar que ele atingisse a iluminação. Ele teve sucesso em superar todos esses obstáculos e atingiu a iluminação e o despertar

espiritual. Em outra ocasião, o Buda também teve a visão de uma longa corrente de suas encarnações prévias e experimentou uma profunda libertação de seus laços cármicos.

A "viagem milagrosa" de Maomé, um poderoso estado visionário durante o qual o arcanjo Gabriel escoltou-o pelos sete céus muçulmanos, pelo Paraíso e Inferno, foi a inspiração para o Corão e para a religião islâmica. Na tradição judaico/cristã, o Velho Testamento oferece um relato dramático da experiência de Moisés com Javé na sarça ardente e o Novo Testamento descreve a tentação de Jesus pelo diabo durante sua permanência no deserto. Similarmente, a visão cegante que Saul teve de Cristo no caminho de Damasco, a revelação apocalíptica de S. João em sua caverna na ilha de Patmos, a observação de Ezequiel da carruagem de fogo e muitos outros episódios são claramente experiências transcendentais em estados não ordinários de consciência. A Bíblia descreve muitos exemplos adicionais de comunicação direta com Deus e com os anjos. As descrições das tentações de Santo Antônio e das experiências visionárias de outros santos e os Pais do Deserto são partes bem documentadas da história do cristianismo.

Os psiquiatras do ocidente interpretam tais experiências visionárias como manifestações de sérias doenças mentais, embora lhes faltem as adequadas explicações médicas e os dados de laboratório de suporte de sua posição. A literatura da principal corrente psiquiátrica contém artigos e livros que discutem quais seriam os diagnósticos clínicos mais apropriados para as grandes figuras da estória espiritual. São João da Cruz tem sido chamado de "degenerado hereditário," Santa Tereza de Ávila descartada como psicótica histérica e as experiências místicas de Maomé têm sido atribuídas à epilepsia.

Muitas outras personagens espirituais e religiosas, tais como o Buda, Jesus, Ramakrishna e Sri Ramana Maharshi têm sido vistos com sofrendo de psicoses, por causa de suas experiências visionárias e seus delírios. Similarmente, alguns antropólogos com formação tradicional têm indagado se os xamãs deveriam ser diagnosticados como esquizofrênicos, psicóticos ambulantes, epiléticos ou histéricos. O famoso psicanalista Franz Alexander, conhecido como um dos fundadores da medicina psicossomática, escreveu um artigo no qual até mesmo a meditação budista é descrita em termos psicopatológicos e referidos como "catatonia artificial" (Alexander 1931).

A religião e a espiritualidade têm sido forças extremamente importantes na história e civilização humanas. Se as experiências visionárias dos fundadores das religiões fossem nada mais que produtos da patologia cerebral, seria difícil explicar o profundo impacto que elas tiveram sobre milhões de pessoas ao longo dos séculos e as gloriosas arquitetura, pinturas, esculturas e literaturas que inspiraram. Não existe uma única cultura antiga ou pré-industrial na qual a vida espiritual e ritual não tivesse um papel central. A abordagem corrente das psicologia e psiquiatria do ocidente assim taxa de patológicas não apenas a vida espiritual mas também a cultural de todos os grupos humanos ao longo dos séculos exceto a elite educada da civilização ocidental industrial que compartilha a visão materialista do mundo.

A posição oficial da psiquiatria a respeito das experiências espirituais também criou uma notável cisão em nossa própria sociedade. Nos EEUU, a religião é oficialmente

tolerada, legalmente protegida, e até mesmo corretamente promovida em certos círculos. Existe uma Bíblia em cada quarto de hotel, os políticos em seus discursos glorificam a Deus da boca p'ra fora e uma prece coletiva é padrão na posse de cada novo Presidente. Entretanto, à luz da ciência materialista, as pessoas que levam qualquer tipo de religião a sério são consideradas como não tendo sido adequadamente educadas, vítimas de delírio coletivo ou sendo emocionalmente imaturas.

E se alguém em nossa cultura tem uma experiência espiritual da natureza que inspirou cada uma das maiores religiões do mundo, é muito provável que um ministro comum irá encaminhá-lo(a) a um psiquiatra. Aconteceu em muitas ocasiões que pessoas que foram levadas às clínicas psiquiátricas por causa das fortes experiências espirituais, foram internadas, receberam medicação de tranqüilizantes e até tratamento com choques, e foram diagnosticadas como portadoras de psicopatologias que as estigmatizaram para o resto de suas vidas.

Estados Holotrópicos de Consciência e a Imagem da Realidade

As diferenças entre o entendimento do universo, da natureza, dos seres humanos e da consciência desenvolvidas pela ciência ocidental e o que se encontra nas sociedades antigas e pré-industriais são usualmente explicadas em termos da supremacia da ciência materialista sobre a superstição e sobre o modo mágico primitivo de pensar das culturas nativas. A análise cuidadosa dessa situação revela que a razão dessas diferenças não é a superioridade da ciência ocidental, mas a ignorância e a ingenuidade das sociedades industriais a respeito dos estados holotrópicos de consciência.

Todas as culturas pré-industriais tinham por esses estados a mais alta estima e despendia muito tempo e energia tentando desenvolver caminhos efetivos e seguros para induzi-los. Elas possuíam profundos conhecimentos a respeito de tais estados, cultivava-os sistematicamente, e os usavam como veículos de suas vidas espirituais e rituais. A visão do mundo dessas culturas refletia não apenas as experiências e as observações dos estados ordinários de consciência, mas também daqueles dos profundos estados visionários. A pesquisa moderna da consciência e a psicologia transpessoal têm mostrado que muitas dessas experiências são desnudamentos autênticos das dimensões ordinariamente ocultas da realidade e não podem ser descartadas como distorções patológicas.

Nos estados visionários, as experiências de outras realidades ou de novas perspectivas em nossa realidade do dia-a-dia são tão convincentes e incisivas que os indivíduos que as experienciaram não têm nenhuma outra escolha que incorporá-las em sua visão do mundo. É então a sistemática exposição experiencial aos estados não ordinários de consciência, por um lado, e a falta delas, de outro, que colocam as sociedades tecnológicas e as culturas pré-industriais ideologicamente tão distantes

uma da outra. Eu ainda não encontrei um único indivíduo que tenha tido uma profunda experiência dos reinos transcendentais que continue fiel à visão do mundo da ciência materialista ocidental. Esse desenvolvimento é bastante independente do nível de inteligência, tipo e grau de educação e as credenciais profissionais do indivíduo envolvido.

Os Estados Holotrópicos de Consciência e a História Humana

Neste livro, exploramos com alguns detalhes estados holotrópicos de consciência, sua natureza, conteúdo, e os profundos efeitos na visão do mundo, hierarquia de valores, e estratégia de vida. Aprendemos do estudo que as experiências holotrópicas iluminam com uma luz inteiramente diferente a história espiritual da humanidade. Ele mostra que a espiritualidade é uma dimensão crucial da psique humana e da existência e retira a autêntica religião baseada na experiência direta para fora do contexto de patologia, para onde foi relegada pela ciência materialista.

Todas as culturas da história humana com exceção da civilização industrial do ocidente tem mantido os estados holotrópicos de consciência em grande estima. Elas induzem-nos sempre que desejarem se conectar com suas divindades, com outras dimensões da realidade e com as forças da natureza. Elas também usam-nos para diagnóstico e cura, para cultivar a percepção extrasensorial e para inspiração artística. Elas despendem muito tempo e energia tentando desenvolver caminhos efetivos e seguros para os induzir. Como escrevi na introdução desse livro, essas "tecnologias do sagrado," técnicas de alteração da mente desenvolvidas nas culturas antigas e nativas com propósitos rituais e espirituais, variam desde os métodos xamânicos de indução de transe até as práticas sofisticadas de várias tradições místicas e filosofias espirituais do oriente.

A prática dos estados holotrópicos pode ser rastreada em direção ao passado até a aurora da história humana. É a característica mais importante da parte essencial do xamanismo, a mais antiga religião e arte de cura da humanidade. Os estados holotrópicos estão intimamente conectados ao xamanismo de vários modos importantes. A carreira de muitos xamãs começa com episódios espontâneos de estados visionários, ou crises psico/espirituais que os antropólogos chamam, com a parcialidade típica do ocidente, de "doença xamânica." Outros são iniciados na profissão xamânica por xamãs práticos através de experiências similares às induzidas por poderosos procedimentos de alteração da mente, particularmente pelo tocar de tambores, chocalhos, cantos, danças ou pelas plantas psicodélicas. Os xamãs consumados são capazes de entrar no estado holotrópico à vontade e de um modo controlado. Eles usam tal estado para curar, para percepção extrasensorial, exploração das dimensões alternativas da realidade e outros propósitos. Eles podem também induzir tal estado em outros membros de sua tribo e servir de guia para os mesmos.

O xamanismo é muito antigo, provavelmente com pelo menos de 30.000 a 40.000 anos de idade; suas raízes mais profundas pode ser rastreada a épocas bem antigas na era Paleolítica. As paredes das famosas cavernas ao sul da França e norte da Espanha, tais como Lascaux, Font de Gaume, Les Trois Frères, Altamira, e outras, estão decoradas com belas imagens de animais. A maioria delas representam animais que realmente andavam nas paisagens da Idade da Pedra – bisões, cavalos selvagens, veados, cabritos monteses, mamutes, lobos, rinocerontes, e renas. Entretanto, outras como a “Besta Mágica” em Lascaux são criaturas míticas que claramente têm significados e significação ritual. E em diversas dessas cavernas existem pinturas e gravuras esculpidas de estranhas figuras combinando características humanas e animais, que indubitavelmente representam antigo xamãs.

A imagem desse espécie mais conhecida é o “Feiticeiro dos Três Irmãos,” uma figura composta misteriosa combinando vários símbolos masculinos. Ele tem a gahlada de um veado, olhos de uma coruja, cauda de um cavalo selvagem ou de um lobo, barba e pênis humanos e patas de um leão. Outra famosa figura esculpida de um xamã no mesmo complexo de cavernas é “O Mestre das Bestas” presidindo a áreas das Terras das Caçadas Felizes proliferando com belos animais. Muito conhecida também é a cena da caçada na parede de Lascaux. Ela mostra um bisão ferido e a figura deitada de um xamã com o pênis ereto. A gruta conhecida como La Gabillou abriga um figura dinâmica esculpida de um xamã em movimento que os arqueólogos chamam de “O Dançarino”. Além disso, no chão de argila de uma das cavernas, os descobridores encontraram pegadas num arranjo circular sugerindo que seus habitantes praticavam a dança de modo similar àquelas que ainda existem em várias culturas nativas para induzir os estados de transe.

O xamanismo não apenas é antigo mas é também universal; ele pode ser encontrado nas Américas do Sul e do Norte, na Europa, na África, na Ásia, Austrália, Micronésia e Polinésia. O fato de que tantas culturas diferentes ao longo da história humana ter descoberto que as técnicas xamânicas são úteis e relevantes sugere que os estados holotrópicos nos conectam com aquilo que os antropólogos chamam de “mente primária” – um aspecto básico e primordial da psique humana que transcende a raça, sexo, cultura e tempo histórico. As técnicas e procedimentos xamânicos sobreviveram até os nossos dias atuais nas culturas que conseguiram escapar da profunda influência da civilização industrial do ocidente.

A vida espiritual e ritual da maioria das sociedades nativas é praticamente sinônimo de indução de estados holotrópicos de consciência no contexto de rituais de cura e de várias outras cerimônias sagradas realizadas com uma grande variedade de propósitos e ocasiões. De especial importância são os assim chamados rituais de passagem, primeiramente definidos descritos pelo antropólogo holandês Arnold van Gennep (1960). Tais rituais eram poderosos e realizados em muitas culturas pré-industriais por ocasião de importantes transições biológicas e sociais, tais como na circuncisão, puberdade, casamento, nascimento de uma criança, menopausa e na morte.

Como os procedimentos xamânicos, os rituais de passagem usam poderosas tecnologias de alteração da mente. Os iniciados têm profundas experiências holotrópicas que revolvem ao redor da morte e renascimento psico/espirituais. Isso é

então interpretado como morrer para o velho papel e nascer para o novo. Assim, por exemplo, em uma das mais importantes cerimônias desse tipo, a morte e renascimento psicológicos dos adolescentes é entendida como a morte dos meninos e meninas e renascimento dos homens e mulheres adultos. Uma função importante de rituais similares é também fornecer acesso experiencial ao reino transcendental, validar a cosmologia e mitologia do grupo, e estabelecer ou manter a conexão individual com outras realidades.

Os estados holotrópicos de consciência também desempenham um papel crucial nos antigos mistérios da morte e renascimento, procedimentos secretos e sagrados nos quais os iniciados experimentam uma poderosa transformação psico/espiritual. Esses mistérios eram baseados em histórias mitológicas a respeito de divindades que simbolizam a morte e a transfiguração. Na antiga Suméria, elas eram chamadas de Inanna e Tammuz, no Egito Isis e Osiris e na Grécia eram as divindades Attis, Adonis, Bacchus e Persephone. Seus correspondentes meso/americanos eram o Quetzalcoatl asteca – ou Serpente Emplumada – e os Heróis Gêmeos do Popol Vuh maia. Esses mistérios eram particularmente populares nas áreas do Mediterrâneo e Oriente Médio, como exemplificados pelos templos de iniciação dos egípcios e sumerianos, os mistérios de Mithraic, ou os ritos gregos de Korymbantia, Bacchanalia e os mistérios de Eleusis.

Uma testemunha impressionante do poder e do impacto das experiências envolvidas é o fato de que os mistérios de Eleusis eram realizados regularmente e sem interrupção por um período de quase dois mil anos e atraía pessoas proeminentes de todas as partes do velho mundo. A importância cultural dos mistérios para o mundo antigo torna-se evidente quando percebemos que entre seus iniciados estão muitas figuras famosas e ilustres da antiguidade. A lista dos neófitos inclui os filósofos Platão, Aristóteles, Epictetus, o líder militar Alcibiades, os dramaturgos Eurípedes e Sófocles e o poeta Píndaros. O famoso estadista Cícero, que participou desses mistérios, escreveu uma exaltada reportagem sobre seus efeitos e seu impacto na civilização antiga em seu livro *De Legibus* (Cícero 1987).

No *telestrion*, o hall gigante para a iniciação em Eleusis, três mil neófitos de cada vez experienciavam profundas transformações psico/espirituais. A iniciação conjunta de tão grande número de pessoas, entre as quais estavam incluídos filósofos proeminentes, artistas e estadistas aos estados holotrópicos poderosos tinha que ter um impacto extraordinário na cultura grega e assim na história da cultura europeia em geral. É verdadeiramente espantoso que esse importante aspecto do mundo antigo tenha permanecido amplamente irreconhecido e rejeitado pelos historiadores.

Os detalhes desses processos de alteração da mente envolvidos em tais ritos secretos tem permanecido em sua maior parte desconhecidos, embora, ao que parece, a poção sagrada *kykeon* que desempenhava um papel crucial nos mistérios eleusianos, fosse um preparado contendo alcalóides de ergotina similar ao LSD (Wasson, Hofmann e Ruck 1978) e que materiais psicodélicos estavam também presentes na Bacchanalia e em outros tipos de ritos. Quaisquer que fossem as "tecnologias do sagrado" usadas em Eleusis, seus efeitos na psique dos iniciados tinham que ser profundos para manter vivos o interesse e a atenção do mundo antigo por um período de quase dois milênios.

Os estados holotrópicos também desempenharam um papel importante nas grandes religiões do mundo. Mencionei anteriormente as experiências visionárias dos fundadores que serviram como fonte vital e de inspiração para todas as grandes religiões. Enquanto que essas experiências iniciais foram mais ou menos espontâneas e elementais, muitas dessas religiões desenvolveram ao longo de sua história sofisticados procedimentos especificamente projetados para induzir experiências místicas. Como exemplos, temos as diferentes técnicas de ioga, as meditações usadas na Vipassanā, no Zen, no budismo tibetano, bem como nos exercícios espirituais da tradição taoísta e nos complexos rituais tântricos. Podemos também adicionar várias abordagens elaboradas usadas pelos sufis, os místicos do Islã. Eles usam regularmente em suas cerimônias sagradas, ou *zikers*, a respiração acelerada, cantos devocionais e a dança rodopiante que induz o transe.

Da tradição judaico/cristã, podemos mencionar aqui os exercícios de respiração dos Essênios e seu batismo envolvendo o quase afogamento, o Jesus cristão rezador (*hesychasm*), os exercícios de Ignácio de Loyola, e os vários procedimentos cabalísticos e hassidianos. As abordagens para induzir ou facilitar as experiências espirituais diretas são características dos ramos místicos das grandes religiões e de suas ordens monásticas.

O uso de plantas psicodélicas e de substâncias em rituais tem sido uma tecnologia efetiva para a indução dos estados holotrópicos de consciência. O conhecimento desses poderosos instrumentos é tão antigo quanto o despertar da história humana. Na medicina chinesa, relatos a respeito de plantas psicodélicas referem-se a épocas de mais de 3.000 anos atrás. A poção divina legendária referida como *haoma* na antiga Zend Avesta da Pérsia e como *soma* na Índia era usada pelas tribos indo/iranianas vários milênios atrás e era provavelmente a mais importante fonte da religião e filosofia dos vedas.

Preparados com diferentes variedades de cânhamo tem sido fumados e ingeridos sob vários nomes (*haxixe*, *charas*, *bhanga*, *ganja*, *kif*, marijuana) nos países orientais, na África e na área do Caribe para recreação, prazer e durante as cerimônias religiosas. Eles tem representado um importante sacramento para grupos como os brahmins, certas ordens sufi, os antigos *scythianos* e os rastafarianos da Jamaica.

O uso em cerimônias de várias substâncias psicodélicas tem também uma longa história na América Central. Plantas altamente efetivas na alteração da mente eram bem conhecidas em várias culturas indígenas pré/hispânicas – como entre os astecas, maias, olmecs e mazatecas. A mais famosa dessas plantas é o *peiole* mexicano (*Lophophora williamsii*), o cogumelo sagrado *teonanacatl* (*Psilocybe mexicana*) e o *ololiuqui*, sementes de diferentes variedades da planta glória da manhã (*Ipomoea violacea* e *Turbina corymbosa*). Essas substâncias têm sido usadas como sacramentos até nossos dias pelos huichol, mazatec, chichimeca, cora e outras tribos de índios mexicanos bem como pela Igreja dos Nativos Americanos.

O famoso *yajé* sul americano ou *ayahuasca* é um preparado feito de um certo cipó da floresta (*Banisteriopsis caapi*) e de várias outras plantas adicionadas. A área da Amazônia é também conhecida por sua rica flora psicodélica de substâncias inaláveis. As tribos nativas da África ingerem e inalam preparados de casca do arbusto *eboga* (*Tabernanthe iboga*). Eles usam tal preparado em pequenas quantidades como

estimulantes e em quantidades maiores em rituais de iniciação de homens e mulheres. A lista acima representa apenas uma pequena fração de compostos psicodélicos que têm sido usadas ao longo de muitos séculos na vida espiritual e ritual de muitos grupamentos humanos em todas as partes do mundo.

Estados Holotrópicos na História da Psiquiatria

Os estados holotrópicos de consciência desempenharam um importante papel no desenvolvimento da psicologia profunda e na psicoterapia. A maioria dos livros que descrevem os primeiros anos na história desse movimento afirmam que seu início está ligado ao médico e místico austríaco Franz Anton Mesmer. Embora o próprio médico atribuísse as mudanças de consciência experienciadas por seus pacientes ao "magnetismo animal," sua famosas experiências em Paris foram as precursoras do extenso trabalho psicológico usando a hipnose clínica. As sessões hipnóticas de Jean-Martin Charcot com pacientes histéricos conduzidos na *Salpêtrière* em Paris e a pesquisa em hipnose realizadas em Nancy por Hippolyte Bernheim e Ambroise Auguste Liébault desempenharam um importante papel no desenvolvimento profissional de Sigmund Freud.

Durante sua viagem de estudo à França, Freud visitou tanto Charcot quanto o grupo de Nancy e aprendeu a usar a hipnose. Ele empregou tal recurso em suas explorações iniciais do inconsciente de seus pacientes. Mas os estados holotrópicos tiveram um papel crucial na história da psicanálise ainda que de outro modo. As especulações analíticas iniciais de Freud foram inspiradas por seu trabalho com pacientes histéricos os quais ele tratou em parceria com seu amigo Joseph Breuer. Certa cliente, a quem Freud referiu-se em seus escritos como Miss Anna O., experienciou episódios espontâneos de estados holotrópicos nos quais ela repetidamente regressava psicologicamente à sua infância. A oportunidade de testemunhar o reviver de memórias traumáticas que ocorre nesses estados e os efeitos terapêuticos desse processo teve uma profunda influência no modo de pensar de Freud.

Por um grande número de razões, Freud mudou radicalmente sua estratégia. Ele abandonou o uso da hipnose e mudou sua ênfase da experiência direta para a associação livre, do trauma real para as fantasias de Édipo, do reviver consciente e catarse emocional do material inconsciente para a transferência dinâmica. Retrospectivamente falando, essas mudanças foram um erro; elas limitaram e desviaram a psicoterapia ocidental de seu caminho certo por cerca de 50 anos (Ross 1989). Como consequência desse desenvolvimento, a psicoterapia da primeira metade deste século foi praticamente sinônimo de conversar – entrevistas face a face, associações livres no divã e descondicionamento comportamental.

Enquanto a psicanálise e outras formas de psicoterapia verbal ganhava ímpeto e reputação, o status do acesso experiencial direto ao inconsciente mudou

dramaticamente. Os estados holotrópicos eram vistos inicialmente como sendo potencialmente terapêutico e capaz de fornecer informações valiosas sobre a psique humana tornaram-se em algo associado a patologia. Desde esse tempo, a prática prevalente no tratamento de tais estados, quando ocorrem espontaneamente, tem sido suprimi-los com todos os meios disponíveis. Demorou muitos anos para que os profissionais começassem a redescobrir o valor dos estados holotrópicos e da experiência emocional direta.

Os Estados Holotrópicos e a Moderna Pesquisa da Consciência

O renascimento do interesse profissional nos estados holotrópicos começou no início de 1.950, logo depois do descobrimento do LSD-25, com o advento da terapia psicodélica. Ele continuou alguns anos mais tarde com revolucionários novos desenvolvimentos da psicologia e psicoterapia. Um grupo de psicólogos e psiquiatras americanos que estavam profundamente insatisfeitos com o *behaviorismo* e como a psicanálise de Freud sentiram e expressaram a necessidade de nova orientação naqueles campos. Abraham Maslow e Anthony Sutich responderam a tal chamamento e lançaram um novo ramo da psicologia que chamaram de psicologia humanista. Dentro de curto tempo, esse movimento tornou-se muito popular.

A psicologia humanista forneceu o contexto para o desenvolvimento de um amplo espectro de terapias inovadoras. Enquanto as psicoterapias tradicionais usavam principalmente meios verbais e análise intelectual, essas assim chamadas novas terapias experienciais enfatizavam a experiência direta e expressão das emoções. Eles também usaram várias formas de trabalhos com o corpo como parte integral do processo. O mais conhecido dentre eles, a terapia *gestalt* de Fritz Pearls (Pearls 1976), desde então tornou-se muito popular e amplamente utilizada, particularmente fora do círculos acadêmicos.

A despeito desses inícios radicalmente diferentes das estratégias terapêuticas mais correntemente utilizadas, a maioria das terapias experienciais ainda se baseavam em elevado grau na comunicação verbal e exigiam que o paciente permanecesse no estado normal de consciência. Entretanto, algumas das novas abordagens foram tão poderosas que foram capazes de provocar mudanças profundas no estado de consciência dos clientes. Além da terapia psicodélica, isso incluía algumas das técnicas neo/reichianas, terapia primária, renascimento, trabalhos holotrópicos da respiração e alguns poucos mais.

Embora eles mesmos não sejam ainda aceitos pela principal corrente acadêmica, o desenvolvimento desses novos métodos experimentais e sua utilização deslançaram um novo capítulo na história da psicoterapia. Eles estão intimamente ligados às antigas tecnologias nativas psico/espirituais que desempenharam um papel crucial na história ritual, espiritual e cultural da humanidade. Se, no futuro, forem eles aceitos e seu valor reconhecido, eles certamente terão o potencial para revolucionar a teoria e a prática da psiquiatria.

Na segunda metade deste século, contribuições significantes para tecnologias de indução dos estados holotrópicos vieram não apenas da parte clínica mas também dos laboratórios de pesquisa. Os bioquímicos tiveram condições de identificar alcalóides ativos de muitas plantas psicodélicas e produzi-los em laboratórios. Os mais famosos deles são a *mescalina* do peiote, *psilocibina* dos cogumelos mágicos mexicanos, e a *ibogaína* do arbusto africano eboga. Menos conhecidos mas importantes são a *harmagalina* da ayahuasca, *tetra-hidro-cannabinol* (THC) do haxixe, e a *triptamina derivativa* encontrada no pó para inalações da América do Sul e nas secreções da pele de certos sapos.

A pesquisa química tem também adicionado a esse já rico arsenal o extremamente potente e semi/sintético LSD-25 e uma ampla quantidade de substâncias sintéticas, particularmente o MDA, o MDMA (êxtase ou adão), 2-CB e outros derivados da anfetamina. Isso tornou possível a realização de uma pesquisa sistemática de laboratório e também clínica, dos efeitos desses compostos numa larga escala e estudar os processos fisiológicos, bioquímico e psicológico envolvidos.

Um modo muito efetivo de induzir estados holotrópicos é o isolamento ou mesmo a privação dos sentidos, o que envolve uma redução significativa dos estímulos sensoriais. Sua forma extrema envolve a imersão total num tanque amplo, completamente escuro e acusticamente isolado e uma máscara a prova d'água especialmente fabricada para o interessado, com um tubo de ar. Similarmente, a privação do sono ou até mesmo dos sonhos pode provocar uma profunda mudança de consciência. A privação dos sonhos sem a privação do sono pode ser conseguida acordando-se a pessoa sujeita à experiência cada que o movimento rápido dos olhos (REM) mostrar que ela está sonhando. Existem também instrumento de laboratório que torna possível o aprendizado dos sonhos lúcidos.

Outro procedimento de laboratório muito conhecido para a alteração da mente é o *biofeedback*, um método que permite guiar o indivíduo por sinais eletrônicos em reinos específicos caracterizado pela preponderância de certas frequências das ondas cerebrais. Um mercado que cresce rapidamente oferece atualmente um rico espectro de aparelhos para a alteração da mente que podem induzir estados holotrópicos de consciência pela combinação de várias maneiras dos estímulos acústicos, óticos e cinestéticos. A descrição das novas possibilidades na pesquisa da consciência não estará completa sem a menção da tanatologia, uma disciplina que focaliza as experiências das quase/mortes (NDEs). A pesquisa tanatológica tem sido a fonte das mais notáveis observações em todo o campo transpessoal.

O renascimento do interesse nos estados holotrópicos que testemunhamos nas poucas últimas décadas gerou uma extraordinária quantidade de dados revolucionários. Pesquisadores de diferente áreas da pesquisa da consciência reuniram evidências impressionantes que desafia seriamente as teorias da ciência materialista no que se refere à natureza da consciência. Eles deixam quase nenhuma dúvida de que a visão corrente do mundo que supõe a primazia da matéria e vê a consciência como derivada da mesma não pode ser adequadamente amparada pelos fatos observados.

De fato, as observações da psicologia transpessoal contradizem diretamente a imagem corrente da consciência como um subproduto dos processos neurofisiológicos do cérebro. A existência das "experiências verdadeiras fora do corpo" e as situações da quase/morte seriam sozinhas suficientes para derrubar esse mito líder da ciência materialista. Essas experiências mostram que a consciência fora do corpo é capaz sob certas circunstâncias de perceber acuradamente o meio ambiente sem a intermediação dos sentidos.

O que provavelmente é mais admirável na situação atual é o grau que os círculos acadêmicos conseguiram atingir no sentido de ignorar e suprimir todas as novas evidências que pulverizam o pressuposto metafísico mais fundamental da ciência materialista. O reconhecimento das limitações da estrutura conceitual para assimilar os revolucionários novos dados incitaram Abraham Maslow e Anthony Sutich, os dois fundadores da psicologia humanista, a lançar ainda uma outra disciplina que se tornou conhecida como psicologia transpessoal. Esse campo estuda o espectro inteiro da experiência humana inclusive os estados holotrópicos e representa uma tentativa séria de integrar a ciência e a espiritualidade.

Conclusões

O propósito principal de escrever esse último capítulo foi mostrar que a cosmologia descrita neste livro não é incompatível com as descobertas da ciência, mas sim com as conclusões filosóficas que foram impropriamente tiradas das mesmas. O que as experiências e observações descritas neste livro desafiam não é a ciência, mas o monismo materialista. Eu espero ter conseguido mostrar que a visão materialista do mundo repousa sobre um número de suposições metafísicas questionáveis que não são adequadamente amparadas pelos fatos e evidências científicas.

O que caracteriza a verdadeira ciência é a mente aberta e deixar a porta aberta no que se refere às aplicações do método científico de indagação a qualquer domínio da realidade que possa ser explorado, não importando quão absurda essa exploração possa parecer sob a ótica da perspectiva tradicional. Eu acredito que os pioneiros em diversas áreas da moderna pesquisa da consciência tem feito exatamente isso. Estudei com grande coragem um amplo espectro de experiências holotrópicas e reuni nesse trabalho uma vasta quantidade de dados fascinantes. Muitos dos fenômenos a que eles dizem respeito representam um desafio crucial à crença profundamente arraigada que de muito tem sido falsamente considerada como fatos científicos inquestionáveis.

As mais de quatro décadas que despendi na pesquisa da consciência, convenceram-me de que a única maneira pela qual os proponentes da ciência materialista podem manter sua atual visão do mundo é pela censura sistemática e pela interpretação incorreta dos dados referentes aos estados holotrópicos. Eles certamente tiveram sucesso no uso dessa estratégia no passado, fosse a fonte dos dados desafiadores o

estudo histórico, a comparação entre as religiões, a antropologia, ou as várias áreas da moderna pesquisa da consciência. Isso certamente é verdade no que diz respeito à parapsicologia, terapia psicodélica e psicoterapias experimentais. A tanatologia e o trabalho em laboratório com as técnicas de alteração da mente são exemplos adicionais.

Estou convencido de que essa estratégia não pode continuar indefinidamente. Está se tornando cada vez mais evidente que as suposições básicas que representam a pedra fundamental do monismo materialista não são atualmente adequadamente amparadas pelos dados científicos. Além disso, a ampla evidência das pesquisas da consciência que deveriam ser suprimidas ou ignoradas está aumentando rapidamente. Não é bastante mostrar que as reivindicações da psicologia transpessoal são incompatíveis com a visão do mundo da ciência materialista. Para silenciar os desafios conceituais, seria necessário demonstrar que as observações da psicologia transpessoal e da pesquisa da consciência, inclusive as que foram descritas neste livro, podem ser adequadamente compatibilizadas e explicadas com o contexto do paradigma materialista.

Eu duvido seriamente que a principal corrente dos críticos materialistas terá um sucesso maior em atingir essa meta que aquele conseguido pelos próprios pesquisadores no campo transpessoal. Tenho o privilégio de conhecer a maioria deles pessoalmente. Todos eles possuem antepassados tradicionais acadêmicos e têm desenvolvido grandes esforços para encontrar explicações convencionais para suas descobertas antes de decidirem procurar uma alternativa radical. Sei, a partir de minha própria experiência, que foi a perturbadora e dolorosa inadequabilidade do velho paradigma para explicação dos dados e não o zelo e o deleite iconoclastas a responsável pelo aparecimento da psicologia transpessoal.

É importante enfatizar que a cosmologia descrita neste livro não está em conflito com os fatos e observações de qualquer disciplina científica. O que está sendo questionada e desafiada é a pertinência das conclusões filosóficas retirada daquelas observações. As idéias deste livro não contrariam qualquer aspecto descrito pela ciência materialista. Elas simplesmente fornecem uma meta/estrutura mais abrangente para os fenômenos constituintes da realidade consensual. De acordo com a visão materialista do mundo, o universo é um sistema mecânico que, em essência, criou a si mesmo e a consciência é um fenômeno periférico dos processos materiais. As descobertas da psicologia transpessoal e da pesquisa da consciência sugerem com muita força que o universo pode ser uma criação de uma inteligência cósmica superior e que a consciência é um aspecto essencial da existência.

Não há nenhuma descoberta científica que demonstre a prioridade da matéria sobre a consciência e a ausência de uma inteligência criativa no esquema universal das coisas. Somando-se aos insights da pesquisa da consciência as descobertas da ciência materialista obtém-se um entendimento mais completo de muitos aspectos importantes do cosmo para os quais o entendimento corrente não apresenta uma explicação satisfatória e convincente. Neles estão incluídas questões fundamentais como a criação do universo, a origem da vida em nosso planeta, a evolução das espécies e a natureza e função da consciência.

Além disso, essa nova perspectiva da realidade inclui como sua parte integral o rico espectro das experiências holotrópicas e os fenômenos correlatos. Esse é um amplo e importante domínio da existência para o qual a ciência materialista falhou ao tentar fornecer razoáveis explicações racionais convincentes. Depois de sucessivas tentativas frustradas, eu mesmo desisti da esperança de que tivesse condições de explicar minhas experiências e observações no contexto da estrutura conceitual que recebi em minha formação acadêmica. Se algum dentre os críticos da psicologia transpessoal tiver sucesso em apresentar uma explanação materialista convincente, sóbria e pragmática do extraordinário mundo das experiências holotrópicas, eu serei o primeiro a dar-lhe as boas vindas e congratular-me com o mesmo.